/piranga
2

SEC
395921
-77-

№ 74

Bt. Mário Ypiranga Monteiro
Registro: 00074
Folha:
Data:

MARIO YPIRANGA MONTEIRO
ADVOGADO

CARTA PASTORAL

Bt. Mário Ypiranga Monteiro
Manaus Amazonas

DE

D. FREDERICO COSTA

BISPO DO AMAZONAS

Seus Amados Diocesanos

BIBLIOTECA PARTICULAR DE MARIO YPIRANGA MONTEIRO

AmN
262.91
I24e
exc. 2

CEARÁ — FORTALEZA

TYP. MINERVA — Rua M. Facundo, 55, 57

1909

CAIXA ATUAO

DOM FREDERICO COSTA

POR MERCÊ DE DEUS E DA SANTA SÉ APOSTOLICA

BISPO DO AMAZONAS

A todos os seus amados diocesanos
Saudação e paz em Nosso Senhor J. C.

PASSARAM-SE os dias de tristeza; rompeu jubilosa a aurora da resurreição.

De todos os cantos do mundo christão ouvem-se alleluias e gritos d'alegria, porque o Christo Redemptor dos homens surgio glorioso e triumphante do sepulchro para nunca mais morrer!

E' justa a alegria da Christandade, pois a resurreição de Christo é facto principalissimo da religião que professamos. São palavras do grande Apostolo S. Paulo: « *Si Christo não resuscitou vã é a nossa pregação, vã é a nossa fé: somos testemunhas falsas de Deus, pois afirmamos ter Deus resuscitado a Christo a quem não resuscitou... Si Christo não resuscitou baldada é a vossa fé, pois ainda estais no peccado... somos os mais miseraveis de todos os homens... Comamos e bebamos, pois, amanhã morreremos.*» (1)

---

(1) Cor. XV. 14 s. 99.

Tal seria a condição desgraçada do povo Christão si porventura o Christo Salvador não houvesse vencido a morte e resurgido glorioso. Mas Christo resuscitou. O Apostolo, cujas palavras ácima citamos, fala com toda a segurança: « *Christo resuscitou ao terceiro dia, segundo as Escripturas; apareceu a Cephas e depois aos onze discipulos. Em seguida viram-n'o mais de quinhentos irmãos, d'entre os quaes muitos ainda estão vivos e outros já dormem. Apareceu a Thiago e depois a todos os Apostolos. Finalmente a mim tambem, qual abortivo, apareceu por ultimo.* » (1)

Quem haverá de boa fé que recuse o testemunho do grande apostolo? Dir-se-á, porventura, que Paulo era um illudido, um visionario? Leiam-se as suas epistolas; analyse-se o caracter do grande apostolo; estude-se a altivez da sua linguagem e sahirá mais clara do que a luz meridiana essa cerebração privilegiada, essa alma adamantina, esse coração leal, um todo complexo, no qual absolutamente não existe logar para fraudes, illusões, enganos. Paulo falava sinceramente e dizia o que os seus olhos tinham visto: elle vio ao Christo do Senhor vivo, resuscitado d'entre os mortos!

Alegremo-nos, portanto, todos, oh Christãos! Entoemos hymnos d'alegria e repitamos com a nossa Santa Mãe a Egreja: *Christus surrexit! Alleluia! Alleluia!*

Mas alegremo-nos, sobretudo, porque a resurreição do Christo não é senão o penhor da nossa resurreição futura e o symbolo da resurreição de toda a sociedade. Christo resurgio dos mortos; todos nós havemos de resuscitar um dia! Christo, legislador supremo dos povos, venceo a morte, sahio triumphante da sepultura após haver exgotado todas as amarguras, todas as injustiças e haver proclamado a doutrina consoladora e sublime da liberdade humana; assim resuscitarão todos os povos e nações que tomarem por guia o Leão Vencedor da tribu de Judá e por fundamento de suas leis o Evangelho!

---

(1) Id. vd. 3 s. 99.

Sim ! Foi um resurgir universal, esse que seguio-se á morte e resurreição de Jesus de Nazareth ! Foi um resurgir universal a formação d'essas nações novas e poderosas que, após a destruição do cadaver corrompido do mundo romano, entraram para o banquete da civilização sob a aura bemfazeja da Egreja de J. C. !

Porem dezeseis longos seculos se passaram e milhares de almas se achavam assentadas ainda á sombra da morte... Eis então que um homem inspirado por Deus (1) e ardente de amor lança os seus olhos atravez do Oceano infinito e aponta para um mundo desconhecido, o mundo Americano. Após Colombo segue-se Cabral e o grande movimento que todos nós conhecemos. Leia-se a descripção de um auctor insuspeito :

« Declarou-se a nova cruzada á qual servia tambem de pretexto a religião. Espanha e Portugal iam levar a palavra divina ás populações selvagens do novo continente, agora descoberto. O enthusiasmo foi grande em todas as classes sociaes. Propagou-se fora dos dois reinos, e com os aventureiros da Peninsula concorreram muitos extranhos a alistar-se nas hostes invasoras. *Monges fanaticos*, fidalgos pobres, soldados de fortuna, negociantes ousados, bachareis—classe mais que muito numerosa na douta Espanha,—e até sentenciados, que iam ser entre os selvagens quaes sentinellas perdidas da civilização ; todos esses partiam com a cruz em uma das mãos, na outra a espada, a conquistar não já o santo sepulchro, mas o cubiçado vellocino da fabula. » « Assumindo a posição que a sua influencia lhes impunha, as communidades religiosas sempre caminharam na vanguarda, tornando-se

---

(1) Leia-se a bellissima Encyclica «Quarto abeunte sæculo», do Grande e Immortal Leão XIII.

E' d'elle o seguinte trecho : «Christovão Colombo nos pertence, porquanto basta um pouco de reflexão para ver que a razão principal que o determinou a conquistar o «mar tenebroso» foi a fé catholica, de tal modo que por mais esse motivo o genero humano deve ser summamente agradecido á Egreja. »

Essa é boa!

viveiros perennes de apostolos. No agitado periodo da edade media, tinhamos o espectaculo dos Prelados e sacerdotes guerreiros que, reservando para as ceremonias do templo as roupagens talares, vestiam no campo as armaduras dos guerreiros; agora veremos os padres exploradores e geographos, atravessando terras, discorrendo pelos rios, perscrutando as florestas, e sendo em toda parte, no mundo novo, as avançadas sentinellas da civilização. A parte assumida pelo elemento ecclesiastico, na obra da colonização, foi tão extensa como salutar. O illustre Ranke descreve-a numa conceituosa phrase: A conquista transformou-se em missão, a missão em civilização. » (1).

Substitua-se aquelle «*Monges fanaticos*» por «*Monges ardentes de amôr divino*» e teremos uma bellissima descripção do que foi aquelle movimento civilizador, inspirado pelo Evangelho, verdadeira resurreição de um mundo inteiro que jazia sepultado nas trevas da idolatria.

Nem penseis, amados irmãos, que haja cessado o movimento regenerador dos povos inspirado pelo Evangelho. Não! Hoje como hontem continuam a produzir os seus effeitos, ecoando atravez dos mares, abatendo montanhas e abalando florestas, as palavras do Christo resuscitado: «*Ide pelo mundo universo, prégae o Evangelho a todas as creaturas; eis que eu estarei comvosco até a consummação dos seculos.* »

Eis porque notamos hoje em nosso caro Brazil esta resurreição de vida christã que espanta e atordôa os nossos adversarios! E' a força vivificante da religião de Jesus Christo; é o fogo ardente espalhado no universo pelo Salvador dos homens, fogo abrazador, inextinguivel, productor de tudo quanto ha de grande, bello, sublime, divino, fogo de caridade e amor, sahido do Coração mesmo do Homem Deus, e que ha de propagar-se custe o que custar, muito embora haja que luctar contra inimigos poderosos, homens impios, discipulos de Satanaz,

---

(1) João Lucio de Azevedo—Os Jesuitas no Grão Pará.

falsos sabios, depravados nos costumes, que amam o vicio, detestam a virtude e por isso odeiam a religião!

E' para vós, almas vacilantes na fé, oh amados diocesanos, é para vós que escrevemos estas linhas no dia de hoje, como introdução a tudo quanto temos que dizer-vos nesta nossa Pastoral. Não tenhais medo, vol-o dizemos com Christo resuscitado d'entre os mortos. Não tenhais medo, a victoria é nossa. O nosso Mestre Divino venceu o mundo, sahio glorioso da sepultura, assim nós tambem havemos de vencer e esmagar os inimigos de toda a verdade. Bem sabemos que prepara-se um ataque geral contra a vossa fé, e que lá em antros tenebrosos formam-se projectos impios que têm por fim a destruição da Egreja, o aniquilamento do clero, a deschristianização completa da nossa patria querida, a implantação de um regimen de terror e perseguições, a extinção da liberdade de consciencia, a escravização completa do espirito sob o regimen da força bruta e da espada! Bem o sabemos, porém nada tememos! Christo, bemfeitor dos homens, morreu crucificado como se fôra um criminoso; nós, bispo e sacerdotes, havemos de seguir os seus passos e teremos tambem o nosso Calvario! Christo morto e sepultado resuscitou glorioso ao terceiro dia; assim tambem depois das ignominias e das luctas havemos de ter a nossa corôa de gloria! Esta é a nossa esperança e deve ser a vossa tambem.

Feitas estas ligeiras considerações, é justo que volvamos os olhos para a ardua missão que nos foi confiada pelo Chefe Supremo da Egreja, esta vinha de Christo, que devemos cultivar, campo de batalha em que devemos combater o bom combate da verdade e da virtude contra o erro e contra o vicio. E' justo que vos demos parte dos nossos trabalhos pastoraes e vos communiquemos o estado da nossa carissima Diocese.

Encontrareis, portanto, nas ligeiras linhas que vão seguir, uma narração simples das nossas viagens pastoraes e uma exposição franca e leal do estado em que nos encontramos.

I

Encetamos a nossa primeira viagem pastoral no dia 10 de Janeiro do anno proximo passado, tendo por companheiros os Rvms. Monsenhor Fernandes Tavora e Conego Israel Freire, vigario de Manicoré. Os serviços que nos prestaram esses distinctos sacerdotes só poderão ser devidamente apreciados por Deus, que um dia lhes ha de dar condigna recompensa. E' nosso dever consignar aqui tambem uma palavra de agradecimento ao commandante Silveira do vapor Javary, a bordo do qual viajamos, durante quatro dias, e a todos os demais commandantes das outras embarcações, das quaes fomos passageiros, porquanto esses illustres cavalheiros foram de uma delicadeza extrema para comnosco e incansaveis em obsequiar-nos. Recebam, pois, os nossos sinceros agradecimentos que partem do intimo do coração.

No dia 15 pelas 6 h. da manhã chegamos á Bocca do Tefé, onde encontra-se a Missão dos R.R. Padres do Espirito Santo. Ahi desembarcamos e celebramos o Santo Sacrificio da missa. Duas palavras sobre esta importantissima obra e sobre os padres da Congregação do Espirito Santo e do Immaculado Coração de Maria.

A Missão dos Rvms. P.P. do Espirito Santo, na Bocca do Tefé, começou sob os auspicios do governo do Amazonas e, como todas as cousas apoiadas em elementos puramente humanos, teve o seu momento de prosperidade para logo depois definhar. Porém a obra era de Deus para o bem das almas e engrandecimento da religião, em uma diocese como a nossa quasi completamente privada de recursos espirituaes. A obra não morreu, muito embora abandonada; ahi está de pé e, devemos dizel-o, está em via de franca prosperidade. E como não havia de ser assim quando todo aquelle terreno está regado pelas lagrimas e suores d'esses homens apostolicos, nossos antigos mestres, cujos ossos ahi repousam esperando o dia da resurreição final, cujos nomes lendarios pela intelligencia

e bondade com que tratavam os seus antigos alumnos do Seminario de N. S. do Carmo do Pará, são ora repetidos com respeito, qual symbolo de virtude,—*Luiz Berthon* e *Wirtz*?

Não morreu a obra... e as pessoas que conheceram aquillo que era antigamente aquelle sitio occupado pela matta virgem e conhecem agora aquelle bello campo, todo plantado, coberto de arvores fructiferas, roças extensas, bonita casa onde são vestidos, alimentados e instruidos gratuitamente mais de setenta meninos pobres, capella, cemiterio, olaria... não poderá deixar de admirar-se ante os esforços titanicos empregados para chegar a tão bello resultado! A Missão de Tefé é o ponto onde param complacentemente quasi todos os vapores do Juruá e do Solimões, é a estação de recreio para os passageiros cançados de longo e monotono viajar, é o centro e o asylo de refugio para todos os habitantes d'aquelles arredores, que ahi encontram lenitivo para as suas dôres, alegria para as suas tristezas, remedios para as suas enfermidades e até recursos materiaes para matar a fome. Os setenta meninos, que ahi estam, aprendem o necessario para que sejam mais tarde bons operarios e bons cidadãos: aprendem a ler e escrever e todas as materias do curso primario, estudam musica vocal e instrumental, sendo uma verdadeira surpreza para o viajante, que ahi chega desprevenido, encontrar uma banda musical perfeitamente organizada e aquelles pequenos aprendizes, de pé no chão, feitos interpretes de bellissimos trechos da sublime arte. Existem officinas de sapateiro, alfaiate, marcineiro e ferreiro, embora não prevenidas de todos os aparelhos necessarios por falta de recursos. Porquanto a Missão do Tefé mantêm-se actualmente com os pequenos recursos das suas officinas, com os parcos rendimentos parochiaes que nos pertenciam e que nós voluntariamente cedemos em favor da obra, e com as generosas offertas de algumas almas piedosas.

Não é porventura esta uma obra admiravel e que merece todas as nossas sympathias? Pois bem! E' nosso

desejo que esta obra desenvolva-se cada vez mais e que ahi se eduquem não somente setenta meninos, porém seiscentos. Para isso havemos de trabalhar e havemos de recorrer á caridade publica visto como, attentas as circumstancias, não poderemos contar com auxilio do Estado.

E, se assim falamos com toda a confiança, é porque conhecemos muito a Congregação dos Padres do Espirito Santo e do Immaculado Coração de Maria, aos quaes estão confiadas a Missão e a Parochia do Tefé. Conhecemos o que elles sabem e podem fazer. Visitamos em Portugal, na cidade de Cintra, a bellissima escola agricola por elles dirigida; sabemos que nas colonias portuguezas elles mantêm obras consideradas todas como do bem publico; e, na propria Republica-Franceza, tão adversa a tudo quanto é da Egreja, elles gozam de tal influencia, por causa dos serviços prestados nas colonias, que o governo ainda não se atreveu a expulsal-os.

Taes são os homens que fundaram e dirigem a Missão do Tefé! Bem haveis de comprehender quanta satisfação tivemos ao desembarcar na Bocca do Tefé; as horas de alegria que passamos no meio de antigos mestres e amigos!

A nossa demora foi pouca, pois no dia 17 partimos para a cidade do Tefé, séde da mesma parochia. Recebeu-nos o R.^{mo} P.^{e} Affonso Donna-Dieu, acompanhado de grande massa popular e das escolas.

Sobre a cidade de Santa Thereza do Tefé, encontramos no dicionario topographico os seguintes apontamentos: «Foi primitivamente uma das seis Missões do Jesuita Samuel Frits, devastada em 1709. O Carmelita André da Costa, que tinha então uma missão na ilha dos Veados, trasladou-a para a tapéra da aldeia de Tefé, reunindo-lhe as diversas reliquias da Missão Jesuitica. Cincoenta annos depois (1759), foi esta aldeia erecta em villa com o nome de Ega pelo Governador da Capitania, Joaquim de Mello e Povoas: nome que deixou pelo seu primitivo e natural em 1833 por occasião da divisão do territorio

para a execução do Codigo do Processo. Em 1781 reuniram-se nesta Villa as Partidas de demarcações, Hespanhola e Portugueza, de que eram Commissarios, Portuguez—Chermont—e Hespanhol—Pizarro,—o qual tanto que se accordou sobre a collocação do marco do Anatiparaná, foi rendido por Requena. No anno de 1784 apresentou-se nesta villa o Commissario Plenipotenciario Geral das Partidas do Rio Negro e Matto Grosso, João Pereira Caldas, a conferir com o Hespanhol Requena: e por todo resultado, lavrou-se um protesto, que fez sobr'estar as demarcações até ulteriores instruções das respectivas Côrtes. A Partida Hespanhola demorou-se nesta Villa até 1790; tempo em que o Commissario Hespanhol levou o abuso do caracter diplomatico a fundar tanto nella como no lago Cupacá consideraveis estabelecimentos, que servissem de pretexto á affluencia de hespanhoes no Solimões. Neste anno porem (1790) foi constrangido a evacuar o paiz pelas medidas tomadas pelo Governador da Capitania em cobro a tanto abuso e á insolencia com que já se portavam os hespanhoes. Não é esta villa um terço do que já foi: todavia, é populosa e susceptivel de muito engrandecimento pela fertilidade de seu terreno, e recursos que lhe deparam suas aguas e contiguos bosques; e por sua situação que a torna o entreposto do R. Gapurá, e lhe garante para o futuro a séde do Governo da Provincia do Solimões».

Realmente a situação de Tefé é invejavel e, embora haja decaido bastante, é ainda um dos logares mais florescentes do Amazonas. O jardim municipal é digno de figurar em qualquer cidade do mundo; no meio levanta-se o monumento erguido pelo povo Tefeense em memoria da primeira visita pastoral feita pelo Ex.mo Snr. D. José Lourenço da Costa Aguiar. A população Tefeense é essencialmente christã e tivemos occasião de vel-o de perto pela frequencia aos actos religiosos que celebramos e, sobretudo, pela solicitude com que a maior parte da população correspondeu ao nosso pedido, enviando seus filhos ao Catecismo.

Em frente a Tefé está situado o pequeno povoado de Nogueira, antiga Paranari, que tem como padroeira N. S. do Rosario. Foi um nucleo bastante importante, pois chegou a ter uma população de 720 almas, repartidas em 80 fogos. Hoje existem apenas algumas choupanas e poucos habitantes. Ahi estivemos em visita rapida. De uma antiga Egreja que existia restam apenas as ruinas, achando-se as imagens em uma casa particular.

Por um livro de baptizados aberto e rubricado pelo Rvm. P.e Luiz Coelho de Brito, com data de 18 de Fevereiro de 1800, podemos fazer idéa do que foi Nogueira até ao anno de 1848. Foi uma parochia que rivalizava com a de Santa Thereza do Tefé, sendo algumas vezes o vigario de Nogueira o encarregado de Tefé e vice-versa.

Em 1804 o Rvm. Missionario Frei Francisco de Alba, em nome de D. Manuel de Almeida, então bispo do Pará, fez a visita pastoral, tendo como secretario o padre Raymundo Ferreira Valente, do clero secular.

A 9 de Março de 1825 foi a parochia visitada pelo Rvm. Vigario Geral, Padre José Maria Coelho. E' de 20 de Janeiro de 1840 o seguinte provimento: « Visto em visita, etc. O R. Parocho observe os Provimentos das visitas passadas, e faça riscar á margem o livro antes de formar os assentos, pondo á margem os nomes dos baptizados. (Assignado) Silva. » Quem fosse este Silva ignoramos por completo.

Finalmente a 15 de Março de 1848, foi o proprio bispo em pessoa, o Exm. Snr. D. José Affonso de Moraes Torres que fez a visita, acompanhado do Rvm. Conego Antonio dos Reis de Macedo. Pelos Provimentos passados tanto no livro de Nogueira como no de Tefé, vê-se que Nogueira já então havia decahido completamente, ficando inteiramente subordinada á parochia do Tefé. O proprio Vigario, padre Luiz Gonçalves de Souza, passou a ser Vigario Collado de Tefé e simplesmente encarregado de Nogueira.

O ultimo assentamento de baptismo do padre Gonçalves de Souza, datado de Nogueira, é de 1849.

Temos em seguida um espaço enorme que vae até ao anno de 1886, data em que achamos assignado como Vigario de Nogueira o Padre José Anzaloni, com o qual, ao que parece, desappareceu finalmente a parochia de Nossa Senhora do Rosario de Nogueira.

*
* *

Demoramo-nos na cidade de Tefé até o dia 18. A 1 hora da tarde d'esse dia, deixamos com muita saudade essa população christã, que agglomerada dizia-nos adeus, depois de arrancar-nos a promessa de voltarmos afim de benzer a nova Egreja que se estava construindo.

A's 5 h. da tarde chegamos a S. Joaquim de Caiçára, á beira do Solimões, onde aguardava-nos uma verdadeira surpreza, pois si em algum logar fomos literalmente coberto de flores, foi na pequenina Caiçára perdida em um angulo do magestoso rio. Ahi tivemos occasião de verificar aquillo que já sabiamos: o povo brasileiro é essencialmente religioso; a impiedade ainda não conseguio penetrar e corromper a nossa população, que vive em lucta continua com esta natureza, soberba sim mas ingrata e selvagem, onde o homem ha de derramar ainda muitas lagrimas e suores abundantissimos até que a possa dominar completamente. E não fôra o sentimento religioso que existe no intimo do coração dos habitantes do interior do Estado, quem poderia imaginar os crimes horrendos que todos os dias se commetteriam nesses lugares onde a acção da justiça humana é quasi nulla?

Entretanto a criminalidade é quasi insignificante. Pode-se viver em completo socego no meio d'esta população simples e inculta, toda entregue aos seus trabalhos e completamente alheia a vicios existentes nos grandes centros de civilização. Os elementos perturbadores são geralmente adventicios e não conseguem direito de cidade.

A nova Egreja de Caiçára ainda não está terminada, embora haja muito bôa vontade da parte de toda a população; porem temos plena certeza que dentro em breve estará funccionando.

No dia 23 despedimo-nos do bom povo de Caiçára e, depois de uma rapida visita pelo lago, partimos em direcção á Bocca do Tefé, passando pela foz do Japurá. A's 3 h. estavamos de regresso á Missão dos Padres do Espirito Santo. Estava terminada a nossa visita á parochia do Tefé.

No dia 25 ás 9 h. da noite embarcamo-nos no vapor Manaus em direcção a parochia de Coary, onde chegamos no dia seguinte ás 6 h. da manhã.

Fomos recebidos em Coary pelo Rvm. Vigario acompanhado de poucas pessoas. Celebramos o Santo Sacrificio da Missa e annunciamos immediatamente a Visita Pastoral.

A padroeira de Coary é a gloriosa Sant'Anna. Está se construindo uma nova Egreja para a qual o povo tem concorrido com generosas offertas. Muitas provas de affecto recebemos dos habitantes de Coary e aproveitamos agora a occasião para agradecer sinceramente penhorado, muito especialmente á familia Beirão em cuja casa estivemos hospedado durante os dez dias que passamos nessa parochia.

No dia 4 ás 9 h. da noite embarcamo-nos para Codajás, em companhia do Rvm. Vigario que foi ao nosso encontro em Coary.

*
* *

Foi brilhante a recepção que tivemos em Codajás e não sabemos como agradecer devidamente a esse povo que não cessou um só instante, desde a nossa chegada, de dar-nos as mais sentidas provas de verdadeira estima e affeição. Os poucos dias, que ahi passamos, escoaram-se como por encanto de modo que, ao embarcar-nos para Anory na noite de 12 de Fevereiro, parecia que desper-

tavamos de um sonho. Mas era a realidade e vieram-nos as lagrimas aos olhos quando, no momento em que o vapor levantava ferro, vimos aquelle povo ás 11 h. de uma noite tempestuosa agglomerado na ribanceira, ao clarão das tochas, dizendo um supremo adeus ao seu bispo e pastor das suas almas... (1)

***

A's 2 h. da madrugada do dia 13 chegamos a Anory (2). A essa hora mesma levantou-se o povo todo para receber-nos. Foi uma deliciosa marcha *aux flambeaux* o nosso desembarque á que faziam côro um bellissimo céo azul recamado de estrellas e os harmoniosos accórdes de uma bem ensaiada banda musical.

Não diremos que o povo de Anory haja suplantado ao povo de Codajás nas provas de affeição com que rodeou o seu bispo, mas é certo que não deixou-se vencer. E o mesmo espectaculo que tivemos em Codajás ao despedir-nos, tivemos egualmente em Anory, quando na noite de 21 nos embarcamos para Anamã.

***

Foi certamente a parte mais interessante da nossa viagem, não somente porque estava fora do nosso programma, mas sobretudo porque era o desconhecido que

---

(1) A padroeira de Codajás é N. S. das Graças. A Egreja já está exigindo reparos.

(2) A capella é boa e tem como padroeiro o glorioso S. Sebastião Anory, ao que nos parece, é o logar de mais futuro do Solimões, embora tenha contra si o ser muito baixo de modo que, com qualquer enchente, vae ao fundo. Por isso as casas são todas de madeira e edificadas sobre esteios. Entretanto ahi vê-se animação, progresso e um certo bem estar de que goza essa população laboriosa, activa e moralizada. Durante as grandes enchentes o povo todo muda se para as terras do lago que ficam a uma hora de distancia e nunca vão ao fundo.

se apresentava diante dos nossos olhos. Corriam boatos contradictorios ácerca dos habitantes: uns diziam-nos que ahi nos esperavam com impaciencia, outros affirmavam que absolutamente não nos receberiam. Que fazer? Entregamo-nos á Divina Providencia e partimos. De facto na Bocca do Anamã não nos foi possivel ficar. Continuamos então a viagem até ao lago. Seriam 3 h. da madrugada quando o vapor fundeou em frente do barracão denominado Nova Vida, pertencente aos irmãos Jacques, os quaes, sabendo que estavamos a bordo, vieram buscar-nos pressurosos e levaram-nos para a sua casa. Foi Deus quem conduzio nossos passos em beneficio de tantas almas sequiosas por ouvir a palavra de Deus e participar dos beneficios da Redempção. Foram dias cheios esses que passamos no lago do Anamã.

No dia 25 presidimos a ceremonia do levantamento do primeiro esteio da capella que se pretende edificar. E' indescriptivel o enthusiasmo que se apoderou d'aquelle bom povo quando, com palavras ardentes, prometteu-nos que, dentro em breve, erguer-se-ia a primeira capella do Anamã.

No dia 26 ás 3 h. da madrugada partimos em canôa para a Bocca do Anamã afim de esperar o vapor que havia de conduzir-nos a Manacapurú.

Novamente a Providencia Divina guiou nossos passos, de modo que, obrigados por uma chuva torrencial que cahio, desembarcamos na primeira casa que encontramos logo á entrada do povoado. A alegria com que fomos recebido dizia-nos bem que ahi é que deviamos ficar até a passagem do vapor e ahi ficamos. Nem tivemos occasião de arrepender-nos. De todas as partes do povoado correram em massa os habitantes afim de aproveitar-se da nossa curta demora e receber os sacramentos. Penhorou-nos sobretudo o procedimento do professor e da professora que, á frente das suas escolas, vieram cumprimentar-nos, entoando o hymno nacional. Foram momentos agradaveis para nós aquelles em que vimos desfilar na nossa presença aquella multidão de criancinhas,

esperanças da nossa patria querida, com suas bandeirinhas auriverdes na mão, entoando o bello hymno que tanto nos enleva e arrebata! Fossem todos os nossos professores do interior como esse, talvez desconhecido, do Anamã, e teriamos verdadeiras escolas, e teriamos instrucção, e teriamos homens para o futuro!

*
* *

No dia 28, ás 10 1/2 h. da manhã, partimos para Manacapurú, onde chegamos ás 4 1/2 h. da tarde. Ahi recebeu-nos o Rvm. P.e Ulysses Montesano acompanhado das principaes pessoas do logar. Dizer o bom acolhimento que tivemos da parte de toda a população christã de Manacapurú, é repetir inutilmente o que já dissemos ácima. Por isso, resumindo nossas impressões, diremos simplesmente que Manacapurú foi a chave de diamante com que encerramos esta nossa primeira viagem pastoral ao Solimões. De facto foi em Manacapurú onde tivemos maiores consolações espirituaes: ahi celebramos, com certa solemnidade, uma bella festa de primeiras communhões; ahi tivemos occasião de passar longas horas no confessionario e distribuir o pão dos anjos a umas trezentas pessoas.

A Egreja nova, que se está construindo em Manacapurú, é certamente a mais bella de quantas conhecemos no interior do Amazonas: é um primôr d'obra. Merecem elogios todas aquellas pessoas que, até ao presente, concorreram para levantar o formoso templo, pois além de ser um bem para a religião, é uma verdadeira joia de preço inestimavel que, em todo o tempo, fará o orgulho da população christã de Manacapurú. Aproveitamos, pois, a occasião para agradecer aqui a todas as pessoas que, de qualquer modo, hajam concorrido para construir esta Egreja e fazemos ardentes votos para que, dentro em breve, estejam terminados os trabalhos.

*
* *

No dia 11 de Março ás 12 1/2 embarcamo-nos com direcção a Manaus onde chegamos felizmente ás 10 h. da noite. Estava terminada a nossa primeira excursão pastoral, que bem poderemos cognominar marcha triumphante. Quer isto dizer que tudo foram flores e que não tivemos nenhum desgosto a soffrer? Não; isso seria absolutamente impossivel. Não ha rosas sem espinhos, nem alegrias sem algo de tristeza. Assim tambem entre as manifestações sinceras e affectuosas de uma população essencialmente religiosa ao seu pastor, não é para admirar que ás vezes appareçam espiritos que primem pelo seu orgulho e falta de educação, alardeando sciencia que não possuem, criticando homens e pessoas e tomando attitude que absolutamente não lhes compete. Algo de similhante encontramos durante a nossa viagem e só pedimos a Deus, todo amor e misericordia, que perdoe a quem assim procedeu.

Afóra essas pequenas sombras só temos a felicitar-nos pelo bom exito d'esta nossa primeira viagem na qual, realmente, pouco ou nenhum trabalho material tivemos, pois de tudo se encarregavam os dignos sacerdotes que nos acompanharam.

II

Mais interessante certamente e de muito maior importancia foi a viagem que emprehendemos ao Rio Negro e da qual vamos fallar-vos muito minuciosamente. Desde já pedimos venia a todas aquellas pessoas cujos nomes havemos de citar. Nem sempre seremos agradavel na nossa narração; algumas susceptibilidades serão feridas,—mas que havemos de fazer? Somos o representante de Deus e o Ministro Supremo da religião aqui nesta Diocese, da religião que prega a verdade e detesta a mentira,—como havemos de esconder e calar a verdade? Além

d'isso temos profundamente arraigado no coração o amor da nossa querida Patria, cujo engrandecimento desejamos, como então calaremos factos e miserias que a envergonhariam publicamente si fossem conhecidos pelos povos extrangeiros? Somos o protector natural dos fracos e dos opprimidos, dos que soffrem, dos que choram, dos que são perseguidos, maltratados, escravizados; manda-nos a nossa consciencia que nos colloquemos ao lado d'aquelles que têm necessidade de amparo e de justiça e denunciemos altamente a todo o paiz a vergonhosa situação em que se encontra a população genuinamente brazileira, esbulhada dos seus direitos, caçada como feras, ou pelo menos envilecida e desprezada como verdadeiros pariás, neste paiz que se gloria de ser o paiz da verdadeira liberdade, da verdadeira fraternidade, da verdadeira egualdade, sem distinção de classes, nem de cores,—como pois fechariamos a bocca diante dos abusos que vimos? Bem sabemos que nossa voz não será ouvida, nossas reclamações não serão attendidas...pouco importa. Teremos a consolação de cumprir o nosso dever e gritar com todas as forças de nossa alma: Justiça! Justiça! Justiça em favor dos que soffrem! Justiça em favor dos nossos pobres indios!

Porém não queremos antecipar-nos áquillo que fará o fecho da nossa narrativa e por isso entramos immediatamente no assumpto.

Nossa viagem ao Rio Negro foi um d'estes acontecimentos numerosos na nossa vida, em que podemos tocar com o dedo aquillo que muitos não querem ver,—a Providencia Divina! Nem nós pensavamos siquer em tal emprehendimento, nem o snr. Coronel Joaquim Aguiar, Superintendente de S. Gabriel, quando veio visitar-nos á tarde do dia 29 de Junho, em companhia do snr. Commendador Rosas, pensava que o resultado da sua visita seria a nossa viagem até as ultimas fronteiras do Brazil com as republicas vizinhas. Entretanto foi o que aconteceu, logo após os cumprimentos, pensando o snr. Coronel Aguiar ouvir da nossa bocca uma negativa quando em

tom de gracejo perguntou-nos: quando dariamos um passeio a S. Gabriel, ouvio justamente o contrario: «Agora mesmo», respondemos, «quando sae o vapor?» O vapor sahia no dia primeiro, tinhamos apenas um dia para preparar-nos. Pedimos ao Snr. Commendador Rosas que fizesse a gentileza de preparar-nos as passagens e tudo mais que fosse necessario para nossa viagem; e a tudo prestou-se o illustre cavalheiro, a quem neste momento manifestamos a nossa sincera gratidão.

No dia 1 de Julho estavamos prompto para a partida e embarcamos, levando na nossa companhia o Rvm. Frei Josué, da ordem dos capuchinhos, nosso irmão Acacio e o menor Theophilo.

A's 5 1/2 h. da tarde levantou o ferro o Javary e vagarosamente começou a deslizar por sobre as aguas adormecidas do Rio Negro. A noite aproximava-se e Manáos ia pouco a pouco desaparecendo. Um vago sentimento de tristeza oprimia-nos o coração. Porque negal-o? Sentiamos um temor indescriptivel; sangrava-nos a alma ao pensar no mundo desconhecido em que iamos entrar. E' bem verdade que acompanhava-nos a bordo o illustre Superintendente de S. Gabriel, Coronel Joaquim Aguiar, com o qual haviamos combinado a nossa viagem; porém seria-nos licito porventura abusar da bondade e gentileza de um homem com o qual haviamos conversado apenas durante dez minutos? Emquanto durasse a viagem do Javary tinhamos todas as regalias, pois era commandante esse cavalheiro distincto a quem já ácima nos referimos, o Snr. Silveira. Mas! Que seria de nós ao chegarmos a Santa Izabel e d'ahi para cima? E quem poderia impedir-nos de ter estes pensamentos? As descripções que nos haviam sido feitas do Rio Negro nada tinham de tranquilizadoras; haviam-nos dito até algumas pessoas que certamente soffreriamos fome e encontrariamos serias dificuldades.

A leitura d'estas paginas provará o que havia de fundado nas nossas aprehensões, pois durante os cinco longos mezes, que durou a nossa excursão, a unica dificuldade seria que encontramos foi aquella mesma, inhe-

rente á nossa empreza, que encontramos ao encetal-a: o desconhecido, o desconhecido sempre. Desde que deixavamos um logar onde haviamos sido recebido e tratado com todas as provas de carinho e nos dirigiamos para outro,—era o desconhecido, com todos os seus terrores, que se apresentava diante de nós e perturbava a nossa imaginação. Nào levavamos roteiro nem recommendação de especie alguma, nem guia, nem interprete, ninguem realmente que se interessasse por nós. Levavamos apenas por nós a nossa pessoa, o nosso caracter sacerdotal e, ácima disso velando por nós, a Providencia d'esse Deus de misericordia, que tirou-nos do nosso nada e da nossa miseria para collocar-nos entre os principes do seu povo.

Esse Deus, no qual nos confiamos inteiramente, encarregou-se de aplainar todas as dificuldades e logo desde o começo mostrou-nos que nos tomaria debaixo de sua inteira proteção. O Snr. Coronel Aguiar expontaneamente declarou-nos que tomaria a seu cargo a nossa viagem, durante todo o tempo que passassemos no municipio de S. Gabriel. E devemos declarar desde já que os serviços, que nos foram prestados pelo illustre Superintendente de S. Gabriel, são innumeraveis e não ha palavras com que os possamos agradecer. Ao menos queremos attestar aqui que, si não fosse o Snr. Coronel Joaquim Aguiar, nem siquer teriamos emprehendido esta longa viagem e muito menos teriamos conseguido os excellentes resultados que conseguimos.

***

Ia o Javary, a todo o vapor, singrando as aguas do Rio Negro. Já pela madrugada chegamos a Tanapiçaçú (1). A's 2 h. da tarde do dia 2 passamos por Ayrão e ás 9 h. da noite chegamos a Moura (2). Aquillo que viamos

---

(1) Tana—aldeia—Piçaçú—nova. (Tanapeçaçú, é que é)

(2) Antigamente *Itúrendana*—logar de pedra, pedreira.

então era muito differente d'aquillo que haviamos de ver na nossa baixada. O rio estava ainda no maximo da enchente e a maior parte dos logares por onde passavamos estavam completamente alagados.

No dia 3 passamos Carvoeiro, Caboris e chegamos já ás 6 h. da tarde á famosa Barcellos, a antiga capital do Amazonas! Foi triste a impressão que tivemos ao avistar as ruinas da ex-dominadora do Rio Negro, hoje tão decahida e... tão calumniada!

No dia 4 ás 2 h. da tarde chegamos a Thomar e ás 4 h. em S. Joaquim (1).

Como não temos outra occasião para falar de Thomar, aqui deixamos consignado o que se acha no Diccionario Topographico a respeito d'essa antiga freguezia de Nossa Senhora do Rosario de Bararoá:

« Foi sua primeira situação cerca da foz do Rio Xiuará, em frente da ilha Timoni, d'onde se trasladou para a actual, em que foi totalmente reduzida a cinzas pela rebellião de 1759. Em razão de sua população foi por excellencia chamada a côrte do Rio Negro e da famosa nação Manáos. Foi erecta em villa com a denominação de Thomar em 1758, pelo Governador do Estado Francisco Xavier de Mendonça Furtado; predicamento de que decahio pela distribuição do territorio para execução do codigo do Processo. Está assentada em um terreno elevado, regular, extenso e abundante d'agua; proporções para uma grande Povoação, que se ajuntam á vantajosa situação em frente do Rio Padanary, pelo qual desaguam tantos lagos e rios da Guyana, e proxima do Uarirá, pelo qual desaguam muitos lagos do Japurá, e sua proximidade ainda das cachoeiras do Rio Negro, onde a navegação principia a ser difficultada: o que tudo constitue Bararoá um entreposto do Alto e Baixo Rio Negro. Por ocasião da rebellião do Pará de 1835 um degradado por nome Antonio Ayres, que existia nesta Freguezia,

(1) Antiga Lama-Longa (S. José).

tomando seu nome, e escolhendo uma luzida companhia de seus habitantes, desceu o Rio Negro, e tornou-se por bellos feitos d'armas fatal aos Cabanos no Amazonas, Tapajós e Manés; distinguindo-se principalmente nas jornadas de Icupiranga e Manés. »

Não desembarcamos em Thomar, porem cumpre-nos dizer que é um dos logares mais adiantados do Rio Negro. Tem uma Egreja que está exigindo serios reparos.

O dia 5 de Julho era domingo e era o ultimo dia da nossa viagem a bordo do Javary. O Commandante, por uma grande gentileza, que não sabemos como agradecer, consentio que celebrassemos o santo sacrificio da missa, a que assistiram com muito respeito todos os nossos companheiros de viagem. Foi uma grande prova de deferencia para comnosco e aproveitamos a occasião para agradecer do intimo do coração.

A's 11 h. da manhã chegamos a S. Izabel. Só desembarcamos ás 3 h. da tarde, á hora em que o Javary poz-se em marcha de regresso para Manáos. Não tivemos que pensar em agazalho pois o Snr. Aguiar a tudo providenciou, entregando-nos aos cuidados do Snr. José Felix Ferreira Netto, moço distincto por muitos motivos e do qual mais de uma vez ainda teremos que falar.

Pela primeira vez sentimo-nos como que exilado dentro da nossa propria patria; parecia-nos estar em outras terras, entre povos extranhos. Ouviamos falar ao redor e não entendiamos. Debalde o Snr. Netto, com sua agradavel palestra, procurou distrahir-nos, nosso espirito estava demasiadamente preoccupado. E nossa preoccupação d'então era aprender a lingua geral sem a qual, bem o percebemos immediatamente, inutil, infructifera, baldada seria a nossa viagem. Procuramos, pois, desde esse momento pôr-nos em contacto directo e immediato com o pessoal indigena que nos rodeava muito admirado e começamos a tomar nossos apontamentos.

No dia 6, ás 9 h. da manhã, tomamos passagem a bordo da lancha «*Bento Brazil*», que devia conduzir-nos atravez das primeiras cachoeiras até Camanaus. Foram

nossos companheiros o Snr. Coronel Aguiar, o Snr. Quintino Cardozo, o Snr. Felix Ferreira Netto e o Dr. Juiz Municipal de S. Gabriel. Abria-se aos nossos olhos um mundo novo e nós, com prazer, contemplavamos aquella natureza soberba mas selvagem, de aspecto tão encantador. Nossa lanchinha encontrou alguma difficuldade em passar a primeira cachoeira e, devemos dizel-o, houve um certo panico entre os passageiros, pois, viemos a sabel-o mais tarde, não levavamos pratico seguro a bordo, muito embora cinco ou seis homens ahi estivessem como pilotos e conhecedores dos logares (1). Felizmente o momento critico passou e continuamos felizmente a nossa derrota.

A's 5 h. da tarde chegamos á Boa Vista, casa da Exm.ª Snr.ª Cordolina, mulher veneranda pela sua edade e pelas suas virtudes, sogra do Snr. Netto. Fomos con-

---

(1) Aqui damos uma lista quasi completa de todas as cachoeiras do Rio Negro: á margem esquerda—1ª) Tapurúquára, 2ª) Maçarabi, 3ª) Turi, 4ª) Joanna Bane, 5ª) Uabú, 6ª) Camanaus, que é formada por tres páncadas bastante perigosas: Camanaus, Manaiari, Cacori, 7ª) Tabocal, 8ª) Catiuri, 9ª) Çuaçú ritiman, 10ª) Pederneira, 11ª) Tapajós (Tapaiú), 12ª) Cujubim, 13ª) Tipiruri, 14ª) Uainambi, 15ª) Fôrno, 16ª) Itapinima (correnteza), 17) Manarimucana, 18ª) Aman, sepultura do filho de Aman, a primeira mulher que existio segundo a lenda, mulher de Purinaminari, heroe lendario. Este, para vingar a morte do filho de Aman, perseguio a todos os seres maus e matou a cobra grande Tucano, que morava na serra do Tucano ácima de Jacaré Kapoamo, no rio Uaupés, 19ª) Arapaço, 20ª) Cuaiabi, 21ª) Curucuhi, Matapi, Buburi (tres cachoeiras enormes que atravessam o rio de lado a lado e formam o verdadeiro perigo da fortaleza de S. Gabriel), 22ª) Caiaiti, 23ª) S. Gabriel, 24ª) Dabarú (correnteza), 25ª) Paranari (correnteza), 26ª) S. Miguel, 27ª) Matupi, 28ª) Tamú Uanari, 29ª) Bocca do Cassiquiara.—A' margem direita: 30ª) Mabaquari, 31ª) Tianha, 32ª) Uarihina, 33ª) Buiaquára, 34ª) Uanari, 35ª) Cabari, 36ª) Macaca, 37ª) Camacuhi, 38ª) Curê-enai—em frente de Cabari, casa de Manuel Cordeiro, filho de Jesuino Cordeiro, o famoso explorador de Uaupés, 39ª) Carangueijo, 40ª) Guia—correnteza forte no porto da Guia—Panápaná (borboleta) e Ianaraquara (buraco de cachorro) são duas correntezas fortes á margem esquerda. As cachoeiras mais fortes do Rio Negro são: a da Fortaleza, por ser muito proxima da Buburi-cani, e S. Miguel. As do Uaupés são muito mais fortes e perigosas.

vidado a descer á terra, onde o Snr. Netto e d. Cordolina obsequiaram-nos com um opiparo banquete.

Passamos a noite em terra. No dia seguinte, pelas 7 h. continuamos a nossa viagem até S. José onde chegamos pela meia noite mais ou menos. Ao amanhecer o Snr. Coronel Aguiar convidou-nos a descer á terra e visitar a sua casa. Com prazer acceitamos o convite e tivemos occasião de exercer ahi os primeiros actos do nosso ministerio baptizando duas crianças.

A's 9 h. do dia 8 a «Bento Brazil» levantou ferro e, sem incidente algum desagradavel, a não ser uma chuva torrencial que alagou-nos completamente, chegou ás 6 h. da tarde a Umarituba, sitio do Snr. João Fontes, um dos maiores e mais fortes negociantes do Rio Negro. Ahi todo o povo fugio e escondeu-se; soubemos mais tarde que foi por medo do Rvm. Capuchinho que nos acompanhava, a quem chamaram de mulher barbada.—A's 10 h. da noite chegamos ao barracão Bomfim; ás 5 1/2 após a chuva torrencial da noite, continuamos a viagem até a Trindade, onde existe a mais linda capella do Rio Negro. A's 4 3/4 estavamos luctando para chegar a Camanaus. Novo momento critico, em que ouviram-se vozes desconcertadas, ordens e contra ordens e, para terminar, alguns chôros de mulheres. O joven commandante, vendo-se safo do perigo, não quiz continuar até ao porto e encostou a lancha em uma praia, onde ficamos felizmente sãos e salvos. Dormimos a bordo e passamos ainda na lancha o dia seguinte. Só desembarcamos no dia 10 ás 5 1/2 da tarde.

***

Iamos encetar a segunda parte da nossa viagem, a mais longa, a mais interessante e perigosa, em canôa. No dia 11, sabbado, não era possivel viajar, por falta de transporte. O Snr. Coronel Aguiar prevenio-nos immediatamente que só no dia 12, domingo, partiriamos para S. Gabriel. Por isso no Sabbado, após a celebração do santo

sacrificio da missa, começamos a exercitar-nos na lingua geral, servindo-nos do resumo da doutrina christã, deixado pelo nosso illustre antecessor D. José Lourenço da Costa Aguiar, e dos poucos apontamentos que já haviamos tomado.

Era bem de ver a alegria e contentamento d'aquelle povo, que não podia acreditar que alli estivesse o seu proprio bispo em pessoa. E essa alegria, esse contentamento, bem se demonstraram quando, no dia seguinte, depois da missa, reuniram-se todos para acompanhar-nos atravez da floresta até ao ponto em que tomamos a canôa... e ainda de longe faziam-nos adeus e pediam-nos que não nos demorassemos muito. Infelizmente não conheciamos as distancias e iamos dizendo que certamente não nos demorariamos e que nos esperassem pelo mez de Setembro. Foi um mal muito grande, porque nessa época por nós determinada, por toda parte, reunio-se a gente e vendo que não chegavamos, obrigada pela falta de recursos, dispersou-se.

Não houve incidente digno de menção na nossa curta viagem até S. Gabriel. Nos logares mais perigosos desembarcamos e assistimos á dificil taréfa de passar a canôa; ás vezes caminhamos por terra alguma distancia; por toda parte tivemos occasião de admirar quadros admiraveis da natureza, que verdadeiramente é bella nesses logares tão perigosos. Desde as 4 h. da tarde começamos a avistar a villa de S. Gabriel, que ora aparecia ora desaparecia conforme as voltas do rio. Finalmente já ao cahir do sol chegamos ao porto, onde esperava-nos a população, prevenida pelo Snr. Quintino, disparando tiros de rifles e morteiros. Desembarcamos e dirigimo-nos para casa da Intendencia, que nos foi gentilmente cedida para nossa permanencia de alguns dias apenas.

E' bella a situação de S. Gabriel. Pela frente as serras de Curi-Curiary, Uanary, Cabary e Carangueijo; atraz, a serra de S. Gabriel. De todos os lados o bello e sublime do terrivel: a morte e o abysmo diante dos olhos. Sempre, dia e noite, o ronco ensurdecedor das cachoeiras.

De facto o Rio Negro, que pouco ácima forma uma grande bahia, estreita-se de repente, formando uma apertada garganta, por onde precipita-se a enorme massa d'agua que vem desde o centro da Venezuela, recebendo tributarios poderosos como o Orenoco (1), o Icana, o Uaupés, cada um delles equivalente a um mundo. E' incalculavel ahi a força da correnteza, que vem bater de encontro ás pedras da fortaleza, formando uma catadupa e mais adiante um rebôjo que é o terror dos pobres navegantes. De facto, infeliz d'aquelle que é apanhado por esse rebôjo; si escapa de ser engulido cae na correnteza do Bubury e só Deus o pode salvar!...

« A fortaleza de S. Gabriel foi fundada em 1763 de ordem do governador Manuel Bernardo de Mello e Castro. Serve de registro á navegação do Rio Negro. E' um pentagono irregular cujo maior lado extremado por dous meio baluartes deita para o rio: os dous pequenos lados não passam de singelos e fracos muros. Dezesseis canhoneiras para insignificante artilheria, tres guaritas fazem toda a sua importancia, que alem do lastimavel estado a que está reduzida se torna quasi nulla por ser dominada por uma collina que devera abranger, e que lhe proporcionaria um ponto de vigia de longo alcance.» (Dicc. top.)

Hoje apenas existem as ruinas, pedras espalhadas, restos de muralhas e algumas peças de artilharia completamente inutilizadas.

A pouca distancia da fortaleza está a Egreja, pessimamente construida e em estado lastimoso. A antiga Egreja, conforme affirmam todos, era grande, espaçosa e bem edificada; por um zelo mal entendido de alguns e sem consultar a autoridade competente, demoliram-n'a para edificar uma maior e mais bonita. O resultado foi ficar S. Gabriel privado de Egreja até que se construio a que existe actualmente em caracter provisorio.

---

(1) De facto o Orenoco não é senão um tributario do Rio Negro, pois o Cassiquiára que, juntamente com o Guaynia na Venezuela, forma o Rio Negro, outra cousa não é senão um braço do Orenoco. E assim temos que verdadeiramente o Amazonas é o rei dos rios.

Aproveitamos a occasião para recordar aqui e mandar que se observem em toda a nossa diocese as formalidades necessarias impostas pela disciplina da Egreja, quando se trata de construir novas Egrejas ou Capellas, contentando-nos de transcrever aquillo que já em outra parte escrevemos :

Formalidades Necessarias Para a Construção De Novas Egrejas ou Capellas

1.º)—Para se construir alguma nova Egreja ou Capella, quer de seculares quer de regulares, é necessario fazer um requerimento por escrito, pedindo a competente licença ao Exm. Snr. Bispo Diocesano.

2.º)—Esse requerimento deve ser informado pelo Rvm. Vigario da parochia em cujo territorio deseja-se levantar a nova Egreja ou Capella.

3.º)—Juntamente com o requerimento competentemente informado, deve-se apresentar a escriptura publica de doação do terreno em que se vae levantar a Egreja ou Capella, ou qualquer outro documento que assegure á Egreja a posse do dito terreno, bem como a sua inteira e perpetua dependencia da autoridade ecclesiastica.

4.º)—E, para que a Egreja ou Capella novamente construida tenha garantia sufficiente de existencia, é necessario que tenha um dote ou patrimonio bastante; o que tambem deve constar por documento escrito.

5.º)—E, como a construção de uma Egreja ou Capella, deve ser para o bem de todos e não prejudicar a quem quer que seja, é necessario tambem que conste certamente de que a nova edificação não fere a direito nenhum adquirido.

6.º)—Após a apresentação destes documentos e obtida por escrito a licença do Bispo, não se deve principiar os trabalhos antes que o proprio Bispo ou algum sacerdote, por elle delegado, haja visitado e aprovado o logar da construção.

7.º)—Deve-se marcar em seguida o dia para que

o bispo ou sacerdote por elle delegado proceda á ceremonia da benção e collocação da primeira pedra. Só depois d'esta ceremonia é que se pode dar começo aos trabalhos.

Estas determinações estão todas explicitamente marcadas pelo concilio plenario Latino Americano em vigôr em toda a America latina (1). Devemos dizer que nada absolutamente se fez em S. Gabriel que não fosse de pleno accôrdo comnosco.

O Snr. Coronel Joaquim Aguiar, estando profundamente convencido que não pode haver nenhum progresso, sobretudo nesses logares longinquos, sem o soccorro da religião e querendo dar vida ao municipio e villa de S. Gabriel, reunio no salão da intendencia as pessoas mais gradas e influentes do logar, e convidou-nos para assistir a reunião. Accedemos muito gostosamente a um tal convite, sabendo que ia-se falar dos interesses religiosos do povo de S. Gabriel. Tratou-se effectivamente da fundação e organização de uma Irmandade tendo como patrono o glorioso archanjo S. Gabriel. Quando se falla de irmandades é evidente que todos temos o espirito prevenido, nós todos que conhecemos os desgostos que ellas têm dado aos bispos e vigarios. Por isso falamos com rude franqueza aos illustres cavalheiros que estavam reunidos e mostramos-lhes as vantagens e desvantagens da creação de uma Irmandade. Todos protestaram inteira adhesão as nossas palavras e prometteram que nada absolutamente se faria sem o nosso consentimento, pois reconheciam em nós a suprema autoridade religiosa da diocese do Ama-

---

(1) Tit. XIV. Cap. I—Notem-se as seguintes palavras: «Ne autem quod Deo dicatum est, ad profanos usus iterum destinetur, et ne ex humana cupiditate, malitia vel inconstantia, Ecclesia amittat quod ipsi pro Deo et propter Deum datum est, mandamus ut in omnibus erectionibus novarum ecclesiarum, sacellorum, capellarum seu oratoriorum publicorum, per instrumentum publicum, in tuto ponatur tum perpetua destinatio dictarum ecclesiarum cultui catholico, tum perpetua dependentia eorumdem sacrorum edificiorum a respectivis ordinariis, etc.»

zonas, da qual depende tudo quanto diz respeito á religião. Ante tão boas disposições, promettemos satisfazer a todos os bons desejos da população religiosa de S. Gabriel e mandamos que se organizasse um projecto de estatutos de irmandade, sob o patrocinio de S. Gabriel, para nos ser apresentado mais tarde afim de estudal-os, emendal-os e depois dar-lhes a nossa aprovação. Temos o prazer de affirmar que tudo assim se passou de modo que a Irmandade de S. Gabriel poderá servir, no futuro, de modelo para todas as demais.

Em S. Gabriel começamos seriamente a trabalhar. Pela manhã prégavamos á missa e á noite mandavamos prégar ao Rvm. Frei Josué, nosso companheiro, e ao qual desde já devemos render as homenagens da nossa sincera gratidão, pelo zelo incansavel que demonstrou durante todo o tempo da nossa viagem. Fizeram-se bastantes baptizados, chrismas e alguns casamentos. Na casa do Snr. Quintino Cardozo tivemos occasião de ver e baptizar um grande numero de indios, crianças e adultos. Alguns pertenciam á tribu dos Macús, que são os mais degradados na escala da civilização.

Demoramo-nos d'esta vez em S. Gabriel o espaço de oito dias. O Snr. Coronel Aguiar pôz á nossa disposição uma canôa para que continuassemos a nossa viagem, offerecendo-nos tambem um rancho sufficiente para alguns dias. A chuva torrencial, que começou a cahir no dia 19 e durou toda a noite e grande parte do dia 20, impedio-nos de partir logo ás primeiras horas d'esse dia.

Só ás 11 h. da manhã nos embarcamos e fomos almoçar em casa do Snr. Quintino, que tantas vezes já nos havia obsequiado e mais ainda nesta occasião, offerecendo-nos fructas com abundancia para distrahir-nos em viagem. A' uma hora continuamos a nossa excursão e desembarcamos um momento ainda na casa da Exm.ª d. Cecilia, que é uma das principaes extractoras da gomma elastica no Rio Negro, uma mulher heroica e emprehendedôra. D'ahi partimos definitivamente e ás 2 1/2 perdemos de vista S. Gabriel. A's 3 h. chegamos á famosa ca-

choeira de S. Miguel. Desembarcamos e fomos assistir de cima do penhasco á passagem da nossa canôa. Pela primeira vez tivemos occasião de ver mãos á obra o nosso guia e companheiro de viagem, o delegado de policia de S. Gabriel, que tão de boa vontade prestou-se para ir comnosco, acompanhar-nos e guiar-nos durante todo o tempo da nossa excursão ao Alto Rio Negro, capitão Martinho Rodrigues. E' um homem de bem em toda a extensão da palavra, tendo no seu sangue todas as bellissimas qualidades do branco juntamente com a nobreza, coragem e fleugma do indio. A elle devemos em grande parte o bom successo da nossa viagem. E mais do que tudo, a elle devemos todo o conhecimento que hoje possuimos da lingua geral, elle que forneceu-nos o vocabulario que ora possuimos, elle que dictou-nos em grande parte tudo quanto podemos offerecer-vos a respeito da primitiva lingua dos nossos antepassados.

Martinho Rodrigues, vendo que o nosso pessoal não era sufficiente para passar a terrivel cachoeira, foi em busca de alguns indios que estavam deitados em uma barraca vizinha. Essa gente, sabendo que tratava-se do *Pahyuaçú* (1), não se fez rogada, de modo que, com um numero sufficiente de braços, passamos felizmente o abysmo. E desde já devemos dizer que, durante todo o tempo da nossa excursão ao Alto Rio Negro e Caiari, nunca faltou-nos o pessoal necessario, sempre encontramos a maxima boa vontade da parte dos nossos indios.

Passada a cachoeira de S. Miguel, embarcamo-nos novamente e continuamos a viajar. A's 4 h. chegamos a uma barraca abandonada, no meio de um mattagal. Nosso guia julgou prudente suspender a viagem para continual-a só no dia seguinte. Assim pois, deixamos a canoa e fomos agasalhar-nos na barraca onde passamos o resto do dia, rezando o breviario e palestrando sobre diversos assumptos, e a noite que felizmente foi bellissima.

---

(1) Bispo.

No dia seguinte, 21, partimos logo ao amanhecer. Era encantador o aspecto da natureza. Os nossos homens vergavam sob o peso dos remos afim de vencer a correnteza, que ás vezes era violentissima. Distrahiamo-nos nessas occasiões fazendo exercicios corporaes e ajudando tambem, nos momentos dificeis, a puxar a espia e o gancho, ou manejando a forquilha. Tudo era poesia para nós. Viajamos sem cessar até as 3 h. da tarde. Nosso pessoal já estava fatigado e começava a sentir a fome, porém não havia nenhum sitio onde pudessemos parar, tudo estava completamente alagado. Finalmente á essa hora já bem avançada encontramos um logar alto e ahi paramos. Almoçamos com muito bom appetite e tão rapidamente como soldados em tempo de guerra. A's 3 1/2 h. continuamos a viagem e só paramos ás 6 1/2, para tomar repouso ao ar livre, na floresta, á beira do rio.

Foi deliciosa a noite, apezar das ameaças de chuva. A's 5 h. da madrugada despertamos para continuar a viagem. A's 10 h. chegamos á entrada do Uaupés ou Caiari, conforme é mais conhecido pelos naturaes. Estavamos nas vizinhanças da cachoeira do Tamanduá cujos roncos já se ouviam. Paramos então na primeira barraca que encontramos para almoçar. Foi providencial a nossa parada: encontramos em uma rede, abandonado, um pobre indio velho a quem administramos os ultimos sacramentos.

Pelas 11 1/2 continuamos a nossa excursão. Atravessamos a cachoeira por uma chuva torrencial que acompanhou-nos até S. Joaquim, onde chegamos ás 3 h. da tarde, molhados até a medulla dos ossos. Apezar da chuva o povo, tendo á frente o Snr. Vilagelim, reunio-se todo para receber-nos.

A vista de S. Joaquim é explendida (1). E' uma vasta

---

(1) «Coané (S. Joaquim de): Pov., uma legua ácima do vertice do angulo inferior da foz do rio Uaupés, 206 ácima da confluencia do Rio Negro, e 284 da foz do Jamundá. Sua situação é plana e vistosa, o seu solo alcatifado de cominho espontaneo. De 780 fogos que teve restam 30 assaz dispersos, que acomodam 250 habitanies, provin-

explanada que extende-se a perder de vista. A capella está muito bem situada no alto da explanada, e por traz fica o cemiterio que está muito bem tratado pelos habitantes. Para receber-nos havia-se adornado S. Joaquim com arcos de triumpho e palmeiras formando uma longa alameda. O povo, ensinado pelo Snr. Vilagelim, veio todo cumprimentar-nos como se costuma fazer nos grandes centros de civilização.

Optima impressão tivemos do bom povo de S. Joaquim. Toda a população veio pressurosa assistir aos actos religiosos, de modo que tivemos a consolação de fazer muitos casamentos, administrar o sacramento do chrisma a muitas pessoas e distribuir a sagrada communhão a um grande numero de fieis.

Devemos dizer desde já que o sacramento do chrisma era quasi completamente desconhecido no meio da nossa população indigena. Já o haviamos notado em S. Gabriel mesmo; em S. Joaquim accentuou-se mais o facto e d'ahi por diante não tivemos mais duvida a esse respeito: rarissimas pessoas sabiam o que era o chrisma e essas mesmas extranhas aos logares. Tornava-se, pois, dificil a administração d'este sacramento, maxime pela dificuldade da lingua que não possuiamos ainda e na qual não encontravamos termo adequado para explicar a doutrina sobre a Confirmação.

Fizemos entretanto aquillo que nos foi possivel, e pareceu-nos menor mal administrar este sacramento, rodeando este acto de toda a solemnidade que nos era possivel afim de chamar a attenção dos assistentss, do que privar de tamanha graça tantas almas que nos pareciam bem dispostas. Tanto mais que pareceu-nos bem fazer-

---

dos de Uaupés e Coenanas, que plantam para a sua subsistencia, extrahem breu, carajurú e salsa. Lastima, se não revolta, o abandono a que são deixados, a despeito de seus esforços para a civilização» (Dicc. Topograph.) Aquillo que diz o autor dos habitantes de S. Joaquim, diremos nós de todos os indios do Uaupés, tão inclinados á civilização. E' lastimoso, é revoltante o abandono em que jazem!

lhes comprehender que, fóra do baptismo, ha outras cousas mais que o christão deve fazer e receber. Assim tambem procedemos a respeito do SS. Sacramento da Eucaristia.

Entretanto devemos dizer que assim praticamos unicamente com os nossos indios mais civilizados do Rio Negro e com os habitantes de S. Joaquim. Com os outros, de Jacaré Kapoamo para cima, nem falamos no chrisma e muito menos ainda no Santissimo Sacramento, contentando-nos com administrar-lhes o baptismo e o sacramento do Matrimonio. Infelizes! Embora bem dotados e dispostos para a civilização acham-se em estado tão baixo e envilecido, que só a dedicação dos nossos primeiros missionarios os poderá rehabilitar.

Demoramo-nos em S. Joaquim apenas um dia e meio. Tinhamos pressa de chegar ao povoado de Sant'Anna afim de assistir a festa de S. Anna que ahi se estava celebrando. Partimos pois para esse lugar no dia 24 ás 10 h. da manhã, tendo por companheiro o Snr. Vilagelim.

Ao meio dia paramos em uma barraca afim de almoçar. Ahi encontramos o velho Theodosio que, segundo affirma, trabalhou na construcção da Egreja Matriz de Manáos. A 1 h. continuamos a viagem que foi felicissima. Chegamos a Sant'Anna já ao escurecer. Diversos tiros de rifle foram disparados á nossa chegada e todo o povo, que estava reunido, veio receber-nos pensando que se tratava do juiz da festa. Causou admiração a nossa chegada. E' verdade que o Snr. Salvador Garrido os havia prevenido e mandára mesmo que se reservasse uma casa para nós; porém no meio das alegrias da festa e dos calores do alcool tudo se havia esquecido. De modo que tivemos uma recepção *sui generis*: estavam todos ou quasi todos alcoolizados. Entretanto deram-nos uma sala bastante vasta onde nos podemos agazalhar.

Visitamos immediatamente a capellinha que achava-se bem adornada e cheia de luzes. A' hora da reza mandamos ao Rvm. Frei Josué que presidisse o acto e annunciasse a visita pastoral. Não podemos affirmar que

as palavras do Rvm. Missionario hajam sido comprehendidas, attento o estado dos espiritos. O certo é que toda a noite tivemos uma algazarra infernal, que só cessou pela madrugada. De manhã, quando nos dirigimos para a Capella, afim de recitar o breviario, todos dormiam... nem todos, entretanto, pois que apresentou-se ainda alguem diante de nós com um objecto na mão, pedindo-nos não sabemos que cousa...

A's 7 h. começamos a celebração do santo sacrificio da missa, na presença de poucas pessoas; ao terminar a capella estava cheia. Já então os cerebros estavam desembaraçados e, por isso, aproveitamos a occasião de novamente annunciar a nossa visita, atacando immediatamente o vicio capital de todos estes logares:—a embriaguez.

Devemos dizer immediatamente que nossas palavras cahiram em terreno fertilissimo e muito bem preparado. Durante o tempo que passamos em Sant'Anna, nunca mais vimos uma só pessoa embriagada; algumas mesmas, corridas de vergonha pelos factos anteriores, nunca mais apareceram em publico.

E' que o nosso indio é bom; comprehende as cousas e só se torna máo por causa dos vicios adquiridos ao contacto de certos homens civilizados. Sobre este assumpto teremos que falar mais tarde, por isso deixamol-o de parte agora.

Nossa presença em Sant'Anna foi fertilissima em fructos de salvação e em nada perturbou as alegrias d'aquelle bom povo festejando a sua gloriosa padroeira. A' bocca da noite do dia 25, vespera da festa, tivemos occasião de presencear um espectaculo verdadeiramente bello e feerico. O povoado parecia uma tocha unica, tantas eram as luzes que ardiam aos milheiros em cima de arcos.

Um grande castello e um navio, de cortiça ambos, illuminados com grande numero de velas, foram lançados ao Rio, indo o povo em canôas entoando canticos,

na lingua geral, fazendo-lhes cortejo até uma certa distancia, abandonando-os depois á correnteza que lentamente os ia levando para bem longe até perderem-se no horizonte!

No dia seguinte cantamos a missa em honra da gloriosa Mãe de Maria Santissima e tivemos a consolação de administrar os sacramentos á maior parte do povo. Não era mais aquelle povo que nos havia recebido! A metamorphose era completa e admiravel. No correr do dia traduzimos para a lingua geral, com o auxilio do nosso Mestre e Guia Martinho Rodrigues, o bello cantico «Bemdito Rosario da Virgem Maria».

A traducção, embora feita rapidamente e sem arte, prestou-se muito bem para a musica e desde logo começamos a ensinal-o. A' noite tivemos a consolação de ver todo o povo cantando alegre e satisfeito, na sua propria lingua, as glorias de Maria Santissima e do Santo Rosario. Esse primeiro successo foi um estimulo para nós e levou-nos a fazer outras tentativas, vertendo para a bella lingua dos nossos antepassados, outros canticos que os nossos leitores encontrarão no appendice d'esta nossa pastoral.

Sentiamos já uma certa tristeza ao aproximar-se a hora de deixar Sant'Anna. E' assim o coração humano, tanto mais depressa se afeiçôa a alguma cousa quanto maior é a dificuldade que encontra em possuil-a. Assim aconteceu-nos com a boa população de Sant'Anna onde afinal de contas só tivemos o desgosto do primeiro encontro. Entretanto ainda se desculpa o que aconteceu nessa occasião, pois esse povo não nos esperava e achava-se então no auge da alegria da festa. Ora a festa, sobretudo nessas alturas, é a cachaça. Os mordomos e juizes trabalham o anno inteiro, deixarão de comprar as cousas mais necessarias, afim de adquirir a sua frasqueira de cachaça para a festa. E ainda neste ponto serão innocentes os brancos civilizadores? Não o cremos. Sobre elles certamente recae

grande parte da culpa, pois muitos d'elles são os principaes a entregarem-se ao vicio detestavel da embriaguez (1).

***

Deixamos Sant'Anna no dia 27, ás 10 h. da manhã, entre os adeuses saudosos de toda a população que, agglomerada á beira do rio, agitava lenços, folhas de palmeiras e galhos de arvores, em signal de despedida. A' uma hora da tarde, chegamos a S. Filippe, onde fomos fidalgamente recebidos pelo venerando Snr. Germano Garrido, acompanhado de seus filhos.

Pronunciar o nome do Snr. Germano Garrido é render homenagem a um homem de caracter leal, franco e generoso. Perfeito cavalheiro, como os antigos fidalgos de Hespanha, de onde é oriundo, o nome do Snr. Germano é conhecido em todo o Rio Negro, como synonimo de seriedade e honradez. A casa do Snr. Germano é a procurada, nessas alturas, por todas as pessoas de consideração que viajam o Rio Negro, por qualquer motivo que seja, ou venham das republicas visinhas ou para lá se dirijam do Brazil. Assim é que a casa do Snr. Germano foi o quartel general das explorações scientificas do illustre sabio allemão doutor Koch, que ahi esteve morando durante dois annos (2).

---

(1) «Santa Anna: Pov. na margem esquerda do Rio Negro, entre os rios Içana e Ixié, e as povoações da Guia e S. Filippe, 215 leguas ácima da confluencia do Rio Negro, 293 da foz do Jamundá. Sua população, provinda de Banibas, em numero de 80 almas, em 10 fogos, planta e pesca mesquinhamente para manter-se; tece redes de maqueira e extrae algumas drogas» (Dicc. Top.). Parece pois que houve progresso no povoado de Sant'Anna; pelo menos a população actual é certamente superior a 80 almas e o numero de casas superior a 10.

(2) «Pov., na margem direita do Rio Negro, entre os rios Içana e Ixié, e as povoações da Guia e Mabbé, 222 leguas ácima da confluencia do Rio Negro, e 300 da foz do Nhamundá. Seus habitantes, provindos de Banibas, em numero de 130 almas, distribuidos em 15 fogos, plantão e pescão apenas para o consumo; tecem redes de maqueira e extrahem algumas drogas» (Dicc. Top.).

Não tencionavamos demorar-nos em S. Filippe, mas a fidalguia do Snr. Germano e seu filho Salvador obrigou-nos a uma permanencia de quasi dous dias. Nenhum prejuizo tivemos, pelo contrario. O Snr. Germano Garrido, que ha mais de trinta annos habita o Rio Negro, é profundo conhecedor da historia de todos esses logares e Mestre Consummado da Lingua Geral. A elle, por conseguinte, devemos as melhores e mais preciosas informações tanto sobre o estado dos nossos indios e das antigas missões, como sobre as regras geraes da lingua indigena.

Foi o Snr. Garrido que, com sua rude franqueza nos disse: «Acabou-se a escravidão negra no 13 de Maio de 1888, existe hoje mais barbara do que a dos negros a escravidão dos nossos indios. E' inacreditavel o que se pratica por estas alturas». E hoje podemos e devemos dizer, o que nos affirmou o Snr. Germano é a pura verdade!

No Brazil, que proclamou a liberdade e egualdade de todos, existe ainda hoje essa nodoa negra, vergonhosa, immunda, é duro dizel-o, existe de facto a *escravidão*... Sim, ainda ha escravos no Brazil! Ainda os ha... para vergonha da nossa cara patria... e não são mais os negros africanos e sim os legitimos e genuinos brazileiros, os primeiros e legitimos occupadores d'esta terra formosa... sangra-nos o coração ao dizel-o, mas ainda existem escravos no Brazil, e são os nossos indios...

No dia 29 ás 9 h. da manhã despedimo-nos do Snr. Germano e de seus filhos e partimos com destino a Marabitanas. Viajamos o dia inteiro, só parando o tempo necessario para o almoço.

A's 11 1/2 passamos pelo povoado da Guia onde alguns poucos indios estavam á nossa espera. Não paramos, contentando-nos de deixar aviso para o tempo da nossa descida. A's 6 1/2 da tarde encontramos uma barraca onde nos agazalhamos.

O dia seguinte foi empregado a viajar desde a madrugada até o anoitecer. Quasi ás 7 h., após uma chuva torrencial, chegamos ao sitio Mabé, do Snr. João de Deus Melgueiro, sogro do Snr. Germano Garrido.

E' justo que lancemos aqui uma palavra de agradecimento ao Snr. Melgueiro pelo fidalgo agazalho que nos deu no breve espaço de tempo que passamos em sua casa.

No dia seguinte, após a missa, fizeram-se alguns casamentos e baptizados. A lingua castelhana, desse ponto para diante, já é muito familiar a toda a população por causa do commercio com a Venezuela.

O portuguez parece uma lingua completamente extrangeira. Alguns poucos cearenses que encontramos, e outras pessoas de outros estados, falavam com mais facilidade o hespanhol do que a sua propria lingua. Este facto, que parece insignificante, é entretanto muito significativo, pois, denota o atrazo em que nos encontramos e o pouco ou nenhum caso que fazemos d'aquillo que nos pertence.

Desde já podemos e devemos affirmar, nas circumstancias em que se encontram as cousas, conforme tivemos occasião de vel-as pelos nossos proprios olhos, o abandono em que jazem os habitantes do Alto Rio Negro é completo e absoluto. Em toda aquella vasta extensão, de S. Gabriel a Cucuhy, apenas um professor em Marabitanas, e este professor, embora muito bella pessoa, nem siquer tinha casa para morar e muito menos escola! Qual pois o meio de reagir contra a ignorancia e impedir a influencia da invasão extrangeira em territorio patrio? Vergonha para nós... Encontra-se um indio Venezuelano naquellas alturas, é um homem perfeitamente civilizado que não somente falla a sua lingua, mas falla tambem correctamente o castelhano e já faz ostentação de superioridade sobre os pobres habitantes do Brazil... E a influencia d'essa civilização é tão grande e real, que estende-se, conforme já o insinuamos ácima, até mesmo sobre os commerciantes brazileiros oriundos dos estados do sul. Não vejam os nossos governantes nestas nossas palavras uma critica ou uma censura, mil vezes não! Bem sabemos os bons desejos que animam os nossos homens do governo, e é justamente por esse motivo, que nos atrevemos a relatar o que vimos,

plenamente convencidos de que medidas energicas serão tomadas para debelar o mal e erguer o nome brazileiro.

No dia 31, após a missa, despedimo-nos do snr. Melgueiro e partimos. A's 4 h. passamos em frente de S. Marcellino e ás 6 1/2 da noite paramos para dormir. Assim passára-se rapidamente o mez de Julho, iamos entrar no mez de Agosto; ainda não haviamos chegado a Marabitanas, e já contavamos em Setembro estar de volta a Manáos. Quanto estavamos illudido!

O dia primeiro de Agosto era um sabbado. Viajamos o dia inteiro apezar da chuva. Já a noite vinha chegando e não encontravamos abrigo. Então os nossos indios indicaram-nos um paraná-miri, dizendo-nos que lá haveria certamente algum morador. Dirigimo-nos para o ponto indicado e felizmente encontramos uma barraca bem decente. Desembarcamos e pedimos agazalho. O dono recebeu-nos com muito agrado e contou-nos depois que era filho de um antigo soldado paraense de Cametá, degradado com outros companheiros para o Alto Rio Negro, onde havia constituido familia e deixado muitos filhos. Chamava-se Bento José dos Santos o nosso hospedeiro e devia ter já os sessenta annos.

No dia seguinte, domingo, celebramos o santo sacrificio da missa e depois continuamos a nossa viagem que, a falar com franqueza, já se ia tornando monotona e fatigante. E entretanto... era apenas o principio.

A's 4 1/2, após uma trovoada bastante forte, chegamos a S. José de Marabitanas. Demoramo-nos apenas o tempo sufficiente para prevenir o povo de que na terça-feira proxima ahi estariamos de volta de Cucuhy.

Viajamos o resto da tarde e só encontramos pousada ás 7 1/2 da noite. Estavamos realmente cançados e sentiamos fome. A barraca em que nos agazalhamos achava-se abandonada. Ahi depois de uma ceia improvisada passamos a noite que felizmente foi bellissima. No dia seguinte partimos logo ás 5 h. da madrugada. Queriamos chegar a Cucuhy ainda de dia. Viajamos pois sem descançar. A's 4 h. avistamos a serra de Cucuhy; ás 4 1/2

desembarcamos no porto da fortaleza. Estavamos finalmente no extremo do Brazil. A' curta distancia, á frente avistava-se a ilha por onde passa a linha divisoria com a Venezuela e, mais adiante, já as terras de Venezuela. O Magestoso Rio Negro não é mais a vastidão liquida que conhecemos, vae se estreitando cada vez mais até chegar a S. Carlos de Venezuela, onde perde o nome e continua chamando-se Guaynia até tornar-se um simples igarapé e depois um simples corrego perdido no cume das serras da Republica vizinha.

Recebeu-nos em Cucuhy o snr. Commandante Aprigio, official distincto do nosso exercito, que lá nesse posto de sacrificio e dedicação tem prestado relevantissimos serviços á nossa patria e honrado o nome brazileiro em circumstancias dificeis, sabendo repellir com hombridade a pretenções descabidas de algumas autoridades venezuelanas, ou ignorantes dos seus deveres, ou audaciosas demais para quererem impôr o seu dominio sobre cidadãos brazileiros em territorio reconhecidamente brazileiro.

Grande satisfação tivemos quando desembarcamos em Cucuhy. Ao encontrar-nos de repente no meio dos nossos soldados, uns do Ceará, outros de Pernambuco ou da Bahia, ao ouvil-os falar a lingua portugueza, sentimos que verdadeiramente estavamos em territorio patrio, pizando terras brazileiras. Respiramos com satisfação e deixamos transbordar a nossa alegria depois que visitamos, uma por uma, todas as barraquinhas dos nossos soldados. A alegria foi mutua. O Commandante Aprigio deu ordem para que se improvizasse uma capellinha Immediatamente todos pozeram mãos á obra e, em menos de duas horas, estava levantada e coberta a capella, na qual podemos, nessa mesma noite, recitar o terço de Nossa Senhora, cantar a ladainha e, no dia seguinte, cantar uma missa em acção de graças pelo bom successo de nossa viagem até esse ponto extremo.

Inutil é dizer que, não somente os nossos soldados, mas a maior parte dos moradores vizinhos, ao saber da nossa chegada por aviso do Commandante Aprigio, cor-

reram pressurosos ao nosso encontro e assistiram com toda attenção e respeito aos actos solemnes da nossa Santa Religião.

E' nesses logares longinquos, nessas circumstancias singulares, que o coração sente mais agradavelmente a influencia benefica da Religião! Nos grandes centros, onde o borborinho das multidões muitas vezes distrae o espirito e alimenta as illuzões da vida, o coração por sua vez se esquece d'aquillo que é, das suas tendencias para o infinito, para o summo bem, e entrega-se a cousas mesquinhas e insignificantes, que o saciam por um momento deixando-o depois em tormentos atrozes... mas, nos logares ermos e solitarios, onde a natureza pura se ostenta, trazendo em cada atomo impresso o sello do Creador, não ha possibilidade de enganar-se, e o espirito e o coração sentem-se vergados sob o peso do infinito e, por isso o homem das selvas é essencialmente religioso... Será isso prova de ignorancia e atrazo?

Pedimos desculpas para duvidar da sinceridade d'aquelle que se atravesse a afirmal-o, pois, Deus, para nós, o Autor da natureza é verdadeiramente a primeira e a ultima palavra da sciencia. Reconhecer a sua existencia não é senão constatar um facto; adoral-o é apenas uma consequencia logica. E a não ser o homem completamente corrompido, ha de necessariamente reconhecer a existencia do Ser por excellencia, do Ente absolutamente necessario, sem o qual nada poderia existir, primeiro Motor Immovel sem o qual não existiria movimento de especie alguma, Exemplar Supremo de tudo quanto existe de bom e de bello. Reconheceram-n'o e adoraram-n'o os genios mais sublimes da humanidade como o reconhecem e adoram os mais ignorantes dos habitantes das nossas florestas. Expliquem o facto os adversarios, mas não atirem a pécha de ignorancia áquelles que, curvando-se diante da autoridade dos seculos, da voz da consciencia e da recta razão, repellem as pretenções de uma falsa sciencia e pseudo sabios, que a si mesmos proclamam mestres e doutores.

Estas e outras reflexões vieram-nos expontaneamente ao contemplar aquella natureza selvagem da fronteira do Brazil e aquella população laboriosa, toda impregnada de sentimentos christãos.

Por alli não existe o atheismo, producto hybrido da ignorancia erigida em sciencia !

*
* *

No dia 4, ao meio dia, após um suculento almoço que nos offereceu o Commandante Aprigio, despedimo-nos saudosos dos nossos bravos soldados e de todas as pessoas que estavam presentes, e embarcamo-nos de regresso a Marabitanas.

Muito diversa é a viagem de baixada da viagem de subida. Quando se vae de subida tudo é dificil e a cada instante encontram-se empecilhos; de descida tudo é facil e tudo ajuda. De modo que o quanto se soffre rompendo a correnteza para subir, tanto se goza correndo com ella ao descer. Imagem perfeita da vida humana...

A's 4 1/2 da tarde chegamos a S. José de Marabitanas. Os sinos repicaram festivamente e o povo correu todo ao nosso desembarque. Apenas tivemos tempo para agazalhar-nos, pois immediatamente desencadeou-se tão horrendo temporal, acompanhado de chuva e faiscas electricas, como bem poucos temos visto. Felizmente já estavamos em terra e dentro de casa.

Marabitanas, que deve o seu nome aos antigos indios marabitanas, está numa posição bastante boa, á margem direita do rio. Tem Egreja, coberta de zinco, uma das melhores do Rio Negro, tendo como padroeiro o glorioso S. José. Encontram-se ainda os vestigios da antiga fortaleza de S. José, da qual encontramos os seguintes dados no diccionario topographico: «foi fundada pelo Governador do Estado, Manuel Bernardo de Mello e Castro, em 1763, para defeza da Fronteira do lado de Nova Granada e Venezuela. E' um quadrado, cujo lado para o rio tem dous baluartes. Monta 19 peças de calibre 1 a 4, e das

quaes só quatro podem trabalhar. Parte d'esta Fortaleza immerge pela enchente. Em 1843, fizeram-se-lhe alguns reparos». Hoje, conforme já o dissemos, só existem ruinas insignificantes.

Antigamente a população de Marabitanas era de 300 almas repartidas em 33 fogos dispersos, hoje não sabemos si existe esse numero. O povoado é bastante grande e conta maior numero de casas, todas de palha, do que S. Gabriel; porém a população vive dispersa e só reune em tempos de festa.

Neste ponto é que se reune grande numero de venezuelanos tanto de subida como de descida, de modo que a lingua castelhana, podemos dizel-o, é a dominante: fóra do Nheengatú, fala-se o hespanhol.

Os Venezuelanos acossados e perseguidos na sua terra pelas numerosas revoluções que, ininterruptamente se sucedem umas ás outras, emigram para o territorio brazileiro onde encontram socego, segurança e campo vasto para o trabalho. E' um bem para o Brazil.

Demoramo-nos tres dias em Marabitanas e foram tres dias completamente cheios de trabalho. Desde a manhã até a noite estavamos sempre occupados. Nossa palavra era escutada com a maxima attenção e tivemos a consolação de administrar os sacramentos a um povo bem disposto e preparado.

Attendendo á boa vontade de todos nomeamos uma commissão encarregada de tomar conta da Egreja e promover a celebração das festas religiosas, de accordo com as leis canonicas.

E' para admirar como a fé conserva-se profundamente arraigada no coração d'este povo que vive tão longe, quasi abandonado, sem cultura religiosa de especie alguma. E' a realização pratica do axioma theologico: «*Facienti quod in se est Deus non denegat gratiam.*» Este pobre povo faz o que pode, celebra suas festas de accordo com a sciencia que possue, Deus não o abandona e conserva-lhe o precioso thesouro da fé.

No dia 8 celebramos a missa muito cedo e ás 8 h.

embarcamo-nos para S. Marcellino. Confessamos que sentimos verdadeiro pezar e tristeza ao deixar Marabitanas. Quem sabe si tornaremos a ver esses logares? A vida humana é tão incerta... entretanto ao despedir-nos, deixamos escapar a promessa de voltar d'aqui a cinco annos.

A's 5 1/2 chegamos á foz do Xié e momentos depois a S. Marcellino (1), que está situado logo na entrada á margem direita.

A pequena população estava toda reunida a nossa espera, agglomerada á porta das casas. S. Marcellino tem a sua capellinha coberta de palha e dedicada a S. Marcellino. Tem apenas umas cinco casas, que são habitadas unicamente no tempo das festas.

Aqui tambem encontramos a mesmissima docilidade que achamos nos outros logares, juntamente com o mesmissimo vicio da embriaguez. Felizmente nada temos a lamentar. Nossa voz foi ouvida e tivemos o prazer de administrar os sacramentos a maior parte do povo.

Não podemos aqui deixar de agradecer ao Snr. Galetti, de nacionalidade franceza, gerente do Snr. Pecil, o amavel convite que mandou fazer-nos para que nos fosse hospedar em sua casa, sita em frente de S. Marcellino á margem esquerda do R. Negro. Não podendo acceitar um tal convite, quizemos entretanto dar ao Snr. Galetti uma prova da nossa estima e consideração; por isso, no dia 10, após as despedidas ao povo de S. Marcellino, embarcamo-nos em direcção a casa do Snr. Galetti. Ahi fizemos alguns baptizados e tomamos uma suculenta refeição. A's 10 1/2 partimos com destino á Guia. A's 5 3/4 chegamos. A população estava toda reunida e recebeu-nos com demonstrações de alegria. Subimos immediata-

---

(1) Pov. na margem meridional do Rio Negro, immediatamente ácima da foz do R. Ixié, 228 leguas ácima da confluencia do Rio Negro, e 306 da foz do Nhamundá. Seus habitantes provem de Banibas, que plantam apenas para seu sustento; tecem redes de maqueira e pannos de algodão, e extrahem algumas drogas.

mente a visitar a capella que fica em um logar bem alto dominando toda a extensão do rio quer para cima quer para baixo. A padroeira é Nossa Senhora da Guia.

Este povoado, como todos os demais do Alto Rio Negro, foi missionado pelos padres Carmelitas. Está em decadencia como todos os demais. Existem apenas umas tres ou quatro casas, habitadas somente em tempo de festa.

A população, que nos haviam pintado como rebelde, mostrou-se para comnosco de uma docilidade extraordinaria. Atacamos com força, e na propria lingua geral, o vicio dominante da embriaguez; empregamos expressões fortissimas, e, entretanto, nenhuma murmuração ouvimos, sempre as provas mais sensiveis de carinho e sympathia.

O dia passado neste logar foi completamente cheio e deixou-nos a alma repleta de consolação, pois viamos todos os nossos trabalhos coroados de fructos abundantissimos de salvação. Administramos todos os sacramentos e podemos dizer que nesse logar não ficou uma só pessoa em peccado mortal.

No dia 12 celebramos o santo sacrificio da missa logo pela madrugada e administramos o sacramento do chrisma a algumas pessoas que se apresentaram. A's 8 1/2 fizemos nossas despedidas ao bom. povo e partimos para S. Filippe, onde chegamos ás 10 1/2 da manhã.

Estavamos de novo em casa do Snr. Germano Garrido. A alegria com que fomos recebido bem denotava o quanto eramos anciosamente esperado. De facto o Snr. Germano Garrido, para corôar toda a gentileza e fidalguia com que nos havia recebido na nossa passagem de subida, mandara reunir todos os indios do Içana que estão ao seu serviço. Assim é que a população d'esse rio, onde não nos era possivel entrar, não ficou privada da graça que Deus lhe mandava por nosso intermedio.

Tivemos o ensejo de admirar essa bella raça de indios que habitam o Içana. Forçoso é confessal-o: são mais fortes, robustos, intelligentes e civilizados, que os do Uaupés. Apresentaram-se a nós sem receio nenhum; as-

sistiram com todo o respeito aos actos religiosos e muitos d'elles receberam os sacramentos.

Por mais esta fineza, sentimo-nos na obrigação de manifestar aqui os nossos sinceros agradecimentos ao Snr. Garrido.

Mas que palavras haveriamos de empregar, quando mais uma vez, forçados diante de tanta fidalguia, fomos obrigados a demorar-nos mais dois dias em S. Filippe? Somente no dia 14 foi nos dada permissão para partir e partimos de facto ás 3 h. da tarde em ponto, pretextando a necessidade urgente que tinhamos de ir dormir em S. Joaquim, afim de celebrar o santo sacrificio da missa no dia seguinte, festa da Assumpção de Nossa Senhora, antes de encetar a subida do Uaupés.

Chegamos a S. Joaquim ás 7 1/2 h. da noite, depois de um forte temporal e uma chuva torrencial.

Que differença d'esta nossa segunda chegada a S Joaquim para a primeira! Apenas um latir longinquo de cachorro annunciava que havia alguem no povoado. Desembarcamos e nos agazalhamos na casa, onde haviamos estado dias antes, e que agora estava completamente deserta. Poucos minutos depois chegou outra canôa que nos havia acompanhado desde S Filippe. Assim é que no dia seguinte, 15 de Agosto, festa da Assumpção da Santissima Virgem Maria, houve algumas pessoas que assistiram á missa que cantamos, afim de solemnizar tão grande dia.

Desejariamos guardar o dia santo, de tão gratas recordações, porem a necessidade urgia e fomos obrigados a viajar.

A's 9 1/2, despedimo-nos pela segunda vez de S. Joaquim e das poucas pessoas que ahi estavam e começamos a subida do Uaupés ou Caiari.

*
* *

O rio de que ora tratamos é um dos menos conhecidos e, entretanto, é um dos mais interessantes.

Chama-se Uaupés, segundo narram alguns naturaes, por causa de um antigo tuixana de nome Bepe, que veio das cabeceiras do rio Içana trazendo a tribu dos tarianos, e estabeleceu-se, depois de renhidos combates, á margem do rio a que deu o nome.

Foi explorado pelos antigos missionarios Carmelitas dos quaes nada consta. O Coronel Manuel da Gama Lobo d'Almada, em 1784, subiu-o até o Tiquié, reconhecendo a communicação que tem com o Japurá.

Jesuino Cordeiro, homem sem instrucção nenhuma, foi certamente o principal explorador do Uaupés. Subiu-o em todas as direcções e chegou até as nascentes.

Depois d'elle seguiram-se Nicolau Palheta, Wallace, o Conde Stradelli e Henri Coudreau. Recentemente visitou o Uaupés o sabio doutor Theodoro Koch que, durante os annos de 1903 e 1905, esteve morando em S. Filippe, fazendo repetidas excursões ao Caiari e Içana. Pelo doutor Koch ficamos sabendo tambem que o celebre naturalista austriaco Johann Netterer chegou até Ipanuré.

Extinctas as missões dos Carmelitas, não temos noticia de outros sacerdotes que hajam exercido o ministerio no rio Uaupés senão a partir de 1832, em que achamos o nome do missionario brazileiro, Frei José dos Santos Innocentes, mencionado no livro da correspondencia das vigararias com os presidentes do Pará e Amazonas.

Por um livro de 1851 a 1854 consta a nova creação das missões, sendo o missionario escolhido Frei Gregorio Maria de Bene, da ordem dos capuchinhos. Este zeloso missionario conseguio restabelecer todos os antigos nucleos de catechese e deixou-os em estado muito florescente.

Por uma carta do Ministro Plenipotenciario do Brazil em Venezuela, datada de 1858, sabemos que era o encarregado das missões nesse anno o R. Padre Romualdo Gonçalves de Azevedo.

Algumas pessoas antigas affirmam tambem que exerceu o ministerio no rio Uaupés o Rvm. Padre Salgado. O certo é que novamente foram abandonadas as missões até o anno de 1880, em que d'ellas foram encarregados

os franciscanos, tendo á sua frente o venerando frei Jesualdo Marecheti, de saudosa memoria, conhecidissimo de toda a população de Manáos.

Foram cooperadores de Frei Gesualdo os Rvms. Missionarios Frei Samuel Mancini, Frei Venancio Zilochi, Frei Matheus Camioni, Frei Illuminato e Frei Estanislau.

São dignas de nota as palavras de Henri Coudreau sobre estes missionarios: « São excellentes auxiliares do Brazil. Francezes e italianos servem-n'o com dedicação. «Trabalhamos para o Brazil que nos paga, dizia-me o Frei Matheus. Si houvessemos fundado uma missão entre os Umanas, seria uma conquista para o Brazil.»

O mesmo autor dá uma lista das aldeias estabelecidas pelos padres e o recenseamento por elles feito:

« Trovão, margem direita, 40 habitantes;

« Iu-rapecuma (1) (S. Pedro), margem esquerda, 79;

« Micura-rapecuma (2) (N. S. da Conceição), 70, margem direita;

« Nana-rapecuma (3) (S. Bernardino de Sena), 129, margem esquerda;

« Taraquá (S. Francisco), 245, margem direita;

« Ipanuré (4) (S. Jeronymo—Jesus-Maria-José), 330, margem esquerda;

« Iuitó-rapecuma (5), 78, margem direita;

« Iukira-rapecuma (6) (S. Miguel), 164, margem direita;

« Ianaraté (7) (S. Antonio), 402, margem direita;

« Umari, 80, margem direita;

---

(1) Ponta do espinho.

(2) Ponta da mucura

(3) Ponta do Ananaz.

(4) Por mais que indagassemos não nos foi possivel descobrir a significação desta palavra.

(5) Ponta do vento.

(6) Ponta do sal.

(7) Onça.

« Caruru (S. Leonardo), 186, margem esquerda;
« Iutica (1) (SS. Trindade), 84.
« Total dos habitantes das aldeias das missões do rio Uaupés: mais ou menos 2000. »

Estamos bem longe da fabula dos 40.000 indios do rio Uaupés. Entretanto pensamos que esse numero de dois mil, no tempo dos missionarios, representa um minimo demasiadamente inferior á realidade, pois, hoje que, segundo o dizer de todos, a população do Uaupés tem diminuido muitissimo devido á causas, de que fallaremos mais tarde, calculamos justamente em dois mil habitantes a população do rio. E a base que temos, e que não pode estar longe da verdade, é o serviço de baptizados e casamentos que fizemos durante a nossa viagem. De facto, como se verá, nossa viagem foi a mais rapida possivel; a população não somente não estava prevenida da nossa ida, mas estava dispersa, arisca e afugentada por causa de certos boatos aterradores que então corriam e por outros motivos de que fallaremos. E' evidente, portanto, que muitos deixaram de se apresentar a nós, por falta material de tempo, como em Iauaraté, e outros, por medo.

Os leitores que quizerem ter mais amplas informações scbre o Uaupés poderão recorrer ao trabalho publicado pelo major Bento Aranha, em os numeros 2, 3, 5 e 7 do «Archivo do Amazonas». Geralmente estamos de accôrdo com o illustre homem de lettras. Apenas num ponto pedimos permissão para discordar. Si é verdadeira a descripção d'aquella horrivel bacchanal proveniente do excesso do cachiry; si é verdadeira, dizemos, é de justiça affirmar que houve progresso e grande nos indios do Uaupés. Não! No Uaupés não ha indios anthropophagos! Apenas uma tribu perdida nas cabeceiras conserva o costume de beber os ossos dos antepassados diluidos no cachiri, isto mesmo só os mais velhos da familia, afim

Demeni

(1) Batata doce.

de encorporar-se as virtudes dos mortos. Não existe mais aquella licença desenfreada, aquella promiscuidade de homens e mulheres, durante as festas, terminando-se o todo pela fuga geral ou debandada para o matto. Para honra dos nossos pobres indios, devemos dizel-o bem alto: estivemos no meio d'esses livres filhos das florestas, vimol-os no estado de completa nudez, procuramos estudal-os e até espial-os de perto, e não vimos nelles nem a menor sombra de malicia! Nas suas festas, nos famosos dabucuris e cachiris, dansa-se e bebe-se, porém não existem aquellas desordens apontadas pelo nosso illustre amigo Snr. Bento Aranha. Muito ao contrario; affirmaram-nos pessoas de toda fé, que vivem entre os indios, que os conhecem muito de perto e têm morado com elles, entre os quaes o nosso dignissimo guia Martinho Rodrigues,—affirmaram-nos que nas festas existe separação completa entre os homens e as mulheres: uns estão de um lado, ao passo que as outras estão todas juntas de outro lado. Accresce mais que quando porventura qualquer mulher, por qualquer motivo que seja, é obrigada a levantar-se no meio da festa, então sae do seu logar, corre a roda e despede-se de todos, como si de facto para ella estivesse tudo terminado, embora volte depois.

Bebe-se tambem e muito, porém é o dono da casa mesmo que offerece aos convidados; ninguem vae por si mesmo tirar o cachiri no coche, embora esteja transbordando.

O peior, realmente, e o remate da festa é o caapi. Isto porém é uma cousa ainda que tem uma certa explicação e não produz o effeito que se julga. De facto o caapi é, para os indios, uma especie de bebida divina, cujo effeito não é embriagar, pois affirmaram-nos varias pessoas que já o têm tomado, que essa bebida absolutamente não faz perder a razão e, em muitas pessoas, não causa effeito nenhum. E' certo que é uma bebida violenta, pois não a tomam senão em muito pequena quantidade, em cuias minusculas preparadas adrede, e que produz uma especie de adormecimento e torpor momen-

taneo dos sentidos. Durante esse estado a pessoa fica como extranha a tudo quanto se passa; vê tudo ao redor como si fossem cousas indifferentes; cousas pequeninas parecem-lhe extraordinariamente grandes; as figuras mais extranhas, as scenas mais curiosas, uma especie de cinematographo puramente subjectivo, apresentam-se-lhe diante dos olhos. Isto tudo, porem, é rapido de modo que aquillo que cada um sente passa quasi completamente desapercebido aos demais.

Quanto ao uso do *adabi*, especie de chicote com que se batem, em certas circumstancias, não é sómente no Uaupés que existe, mas até mesmo em S. Gabriel e até mesmo nas vizinhanças de Barcellos. Infelizmente, aqui havemos de desagradar a muitos: esse uso barbaro e que facilmente poderia desapparecer, é alimentado pelo prazer que sentem certos *brancos civilizados*, negociantes ou empregados publicos, em tomar parte nessa festa, tendo assim a occasião de divertir-se um pouco em chicotear e ser chicoteado por mulheres...

A questão do Jurupary é um pouco mais complicada. Em dado momento da festa, á meia claridade das luzes, apresenta-se um individuo ridiculamente vestido, um palhaço ou demonio, com uma varinha na mão. Aparece fazendo tregeitos e batendo com a varinha em todos os assistentes; depois desaparece de repente. E' o Jurupary. Os instrumentos, a que dão esse nome, representam a voz, a palavra de Jurupary. As mulheres não os podem ver sob pena de morte. E' que os indios querem fazer crer ás suas mulheres que aquelles roncos do instrumento são produzidos pelo proprio Jurupary que lhes havia apparecido anteriormente.

E' evidente que debaixo de um uso tão ridiculo, e um tanto pernicioso, esconde-se algo de serio, uma lenda. Não nos foi possivel descobrir a lenda e, por isso, não podemos dizer ao certo o que seja o Jurupary.

Entretanto pensamos que, sob o nome de Jurupary, esteja escondida a lembrança de algum heroe antigo que haja existido entre os nossos selvagens; uma especie de

legislador philosopho, como Budha, Confucio etc., que lhes haja ensinado uma especie de philosophia muito rudimentar, e algumas noções de vida pratica. O que nos leva a esse pensamento são as seguintes leis attribuidas a Jurupary, pelas quaes governam-se praticamente os nossos indios, tanto do Uaupés, como do Içana e do Rio Negro :

1.ª)—A mulher deverá conservar-se virgem até a puberdade ;
2.ª)—Nunca deverá prostituir-se e ha de ser sempre fiel ao seu marido ;
3.ª)—Após o parto da mulher, deverá o marido abster-se de todo trabalho e de toda a comida, pelo espaço de uma lua, afim de que a força d'essa lua passe toda para a criança ;
4.ª)—O chefe fraco será substituido pelo mais valente da tribu ;
5.ª)—O tuixaua poderá ter tantas mulheres quantas poder sustentar ;
6.ª)—A mulher esteril do tuixaua será abandonada e desprezada ;
7.ª)—O homem deverá sustentar-se com o trabalho de suas mãos ;
8.ª)—Nunca a mulher poderá ver Jurupary afim de castigal-a de algum dos tres defeitos nella dominantes : incontinencia, curiosidade e facilidade em revelar segredos.

Estas leis dão-nos a explicação de umas tantas cousas que nos parecem extranhas e contem uma certa moralidade. Parece tambem evidente que houve erro em identificar Jurupary com o demonio. Sic

Pensamos que o culto de Jurupary não seja strictamente religioso, embora se encerre nelle um certo mysterio, proveniente justamente do mytho ou lenda que encobre a realidade. Os indios não adoram a Jurupary ; con-

sideram-n'o como alguma cousa de grande e mysterioso, porque como tal o receberam dos seus antepassados, porem não offerecem-lhe sacrificios, nem dirigem-lhe preces. O verdadeiro perigo do Jurupary, quanto a nós, não está por conseguinte naquillo que diz respeito á parte religiosa, mas unicamente nas consequencias praticas. Porquanto a mulher que tem a desgraça de ver o instrumento (1) está irremediavelmente condemnada a morte. Ora isto é immoralissimo e pensamos que seja motivo sufficientissimo para intervenção da autoridade. Si esse costume barbaro só existisse no Uaupés, e nas cabeceiras dos rios, comprehende-se o retrahimento da autoridade, mas existindo, como existe ainda, em centros grandes e civilizados como nas vizinhanças de S. Gabriel e, até mesmo, perto de Barcellos, como admittir a tolerancia ou indifferença da autoridade? Ao menos nestes logares de maior importancia, onde existem não somente os indios, mas tambem população oriunda de outros estados, prohiba-se o Jurupary, uma vez que, por vel-o, pode resultar a morte de algumas creaturas. Porquanto, é sa-

---

(1) Ha diversas especies de Juruparys que variam segundo as diversas tribus. O primeiro, commum a todas, é uma vestimenta feita de pello de diversos animaes, de varias côres, representando um verdadeiro demonio—A tribu Piratapuia tem os seguintes: Acoti, Suruquan e Acotipurú—Os tucanos têm o Tarihyra, que imita o ronco do trovão; o Maçarico, o Uirapurú, o Arara e o Dopero—Entre os Baninas encontram-se os seguintes: *Uari*, no qual tocam peças differentes e até falam, feito de tres pedaços, o primeiro de tres palmos, o segundo de tres palmos e meio e o terceiro de quatro palmos; *Dapa*, *Mamanga*, *Suaçú*, *Jacamim*, *Uacari*, *Cuido*, *Tucano* e *Mana*. E' celebre e digno de attenção este ultimo. E' pequenino e tem a voz fina. Conversa e adivinha quando a donzella se ha de casar, si o marido ha de ser moço ou velho, si ha de ser feliz ou infeliz, e si é homem ou mulher a criança que vae nascer. Embora não se realizem as predições nem por isso deixam de acreditar piamente em tudo quanto diz este Jurupary—Existem tambem o *Surubim* e o *Manarê*. —Os Macús, embora sejam os mais atrazados na escala da civilização, têm tambem o seu Jurupary denominado *Inambú*—Estes instrumentos são guardados preciosamente, ou no centro das florestas ou no fundo dos rios, em logares completamente ignorados das mulheres.

bido que os indios absolutamente não dispensam a mulher que vê o tal instrumento: cedo ou tarde, violentamente ou por veneno, matam-n'a.

Contra um tal costume procuraram reagir os missionarios franciscanos, porém não foram felizes. Actualmente as circumstancias estam mudadas e cremos que facilmente se poderá eliminar esta parte perniciosa da crença no Jurupary.

***

Passamos o dia 15 em viagem, divertindo-nos em traduzir para a lingua geral a bella lenda de S. Christovam. Não nos atrahiam muito as margens do Uaupés, que pareciam-nos monotonas. Apenas a passagem de uma canôa ao largo veio chamar a nossa attenção. Era um indio e uma india que já iam descendo para o seringal e levavam uma boa provisão de besouros torrados com que se alimentam. Quizemos provar essa iguaria e devemos confessar que não nos pareceu ruim.—A's 7 h. da noite estavamos ainda navegando pela margem esquerda do rio, procurando um abrigo para passar a noite e não encontravamos. De repente avistamos ao longe na margem direita uma luz muito fraca. Para lá nos dirigimos. Era o antigo povoado do Trovão; a luz era de uma igarité que estava fundeada no porto. Desembarcamos e nos dirigimos para a casa. O dono, um indio velho, recebeu-nos bem e deu-nos agazalho. Pela primeira vez podemos ver aquillo que já nos haviam dito: os indios não dormem sem fogo debaixo da rede. O nosso indio passou a noite inteira fazendo fogo; e nós, que não estavamos ainda acostumados a dormir com fogueira dentro de casa, passamos uma noite em claro.

O dia seguinte, 16, era um domingo. Celebramos o santo sacrificio da missa em cima de um gyrau, transformado em altar, e administramos os sacramentos a um certo numero de pessoas que reuniram-se não sabemos como.

Do antigo povoado restam apenas duas casas.

A's 9 h. nos embarcamos para continuar a viagem, que devia ser longa, pois só iriamos dormir em *Iu-rapecuma*. De facto viajamos o dia inteiro, só parando o tempo necessario para almoçar na barraca do Snr. Salvador Garrido, já conhecido nosso e amigo desde S. Filippe, com o qual nos encontramos novamente. A's 2 h. continuamos a viajar. Sol ardente e abrazador que nos batia de frente, pois o Uaupés corre do Occidente para o Oriente, parallelamente ao Rio Negro. Só refrescou a temperatura ao anoitecer. A's 10 h. da noite chegamos finalmente ao antigo povoado e missão de S. Pedro de *Iurapecuma*. A' essa hora mesma da noite o tuixaua mandou-nos offerecer a bebida da terra e, devemos dizel-o, tomamos com bastante prazer e satisfação o cachiri.

A noite passou-se sem incidentes, a não ser a chuva copiosa que cahio, obrigando alguns companheiros a andar com a rede ás costas.

Pela manhã lançamos uma vista d'olhos na capellinha, unica existente em todo o rio Uaupés. Fallamos com o tuixaua que prometteu-nos preparal-a bem para o tempo da nossa descida.

Pela primeira vez tambem tivemos occasião de provar o prato essencialmente indigena,—a *kiinhanpira* (1). Pareceu-nos inteiramente barbara e intragavel ; excusado porém é dizer que mais tarde nos acostumamos com ella, achando-a saborosissima.

A's 6 h. despedimo-nos dos poucos indios que nos appareceram e partimos com destino a Jacaré Kapoamo (2). Como no dia anterior soffremos muito do calor. A's 5 h. chegamos á primeira maloca que se encontra no rio Uaupés. Quizemos visital-a e por isso desembarcamos.

---

(1) Kiinha—pimenta—Pirá—peixe—cozimento de pimenta com agua, sendo o peixe apenas o tempero. E' a comida ordinaria. Offerecem-n'a a todos os viajantes que chegam e comem-n'a molhando o beijú no liquido.

(2) Ilha do Jacaré.

Como esta são geralmente todas as malocas: um grande cazarão fechado de todos os lados, tendo duas portas somente, uma na frente, outra nos fundos.

Nesse cazarão mora o tuixaua com toda a familia e mais pessoas da tribu que o quizerem. Cada familia tem o seu compartimento; cada compartimento tem tudo o que é necessario para uma casa, porque cada familia faz a sua cozinha á parte. Só é commum o fôrno para fazer a farinha e o coche para o cachiri. Dentro da maloca está toda a vida dos indios: ahi rala-se a mandioca e faz-se a farinha.

Iamos pensando encontrar os nossos indios deitados em suas rêdes, dormindo; enganamo-nos. O Indio não é o preguiçoso que muitos pintam.

Nesta maloca, como em todas de que fallaremos, encontramos todos os moradores trabalhando activamente: uns no tear fazendo redes, outros ralando mandioca e outros já fazendo a farinha. Como teremos occasião de dizer, os indios levantam-se todos os dias muito antes de romper a aurora; homens e mulheres, primeiro os homens, depois as mulheres, dirigem-se para o rio a tomar banho e depois vém comer a kiinhanpira e beber a manicuéra. Em seguida os homens armam-se de arco e flexa e sahem para o matto, ao passo que as mulheres, depois de cuidar das crianças e preparar tudo para o marido, sahem para a roça. Só começam a chegar depois do meio dia, os homens, da caça ou da pesca, as mulheres, da roça, trazendo o necessario para fazer o beijú para o dia seguinte. Depois de algum repouso comem. O resto do dia os homens consagram em tratar de seus ornamentos e armas, e as mulheres em tratar da farinha, do beijú e das crianças, que nunca largam. Antes de anoitecer sahem novamente as mulheres e voltam depois, trazendo cada uma a lenha necessaria para fazer o fogo durante a noite.

Assim, pois, o nosso indio é trabalhador e sobretudo a india. Rarissimas vezes vimos as mulheres paradas, sem fazer alguma cousa. O indio do Uaupés é essencial-

mente agricultor. Plantam a mandioca, a cana, o annanaz, a banana, a pupunheira, a bacaba e toda sorte de fructeiras. O terreno da maloca está sempre limpo e rodeado de bonitas filas de pupunheiras; e a frente da casa sempre cuidadosamente varrida. Com este genero de vida o nosso indio goza de uma certa felicidade e acha-se bem disposto para receber a civilização.

Oxalá o homem civilizado, o branco, soubesse cumprir a sua missão e aproveitar-se da sua superioridade! Porém, o que acontece? Vamos dizel-o immediatamente e, dizendo, não fazemos mais do que cumprir a palavra que demos á essa pobre gente perseguida e maltratada por negociantes exploradores, gananciosos, sem probidade. Alguns negociantes chegam á maloca de rifle em punho, não pedem, exigem; e, quando não se lhes dá por bem o que querem, tiram á força. Matam os animaes; roubam as provisões. São verdadeiros salteadores. E muitas vezes... agarram e forçam as indias donzellas. Embriagam os paes e deshonram as filhas. Viajam com um garrafão de cachaça debaixo da tolda da canôa; para alli attraem os incautos, homens e mulheres, e praticam acções que a penna recusa-se a descrever. Exigem serviço forçado aos pobres homens e dão-lhes como pagamento bugigangas, ou, na melhor hypothese, uma calça ou uma camisa. Agarram-n'os á força muitas vezes, amarram-n'os no fundo da canôa e surram-n'os tão barbaramente, como só nos tempos antigos da escravidão romana poderemos encontrar exemplo.

Que diremos das chamadas *diligencias?* Esses commerciantes sem probidade conseguem illudir a bôa fé de muitos indios. Dão-lhes algumas cousas insignificantes, a que chamam mercadorias, e abrem immediatamente contas ficticias de 500$000, um ou dois contos de réis. Os indios compromettem-se a deixar as suas terras queridas, as suas roças, as suas festas, as suas mulheres, filhas e filhos, e descem com os taes patrões, remando a canôa, de dia e de noite, fazendo toda sorte de serviços, e vêm estabelecer-se em igarapés pantanosos a cortar a borracha

para o patrão. Fazem o fabrico, apresentam a borracha e são despedidos .. sem a recompensa muitas vezes de uma calça. Voltam a trabalhar para pagar a conta que ainda não foi paga... isto, por dois, tres annos... e a conta em vez de diminuir, foi sempre augmentando. Cança-se o indio de trabalhar sem ver a recompensa, cança-se dos maus tratamentos e, um bello dia, foge para o matto. Exalta-se então o patrão! Grita contra o prejuizo soffrido e falla, com todas as forças, contra a malvadez dos indios e chora... o dinheiro perdido. Reune dois ou tres companheiros, que sempre os ha promptos para o serviço, e vae fazer uma *diligencia* afim de agarrar o fugitivo, que já sabe de antemão a sorte que o espera. Viaja de dia e de noite, soffrendo toda sorte de privações. Indaga por todos os cantos, grita, ameaça, chora, até que finalmente consegue saber que o indio tal ou a india tal encontra-se em tal parte.

Para lá dirige-se a diligencia tomando todas as precauções para surprehender o infeliz e, ás vezes, arrotando ameaças, como tivemos nós mesmos occasião de ouvil-as (1).

---

(1) E' evidente que não podemos calar-nos em dada occasião e perguntamos: «Com que direito os Snrs. tratam assim essa pobre gente? Quem lhes deu autorização para arrancal-os ao seio de suas familias e obrigal-os a trabalhar? Não sabem que no Brazil todo cidadão é livre? que cessou a escravidão?» Eis a resposta que nos foi dada: «Nós queremos o nosso dinheiro e não queremos saber de lei.»

Continuamos a insistir e estabelecemos então o seguinte dilemma: «E' verdade que os Snrs têm um grande capital empregado nas mãos d'esta gente, conforme affirmam. Porém os Snrs. sabem perfeitamente, e não podiam ignorar, que esta gente acha-se ainda em um estado similhante ao da infancia, incapaz, por conseguinte, de tratar negocios e fazer contractos. Logo os Snrs. aventurando com ella as grandes sommas que dizem haver aventurado, collocaram-se em uma das seguintes hypotheses: ou na hypothese de loucura, ou na hypothese da má fé. Da loucura, pois commetteram uma insensatez, ou da má fé, pois tencionavam sob pretexto de divida escravizar esta pobre gente.» Até agora ainda não tivemos resposta ao nosso argumento. E' que a má fé predomina de facto.

Chega a diligencia ao logar apontado. A's vezes não se encontra viva alma, pois que todos fugiram para o centro; ás vezes surprehende-se a familia, que então tem de responder pelo fugitivo. A's vezes, quando são numerosos os moradores, cerca-se a maloca e a tiros de rifle afugentam-se os pobres infelizes que dormiam e, ás apalpadelas, agarrando a torto e direito os que procuram esconder-se, consegue-se agarrar a victima procurada. Qual o tratamento que se lhe dá depois?.... Não o diremos.... E a maior vergonha é que muitas vezes a autoridade é connivente... e não só connivente, mas é a propria que protege, organiza e opera a tal diligencia...

E si as taes contas que fornecem pretexto a essas diligencias, ou antes caçadas de gente, fossem todas reaes, verdadeiras, e não tivessemos provas do contrario... Doe-nos dizel-o, porem encontram-se homens capazes das maiores infamias! Existe um, que todos apontam no Rio Negro e Uaupés... D'elle contaram-nos o seguinte facto: um indio maltratado fugio a procurar um outro patrão. Este cavalheiro, homem distincto, compadecido do pobre indio, declarou aceital-o depois que se entendesse com o antigo patrão, maxime affirmando a pobre creatura que nada absolutamente devia. O distincto cavalheiro de que falamos entendeu-se effectivamente com o seu collega e d'elle recebeu uma conta bastante elevada de que o indio lhe era devedor, conforme affirmava. A' vista d'isto o honrado commerciante chama a sua presença o indio e interroga-o si de facto nada devia. O indio responde como da primeira vez. O commerciante insiste: «Mas rapaz dize-o, com franqueza, alguma cousa tu tiraste, pelo menos a roupa que tu vestes.» O indio continua affirmando que nem mesmo a roupa havia tirado do seu patrão. «Então quem te deu a roupa que vestes?» Perguntou naturalmente o homem de bem que não podia acreditar o que ouvia. «A roupa, respondeu o indio, elle nos mandava arranjar nos portos onde encostavamos...» Aquelle homem ensinava os indios... a roubar... e comtudo ainda apresentava-lhes uma conta. E esse homem

ainda está nesses logares... e d'elle contam-se cousas proprias de um gatuno muito vulgar. Não citamos nomes porque não queremos ser accusadores, apenas denunciamos para que a autoridade cumpra o seu dever e faça cessar os abusos.

Abusos, sim, todos o comprehendem, abusos inqualificaveis e perniciosos, que afugentam os pobres indios, tornando-os rebeldes á civilização e excitando-os muitas vezes ao crime. Alguns accusam-n'os de ladrões, porém, perguntamos nós, quem os ensina a roubar? Accusam-n'os de perversos e assassinos e, perguntamos nós, qual o homem civilizado que soffre o que soffre o indio? Chega um branco á maloca e na presença do pae offende o pudor da filha ou da mulher, quereis porventura que esse homem seja completamente indifferente? Pensais talvez que elle é tão bruto que não comprehenda a injuria que se lhe faz? Engano! Elle sabe, sente e chora em silencio muitas vezes... Supporta uma, duas ou tres vezes, porque sabe que se fizer qualquer cousa, irão os soldados para prendel-o e será condemnado como assassino... elle sabe, sabe d'isso. Mas finalmente chega o momento do desespero, acaba-se a paciencia, desaparece o medo e... acontecem as scenas de sangue que conhecemos...

Aquillo que acabamos de descrever foi o que nos contaram os proprios indios, com as lagrimas nos olhos, pedindo-nos encarecidamente para que intercedessemos em favor d'elles e providenciassemos para que se acabassem taes abusos. Porém não foram somente os indios; os proprios brancos contaram-nos os mesmos horrores. Alguns accusam aos negociantes colombianos. Tivemos occasião de conversar com dois d'entre elles, e escusado é dizer que escusaram-se por completo, lançando a culpa sobre outros. Disseram-nos textualmente: «E' necessario começar moralizando os brancos, incutindo-lhes sobretudo o respeito á mulher que não é bastante respeitada por elles»...

Os factos são innegaveis. Nós nada podemos fazer. Contentamo-nos portanto em denuncial-os a quem de di-

reito e á execração publica. Sim! malditos sejam de Deus e dos homens aquelles que assim procedem! Sobre elles caia todo o rigôr da justiça!

Entretanto queremos aqui deixar bem patente que nossa accuzação não fere senão a poucos individuos. Existem no Rio Negro e Uaupés cavalheiros muito distinctos, incapazes de commetter uma baixeza. Esses conhecem os factos e reprovam-n'os com toda a energia. A' esses homens honrados, commerciantes dignos, cuja modestia não queremos offender, citando aqui os seus nomes, rendemos nossas sinceras homenagens, lamentando como elles que o mau procedimento de poucos recaia de um certo modo sobre todos.

*
* *

A's 6 h. da tarde chegamos á Bella Vista, á margem esquerda do rio, em frente de Jacaré Kapoamo. Recebeu-nos com toda a amabilidade o Snr. Manuel Albuquerque, director dos indios do Uaupés. Conversamos até alta noite e tivemos informação de que os indios de Iauraté estavam á nossa espera. Sensibilizou-nos bastante o que nos contaram d'essa pobre gente e, por isso, resolvemos continuar nossa viagem até esse ponto extremo sobretudo que, segundo as informações, era questão apenas de dous ou tres dias. Por outro lado o nosso digno hospedeiro Manduca Albuquerque gentilmente prometteu acompanhar-nos, o que de coração agradecemos.

No dia 18 celebramos o sacrificio e ás 11 1/2 almoçamos copiosamente. A' 1 h. partimos apezar da chuva que começou a cahir, degenerando depois em trovoada, e acompanhou-nos quasi até ao anoitecer. A's 5 h. entramos no *Assahy Paraná*, á margem esquerda, e acampamos em um sitio abandonado.

No dia 19 levantamo-nos ás 5 h. da madrugada e, após uma chavena de café quente, continuamos a viajar. As terras muito baixas estavam completamente alagadas e o paraná ia-se tornando cada vez mais estreito. Ao longe

ouvimos barulho de remos e pouco depois apareceu-nos a canôa de nosso amigo Manuel Albuquerque. Começou então uma lucta entre os nossos indios remadores e os da outra canôa. O paraná fechou completamente e tivemos então de entrar pelo atalho seguido pelos seringueiros, arrastando a embarcação atravez da floresta. A's 8 1/2 entramos no rio grande. Distrahimo-nos durante um par de horas, assistindo a lucta dos nossos indios com os de Manduca Albuquerque, até que finalmente fomos vencidos. A's 12 h. entramos por um igarapé a dentro á procura de logar em que se podesse preparar a comida. Recomeçou a lucta com o matto até que finalmente encontramos uma maloca bem escondida no centro. Só um habil conhecedor dos logares, como nosso companheiro Albuquerque, poderia descobrir essa habitação de indios. Não encontramos nenhum homem, apenas algumas mulheres apresentaram-se e presentearam-nos com alguns beijús. Almoçamos com apetite e ás 2 h. continuamos a nossa viagem... viagem verdadeiramente penivel e dolorosa pelo sol ardente que, durante toda a tarde, deu-nos de frente, como que zombando de nós em um céo limpído, sereno e sem nuvens. Nem siquer uma viração; a agua parecia ferver. Foi um dos dias mais dolorosos para nós.

Finalmente ás 5 1/2 entramos no Tatápunha Paraná e pouco depois chegamos á uma maloca onde só encontramos uma velha india com duas crianças. Ameaçava tremendo temporal que cahio poucos momentos depois que nos agazalhamos na maloca.

No dia 20 partimos logo ás 5 1/2 da manhã e tivemos nova lucta atravez da floresta até desembocar no rio largo. Não comprehendemos por que motivo não se limpam estes atalhos por onde todos os dias estam passando commerciantes em lucta pela vida. Não era necessario muito; bastava que cada um que passa tivesse de cortar uma ou duas arvores. Porém ninguem se preoccupa com isso. Todos os que passam vão anciosos por chegar seja onde fôr; vão-se agarrando nas arvores com

perigo de quebrar a cabeça, furar os olhos e até mesmo de perder a canôa... porém, pouco importa, o que se quer é chegar. Nós não pensamos assim e, apezar de nossa pressa, fomos cortando arvores, decepando cipós e abrindo caminho. A's 10 h. chegamos a Naná-rapecuma. Ahi encontramos um numero bastante de indios, homens e mulheres e crianças. Não fugiram de nós, porém conservaram-se a uma distancia razoavel, prestes sempre a correr desde que faziamos menção de caminhar para elles. Afinal conseguimos reunil-os mostrando-lhes umas medalhas de prata, que levavamos, e de que elles gostam muito.

A's 12 h. continuamos a viajar. A's 9 1/2 passamos a foz do Tiquié e acampamos em um barracão em frente. Havia na casa outros viajantes e outras canôas, de modo que reinava uma verdadeira confusão. Felizmente os primeiros que haviam chegado tiveram a gentileza de ceder-nos um logar, onde passamos a noite, gentileza que muito penhorou-nos e de todo o coração agradecemos.

No dia 21 começamos a viajar ás 6 h. e ás 9 h. chegamos a Tracuá, á margem direita do rio, pouco ácima do Tiquié. Ahi trocamos o pessoal da nossa canôa e, pela primeira vez, começamos a ver indios completamente nús. E aquillo que mais nos surprehendeu, foi que um d'elles era um habilissimo alfaiate, que estava justamente costurando em uma machina. Escusado é dizer que esses indios assim que nos avistaram fugiram immediatamente. Este facto, junto a outros, deu-nos bastante que pensar e chegamos á conclusão que, si os nossos indios do Uaupés andam nús, não é porque ignorem completamente o uso de roupas, mas é por força das circumstancias e porque muitissimas vezes faltam-lhes absolutamente as roupas. E' mais um abuso de certos negociantes. Aproveitam-se da ignorancia dos pobres indios e por um par de calças exigem muitas vezes um anno inteiro de trabalho. Tivemos em nossa companhia um indio nessas circumstancias, que só vestio-se depois que lhe deram uma calça e entretanto... tinha patrão.

A's 8 h. da noite chegamos a Ipanuré. Ouvia-se dis-

tinctamente o roncar medonho da cachoeira. Na casa em que nos agazalhamos encontrava-se uma grande multidão de indios quasi todos nús. Apresentaram-se tambem mulheres com os filhinhos ás costas. Tivemos uma scena completamente nova para nós. Essas mulheres falavam em altas vozes, em uma lingua desconhecida para nós, e gesticulavam animadamente. Dirigiam-se para nós, cruzavam os braços e lagrimas rolavam pelos seus olhos. Tinhamos dó e compaixão embora nada comprehendessemos. Procuramos então indagar e viemos então a saber que estas pobres mulheres estavam a lamentar-se de sua triste sorte e da desgraça que persegue os pobres indios, que vivem desprezados e perseguidos. Contavam-nos aquillo que já deixamos dito ácima. Procuramos, do melhor modo que nos foi possivel, acalmar aquelles espiritos exaltados e promettemos desde logo fazer o que estivesse ao nosso alcance para melhorar-lhes a sorte. A exaltação foi cessando pouco a pouco até que, já bem tarde da noite, podemos conciliar o somno até o dia seguinte.

Consideramos o dia 22 de Agosto como um dos mais memoraveis da nossa viagem e até mesmo da nossa vida. Com franqueza dil-o-emos, estavamos resolvido a fazer o sacrificio da nossa vida. Seria tentação? Alguma cousa dizia-nos que iamos morrer e, peior do que isso, iamos sacrificar sem razão sufficiente, por um simples capricho, muitas vidas preciosas. Fizemos appello então aos argumentos de ordem sobrenatural e pensamos que tinhamos de responder diante de Deus tambem por aquellas pobres almas abandonadas, que tanto mais precizavam do nosso soccorro quanto mais afastadas dos centros civilizados; pensamos que tambem ellas foram resgatadas pelo sangue de Nosso Senhor Jesus Christo e que por ellas tambem nos devemos sacrificar seguindo o exemplo do Divino Mestre. Diante d'estes pensamentos fizemos calar todas as demais idéas que, agora o vemos muito claramente, eram simplesmente tentação do inimigo de genero humano para impedir-nos de levar a graça da salvação aos nossos pobres indios de Iauraté.

Desprezamos resolutamente todas as considerações, que nos foram feitas, e declaramos ao nosso bom amigo Albuquerque que estavamos resolvido a continuar a viagem, custasse o que custasse. A' vista d'esta resolução partimos ás 7 h. para a maloca do tuixaua João Elias, á margem direita do rio, ponto inicial da terrivel cachoeira de Ipanuré. Ahi desembarcamos e fizemos as nossas arrumações. Manuel Albuquerque declarou-nos que não podia acompanhar-nos e pedio-nos muitas desculpas, dando-nos entretanto como guia o tuixaua João Elias. Arrumamos em uma só mala tudo que era necessario para celebrar o santo sacrificio da missa e administrar os sacramentos. Entregamos ao nosso amigo Albuquerque todo o resto da bagagem, ficando apenas com a roupa do corpo e as redes de dormir. Estavamos persuadidos que esta parte da viagem seria apenas de tres ou quatro dias.

A's 10 h. almoçamos e depois despedimo-nos do nosso amigo Albuquerque. No momento do embarque tivemos ainda um momento de provação, pois nem o nosso guia Martinho Rodrigues, nem Albuquerque, nem João Elias queriam que embarcassemos na canôa e pretendiam que fizessemos o trajecto por terra. Imaginae a nossa situação. Doze homens iam correr perigo de morte por nossa causa e nós assistiriamos de terra a catastrophe... Poderiamos consentir? Não, mil vezes não! Por isso declaramos peremptoriamente que correriamos o perigo qualquer que fosse... E partimos sem mais dar ouvidos á razões. Confessamos, entretanto, que partimos assustados. Que seria de nós? Em caso de desgraça, quantos não nos chamariam imprudentes e lançariam sobre nós as mais terriveis accuzações? A nada attendemos e partimos e começamos a subida da terrivel cachoeira. Bem merece o nome de terrivel a cachoeira de Ipanuré, pois ahi a correnteza é de uma violencia inacreditavel; o rio estreita-se de repente e torna-se um simples igarapé; os rochedos estam pullulando á flôr d'agua que por elles precipita-se violentamente formando vortices horrendos, catadupas e rebojos. E não existe canal. Ou a canôa passa

por cima do precipicio, quando a força da correnteza é menos violenta, ou ha de ser arrastada por cima de paus, atravez da floresta.

Começamos ao meio dia a luctar com o abysmo, mas antes corremos um outro perigo. Embarcára em nossa companhia, além de João Elias, o tuixaua Marcellino, rapaz forte e valente. Ambos haviam bebido cachaça e travaram-se de razões. João Elias dá uma bofetada no seu rival que, cego de colera, arranca da canna do leme e levanta-a para esmagar o adversario. Fomos felizes porque podemos aparar o golpe e evitar um assassinato. Obrigamos João Elias a recolher-se para baixo da tolda até á primeira parada onde desembarcou e deixou-nos o tuixaua Marcellino. Passado felizmente esse triste incidente, nada mais tivemos que lamentar nesse genero. Desde esse momento, porém, confessamol-o francamente, começamos a encarar mal o nosso piloto João Elias...

A cachoeira de Ipanuré está dividida ao meio por uma ilha; a queda mais feia fica á margem esquerda; nós entramos pelo paraná-miri. Ahi existem tres pancadas: a primeira chama-se Ipanuré, a segunda Pirá-miri e a terceira Uarapiçá. A mais feia de todas é a terceira pancada. Depois de passar as duas primeiras pancadas, João Elias achou que o numero de homens que tinhamos não era sufficiente para passar a terceira, por isso pedio-nos licença e voltou atraz afim de chamar mais gente. Pouco depois tinhamos mais seis homens para o serviço. A canôa passou; porém disse-nos o nosso piloto: «Escapamos de levar a breca.»

A's 3 1/2 passamos a cachoeira de Pinú-Pinú, que consta de duas pancadas: Pinú-Pinú e Carauatára; ás 4 1/2 passamos Urubuquára. Estavamos salvos. A's 5 1/2 chegamos ao povoado de Urubuquára (1).

---

(1) No ponto extremo da cachoeira de Urubuquára, encontra-se uma extensa lage de pedra, visivel na vazante do rio. Ahi veem-se tres grandes buracos, um dos quaes está entolhado. Narra a lenda que nesse ponto justamente nasceram os primeiros homens; dos bu-

Dirigimo-nos para a maloca, que é uma das maiores si não a maior de todo o rio Uaupés. Encontramos um certo numero de indios e o velho tuixaua que nos recebeu com muito agrado. Já então nos haviamos habituado a ver aquelles homens no estado de completa nudez e as mulheres só vestidas de sáia. A maloca tem certamente de cincoenta a sessenta metros de comprido por outro tanto de largo, formando um verdadeiro quadrado; por detraz é uma perfeita pôpa de navio; é ahi que mora o tuixaua. Dizem que a forma d'esta maloca é a mesma da antiga Egreja de Ipanuré. Para este logar foi que fugiram os indios depois que extinguio-se a missão de Ipanuré.

Mandamos preparar um altar encostado a um dos esteios da maloca e no dia seguinte, domingo, celebramos o santo sacrificio da missa. Administramos depois os sacramentos, baptismos e casamentos, a um certo numero de indios que se apresentaram. Foi o primeiro serviço que fizemos no Alto Uaupés.

Era domingo, 23. Tinhamos necessidade de viajar e

---

racos abertos sahiram os bons, e do entolhado sahiram os maus e é, por esse motivo, que acha-se entolhado.

No Uaupés existem as seguintes cachoeiras que, em regra geral são mais bellas e perigosas que as do Rio Negro: 1ª) Tamanduá, logo na foz; 2ª) Ipanuré; 3ª) Pinúpinú; 4ª) Urubuquára; 5ª) Iauaraté; 6ª) Umari; 7ª) Bacaba; 8ª) Panapaná; 9ª) Arara; 10ª) Piriquito; 11ª) Carurú, que é uma das mais bellas e perigosas, só inferior a do Jurupary; 12ª) Cemiterio (tira o nome do cemiterio dos indios Uaranas que está numa ilha); 13ª) Matapi; 14ª) Tapiira iurá; 15ª) Jacaré; 16ª) Taina, antiga residencia de Jesuino Cordeiro; ainda ahi encontram-se restos de plantações; 16ª) Pacú—As seguintes encontram-se todas em territorio Colombiano: 17ª) Macucú; 18ª) Naná; 19ª) Tucunaré; 20ª) Taiaçú; 21ª) Uaracápuri, de uma vista encantadora; 22ª) Tatú; 23ª) Mandihy; 24ª) Jurupary.

Só conhecemos até Iauaraté, das outras só temos noticia por informações. A mais perigosa de todas é Jurupary, em segundo logar está Carurú e depois Ipanuré, Arara, Tapiiraiurá, Matapi e Iauaraté; as cachoeiras mais perigosas do Rio Negro, S. Gabriel e S. Miguel estam collocadas em quarto logar.

faltava-nos o pessoal necessario. Houve uma certa hesitação nos nossos indios. Duvidavam de nós. Foi mister empregar toda a nossa diplomacia para resolver o velho tuixaua a dar-nos os homens necessarios. Finalments todas as dificuldades se resolveram e ás 9 1/2 pudemos continuar a viagem. A's 8 1/2 da noite chegamos ao Pituna Igarapé, onde encontramos uma maloca. Ahi nos abrigamos.

No dia seguinte, 24, almoçamos na maloca designada pelo nome de Casa Pintada, por ter na frente umas pinturas bastante toscas. E' pertencente á tribu de indios arapaços e acha-se actualmente abandonada.

A's 9 h. da noite chegamos a Mucuim-Rapecuma, onde ha uma maloca de arapaços. Ahi dormimos.

No dia 25 começamos a viajar muito cedo. A's 8 h. já o sol estava de rachar. A's 10 h., mais por fadiga do que por fome, paramos para almoçar. Esperavamos encontrar algum allivio em terra á sombra debaixo das arvores. Enganamo-nos. O terreno a que chegáramos era uma tapéra, occupada havia pouco tempo por uma maloca, incendiada por um d'aquelles commerciantes de que já fallamos ácima. O imbecil julgou fazer mal aos pobres indios e só fez mal aos pobres viajantes que, como nós, fatigados chegam procurando um abrigo e não encontram! Os indios mudaram-se para logar desconhecido e ahi zombam de quem os persegue.

Almoçamos, portanto, sob um sol ardente e lavados em suor. A's 12 1/2 continumos a nossa peregrinação. A's 3 h. chegamos a Iukira-Rapecuma, antiga missão de S. Miguel. Paramos um instante para refrescar-nos e prevenir o tuixaua de que d'ahi a poucos dias estariamos de volta. A's 6 1/2 da noite chegamos a uma pequena choupana em que nos abrigamos. Minutos depois desencadeou-se medonho temporal, que felizmente durou poucos instantes.

No dia 26 começamos a viajar ás 6 h. Durante os dias passados haviamos viajado somente em aguas mortas; agora começavam as correntezas, prenuncios de que

se aproximava a cachoeira. Mais de uma vez foi necessario empregar o gancho e a forquilha. O espectaculo encantador, que então se offerecia aos nossos olhos, distrahia-nos immensamente. A's 3 1/2 chegamos felizmente a Iauaraté. Debalde procuramos com a vista alguma casa. Foi uma desillusão completa! Ao menos em um logar tão distante, no ponto extremo do Brazil, pensavamos encontrar ao menos um vestigio de povoação, um signal qualquer de vida social! Nada absolutamente: uma armação de casa, com alguns feixes de palha e uma palhoça meio descoberta. E a maloca dos indios? Acha-se no centro, muito no centro. Os indios perseguidos, para evitarem a visita importuna dos commerciantes que passam, retiraram-se para o centro da floresta, á uma hora de viagem, e ahi levantaram a maloca. Para lá nos dirigimos. Apenas encontramos uma mulher, ninguem mais; o tuixaua João Marcellino Cordeiro (1) achava-se em visita a alguns parentes, em uma maloca vizinha. Que fazer em taes circumstancias? Tivemos um momento de hesitação. Por fim occorreu-nos o expediente de tocar o instrumento de que se servem os indios para annunciar alguma festa ou dar aviso de algum facto importante. O certo é que pouco depois começou a aparecer gente e a noticia da nossa chegada brevemente espalhou-se atravez dos bosques.

Animados pelos signaes de sympathia que nos dava a gente que entrava e sahia, tomamos a resolução de executar o nosso programma e demorar-nos aqui pelo menos dois dias. Mais do que isso não nos era possivel, porquanto como já haveis comprehendido certamente, fomos enganados por falsas informações. Pensavamos que esta parte de nossa viagem seria apenas de tres ou quatro dias, e nessa hypothese haviamos partido unicamente com a roupa do corpo e o essencial para celebrar o santo

---

(1) Filho do velho tuixaua Marcellino, que esteve em Manáos em companhia do doutor Maximiano José Roberto, o qual apresentou-o ao governador do Estado, dr. Eduardo Ribeiro. Já é bastante velho e conheceu os frades e Jesuino Cordeiro.

sacrificio da missa; e, ao envez, só de subida haviamos passado quatro dias! Por maior que fosse a nossa boa vontade não poderiamos demorar muito tempo. Entretanto passada a primeira impressão de desagrado, em que fallamos em regressar immediatamente para traz, mandamos preparar o altar dentro mesmo da maloca e ahi tambem nos installamos. Quanto á lingua, havia muito tempo que viviamos como em terra extranha, porquanto no Uaupés domina o tucano, juntamente com varias gyrias cada qual mais barbara e dificil de comprehender. O nosso interprete João Elias pouco ou nenhum serviço prestou-nos, ou por acanhamento ou por qualquer outro motivo que desconhecemos. Entretanto sempre servio-nos o pouco conhecimento que já tinhamos da lingua geral, pois em todos os pontos sempre encontravamos uma ou outra pessoa que fallava essa lingua. E mesmo, em regra geral, podemos dizer que todos a entendem e fallam-n'a correntemente quando estão embriagados.

Para facilitar o nosso ministerio e dar alguma instrução á essa pobre gente, traduzimos para a lingua geral, sempre com o auxilio de nosso carissimo companheiro Martinho Rodrigues, a vida de Nosso Senhor Jesus Christo e tudo que diz respeito á boa constituição da familia, base da sociedade, e ao sacramento do matrimonio, maxime na falta do sacerdote. Folgamos em dizer que nossas instruções foram bem comprehendidas e produziram bons fructos.

*
* *

No dia 27 celebramos o santo sacrificio da missa a que assistio um certo numero de indios que haviam chegado durante a noite e continuavam chegando sempre, apezar da chuva. Passamos as primeiras horas depois da missa, assistindo a chegada da gente que vinha aos bandos, homens e mulheres com os filhos ás costas e o aturá prezo á cabeça. A's 9 h. já a maloca parecia um acampamento de guerra e apresentou-se logo uma primeira turma bastante numerosa para baptizados.

Após esse primeiro serviço, começaram a desfilar na nossa presença homens e mulheres, cada qual trazendo o seu presente: eram fructas de toda qualidade, beijús e farinha. Era digno de ver aquella porção de gente ao redor de nós olhando-nos com um certo ar de satisfação e alegria, que não podemos descrever!

Mais tarde formaram-se novas turmas de baptizados e casamentos de tal modo que o dia foi completamente cheio, e apenas tivemos o tempo necessario para tomar alguma refeição. Escuzado é dizer que nossas provisões haviam-se já exgotado, e achavamo-nos á mercê da Providencia Divina; pois bem, nunca nos faltou o necessario durante todo o tempo da nossa viagem. Todas as manhãs recebiamos o sufficiente para alimentar-nos durante o dia.

A' noite cantamos o terço, a ladainha e o Bemdito Rosario, na lingua geral. Todos estavam satisfeitos. A's 9 h. recolhemo-nos para dormir.

Um certo que de terror apoderou-se de nossa alma quando nos vimos rodeados d'aquella gente no silencio da noite. Os companheiros dormiam socegadamente; nós velavamos, prestando attenção aos menores movimentos. Não havia um logar vasio na maloca, todos os cantos estavam tomados. As vozes confusas iam morrendo pouco a pouco até que começou a reinar silencio profundo. Só as fogueiras ardiam no meio das redes. As mães dormiam com os filhinhos, que nunca deixam. De vez em quando levantava-se uma figura de homem ou de mulher e assentava-se ao redor da fogueira, lançava lenha, ateava o fogo e depois recolhia-se á maqueira. A's vezes parece que todas as fogueiras se apagavam e então avistavam-se numerosos brazeiros lançando uma semi-claridade, que dava um certo que phantastico a todos os objectos. Passamos uma noite em claro. Ao primeiro cantar do gallo começaram a ouvir-se algumas vozes, depois algumas figuras agitaram-se; finalmente, homens e mulheres iam deslizando por baixo das nossas redes, de modo que ficamos nós unicamente a dormir. Deviam ser tres horas

da madrugada, hora em que costumam levantar-se os nossos indios.

O dia seguinte, 28 de Agosto, passou-se como o anterior, embora de facto haja havido menos serviço. Aproveitamos as horas mais socegadas para conversar com o velho tuixaua, que muitas cousas contou-nos dos tempos antigos. Prometteu-nos chamar os seus irmãos, que andam dispersos, reconstituir o antigo povoado de Santo Antonio de Iauaraté e construir a Egreja. Aquelles bons indios recordam-se com saudades dos velhos missionarios frei Matheus e frei Venancio e trouxeram-nos varias imagens, que guardam com todo o respeito envoltas em fitas, entre as quaes a do glorioso padroeiro Santo Antonio. Pediram-nos com insistencia que não os abandonassemos e arrancaram-nos a promessa de tornar a voltar. Sim! vontade não nos falta de tornar a ver esses logares longinquos e bellos da nossa patria querida e, si Deus o permittir, lá voltaremos de facto, mas em circumstancias menos criticas e preparados, sendo possivel, para subir até a cachoeira de Jurupary. De facto nossa jurisdição estende-se si não até Jurupary, pelo menos até bem perto. Porquanto, segundo o ultimo tratado de limites com a Colombia, a linha divisoria do Brazil vem desde a foz do Querari, á margem esquerda do Uaupés, até ao Paporis, á margem direita, justamente no começo da cachoeira de Iauaraté.

***

O dia 28 devia ser o inicio da nossa viagem de regresso. Sentiamos o coração opprimido ao deixar esses logares onde, bem o viamos, tão util e até necessaria seria a nossa presença não somente para o serviço da religião santa que professamos, mas tambem para o serviço da nossa Patria. Pois, com dôr o dizemos, aquella pobre gente abandonada e explorada por um commercio sem consciencia, não tem siquer idéa de que pertencem a uma Patria bella, grande e poderosa, porquanto nin-

guem se dá ao trabalho de lhes dizer o que é o Brazil. Esse pensamento foi o que levou-nos a traduzir para a lingua geral o bello hymno de d. Antonio de Macedo Costa: «Oh Jesus Salvador Amavel», cujo estribilho termina pelo grito ardente de fé e patriotismo: «Brazileiro e christão serei.» Ensinamol-o aos nossos indios e era bello vel-os gritar, com todas as forças dos pulmões: «*Brazileiro, christão Ixé!*»

A's 6 h. celebramos o santo sacrificio da missa e ás 9 h., acompanhados por todo o pessoal presente, dirigimo-nos para o porto. Contavamos embarcar immediatamente, porem encontramos muita gente que havia chegado com baptizados e casamentos; mais tarde chegaram outras canôas e depois outras ainda, de modo que decidimos fazer todo esse serviço e só partir depois do almoço. Ao meio dia despedimo-nos do nosso bom amigo Martinho Rodrigues, que ia deixar-nos por alguns dias e embarcamo-nos. Foi necessario esperar ainda porque algumas canôas dirigiam-se para nós e era justo que attendessemos a essa pobre gente que, tão anciosamente, nos procurava.

Finalmente partimos, levando na nossa companhia o velho tuixaua de Iauaraté e dizendo um adeus saudoso a esses logares encantadores, que talvez nunca mais tornaremos a ver apezar de todos os nossos bons desejos...

A's 3 1/2 chegamos a S. Miguel de Iukira-Rapecuma. Todos veem a differença entre a descida e a subida: haviamos gastado um dia de subida de Iukira a Iauaraté, e, para descer, menos de tres horas.

Encontramos tudo bem preparado: o terreno limpo, o matto abatido e a casa dos viajantes em bom estado. Foi na casa dos viajantes que preparamos o altar, transformando-a assim em uma capella verdadeira. Para dormir preferimos a maloca mesma. E' só o que resta do antigo povoado; da egreja, nem vestigio. O tuixaua recebeu-nos muito bem; os demais indios vieram chegando pouco a pouco, trazendo-nos todos a sua palavra de saudação.

A's 6 h. reunimos toda gente, homens, mulheres e crianças, no terreiro, e começamos a ensinar os cantos que já tinhamos preparado na lingua geral. Todos cantavam com prazer; ao principio com medo e acanhamento, pensando talvez que caçoavamos, mas por fim com enthusiasmo verdadeiro. A's 7 h. cantamos o terço e a ladainha.

O dia seguinte, 30, domingo e dedicado a Santa Rosa de Lima, a Padroeira da America Latina, foi um dia completamente cheio e trabalhoso. Logo pela manhã fizemos duas grandes turmas de baptizados e casamentos. Tinhamos o coração opprimido por um certo sentimento de dó e compaixão e ao mesmo tempo um certo enthusiasmo, vendo aquelles homens, completamente nús, ao lado d'aquellas mulheres, apenas cobertas, e recebendo-se por marido e mulher diante do altar, na presença do Ministro de Jesus Crucificado. Assim anda essa gente, mas sem malicia apezar do peccado de origem; tem o sentimento da moral e por isso reprovam os actos praticados por certos brancos; comprehendem que a união do homem e da mulher é alguma cousa de grande, de sublime e mysteriosa, que ha de ser sancionada e santificada pela presença do Ministro de Deus. E' certo que nos indios que encontramos no Uaupés, este sentimento já está mais desenvolvido e aperfeiçoado pelo ensinamento dos antigos missionarios, mas é certo tambem que independentemente d'esse ensinamento, já os nossos selvagens consideravam o casamento como algo de grande, para o qual exigiam certas provações e até mesmo um certo rito proprio da religião rudimentar que professavam.

A's 11 h. cantamos a missa em honra da gloriosa Santa Americana, Rosa de Lima, sendo celebrante o nosso carissimo companheiro frei Josué.

Após esse serviço, vieram desfilando na nossa presença homens e mulheres, trazendo cada qual o seu presente. Como em Iauaraté, ficamos completamente rodeados de fructas de toda qualidade, beijús e farinha. E era grande o prazer d'aquella gente vendo-nos satisfeitos e

recebendo de nossas mãos a medalhinha que lhes davamos de lembrança.

Depois do almoço não tivemos repouso. Recomeçamos immediatamente o serviço de baptizados e casamentos, e só terminamos ao anoitecer. A's 6 1/2 cantamos o terço e a ladainha e fomos repousar cedo, pois estavamos realmente fatigados.

No dia seguinte, 31, levantamo-nos ás 5 h. e começamos a viajar logo ás 5 1/2. Não celebramos o santo sacrificio da missa, pois temiamos que se nos acabasse o pouco de vinho e de hostias que levavamos antes de nossa chegada a Jacaré Kapoamo. Para evitar qualquer falta e tambem porque necessitavamos de roupa, expedimos um portador em uma montaria pequena, com ordem de viajar noite e dia afim de trazer-nos de Jacaré Kapoamo tudo que fosse necessario e encontrar-nos em Ipanuré.

A's 8 3/4 chegamos a Mucuim Rapecuma (1), onde encontramos reunido á nossa espera todo o pessoal da maloca e das vizinhanças. O meio dia que ahi passamos foi completamente cheio; e mais uma vez devemos louvar a dedicação e zelo do infatigavel missionario que nos acompanhava, pois no meio de tanto serviço e de tanta agglomeração de gente nenhuma palavra de impaciencia lhe ouvimos, nenhum gesto siquer que denotasse enfado; sempre o sorriso nos labios e o desejo de trabalhar cada vez com mais ardor.

Tambem, é necessario que o digamos, d'este ponto para diante foi diminuindo a affluencia do serviço, de modo que si momento de enfado tivemos ao depois, foi justamente quando, inteiramente desoccupados, lamentavamos o tempo que se passava.

A' 1 1/2 h. continuamos a nossa viagem e ás 6 1/2 chegamos a Busina Igarapé. A maloca estava apinhada de gente, porem cada um apressou-se em ceder-nos lo-

---

(1) A' margem esquerda do rio.

gar, de modo que nos installamos commodamente e armamos o altar para dizer missa no dia seguinte. Uma boa parte da noite foi de festa para os nossos indios que, após o canto do terço e da ladainha, reuniram-se ao redor de um garrafão de cachaça. Devemos entretanto dizer que não houve o minimo incidente a lamentar. O ruido de vozes foi cessando pouco a pouco e pudemos conciliar o somno.

Dia 1 de Setembro! Ia começar o terceiro mez da nossa peregrinação e nos achavamos ainda tão longe de Manáos, onde pretendiamos chegar antes de Outubro. Quanta illusão!

Celebramos o santo sacrificio da missa ás 5 1/2 e depois começamos logo o serviço de baptizados e casamentos. Só ás 10 1/2 foi celebrada a segunda missa para dar a benção nupcial aos neo-cazados, pois assim fizemos sempre durante toda a nossa viagem. Sempre demos a benção nupcial *intra missam*, conforme mandam as rubricas e devemos executar, pois não nos consta que haja privilegio a este respeito na nossa diocese.

Após o serviço, começaram a desfilar na nossa presença, como de costume, homens e mulheres trazendo-nos cada qual o seu presente. Da nossa parte repartimos o que nos restava de medalhinhas e imagens que infelizmente não foram sufficientes para todos. Ninguem entretanto mostrou-se descontente com isso, pois viram a boa vontade que tinhamos de ser-lhes agradaveis.

A 1 h. partimos. Parece que ia terminar-se a nossa viagem e sentiamos uma certa tristeza ao dizer adeus pela ultima vez á população do Alto Uaupés. Tornaremos a ver estes logares, este povo? Alguma cousa, pelo menos, poderemos fazer em favor d'elle? Eram os pensamentos que tinhamos e nos penetravam até o intimo da alma, porque sentimos verdadeiramente a triste e miseravel condição de tantas almas que ahi estam abandonadas! Sentimos como sacerdote e como brazileiro!... Como sacerdote porque amamos as almas resgatadas pelo Sangue preciosissimo de Jesus Christo e por ellas temos

de responder! Como brazileiro porque isso é um opprobrio, uma ignominia, uma aviltação, uma vergonha para a nossa Patria!... Quando ha por ahi homens que arrotam civilização e progresso e sciencia e ludibriam, em nome de tudo isso, aquillo que temos de mais sacro, dir-se-ia que neste paiz já todos são sabios, não existe mais analphabetos, todos nadam em delicias, em puro ideal de uma sociedade perfeita e, ao em vez, os genuinos brazileiros ahi estam, como ferrete de ignominia na fronte da Nação, no estado degradante da pura vida selvagem, sem que ao menos se cogite de chamal-os ao gremio da civilização... Vergonha!...

E esses homens repellentes, inchados de orgulho, soprando por todos os póros palavrões com que enganam os papalvos, ousam muitas vezes propôr como meio de catechese e civilização... o que?... A bala... Infames! Malditos de Deus e dos homens e dos seculos por vir!... Esses homens são os genuinos brazileiros! Raça forte e intelligente, cujo sangue corre talvez nas vossas veias... e tendes a coragem de aconselhar a sangue a frio e sem remorsos esse meio infame para arrancar-lhes as terras que legitimamente possuem? Mas, nós não acreditamos que o vosso systema prevaleça e vosso conselho triumphe! Não, para honra e gloria d'este paiz a que pertencemos, pensamos que os homens que nos governam, ensinados pela experiencia do passado e guiados pela honestidade natural, preferirão antes voltar ao systema antigo, e farão aqui aquillo que já se está fazendo em outras partes d'este mesmo Brazil, nomeadamente em Matto Grosso, abrirão as portas aos missionarios e dir-lhes-ão: «Ide levar aos centros do Amazonas as luzes da fé e da civilização; ensinae aos livres filhos das nossas florestas o amor de Deus e do Brazil.» E os missionarios irão e novos Anchietas surgirão e esses nossos irmãos abandonados virão finalmente assentar-se comnosco no banquete da civilização!

A's 5 h. chegamos a Urubuquára, onde fomos recebido com alegria pelo velho tuixaua e passamos a noite.

No dia seguinte depois de alguns baptizados, partimos com um certo temor, pois iamos novamente enfrentar o terrivel abysmo de Ipanuré. De facto nossa canôa corria vertiginosamente sob o impulso dos remos e arrastada pela correnteza. Sem novidade passamos Urubuquára e Pinúpinú; porém na primeira pancada de Ipanuré tivemos que esbarrar. A canôa foi arrastada a corda e nós caminhamos por terra. A's 9 1/2 chegamos á maloca de João Elias. Estavamos salvos, graças a Deus! A's 10 h. almoçamos com muito apetite e a 1 h. atravessamos para o antigo povoado de Ipanuré.

A maloca do tuixaua Marcellino, um barracão onde se agazalham os viajantes que passam, a cazinha de um seringueiro antigo morador de Barcellos, uma barraca que servio de quartel aos soldados que estiveram postados em Ipanuré,—eis o que resta do antigo povoado que chegou a ter tres ruas de casas e uma grande Egreja!

Dirigimo-nos para a maloca e só encontramos uma velhinha tecendo rede num tear. Que era feito d'aquella multidão que achava-se reunida quando passamos de subida? O tuixaua havia acompanhado o portador que enviaramos a Jacaré Kapoamo; o resto estava disperso; a propria maloca cheia de feixes de palha afim de renovar a cobertura. Foi um desengano para nós que esperavamos encontrar reunidos todos os indios de Ipanuré. Não perdemos coragem. Fizemos limpeza na maloca nós mesmos e, quando começaram a chegar algumas pessoas, já tudo haviamos preparado para a celebração dos santos mysterios no dia seguinte. A's 7 h. da noite cantamos o terço e a ladainha na presença de um pessoal bastante numeroso, vindo de algumas malocas vizinhas, pois é certo que a noticia da nossa chegada espalhava-se sempre depressa por toda parte, como si houvessem olhos a nossa espreita atraz de cada arvore.

No dia 3 de Setembro celebramos o santo sacrificio da missa e administramos o sacramento do baptismo a poucas pessoas que se apresentaram. O resto do dia foi passado insipidamente.

O dia 4 de manhã foi passado como o anterior. A' tarde chegou o portador, que haviamos enviado a Jacaré Kapoamo em procura das cousas mais necessarias de que já sentiamos falta. Com a chegada do tuixaua Marcellino apresentou-se tambem um numero bastante grande de baptizados.

Quando estavamos nesse serviço foi que avistamos as physionomias de dous brancos recem-chegados. Procuramos afastar-nos d'esses homens desde que soubemos que eram Colombianos, pois estavamos prevenidissimos contra elles. Entretanto não nos foi possivel evitar o encontro. Travamos relações; dissemos-lhes com franqueza tudo quanto pensavamos e sabiamos, e o resultado de nossa palestra foi aquillo de que já fallamos ácima: poucos indios commettem os absurdos apontados e todos soffrem as consequencias. De facto, não podemos acreditar que moços de tão nobres sentimentos, como mostraram ser os dous cavalheiros com os quaes conversamos, sejam capazes de commetter um só dos actos que mencionamos. Em prova de sympathia quizemos jantar em companhia dos dois distinctos Colombianos e, devemos dizer, foi um dos momentos mais felizes que tivemos durante toda a nossa viagem. E, para corôar nossa alegria, chegou-nos de improviso o nosso bom e carissimo companheiro Martinho Rodrigues, que tanta falta nos havia feito.

No dia seguinte celebramos o santo sacrificio da missa e passamos a manhã fazendo o inventario dos poucos objectos pertencentes ao culto (1), que se encontram ainda em um compartimento, transformado em capella, da barraca que servio de quartel aos soldados.

Ao meio dia despedimo-nos dos nossos bons amigos de Ipanuré que, reunidos á beira do rio faziam-nos adeus, e partimos para Taracuá, á margem direita do rio; acompanhou-nos o tuixaua Marcellino. Em meia viagem aban-

---

(1) O padroeiro é S. Jeronymo.

donaram-nos os nossos remadores e, durante meia hora, nossa canôa foi deslizando á mercê da correnteza. Felizmente foi de curta duração o abandono, nossos indios voltaram satisfeitos da peça que nos haviam pregado e ás 5 1/2 chegamos felizmente a Taracuá.

Taracuá foi talvez o ponto principal das extinctas missões; foi a residencia de frei Venancio emquanto esse missionario não mudou-se definitivamente para a cachoeira do Tucano, no rio Tiquié. Como Ipanuré, teve bôa Egreja dedicada a S. Francisco de Assis e chegou a ter tres ruas de casas. A situação é muito mais bella e elevada do que Ipanuré: o terreno, fertilissimo, presta-se admiravelmente para a agricultura e criação de gado.

Recebeu-nos um dos cavalheiros mais distinctos que encontramos em nossa viagem, o Snr. Jeronymo, cunhado do nosso amigo Manduca Albuquerque. O tuixaua Sebastião tratou-nos muito bem. Encontramos um altarzinho muito bem preparado e todo o povo reunido. De todos os antigos povoados é o que conserva algum vestigio d'aquillo que foi antigamente.

Em Taracuá, como em outros logares, ouvimos as mesmas historias e as mesmas queixas. «Quasi todos já morreram, disseram-nos, todos vão desapparecendo por causa dos brancos.» Indagamos o que isso queria dizer e soubemos então que a maior parte dos indios que descem para o fabrico da borracha morrem de sezões ou de beriberí, e assim o rio vae-se despovoando sensivelmente. Não seria o caso de uma intervenção da autoridade para impedir o despovoamento d'essas terras e proteger ao mesmo tempo os pobres indios? Porque, finalmente, essas terras longinquas do Amazonas já estam occupadas por uma população fixa e amante da agricultura, uma raça propria d'esses logares, onde dificilmente poderão habituar-se immigrantes de outras terras; consentir no desapparecimento d'essa raça, além de ser deshumano, é privar o paiz de milhares de braços fortes, os unicos que podem desbravar essas florestas, desde que tenham guias e mestres que os estimulem ao trabalho em prol de um

ideal. Não são os seringueiros esses guias e mestres, que só trabalham por interesse proprio, e não conhecem outro trabalho productivo senão a extração da gomma elastica. Ora é justamente esse ramo de actividade o principal factor do despovoamento do rio Uaupés, pois os indios que descem para trabalhar nos affluentes do Rio Negro, quasi todos morrem. Ha necessidade de braços? Chamem-se homens habituados a esse genero de trabalhos, immigrantes de outros estados que os ha numerosos... Mas não! Não se chamam esses homens porque exigem o justo valor do seu trabalho, preferem-se os outros porque nada exigem, contentam-se com uma calça, uma camisa, algumas missangas e... com nada, o mais das vezes. Assim nunca se povoará o Rio Negro e, dentro de pouco tempo, ficarão despovoados o Uaupés e o Içana.

No domingo, 6 de Setembro, cantamos a missa e administramos os sacramentos de baptismo e matrimonio a um grande numero de pessoas. A's 10 1/2 o nosso amigo Jeronymo offereceu-nos um verdadeiro banquete. Pela primeira vez tivemos occasião de comer carne de anta e achamol-a saborosissima.

A' tarde houve tambem muita affluencia de serviço. A' noite cantamos a ladainha.

O dia 7, em que deviamos seguir viagem para Naná-Rapecuma, annunciou-se muito chuvoso. Celebramos o santo sacrificio da missa e depois reunimos aquella boa gente que, para dar-nos prazer, passara grande parte da noite trabalhando em fazer cachiry para offerecer-nos, e distrahimo-nos ensinando-lhes os cantos que tinhamos traduzido em lingua geral. A's 11 1/2 almoçamos e depois, apezar da chuva, embarcamo-nos para continuar a nossa peregrinação. A's 5 3/4 chegamos a Naná-Rapecuma, antigo povoado cujo padroeiro era S. Bernardino de Sena. Installamo-nos na maloca e tivemos o prazer de ver reunidos logo uma grande porção de indios, todos correctamente vestidos. Encontram-se em Naná-Rapecuma muitos vestigios do antigo povoado e, nomeadamente, o logar da antiga Egreja e uma palhoça, no fundo da maloca, onde

está um velho sino e uma grande quantidade de pequenas cruzes espalhadas pelo chão.

No dia 8 de Setembro, de gratas recordações para nós, cantamos o santo sacrificio da missa e administramos o baptismo a muitos que se apresentaram. Casamento apenas fez-se um, pois os demais affirmaram que já estavam casados. Era mentira simplesmente, por vergonha ou medo de se apresentarem. Soubemol-o por intermedio de outros que nos vieram dizer a verdade. Assim pois no dia seguinte, antes da nossa partida, apresentaram-se todos os que estavam amasiados e casaram-se.

A' tarde, quando haviamos reunido toda a gente para dar-lhes um pouco de instrução e ensinar-lhes alguns canticos, desencadeou-se medonho temporal que prolongou-se até a noite. A's 7 h. tudo estava calmo e divertimo-nos vendo brincar os indiozinhos, tão dextros e aptos para todos os exercicios corporaes. Que bons soldados teriamos si fossem ensinados e disciplinados!

No dia 9, no momento da nossa partida apresentaram-se uns indios de uma maloca visinha, conhecidos por Tatú-Carapaná; apresentaram se tambem os que no dia anterior haviam recusado casar-se. Esse serviço levou-nos até ás 9 h.; foi quando fizemos nossas despedidas e partimos em direcção a Jacaré Kapoamo.

A' 1 h. chegamos á maloca do tuixaua de Naná-Rapecuma, no igarapé do Umbaúba, onde na nossa subida haviamos almoçado. D'esta vez, que esperavamos encontrar muita gente reunida, não encontramos viva alma. Para onde estariam os moradores? Martinho Rodrigues disparou alguns tiros de rifle, depois os indios que nos acompanharam vieram dizer-nos que o povo estava para a roça. De facto, passada uma meia hora chegou primeiro uma mulher, depois outra, depois vimos que estavam muitos escondidos atraz da casa. Finalmente chegaram umas vinte pessoas. Fizeram-se então alguns baptizados e almoçamos.

A's 3 h. continuamos a viagem e ás 10 h. da noite, com um luar admiravel de belleza, chegamos a Jacaré

Kapoamo. Recebeu-nos carinhosamente o nosso excellente amigo Manduca Albuquerque. E' justo que desde já agradeçamos a este illustre cavalheiro, em cujas veias corre sangue generoso dos nossos antepassados autochtones e dos velhos lusitanos, brazileiro em toda a extensão da palavra, é justo que agradeçamos todas as finezas que dispensou-nos ducante os dias que passamos em sua casa. Manuel Albuquerque, no ponto em que se acha estabelecido, é a guarda avançada da civilização entre os nossos indios, o responsavel immediato e directo de tudo quanto diz respeito á marcha progressiva do selvicola do Rio Uaupés.

O dia seguinte, 10 de Setembro, foi de festa e serviço activo em Boa Vista, onde reuniram-se todos os visinhos e mais pessoas empregadas da casa.

No dia 11, continuou-se o serviço e fizeram-se muitos casamentos. A's 2 1/2 da tarde fomos visitar a ilha fronteira de Jacaré Kapoamo, que dá o nome a todos os sitios vizinhos. Não é grande, mas é bella. Uma parte é bastante alta e apresenta uma vista admiravel; um campo bonito para criação de gado. Ahi moram Francisco Albuquerque, irmão de Manduca, e o velho patriarca, pae da numerosa familia Albuquerque, contemporaneo do nosso velho amigo Germano Garrido, e paraense de origem. A outra parte da ilha é completamente baixa e alagada. Demoramo-nos em nosso passeio até ás 4 h. e voltamos satisfeitos á Boa Vista, onde administramos o sacramento do chrisma a todas as pessoas que se apresentaram preparadas. Aqui cessavam já para nós as dificuldades de linguagem, pois que predominava a lingua geral, na qual já nos faziamos comprehender sem grande esforço.

Não podemos deixar de mencionar aqui o affectuoso banquete que nos foi offerecido, no qual brindou-nos em nome de todos os habitantes do Rio Uaupés, da familia Albuquerque e de todas as pessoas presentes, o intelligente moço Antonio da Cunha. Respondemos com palavras partidas do intimo do coração e repassadas de verdadeira saudade, augurando um melhor porvir á popula-

ção do magestoso Rio Uaupés, um dos orgulhos do grande Estado do Amazonas.

O dia 12 amanheceu chuvoso. Celebramos o santo sacrificio da missa e administramos ainda os sacramentos do baptismo e do chrisma a varias pessoas. A's 11 h. almoçamos e ás 2 h. partimos levando verdadeira saudade dos dias passados em Jacaré Kapoamo.

O aspecto da natureza que nos havia parecido tão monotono durante a nossa subida, era outro agora muito differente na nossa descida.

Tudo parecia risonho e encantador.

A's 5 h. chegamos ao antigo povoado de S. Pedro de Iu-Rapecuma. Installamo-nos immediatamente na casa dos viajantes, perto da Egrejinha, e depois fomos visitar os nossos bons indios, lá mais em cima, onde estavam reunidos. Recebeu-nos o velho tuixaua com toda a amabilidade. As moradas aqui já têm a forma das casas communs, com quartos separados, embora em cada casa morem muitas familias.

Do antigo povoado restam umas tres casas e a Egreja. O velho tuixaua pedio-nos para falar ao povo que não abandonasse o povoado, e muitos de facto prometteram-nos reedificar as suas casas.

A capellinha acha-se em muito bom estado. Na frente erguia-se um velho cruzeiro, levantado por frei Venancio, mas que nunca havia sido bento. Pediram-nos então para benzel-o. Mandamos endireital-o, fazendo nova escavação, e benzemol-o no dia seguinte com toda a solemnidade.

O dia 13 era domingo. Cantamos a missa e administramos os sacramentos ao numeroso pessoal que apresentou-se. Notava-se aqui um certo ar de civilização. Já as mulheres, pelo menos algumas, apresentavam-se inteiramente vestidas e as crianças tinham menos medo.

A's 5 h. procedemos á benção do Cruzeiro. Era tocante ver aquella massa de povo, simples e ingenuo, agglomerado ao pé da Cruz, o symbolo da civilização e do progresso.

Tremendo temporal desencadeou-se no meio da função, interrompendo a por um instante. Durou pouco felizmente e terminamos o acto cantando o terço de Maria Santissima e entoando a ladainha.

A's 8 h. recolhemo-nos. Era tempo. Começou a cahir uma chuva torrencial que durou até pela madrugada.

No dia 14, celebramos o santo sacrificio da missa e partimos ás 8 3/4 com destino a S. Joaquim, foz do Uaupés. A's 10 h. chegamos a Cunuri, antigo povoado de S. Sebastião, onde residiram os padres Romualdo e Salgado, successores de frei Gregorio de Bene nas missões do Uaupés. Uma barraquinha, eis o que resta do antigo povoado. Na barraquinha encontramos dois homens, duas criancinhas e uma mocinha. O resto do povo partira horas antes afim de fazer um dabucury na maloca vizinha de Jacaré Kapoamo. Baptizaram-se as crianças e a mocinha. O mais velho dos dois indios, Francisco Curdovello, tem o titulo de Capitão Principal dos indios do Uaupés, conforme um papel que nos mostrou com a assignatura do Director Manuel Albuquerque.

A viagem de Cunuri a S. Joaquim foi uma carreira vertiginosa. A's 6 h. da tarde chegavamos pela terceira vez ao antigo povoado de Coané. Da primeira vez um povo immenso nos recebeu ; da segunda apenas o ladrar de um cão annunciava a presença de alguem ; da terceira silencio sepulcral. Toda a população estava inteiramente dispersa. Martinho Rodrigues disparou alguns tiros de rifle. Foi o bastante.

No dia seguinte celebramos a missa com intenção de partir immediatamente, porém avistamos algumas canôas que se aproximavam, depois outras e mais outras. Povoou-se novamente S. Joaquim e tivemos o prazer de administrar os sacramentos de baptismo e matrimonio a varias pessoas. Só ás 11 h. depois do almoço deixamos definitivamente o povoado de S. Joaquim, dizendo um saudoso adeus a esse bom povo, que já nos habituaramos a ver e considerar como amigo. Sem novidade alguma atra-

vessamos á cachoeira do Tamanduá e, depois de breve parada no porto em que haviamos almoçado na subida, chegamos ás 12 1/2 ao barracão do Jandiá, onde pensavamos encontrar o Snr. Vilagelim.

Esse nosso bom amigo, com quem precizavamos falar, achava-se para a roça a 1 h. de distancia. Foi necessario mandar chamal-o. Só ás 2 1/2 chegou elle e convidou-nos a ir dar um passeio á sua cazinha na ilhota Cecanta, que fica justamente no meio do rio, no inicio da cachoeira Tamanduá. Aceitamos o convite, já depois de haver tomado a resolução de continuar a viagem no dia seguinte.

Estupendo, encantador, verdadeiramente admiravel, o espectaculo que se contempla da ilhota, que mais parece um fragil navio luctando com as ondas, do que uma ilha fixa no meio da correnteza. E' um pedacinho de terra, coberto de luxuriosa vegetação, ou antes um jardim plantado pela natureza lá no meio do Rio Negro, e pode ter uns 50 metros de longo e uns 20 de largo. No meio está a barraca, ou antes o chalezinho do Snr. Vilagelim. Ao redor a massa d'agua que se precipita roncando medonhamente, para mais adiante correr tranquilla, como si nem antes nem depois houvesse cousa alguma que a perturbasse no seu caminhar para o Oceano.

Já quasi ao anoitecer regressamos do nosso passeio. A's 8 h. cantamos a ladainha e depois de agradavel palestra adormecemos.

No dia 16 celebramos o santo sacrificio da missa e ás 9 1/2, após o almoço, na companhia do Snr. Vilagelim, deixamos para sempre as aguas do Uaupés, entramos novamente nas aguas do Rio Negro, atravessamos em carreira vertiginosa as cachoeiras que medeiam da foz do Uaupés a S. Gabriel, e a 1 1/2, após medonho temporal, desembarcamos na casa do nosso amigo Quintino Cardozo. A's 3 1/2 chegamos a S. Gabriel, onde recebeu-nos carinhosamente todo o povo tendo na sua frente o Dr. Juiz Municipal e o illustre Snr. Chrispiniano.

A's 5 1/2 assistimos, do alto da fortaleza, á passagem da nossa canôa pela terrivel cachoeira de S. Gabriel. Foi um momento terrivel aquelle em que a vimos mergulhar na perigosa pancada para surgir felizmente mais adiante já fora inteiramente de todo perigo.

Podiamos já entoar um «Te Deum laudamus» de acções de graças a Deus pelo feliz exito d'esta parte da nossa viagem, quiçá a mais perigosa!

***

Tencionavamos demorar-nos d'esta vez em S. Gabriel apenas um dia e proseguir immediatamente a nossa viagem. Nossos planos falharam completamente. Motivos urgentes obrigaram-nos a uma permanencia de quatro dias e meio. E esses dias que passamos no meio do povo São-gabrielense não foram perdidos; pelo contrario, foram completamente cheios, e mais uma vez tivemos de assistir a manifestações enthusiasticas de uma fé viva e ardente.

O principal acontecimento d'esta nossa estadía em S. Gabriel, foi a memoravel e solemnissima ceremonia que presidimos no dia 21 de Setembro: a collocação e bênção da primeira pedra da nova Egreja Matriz, que se projecta levantar. Foi um espectaculo unico e inolvidavel, por ser unica a soberba situação de S. Gabriel, á borda do abysmo que aos seus pés está roncando.

Lá no logar mais alto da explanada havia-se preparado tudo para a função; um bellissimo altar havia sido improvisado e o solo fôra juncado de flores. Celebramos o santo sacrificio da missa e depois benzemos e collocamos a primeira pedra. Assistiram e assignaram a acta da função todos os principaes personagens do logar. Em seguida dirigimos palavras que nos sahiram espontaneas do fundo do coração. Depois de nós fallaram varios ora-

dores dos quaes destacamos o illustre Juiz Municipal e o intelligente tabelião, Snr. Theodoro Negro Pinheiro (1).

Um estrondoso «Viva» á religião catholica, apostolica, romana, saudou as ultimas palavras do Snr. Theodoro, sahindo espontaneo de todos aquelles corações christãos alli presentes, ecoando atravez dos escolhos e da collina, indo confundir-se finalmente com os rugidos da cachoeira... Dia inolvidavel para nós pois, mais uma vez, veio confirmar-nos que, sobretudo em longes terras, onde

---

(1) Não podemos furtar-nos ao prazer de citar aqui na integra o mimoso discurso do Snr. Theodoro Pinheiro, que tanto commoveu-nos na occasião em que foi pronunciado: «Senhores. Solemne, solemnissimo é o acto que neste momento vindes de celebrar—a collocação da primeira pedra da Egreja Catholica de S. Gabriel. Contemplando tão nobre quão bello feito, em presença de tão selecta assistencia, é innegavel que o povo d'esta terra não só do presente modo demonstra o sagrado amor da sublime religião implantada com o Sangue do Filho de Deus nos cimos do Golgotha, como revela tambem de um modo visivel o seu alto e verdadeiro amor á patria. Digo amor patrio porque este sentimento só é real grandioso, capaz de todos os heroismos, quando o homem é educado nos principios da religião divina do catholicismo, que foi a primeira a se derramar nesta *bella porção do territorio americano* E' por isso que quasi todo brazileiro, compenetrado de que da verdadeira crença nasce o verdadeiro amor da patria, ao beber os seus primeiros ensinamentos sente o natural e prodigioso estimulo de sincera affeição á sua terra natal.

Senhores A reconstrucção de um templo sagrado imposta para a utilidade dos fieis que habitam nesta Villa,—graças aos esforços, á grandiosa ideia nascida de um grupo de criteriosos cidadãos, que desejam o evoluir do seu torrão natal—presentemente deixa de ser um eco phantastico, como o supunham, para transfigurar-se em uma realidade inexoravelmente palpavel. Está, pois, dado o primeiro passo d'esta obra santa. Agora é marchar até chegar-se á meta desejada. Para fazer-se o termino d'esta casa de preces, tão almejadamente sonhada, urge tão somente um pouco de coragem, de trabalho, e um pouco sobretudo de fé—esta intrepida virtude que tem sido sempre a guiadora dos povos na sacrosanta cruzada dos nobres emprehendimentos. Sim! de fé; mas d'essa fé viva de que nos falam as bemditas paginas do Evangelho—a fé tremenda que transporta montanhas!—Senhores Sois agora os obreiros de um templo, onde o espirito christão venera religiosamente a existencia real do mundo celeste. Necessario é pois, que todos vós, compenetrados dos vossos deveres

os obstaculos a cada passo fazem recuar o homem, só ha um factor poderoso e efficaz de civilização e progresso: —é a Religião Santa do Homem Deus; a Religião vinte vezes secular que professamos.

A's 3 h. da tarde d'esse mesmo dia, despedimo-nos com saudade do bom povo de S. Gabriel e partimos, aguas a baixo, com destino a Camanaus.

E' justo que, ao escrever estas ultimas linhas sobre S. Gabriel, mencionemos os nomes d'aquellas pessoas que

---

sagrados, confraternizados pela mesma crença, unidos pelo mesmo pensamento, unificados pela mesma força de vontade--essa atalaia gigantesca que perdurará no imo de vossos corações,—concluais tão util e proveitosa obra, levando cada qual antes de tudo uma pequena pedra para solidificar estes alicerces, afim de resistirem firmes e inabalaveis a todos os embates formidaveis das revoluções humanas.

Exm. Snr. Bispo. O cunho caracteristico d'este acto que, sem aparatos e manifestações exteriores, apresenta esta augusta solemnidade, revestindo-se brilhantemente da mais indizivel imponencia, é a vossa honrosa presença. O povo Sãogabrielense reconhecendo o quanto vos esforçais para o progresso da religião catholica, orgulha-se pelo grande realce que imprimis ao presente momento, porque só isto nos afirma, nos convence de que se representa alguma cousa de grande e justo, sublime e santo, em relação com os interesses espirituaes da humanidade. Educado nos sãos principios da religião christã, sinto-me jubilosamente, plenamente grato ao ver iniciar os trabalhos d'esta obra fecunda, monumental, em presença de tão nobre prelado, porque d'elle, senhores, recebereis o estimulo, a coragem e amor, afim de com afinco trabalhardes sem desanimo algum, destruindo escolhos que imprevistos surjam e victoriosamente podereis levar a cabo a edificação d'este sagrado templo. Saudando, pois, o augusto prelado que veio dar impulsos de sua grande força de vontade para a realização de tal feito, eu congratulo-me comvosco, senhores, bemdizendo essa santa religião, que durante vinte seculos tem sido combatida pelas seitas opostas e comtudo, dia a dia, hora á hora, vae conquistando estas guerras que lhe querem tolher a marcha. Não só por isso eu te bemdigo, não; te bemdigo tambem porque foste a primeira que surgiste no solo de minha patria brazileira, porque foste a dos nossos antepassados, a dos meus avós, és a de meus paes, minha e de meus irmãos! E' justo, mais que justo, que todos nós nos regozijemos por este acto, porque elle é mais uma victoria e progresso da poderosa Religião Catholica. Tenho concluido.»

mais nos penhoraram, durante os dias que ahi passamos. Em primeiro logar está o digno superintendente Snr. Joaquim Aguiar, a quem não sabemos como agradecer todos os serviços que nos prestou. O illustre Dr. Juiz Municipal, o Snr. Chrispiniano, o Snr. Quintino Cardozo e sua Veneranda Mãe, matrona respeitavel por suas preclaras virtudes, o Snr. Theodoro Pinheiro, tabelião publico, e sobretudo o nosso guia e companheiro de excursão, Martinho Rodrigues, merecem em segundo logar todos os nossos sinceros agradecimentos.

A viagem de S. Gabriel a Camanaus foi uma verdadeira delicia. E' certamente a parte mais bella e encantadôra do Rio Negro, aquella que fica entre S. Gabriel e o antigo povoado de Camanaus. A natureza parece que reunio ahi nesse trecho do grande rio tudo quanto possuia de grandioso, bello e terrivel. As serras que se avistam ao longe, as ilhotas como que por descuido atiradas no meio do ,rio os rochedos que bordam as margens, as aguas que se precipitam mugindo, formando as cachoeiras, um complexo de paysagens admiraveis e variadas, apresentam um quadro impossivel de descrever!

A's 5 1/2 chegamos a Camanaus (1), onde recebeu-nos com toda a amabilidade o Snr. Theotonio Olympio de Oliveira, principal morador do antigo povoado, descendente de paes paraenses. Poucas pessoas já nos esperavam. Essas reuniram-se no dia seguinte e assistiram ao santo sacrificio da missa. O serviço foi pouco abundante, porem tomou-nos o dia 22 até as 4 h. da tarde, de modo que transferimos a continuação da nossa viagem para o dia 23.

Foi em Camanaus que tivemos occasião de comer como salada o conhecidissimo carúrú da cachoeira, que

---

(1) S. Bernardo de Camanaus—Pov. na marg. esq. do Rio Negro, em frente da cachoeira Cojubi, e do R. Curiuriau, entre o Miuá e o Rib. Caiari, 269 leguas da foz do Jamundá, e 191 da confluencia do Rio Negro. Acha-se consideravelmente reduzida. Sua popul. em numero de 86, provinda de Barés, em nove fogos, planta para a sua subsistencia, e extrae drogas (Dic. Top.).

nasce abundantissimo sobre as pedras das cachoeiras. Forma um leito de verdura pelo qual arrasta-se a canôa sem o minimo perigo.

Substitue na comida qualquer hortaliça e dá uma salada deliciosa. Os indios servem-se d'elle para extrahir o sal que lhes falta e é carissimo nessas alturas.

Tivemos tambem occasião de ver a audacia d'aquelles homens que lançam-se pela correnteza a nado e atravessam a cachoeira de um lado para outro, precipitando-se nas pancadas mais perigosas sem receio nenhum.

No dia 23 celebramos missa ás 6 h. e fizemos logo o pouco serviço que apresentou-se. A's 8 h. partimos e chegamos á Trindade ás 9 1/2. Descemos á terra e fomos muito bem acolhido em casa pelo velho proprietario José Antonio dos Reis, mais conhecido pela alcunha de Salabardoti. E' um dos mais antigos moradores do Rio Negro. Nasceu em Portugal, porem veio ainda menino para o Brazil e fez a campanha do Paraguay.

O Snr. Salabardoti, para satisfazer os desejos de sua mulher, levantou a mais bella Egrejinha que existe em todo o Rio Negro. Visitamol-a. E' pequenina porém linda, toda de estuque e tem duas torres regulares, que dão-lhe o aspecto de uma cathedral.

O Snr. Salabardoti, estava sozinho e, por isso, após o almoço, despedimo-nos e continuamos a nossa viagem ao meio dia. A' 1 h. paramos no sitio Iucabi, pertencente ao negociante portuguez de nome Manuel Guimarães, conhecido de todos por Bichanço. Recebeu-nos com muita cortezia e pedio-nos para demorar alguns instantes, por causa de algum serviço que havia. Demoramo-nos effectivamente até ás 4 1/2 h. Tivemos occasião de ver pela ultima vez o velho engenheiro paulista, Dr. Elpidio, que já então se achava gravemente enfermo, e veio a falecer poucos dias depois em Santa Izabel.

Ao anoitecer chegamos a Santo Antonio do Cajutino (1), sitio do Snr. José Joaquim Pimenta, portuguez de nasci-

(1) Houve neste logar uma capella cujas ruinas ainda vêm-se.

mento, mas que acha-se no Brazil desde a infancia. E' homem edoso e perfeito conhecedor do Rio Negro. Recebeu-nos fidalgamente e dispensou-nos toda sorte de gentilezas.

No dia seguinte, 24, celebramos o santo sacrificio da missa e administramos os sacramentos a algumas pessoas. Só ás 3 1/2 da tarde continuamos a nossa viagem e chegamos ás 4 1/2 ao sitio Bom fim do Snr. Julio Pereira de Macedo, oriundo do Rio Grande do Norte. Mal tivemos tempo de desembarcar, desencadeou-se horrendo temporal, como rarissimas vezes temos visto. Felizmente não durou muito tempo. A noite foi bellissima e encantadora. O Snr. Julio de Macedo e sua digna consorte offereceram-nos um opiparo banquete, como poucos tivemos durante toda a nossa viagem.

No dia seguinte levantamo-nos de madrugada e celebramos a missa com uma assistencia bastante numerosa. Administramos o baptismo e o chrisma a varias pessoas.

A casa do Snr. Macedo é uma das melhores e das mais bem situadas do Rio Negro. Acha-se em um alto que domina grande extensão do rio, e avista-se á 1 h. de distancia. Ao lado existe uma cascata natural que lança as suas aguas ao rio, serpenteando atravez dos rochedos. A agua é cristalina e convida o viajante a refrescar-se nella.

A's 11 h. almoçamos e ás 2 1/2 partimos com destino ao povoado de S. Pedro, á margem direita do rio. Chegamos ás 3 1/2 e fomos recebido pelo velho João Antonio Pereira, paraense, natural da Vigia, homem de 70 annos para mais.

Como tinhamos de trocar pessoal para conduzir-nos adiante, e só o poderiamos fazer em Umarituba, sitio do Snr. João Fontes, para lá nos dirigimos em uma canôa pequenina.

O Snr. João Fontes é um dos principaes commerciantes do Rio Negro. Oriundo de Portugal, conseguio á força de trabalho e intelligencia, fazer uma boa fortuna no Rio Negro. Acha-se actualmente na Europa com toda a fa-

milia, e só vem ao Brazil no tempo do fabrico. A' frente dos negocios está o filho mais velho que, segundo dizem todos, segue os exemplos do pae com a mesma força de vontade o intelligencia.

O Snr. Fontes, filho, recebeu-nos com toda a gentileza, offereceu-nos a sua casa e concedeu-nos o pessoal de que precizavamos. Antes de regressar a S. Pedro assistimos ao acto do lançamento ao rio do batelão S. João Baptista, o mais bello e possante que vimos em todo o Rio Negro.

A's 7 h. da noite estavamos de volta a S. Pedro (1).

A noticia da nossa chegada já se espalhara e, por isso, encontramos já bastante gente reunida. Escusado é dizer a satisfação e alegria que todos demonstravam pela nossa presença. A capellinha encheu-se, por occasião da ladainha.

Os dias 26 e 27, que passamos em S. Pedro, foram completamente cheios. Cremos que em parte nenhuma fizemos serviço tão completo como neste logarejo: todos aquelles que estavam em mau caminho aproximaram-se para receber os sacramentos, de modo que tivemos a consolação de distribuir a sagrada communhão a muitas pessoas e, ao retirar-nos, levavamos o prazer de não deixar ninguem no peccado mortal.

Nem se pense que, por esse motivo, não houvesse alegria no meio do povo; não, grande parte da noite de 27 foi de festa e dansa, durante a qual entretanto, podemos afirmar, não houve nenhum excesso.

No dia 28, após a celebração da missa, fizemos os ultimos serviços que apareceram e dirigimos palavras de despedida bem repassadas de saudade e tristeza, pois em tão pouco tempo já nos haviamos afeiçoado áquelle povo,

---

(1) S. Pedro—Povoado na margem septentrional do R. Negro, entre o R. Miuá e a Pov. das Caldas, em frente da tapera de Castanheiro-Velho, 174 leguas ácima da confluencia do Rio Negro, e 252 da foz do Nhamundá. Seus habitantes, provindos de Damacuris e Barés, em numero de 200 almas, em 28 fogos, plantam e pescam para seu consumo; extrahem salsa e piaçaba (Dic. Top.).

no qual encontraramos tão boas disposições para o bem e tanto espirito religioso.

A's 8 1/2 partimos para a casa do Snr. Carvalho onde demoramos um instante. Foi o Snr. Carvalho que mandou-nos levar a Umarituba, onde chegamos ás 10 h. da manhã.

Logo após á nossa chegada, procedemos á ceremonia da benção do batelão S. João Baptista, conforme havia-nos pedido o Snr. Fontes.

Havia grande quantidade de indios reunidos em Umarituba, alguns mesmo vindos de muito longe, do Uaupés e do Içana. Muitos d'elles apresentaram-se para serem baptizados. Esse serviço occupou-nos durante algumas horas. Almoçamos a 1 h. da tarde. Em seguida o moço Fontes teve a gentileza de dizer-nos que partiriamos em sua companhia, no batelão S. João Baptista, o qual estaria a nossa disposição até ao porto de S. José, onde tencionavamos demorar algum tempo.

Partimos ás 4 1/2 da tarde e chegamos ao sitio «Fiadi», ás 7 h. da noite. Recebeu-nos fidalgamente o dono da casa, Snr. João Ferreira da Silva, moço maranhense dos mais distinctos que encontramos em todo o Rio Negro. Hospedou-nos carinhosamente e captivou-nos pelos seus modos distinctos e conversa summamente agradavel.

No dia seguinte, 29, celebramos a missa e fizemos um pequeno serviço que apareceu.

Começou então a cahir uma chuva bastante forte, que servio ainda de pretexto ao dono da casa para fazer-nos demorar algumas horas e só deixar-nos partir depois do almoço.

Effectivamente só partimos ás 11 h. Passamos por «Bella Vista», casa do Snr. Raymundo Lopes Gonçalves, ás 3 h., e ás 5 h. chegamos a S. José (1), moradia do nosso

---

(1) S. José—Povoado na margem septentrional do Rio Negro, ácima do rio Cauaburi, entre as Povoações das Caldas e S. Pedro, 172 leguas ácima da confluencia do Rio Negro, e 250 da foz do Nhamundá. Provém sua população de Barés, que em numero de 180 almas, em 20 fogos, pescam e plantam para seu alimento; extrahem algumas drogas; e tecem redes de maqueira (Dic. Top.).

bom amigo Joaquim Aguiar, de quem já tantas vezes temos falado.

Fomos fidalgamente recebidos pela Exm.ª esposa do Snr. Aguiar e pelo seu digno socio, João Henrique Ferreira.

Do antigo povoado restam umas duas ou tres casas, não contando a bella moradia e o estabelecimento commercial do Coronel Aguiar. Existe um casebre de palha, servindo de Egreja, sem altar. Vê-se porém no mesmo logar o vestigio de uma Egreja mais antiga e arruinada.

Ahi reune-se o povo em tempos de festa. Nós, porém, não achamos conveniente celebrar nesse logar visto haver outros mais decentes. Armamos o altar na sala de visita da casa do Coronel Aguiar e ahi administramos os sacramentos.

O dia 30 foi agradabilissimo para nós. Tivemos o prazer de ver reunida talvez a população mais selecta de todo o Rio Negro; e o que mais augmentou a nossa alegria foi que todos ouviram com attenção as nossas palavras e satisfizeram plenamente aos nossos pedidos. A este respeito temos que agradecer do intimo do coração aos Snrs. Lopes Gonçalves e João Ferreira da Silva. As uniões matrimoniaes realizadas em S. José encheram de contentamento o nosso coração. E se mais não houveramos feito durante todo o tempo da nossa viagem, por satisfeito nos dariamos com o que conseguimos nesse logar, de onde irradiam-se para todos os pontos do Alto e Baixo Rio Negro, a boa doutrina e bons exemplos da moral evangelica.

Iamos entrar no quarto mez da nossa peregrinação, mez do santo rosario de Maria Santissima, mez de gratas recordações para nós.

No dia 1, celebramos o santo sacrificio da missa e administramos ainda os sacramentos a algumas pessoas.

A's 3 1/2 despedimo-nos das poucas pessoas, que se achavam presentes, e embarcamo-nos com direcção ao an-

tigo povoado do Aruti, onde contavamos chegar no mesmo dia.

O céo estava sem nuvens e o sol era abrazador. O rio estava perfeitamente socegado, apenas uma ligeira briza soprava. Nada absolutamente presagiava o tremendo temporal que desencadeou-se meia hora depois e do qual iamos sendo victimas.

De facto ainda avistavamos S. José, quando pouco a pouco foi despertando o vento e o céo cobrindo-se de espessas nuvens, ao passo que a superficie das aguas ia-se encrespando e as ondas alvejando. Fomos felizes. Conseguimos alcançar a margem direita do rio, que nesse logar forma uma immensa bahia. O vento tornou-se furacão e o rio um verdadeiro oceano bravio.

Infelizmente não havia abrigo, a margem era um extenso barranco. Escondemo-nos atraz de um cotovelo do rio e ahi durante mais de uma hora, que pareceu-nos mais de um seculo, suportamos a chuva torrencial, que cahio, e sustentamos a canôa para que não se quebrasse de encontro ao barranco. Anoitecia já quando começou a declinar o furor da tempestade. Que fazer no meio naufragio em que nos encontravamos? Permanecer na posição em que estavamos, além de perigoso, era impossivel; atravessar para a outra margem, onde avistava-se luz, era temeridade. Fomos então costeando o barranco, até que chegamos á uma praia, onde encontramos uma barraquinha nova, da qual ninguem tinha conhecimento. Seria proteção especial da Virgem do Rosario? Não o sabemos. Era o primeiro dia do mez de Outubro. Encalhamos a canôa e tomamos conta da barraca; mudamos de roupa e recitamos em commum o terço de Maria Santissima, a quem mais uma vez attribuimos a nossa conservação.

Após a tempestade, a bonança. A noite foi bellissima. No dia 2 começamos a viajar logo de madrugada, afim de aproveitar a calma. Manhã encantadora. O sol apresentou-se radiante, espancando as ultimas trevas da noite e eclypsando todas as estrellas. A's 9 h. chegamos a Aruti,

onde fomos recebidos com muita alegria pelo povo, que estava á nossa espera.

O antigo povoado estava situado um pouco mais abaixo do logar onde hoje existem algumas casas. Foi assaz importante, ao que parece, e teve boa capella. Hoje só existe a tapera e nenhum vestigio do antigo nucleo. Entretanto a população do Aruti Novo é relativamente numerosa, como prova o serviço bastante numeroso de baptizados, casamentos e chrismas, que apresentou-se. Achamos armado o altar no quarto de uma casa bastante decente e espaçoso. Ahi celebramos a missa logo que chegamos, em acção de graças a Deus, por ter-nos livrado do perigo. A' tardinha cantamos o terço e a ladainha. O povo estava satisfeito com a nossa presença e, em signal de regozijo, passou grande parte da noite em festa.

No dia 3, celebramos ás 5 1/2 e ás 8 h. embarcamo-nos para o barracão existente na cachoeira do Turi, de onde pediam-nos com insistencia para que nos demorassemos pelo menos uma hora.

Partimos de Aruti com os olhos bastante inflammados e, ao chegarmos ao Turi, a inflammação havia augmentado consideravelmente. De modo que tememos continuar a viagem que devia ser bastante longa, pois deviamos ir até Boa Vista. Resolvemos então fazer uma parada de dois dias nesse logar. Os bons moradores receberam-nos de braços abertos e foram incançaveis, logo que nos viram encommodado, em offerecer-nos os medicamentos que possuiam. Aqui deixamos consignado o nosso agradecimento sincero, partido do intimo do coração. Nossa molestia, a unica que tivemos durante os cinco mezes de viagem no Rio Negro, foi muito rapida. Curamo-nos com o cipó conhecido pelo nome de Gapuhi. Duas aplicações apenas foram sufficientes para que desapparecesse a inflammação.

A nossa estadia de quasi tres dias em Turi não foi completamente perdida, porquanto apresentou-se bastante povo de toda a circumvizinhança e houve muitos baptizados, casamentos e chrismas.

No dia 5, levantamo-nos muito antes de romper a aurora e celebramos o santo sacrificio da missa. Embarcamo-nos logo em seguida e, antes de amanhecer, passamos as duas cachoeiras de Turi e Maçarabi. A's 6 h. chegamos á barraca do Snr. João Ferreira da Silva, de quem já fallamos ácima (1). Paramos apenas o tempo sufficiente para tomar um ligeiro almoço que nos foi offerecido pelo Snr. João Ferreira e sua digna esposa, de cuja gentileza já tivemos occasião de falar, e logo depois continuamos a nossa viagem.

O Rio Negro, que é tão largo em certos logares e tão fundo durante a enchente, offerece verdadeiras surprezas durante a vazante. Vê-se aquelle extenso lençol d'agua e ás vezes não ha canal sufficiente para uma simples montaria; as terras parecem de altura extraordinaria; as praias de alvissima areia estendem-se a perder de vista pelas margens, ou rodeando as ilhas, ou atirando-se pelo meio do Rio de modo a obrigar as embarcações a grandes rodeios. Tudo aquillo é bello e encantador; porem basta um simples repiquete e tudo desaparece e aquellas ilhas, apparentemente tão altas, vão immediatamente ao fundo. Estavamos em plena vazante e, por isso, mais de uma vez, no meio d'aquella immensa extensão d'agua tivemos a surpreza de ver-nos encalhados. Felizmente nossos homens eram praticos e bem depressa cahiamos no canal.

A's 2 1/2 passamos de largo pelo antigo povoado de

---

(1) No Alto Rio Negro todos os negociantes têm duas casas de moradia, uma boa e confortavel para o tempo da cheia, em logar alto; outra, geralmente uma simples barraca, no seringal para o tempo do fabrico. São, o mais das vezes, barracas provisorias, abertas de todos os lados, sem conforto nenhum, utilizadas unicamente durante a vazante pois que vão ao fundo durante a enchente do Rio. Servem de refugio aos viajantes que muitas vezes por descuido ou propositalmente, incediam-n'as. E' uma vida de sacrificios a dos nossos pobres seringueiros!.. Si ao menos tivessem remuneração condigna!...

Santo Antonio de Castanheira (1), do qual nada mais resta, a não ser a casa de um negociante portuguez, e começamos logo a avistar a famosa serra do Jacamim. Encontra-se, á margem do Rio, na encosta da dita serra um enórme rochedo, talhado quasi perpendicularmente e do qual contam muitissimas historias, entre as quaes esta muito curiosa: o rochedo é encantado, aparece e desaparece de repente, sem que se possa comprehender o como, nem o porque. Isso foi o que levou um dos antigos missionarios franciscanos, provavelmente frei Estanislau, a benzer o dito rochedo e collocar em cima uma cruz de madeira que se avista de longe. Desde então, affirmam os naturaes, nunca mais o rochedo desappareceu. Todas as pessoas que passam por lá e têm o espirito supersticioso, desembarcam para deixar alguma offerta. Nós tambem desembarcamos para ver por nós mesmos o que havia lá emcima. Escalamos o rochedo e vimos a Cruz de madeira. Ao lado algumas moedas de cobre, restos de cêra e mais algumas cousas muito insignificantes.

Não acreditamos na lenda do apparecimento ou desapparecimento do rochedo, porém o que é certo, é que de lá goza-se de uma perspectiva admiravel de todo o rio que se estende então a perder de vista. Deixamos escritos na cruz os nossos nomes. E' provavel que mais tarde inventem-se lendas a esse respeito e desde já portanto, para que se restabeleça a verdade, ahi deixamos narrado pura e simplesmente aquillo que se passou.

A's 4 1/2 chegamos á Boa Vista (2), onde fomos ca-

---

(1) Pov. na margem esq. do R. Negro, 152 leguas ácima de sua confluencia e 230 da foz do R. Jamundá, fundada com as reliquias de Castanheiro-Velho e Camundé—Sua Popul., provinda de Barés, Macús e Mepuris, planta apenas para seu sustento, extrahe alguma salsa e puxiri, e tece redes de maqueira.

(2) «Pov. na margem direita do R. Negro, quatro leguas ácima de Santa Izabel e 226 da foz do Jamundá. Sua Popul. de 190 almas em 20 fogos, provém de Barés, Macús e Mepuris, trasladados de Camundé e Castanheiro Velho: planta resumidamente para sua subsistencia, tece redes de maqueira, e extrahe piaçaba, puxiri, salsa-breu e oleo. Seu Orago é N. S. da Saude» (Dic. Top.).

rinhosamente acolhido, mais como filho desde longo tempo esperado e desejado do que como hospede e viajante, pela Ex.ma Snr.a D. Cordolina, matrona veneravel e digna de todo o respeito. Viuva, ha muitos annos, D. Cordolina herdou de seu marido uma numerosa prole, á qual soube dar esmerada educação; intelligente e activa, pagou as dividas deixadas pelo esposo e conseguio, por um trabalho constante de muitos annos, reunir uma fortuna modesta de que vive honradamente, recebendo e hospedando com fidalguia a quantos viajantes desembarcam no seu porto. Boa Vista é o logar do Rio Negro, onde mais correctamente se falla a bellissima lingua dos nossos antepassados, o Nheengatú. D. Cordolina, seus numerosos filhos, genros e noras, e todas as pessoas da familia, embora fallem correctamente o portuguez, pois que todos receberam finissima educação em collegios de primeira ordem, orgulham-se entretanto de fallar entre si e com os seus hospedes a harmoniosa lingua geral.

Foi com verdadeiro prazer que aceitamos o convite de demorar-nos alguns dias, sobretudo que não podiamos resolver-nos a partir sem tornar a ver o genro de D. Cordolina, nosso bom amigo Netto (2), um espirito culto e esclarecido, um trabalhador infatigavel, um dos mais bellos e nobres caracteres que encontramos no Rio Negro, o qual achava-se ausente de casa e só voltaria de S. Izabel depois da chegada do vapor. Esperamos, pois, e desde logo nos dedicamos a estudo serio da lingua geral. Não nos fartavamos de ouvir falar a bella lingua; estavamos verdadeiramente encantado, achando tanta doçura, tanta harmonia, tanta logica, em uma lingua, que até então reputavamos barbara.

---

(2) Este moço intelligente é a alma da projectada Associação Commercial do Rio Negro. Pena será si não fôr avante um projecto tão nobre e de tantas vantagens, sobretudo em uma zona tão abandonada, como é o Rio Negro. Seria bom que todos os negociantes do Rio Negro se compenetrassem que só pela união perfeita de todos haverá progresso nessa zona do Brazil.

Não foram, pois, perdidos os seis dias que passamos em Boa Vista. Todos os dias celebravamos o santo sacrificio da missa com numerosa assistencia, á noite cantavamos o terço e prégavamos com fructo a palavra de Deus. No correr do dia administravamos os sacramentos do baptismo, confirmação e matrimonio.

A Capellinha da Boa Vista é bem edificada e pintada com gosto pelo Snr. João Sá Amazonas, um dos filhos de D. Cordolina e extractor de gomma elastica no Padanery.

As imagens são lindas e de bom tamanho. Acha-se nesta capellinha a imagem do glorioso Santo Antonio, padroeiro de Castanheira, a qual, depois da destruição da capella existente nesse povoado, ficou abandonada ao sol e á chuva. D. Cordolina então, sendo a dita imagem dadiva de seu defuncto marido, mandou-a buscar e recolheu-a a capella da Boa Vista, onde se acha encarnada de novo e em altar bem preparado.

No dia 8, á tarde, fizemos um passeio ao sitio Bom Jardim, a cinco minutos em canôa, onde mora uma nora de D. Cordolina, senhora fluminense muito bem educada e que, após a morte do seu marido, tem mantido sempre o bom nome da familia, procurando educar com esmero as suas filhinhas no melhor collegio de Manáos. Só regressamos ás 8 h. da noite, após o banquete que nos foi offerecido.

No dia 10 de madrugada, chegaram o Snr. Netto e o Snr. João Amazonas de Sá, que regressava da Europa com sua gentilissima esposa. Devemos consignar aqui o nosso sincero agradecimento ao Snr. João Amazonas pelo modo affectuoso e cheio de carinho com que tratou-nos, desde o primeiro momento em que nos encontramos.

No domingo, 11 de Outubro, cantamos o santo sacrificio da missa pela manhã. A's 11 h. tomamos parte no opiparo banquete que nos foi offerecido por D. Cordolina. No correr do festim pronunciaram-se brindes muito affectuosos, dos quaes nos recordamos ainda com sincera emoção.

Foi então que nós tambem pronunciamos algumas palavras que nos apraz repetir aqui: brindamos, nas pessoas dos Snrs. Netto e João Amazonas, ao commercio honesto do Rio Negro, considerando-o como o guarda avançada e o principal factor do progresso e civilização em toda essa vasta extensão da Amazonia; brindamol-o como o portador da palavra de vida ao nosso selvagem perdido nas cabeceiras dos nossos rios, como heroes verdadeiros que, afrontando toda sorte de perigos, vão abrindo e preparando o caminho para o futuro brilhante e grandioso a que tem direito essa extensa porção do territorio brazileiro.

Essas palavras que pronunciamos nesse momento, repetimol-as aqui, para que todos conheçam os nossos sentimentos. Não somos inimigos do commercio, como elemento civilizador e catequizador, muito pelo contrario, reconhecemol-o como elemento principalissimo de civilização, maxime na falta completa de missionarios, como acontece no Rio Negro; porém frizemos bem o termo *Commercio Honesto.*

Chegou o dia 12 de Outubro, dia da nossa partida. Iamos deixar o Alto e encetar nossa peregrinação pela zona do Baixo Rio Negro. Si levavamos o coração oppresso por tantas recordações affectuosas da nossa já bem longa excursão, mais ainda acabrunhado ficamos pela saudade que sentimos ao despedir-nos de D. Cordolina e de todos os habitantes de Boa Vista.

A's 5 1/2 da tarde, atravessamos sem o minimo risco a cachoeira do Tapuruquára, ás 6 h. chegamos á Santa Izabel (1), ao sitio Santa Leocadia, do Snr. Annibal Peixoto.

---

(1) «Freg. do Termo de Mariuá, na margem direita do Rio Negro, em frente do R. Darahá, entre a serra do Jacamim e a cachoeira de Maracabi 144 leguas ácima da confluencia do R. Negro, e 222 da foz do Nhamundá. Houve ahi uma fabrica de anil por conta da Fazenda Publica. Sua população, provinda de Uaupés, em numero de 386 almas, em 60 fogos, planta e pesca para seu sustento; tece e borda de pennas redes de maqueira; e extrae algumas drogas» (Dic. Top.).

Nossa chegada foi triumphal; nosso amigo Netto havia preparado as cousas de modo que, todos estando prevenidos, de todas as casas existentes no perimetro de Santa Izabel ouviram-se atroadoras salvas de rouqueiras e tiros de rifle annunciando a nossa chegada.

Receberam-nos com toda a cortezia o Snr. Annibal Peixoto e sua gentilissima esposa.

Santa Izabel é de facto o ultimo ponto de vapor, embora rigorosamente fallando, possa a navegação estender-se até Camanaus, desde que haja um bom pratico. Ahi é que se reune todo o commercio do Rio Negro desde Uaupés e Cucuhy. Ahi, portanto, é que se agitam todas as grandes questões e interesses, ahi reune-se tudo quanto ha de importante em toda esta vasta região da Amazonia. Não é, pois, de admirar se em Santa Izabel ouvimos fallar immediatamente em todos os assumptos que se agitavam nos grandes centros do Brazil e da Europa: ficamos inteirados da famosa questão da bandeira, das violentas discussões sobre a legação brazileira junto a Santa Sé, do exito brilhante do Congresso Catholico do Rio de Janeiro, e da intrincada situação da politica estadual. Mais de uma vez tivemos de rebater erros e restabelecer factos, como a proposito da questão da bandeira.

Todos sabem, de facto, o quanto amamos a nossa carissima patria e o emblema nacional, a nossa bandeira; todos sabem o quanto o clero brazileiro é ardente de patriotismo e amor por esta terra querida; todos sabem que, tratando-se dos sagrados direitos da patria bem amada, o clero tem sempre sabido cumprir o seu dever de honra. *A priori*, portanto, mandava o bom senso que se examinasse o assumpto desapaixonadamente e não se procurasse lançar a mancha da ignominia e da affronta sobre homens, que no clero nacional occupam muito merecidamente um logar de honra. Foi o caso, pois, que a questão da bandeira offereceu um simples pretexto para que inimigos figadaes do christianismo e do clero manifestassem exteriormente os sentimentos de odio que nutrem contra nós, procurando, nesta circumstancia, excitar as paixões

populares, apontando-nos como inimigos e trahidores! Hypocritas! Inimigos da patria os bispos brazileiros?! Não! Com a fronte erguida para o céo e a mão sobre o peito, protestamos altamente contra tão atroz quanto ignobil injuria! Quando os nossos accuzadores houverem suportado as penas e miserias, que havemos suportado em beneficio da nossa Patria querida, quando houverem afrontado a morte que mais de uma vez temos afrontado para levar a luz da civilização aos nossos irmãos perdidos nas nossas florestas, só então lhes daremos o direito de chamar-nos trahidores, antes não... e que a ignominia de uma tal afronta sobre elles recaia, pois nós bem sabemos quaes são os Iscariotes d'esta Terra que amamos de todo o coração!

* * *

No dia 13 celebramos ás 6 h. a missa na casa do Snr. Peixoto, e mandamos que o Rv.mo Frei Josué fosse celebral-a no sitio do velho portuguez Sobral, onde havia algum serviço a fazer. Do meio dia para a tarde affluio grande massa de povo á casa onde estavamos hospedado, de modo que houve mister transferir grande parte do serviço para o dia seguinte.

O dia 14 até meio dia foi inteiramente occupado por casamentos, baptizados e chrismas.

D'ahi por diante começou a escoar-se o povo, de modo que ficamos a sós do meio dia para tarde, como si por esses logares não existisse nenhum morador.

No dia seguinte não celebramos missa, por falta de velas que mandamos comprar em uma casa visinha. A's 8 h. em companhia do Snr. Peixoto e sua familia, partimos para o Temedauhy, barracão do Snr. Joaquim Cyriaco da Silva.

Temedauhy é o logar mais perigoso do Rio Negro entre Manaus e Santa Izabel, por causa da enorme quantidade de pedras que atravessam o Rio de lado a lado, deixando apenas um canal apertadissimo, que os navios

só se arriscam a passar de dia. Por isso é que ao aproximar-se d'esse ponto, sendo á noite, os vapores deitam o ferro e esperam o amanhecer.

Chegamos ao sitio do Snr. Cyriaco ás 3 1/2 h. e fomos recebido fidalgamente, como aliás em todos os demais barracões do Rio Negro. Porém o Snr. Cyriaco não é um espirito vulgar, o seu trato cavalheiroso supera o commum d'aquelles que se entregam á vida do interior. E' um homem de ideal. Trabalha não somente para fazer fortuna e depois retirar-se, mas com o desejo sincero de concorrer, na medida de suas forças, para o progresso e engrandecimento do Rio Negro. Ahi é que está ganhando; ahi é que ha de deixar o patrimonio para os seus filhos.

E a prova de que suas palavras são sinceras, ahi está o bellissimo sitio do Temedauhy. Ha poucos annos que nesse logar acha-se residindo o Snr. Cyriaco, e hoje é um verdadeiro paraiso.

Faz gosto visital-o. Encontram-se plantadas todas as especies de fructeiras, até mesmo da Europa como parreiras e figueiras. Um extenso cafezal já produz grande quantidade de café. Duas grandes roças, uma já madura para ser colhida, e outra plantada de novo, mostram a facilidade com que a terra, sendo cultivada, produz a mandioca, a macacheira, a batata doce, o feijão, a melancia, o melão, o ananaz, o algodão, o milho... Um bello jardim, onde se encontram as mais variegadas flores, demonstram á saciedade a falsidade do que por ahi dizem alguns: «Do Rio Negro só Manaus». Falso, falsissimo. Como este sitio encontramos outro, meia hora acima de S. Gabriel, propriedade do Snr. Quintino, com uma unica differença, é que o do Snr. Cyriaco ainda é novo, todas as plantações estam apenas medrando, e o do Snr. Quintino é antigo e as arvores vergam sob o pezo das fructas, que apodrecem por terra... um logar de delicias.

E, para que não se diga que estes dous pedaços de terra formam uma excepção, citaremos mais o sitio de S. Cecilia, perto do Snr. Quintino, o sitio em que mora o filho de Jenuino Cordeiro e, aqui muito perto, em frente do

Rio Branco, o sitio do Snr. Nazareth. Muitos nos disseram que nada conseguem, por causa das formigas. Ora todos sabem que este mal é commum e encontra-se geralmente nos logares mais ferteis. Contra elle existem formicidas poderosissimos, infelizmente desconhecidos para muitos habitantes do Rio Negro.

Achamos, pois, que chegou o momento de protestar contra o abandono em que se acha o Rio Negro, sob pretexto de que suas terras nada produzem. E' falso. E nós affirmamos: no dia em que desapparecer a illusão da borracha, e não vem longe, nesse dia será o Rio Negro o celleiro e o refugio de todo o Amazonas.

Demoramo-nos em casa do Snr. Cyriaco, onde tivemos occasião de ver reunida uma selecta companhia de negociantes do Rio Negro, o resto do dia 15, o dia 16 todo inteiro e parte do dia 17. O serviço foi abundantissimo e muito consolador para nós, pois aqui tambem vimos as pessoas principaes darem o bom exemplo de docilidade ás nossas palavras (1).

No dia 17, celebramos o santo sacrificio da missa e administramos ainda os sacramentos a muitas pessoas. A 1 h. da tarde, após o banquete que nos foi offerecido, embarcamo-nos no bello batelão «S. João Baptista», da Casa Fontes, que foi gentilmente posto a nossa disposição pelo Snr. Manuel Alves Campos.

A's 7 h. da noite, chegamos muito felizmente a Vista Alegre, barracão do nosso bom amigo Coronel Joaquim Aguiar, Superintendente de S. Gabriel. Recebeu-nos com toda a distinção o empregado da casa, o qual foi incançavel em obsequiar-nos.

Grande foi a massa de povo que apresentou-se a nós para receber os sacramentos, no curto espaço de tempo que passamos em Vista Alegre. Ahi tambem vimos uma se-

---

(1) Um pouco ácima da casa do Snr. Cyriaco está o limite, pela margem direita, entre os municipios de Barcellos e S. Gabriel. Pela margem esquerda fica muito mais abaixo a linha divisoria: é o igarapé Poné.

lecta companhia de distinctos commerciantes, aos quaes devemos aqui uma palavra de agradecimento pelos modos gentis e cheios de urbanidade com que nos trataram e pelo respeito attencioso com que acolheram as nossas palavras.

O dia 20 pela manhã foi ainda completamente occupado pelo copioso serviço que apareceu. Ao meio dia almoçamos e ás 4 h. embarcamo-nos, com destino á casa do Snr. Diogo, sita á bocca do Poné já em territorio de Barcellos.

Horrivel a tempestade que desencadeou-se meia hora depois da nossa partida. Felizmente chegamos, a tempo de evital-a, á casa do Snr. José Martins de Azevedo, de nacionalidade portugueza, onde tinhamos um pequeno serviço a fazer.

A's 6 h. chovia ainda, porem a trovoada passara. Continuamos a nossa viagem e ás 7 1/2 chegamos ao sitio Bom Futuro, onde recebeu-nos com modos alegres e francos o Snr. Diogo Gonçalves, homem já idoso e natural da Galicia. Achamos um altar bem preparado.

No dia seguinte, 21, celebramos muito cedo e enviamos o Rv.^{mo} Frei Josué á casa do Snr. Dr. Mameliano, a uma hora de distancia dentro do Poné, onde havia algum serviço.

O resto do dia foi occupado com a administração dos sacramentos do baptismo, chrisma e casamentos.

No dia 22, a 1 1/2 da tarde, despedimo-nos do Snr. Diogo e partimos com direcção ao barracão do nosso bom e distincto amigo Julio de Macedo (1). Mais uma, entre as numerosas trovoadas de que fomos victimas no Baixo Rio Negro, obrigou-nos a parar um instante em uma barraquinha, onde acolheu-nos cortezmente o dono, um bom portuguez, de ha muitos annos residente no Brazil. A's

(1) Um pouco abaixo d'este barracão desagua o famoso Rio Padauery, principal fonte de gomma elastica do Rio Negro. Dizem que as aguas, embora doentias, são cristallinas.

4 h. chegamos felizmente ao porto em que deviamos parar.

Como da primeira vez, ainda no Alto Rio Negro, acolheu-nos com alvoroço o Snr. Julio de Macedo e poz á nossa disposição a sua casa.

Fizemos algum serviço no dia 23 e a 1 h. partimos com destino a S. Joaquim, de passagem pela casa da Ex.ma Sr.a D. Marianna. A's 6 h. desembarcamos no porto de S. Joaquim. Nào era mais o que haviamos visto na nossa passagem de aguas ácima. A'quella grande multidão que haviamos visto, succedêra o deserto e o silencio.

Descemos á terra e encontramo-nos com o Snr. Miguel Queiroz, que offereceu-nos uma casa para nossa moradia. A familia do Snr. Queiroz e mais umas tres ou quatro pessoas, era a população restante de S. Joaquim; o resto dos habitantes estavam dispersos pelos seringaes (1).

---

(1) Pensamos que S. Joaquim seja o antigo povoado de Lamalonga, do qual encontramos em Southey as seguintes informações: «Ergue-se Lamalonga á margem direita, numa posição que a Ribeiro pareceu a melhor sobre aquelle Rio para uma cidade grande. Deveu a sua fundação a uma contenda entre dous caciques indios, ambos baptizados, e ambos moradores da aldeia de Bararuá: retirando-se com os seus sequazes veio um d'elles, por nome José João Dary, estabelecer-se aqui, onde se erigiu uma Egreja, não tardando a engrossar o numero de moradores, encorporados nelles outros de outra aldeia. Eram os habitantes uma raça mixta de Manáos, Barés e Banibas.»

«Pouco ácima de Lamalonga vem desembocar o rio Hyaa, que embora inconsideravel a outros respeitos, se faz notar por ter sido o quartel general d'um cacique Manao, por nome Ajuricaba, famoso nos seus dias e famoso ainda hoje naquellas partes. Eram os Manaos a mais numerosa tribu sobre o Rio Negro, e extremamente poderosos devem ter sido outr'ora, se d'elles, como parece provavel, derivou o seu nome o fabuloso imperio de Manoa. No estado selvagem são anthropophagos estes indios, e acreditam em dois espiritos, bom e mao, chamados Manara e Sarana. Um dos mais poderosos caciques d'esta poderosa nação foi Ajuricaba que, pelos annos de 1720 fez alliança com os Hollandezes de Essequebu, traficando com elles por via do Rio Branco. Em escravos consistia da sua parte a mercancia. Para obtel-a arvorava a bandeira holland-za e percorria o Rio Negro

S. Joaquim occupa um logar alto e bello, porem que vae cahindo pouco a pouco devido ás grandes enchentes do Rio. As casas são todas bem edificadas e bonitas. Dir-se-ia que os habitantes nadam todos em um mar de prosperidades, e oxalá a realidade correspondesse ás apparencias!

Da Egreja nova, que se está edificando, existem apenas as quatro paredes. As obras acham-se paradas, ha muito tempo. Contaram-nos a tal proposito tantas historias que não queremos reproduzir aqui; porém procura-

---

com uma armada de canôas, capturando quantos indios podia haver á mão, e infestando tão cruamente as aldeias dos carmelitas que João da Maya da Gama, que, como Governador do Maranhão e Pará succedera ao chronista Berredo, destacou Belchior Mendes Moraes com uma columna de infantaria a protegel-as.

A' sua chegada soube Moraes ter esse terrivel inimigo accommettido pouco antes a aldeia de Aracary, levando muitos dos moradores. Immediatamente o perseguiu, alcançando-o ao cabo de tres dias, mas observando mais strictamente do que requeriam ou podiam justificar as circumstancias a lettra das suas instrucções, contentou-se com recuperar os prizioneiros e reprehender severamente o cacique. Remetteu-se para Portugal um relatorio official do que se passara e do estado miseravel a que as continuas depredações d'este nefario selvagem reduzia os Indios mansos, e logo vieram ordens para fazer-lhe guerra a elle e á sua tribu.

Enviou-se João Paes do Amaral com reforços a fazer junção com Moraes e tomar o commando das forças reunidas. Dirigiram ambos tão acertadamente as suas operações, que capturaram Ajuricaba e mais dois mil dos seus indios Embarcaram-no para o Pará, onde se lhe instaurasse um processo que terminaria sem duvida por uma sentença de morte. Pelo caminho tentaram elle e os seus companheiros de captiveiro subjugar a escolta e apoderar-se da canôa. Não foi sem grande dificuldade que se lhes venceram os desesperados esforços, e depois de domados e acorrentados todos, espreitou o resoluto selvagem a occasião opportuna para atirar-se á agua com os seus proprios grilhões, perecendo por seu proprio acto e vontade. Mas os Manaos, que exultavam com as proezas do seu cacique, e a reputação que este lhes adquirira sobre todas as hordas vizinhas, não quizeram crer que tal homem podesse morrer, e continuaram a suspirar pela sua volta, como os Bretões esperam pela vinda de Arthur, e muitos Portuguezes esperam ainda pela d'el-rei D. Sebastião.» (Southey—Historia do Brazil—vol—VI.)

remos syndicar os factos e depois responsabilizaremos a quem competir.

O serviço feito em S. Joaquim foi insignificante, devido a dispersão do povo, entretanto apresentaram-se sempre alguns baptizados e chrismas.

O incidente mais notavel de nossa estadia em S. Joaquim é que ahi não encontramos transporte para continuar a nossa viagem ; foi necessario recorrer ao Snr. Manuel Cunegundes Lindoso, procurador da Ex.ma Sr.a D. Lourença, de nacionalidade venezuelana, porém residente e proprietaria no Xibarú. O Snr. Lindoso, com muito prazer, accedeu ao nosso pedido, tanto mais que se achava um pouco sentido porque não haviamos passado por esse importantissimo ponto do Rio Negro.

No dia 25, domingo, celebramos o santo sacrifício da missa e ao meio dia tomamos a canôa que o Snr. Lindoso mandara para levar-nos ao Xibarú, onde chegamos ás 2 1/2 h. da tarde.

Curioso o aspecto de Xibarú, onde predomina a lingua castelhana, visto como a quasi totalidade do pessoal de D. Lourença é composta de indios venezuelanos.

Mas que differença entre esses indios e os nossos! Desembaraçados, civilizados, vestem correctamente, dansam como os brancos, envergonham-se dos costumes antigos e dão-se até por ofendidos quando se lhes pede alguma cousa propria dos outros indios. «*Nos otros non sabemos que es esso*», responderam-nos mais de uma vez. Fazem timbre de ignorar os costumes antigos. Muito boa gente, apezar de tudo, e muito respeitadores.

Houve bastante serviço na casa do Snr. Lindoso, que esmerou-se em tratar-nos com requintada fidalguia, fazendo meios e modos para que nos demorassemos até a chegada da dona da casa, esperada a cada instante. Nossa viagem estando já muito demorada, não nos foi possivel satisfazer aos desejos do Snr. Lindoso, a quem pedimos aqui receba nossos sinceros agradecimentos pelo bom agazalho que nos deu e, sobretudo, pelos meios de transporte que offereceu-nos, para continuar a nossa viagem,

quando por um momento vimo-nos encurralados e presos em S. Joaquim.

O Rio Negro, em frente de S. Joaquim, Thomar e Moreira, é de uma largura extraordinaria e, não fossem as numerosas ilhas que ahi se encontram providencialmente, seria um verdadeiro mar de agua doce, em cujas aguas somente grandes embarcações poderiam navegar. As trovoadas são frequentes, inesperadas e perigosas, sendo pois necessario escolher horas determinadas para atravessar de um lado para outro. O dia 26, em que deviamos continuar nossa viagem, foi borrascoso. Só no dia 27, foi possivel partir.

A's 8 1/2 h. despedimo-nos do Snr. Lindoso, de sua familia e do numeroso pessoal, e partimos em procura do barracão do Snr. José Theophilo Junior. A longa travessia foi felicissima. Deixamos de lado o barracão «Fortaleza» que fica em uma ilha quasi em frente á foz do Padauary, onde reunem-se os negociantes d'esse rio á espera do vapor, e chegamos ao «Caetaque», barracão do Snr. Theophilo, ás 10 1/2 da manhã.

O Snr. José Theophilo Junior é um cavalheiro muito distincto e uma das figuras mais salientes no Municipio de Barcellos, do qual é Superintendente interino, após o fallecimento do Snr. Vianna. Recebeu-nos de braços abertos e pôz á nossa disposição a sua casa. Com elle nos haviamos entendido, por occasião da nossa viagem de subida, a respeito de Thomar, onde tem a residencia effectiva. De facto o povo de Thomar havia-nos esperado anciosamente e havia preparado a Egreja para recebernos no mez de Setembro. Passaram-se os dias e chegára a safra da borracha, todos dispersaram-se... Thomar devia estar deserto. José Theophilo aconselhou nos portanto a seguir nossa viagem pelos barracões á margem esquerda até chegar a Barcellos, e nós, já prevenidos pela dificuldade com que luctamos em S. Joaquim, resolvemos seguir este conselho. Para ajudar-nos na continuação da nossa viagem Theophilo teve a gentileza de traçar-nos um itinerario e marcar os logares em que haviamos de parar.

Depois do Coronel Aguiar é, portanto, ao Snr. José Theophilo Junior a quem devemos os mais assignalados favores que recebemos na nossa longa peregrinação. Receba, pois, o illustre cavalheiro os nossos mais sinceros agradecimentos.

Algum serviço fizemos no Caetaque. (1)

No dia 28, á 1 1/2 partimos em direção ao barracão «Providencia», do Snr. Cabral. Chegamos ás 3 h. da tarde. Recebeu-nos affectuosamente o Snr. Joaquim Carvalho, gerente do Snr. Cabral, o qual achava-se para o Padauery.

Houve bastante serviço. O Snr. Carvalho pedio-nos para benzer o barracão e mudar-lhe o nome de «Providencia» para «Salvação.»

No dia 29, tivemos serviço até a hora da partida. A's 2 h. despedimo-nos do Snr. Carvalho e da grande multidão que chegára e partimos com destino ao barracão Tauary, do Snr. Vicente, do Estado do Ceará e morador no povoado de S. Pedro, do qual já falamos. Mais uma trovoada, acompanhada de chuva torrencial, apanhou-nos em viagem. Felizmente nada soffremos e chegamos sãos e salvos ao Tauary, ás 6 h. da tarde.

No dia seguinte, após a missa, partimos com destino ao barracão do Snr. Annibal Castro, sito na ilha Patauá. Chegamos ás 11 1/2 da manhã e fomos muito bem recebido. Houve algum serviço na casa do Snr. Annibal. Algumas pessoas, que vinham de longe á nossa procura, encontraram-nos nesse logar.

No dia 31 ás 3 horas da tarde, em companhia do Snr. Annibal Castro e familia, embarcamo-nos no bello bate-

---

(1) Bem perto mora um antigo negociante que, ao desembarcar em sua casa Nosso Saudoso Predecessor D. José Lourenço, recebeu-o insultuosamente. Infeliz! Perdeu tudo quanto possuia e acha-se reduzido á miseria. O facto é conhecido; é por isso que o referimos. *Nolite tangere Christos meos.*

lão da casa, com destino ao barracão do Snr. Hygino, na foz do Ariraá, districto de Moreira. (1)

A's 5 1/2 chegamos á casa do socio do Snr. Annibal, um bom e distincto portuguez, que recebeu-nos com tanta amabilidade que não temos palavra para agradecer. Depois do jantar, ás 8 1/2 da noite, continuamos a viagem, que foi encantadora, até a casa do Snr. Hygino, onde che-

---

(1) Achamos util citar aqui uma pagina da Historia do Brazil de Southey, para que não fiquem completamente esquecidos esses factos da Historia do Rio Negro: «Abaixo de Thomar dezesete leguas e sobre a mesma margem se vê Moreira, fundada sobre terreno alto. Como Lamalonga deve ella a sua origem a uma disputa entre alguns caciques estabelecidos na mesma aldeia, um dos quaes, por nome João de Menezes Cabuquena se passou para este logar com os seus adherentes. Era Cabuquena um fervoroso converso, mui afeiçoado aos missionarios e por amor delles aos Portuguezes. Acompanhou-o para a nova colonia o Carmelita Fr. Raymundo de S. Elias. Alli residiam pacificamente quando em 1757 rebentou uma formidavel insurreição, que foi fatal a ambos, pouco faltando para causar a ruina de todos os aldeamentos sobre o Rio Negro. Um indio de Lamalonga por nome de Domingos fôra compellido pelo missionario d'este logar a separar-se d'uma mulher com quem não estava cazado. Ressentindo-se d'isto com selvagem azedume, conspirou o homem, para tirar vingança, com tres caciques, que apezar de baptizados com os nomes de João Damasceno, Ambrozio e Manuel, eram christãos de nome somente. Atacaram elles e os seus sequazes a casa do padre, procuraram-n'o em vão para assassinal-o, saquearam-lhe ou destruiram-lhe todos os haveres, entraram á força na Egreja, derramaram o santo oleo e levando as alfaias e vasos sagrados, pozeram depois fogo á aldeia. No dia seguinte trataram de formar allianças, logrando induzir outros indios a seguir-lhes o exemplo. Reunida assim uma força consideravel, cahiram de improvizo sobre Moreira, então chamada Cabuquena do nome de seu fundador, e tanto este cacique como Frei Raymundo foram victimas da matança que se seguio. Exaltados com o triumpho, e engrossado provavelmente o seu numero com os turbulentos do logar, atreveram-se a marchar sobre Bararuá, depois villa de Thomar. Alli estava com um destacamento de vinte homens o capitão de granadeiros João Telles de Menezes Mello, mas fosse que soldados ou oficial se deixassem intimidar ou que este não tivesse confiança nos moradores, que devia defender, abandonou o posto, ficando a aldeia entregue á mercê dos insurgentes. Dirigiram-se estes primeiramente a egreja, onde, na opinião dos portuguezes, commetteram grande sacrilegio, cortando a cabeça de Santa

gamos ás 10 1/2. Apezar do avançado da hora, o Snr. Hygino recebeu-nos com a maxima amabilidade e agazalhou-nos no melhor logar de sua casa.

O Snr. Hygino Brazão é genuinamente brazileiro, natural do Rio Negro. Intelligente e activo, conseguio elevar-se no commercio onde occupa logar saliente como extractor da gomma elastica.

Rosa, para a pôrem na prôa duma canôa. Saqueado e incendiado o logar, tomaram posse da ilha de Timoni, formando d'alli uma confederação com os vizinhos indios bravos para atacar Barcellos, então recentemente elevada á villa. Favoravel era o ensejo, sendo exactamente por este tempo que rebentara o motim capitaneado por Manuel Correa Cardozo. Tão receosos d'um ataque andavam os moradores, que poucos se atreviam a passar a noite na villa, mas auxiliado por elles tomou o sargente mor Gabriel de Souza Filgueira as melhores disposições que pôde, nem os insurgentes desenvolveram a presteza necessaria para o triumpho, que naquella conjectura mui bem podia ser d'elles. Antes que se aprestassem para seguir a sua fortuna, decorreu tempo de sobra para que Mendonça Furtado fosse sabedor no Pará e enviasse uma tropa ao commando de Miguel de Siqueira, homem acostumado á guerra dos indios. Occupou este uma ilha defronte da foz do Ajuana, posição que lhe permittia dominar o rio. Mal teve avizo de achar-se em movimento o inimigo, postou as suas tropas em ambas as margens; recebendo-o com tal vigor, que quasi sem perda da sua parte, derrotou-o com grande mortandade. Perseguiu-o na fuga, avançou contra os indios bravos, que se tinham alliado com elle e com tal resolução procedeu, que nunca mais desde então se disputou a ascnedencia dos Portuguezes no Rio Negro. Alli veio Mendonça Furtado no anno seguinte, trazendo comsigo um ouvidor para inquirir judicialmente sobre as causas da insurreição. Tres indios que mais conspicuos se haviam tornado no levantamento, foram condemnados á morte e outros á penas mais leves. Em 1788 continha Moreira Cobra de trezentos habitantes, mas entre elles maior proporção de portuguezes do que em outra alguma parte d'aquella capitania se encontrava, e esses Portuguezes dos melhores, homens das provincias do norte de Portugal, acostumados a uma vida dura, simples e trabalhosa. Plantavam com proveito o café e o cacau, mas embora o solo se prestasse bem ao cultivo da mandioca, toda ella era preza dos innumeros porcos bravos, em que abundavam as selvas. Os indios eram da tribu Manao e Baré, tornando-se a população dentro em pouco toda ou quasi toda de raça mixta. Bellissima é a posição da villa, espraiando-se diante d'ella o rio em magnifica largura.»

Passamos em Bôa União os dias 1 e 2 de Novembro, todos os santos e finados. Foram dias completamente cheios de trabalho. No dia 2 fomos em canôa pelo Ariraá a dentro a celebrar a missa no cemiterio, onde improvisou-se uma boa capellinha. Acompanhou-nos muita gente que com todo o respeito e piedade assistio ao officio dos mortos.

Foi em Bôa União que adoentou-se, mais de cansaço talvez do que de impaludismo, o nosso bom e infatigavel companheiro Frei Josué. Estivemos a recear, por algum tempo, si deviamos ou não continuar a nossa excursão. Porem sendo sensiveis as melhoras na manhã do dia 3, não hesitamos em partir logo á tarde desse mesmo dia, com destino ao sitio Cumarú, ponto infallivel de vapôr. A 1 h. despedimo-nos do nosso bom amigo Hygino. A's 3 h. passamos em frente ao povoado de Moreira, onde desencadeou-se forte tempestade com chuva. Não desembarcamos em Moreira, pois não havia absolutamente ninguem no povoado. Só de longe vimos a capellinha dedicada á padroeira Nossa Senhora do Carmo. Foi acabada de novo e apresenta vistoso aspecto. A's 5 1/2 completamente molhados chegamos a Cumarú.

Recebeu-nos com toda a gentileza, pondo immediatamente á nossa disposição a sua casa, o Snr. Joaquim Eduardo Teixeira, homem já de avançada edade, portuguez de nascimento porem brazileiro de coração.

Nosso doente, apezar da chuva, nada absolutamente soffreu e foi sempre melhorando, de modo que nenhum receio mais tivemos pela continuação da nossa viagem.

O dia 4 foi completamente tomado pelo abundante serviço de baptizados, chrismas e casamentos, que apareceu. A' noite passou o vapor, que trouxe-nos agradaveis noticias de que estavamos privados tanto tempo havia. Ficamos então com o espirito socegado, sabendo que no resto da nossa carissima diocese, tudo ia em paz sob a habilissima administração do Nosso Vigario Geral, Frei David de Desenzano.

No dia 5, após a missa e ligeira refeição, partimos logo ás 7 h. da manhã em direcção ao sitio denominado Peixe Boi. A's 11 h. paramos para almoçar em casa do Snr. Saraiva, um excellente portuguez, que recebeu-nos muito bem e encheu-nos de presentes. A's 2 h. chegamos ao Peixe Boi, onde passamos o resto da tarde e a noite. Na manhã seguinte, após a missa e o pouco serviço, partimos em direção ao sitio Pirarucú Pirêra, do Snr. Cosme, proprietario tambem do sitio Peixe Boi. Ao meio dia paramos para almoçar na barraca de um bom Venezuelano, que achava-se sozinho e offereceu-nos amavelmente tudo quanto tinha na sua modesta barraquinha de seringueiro. A's 3 h. chegamos ao Pirarucú Pirêra, onde só encontramos algumas poucas crianças, que nos receberam. Tanto o dono da casa como os empregados achavam-se ausentes. Escusado é dizer que, já habituados á fidalga e generosa hospitalidade de todos os habitantes do Rio Negro, não tivemos a menor duvida em penetrar na casa do Snr. Cosme e tomal-a, por assim dizer, de assalto.

Chegou mais tarde o representante do Snr. Cosme, um distincto moço portuguez, o qual, em nome do dono da casa, não somente offereceu-nos o agazalho que já tinhamos tomado, porém improvisou um opiparo banquete a que presidimos ás 8 h. da noite. Mal nos levantamos da mesa, chegou o dono da casa, o Snr. Cosme, ao qual devemos aqui palavras de sincero agradecimento pelo modo cheio de carinho e affabilidade com que tratou-nos nesse momento.

No dia 7, celebramos o santo sacrificio da missa e administramos os sacramentos a algumas pessoas. A's 2 h., após o almoço, partimos para Barcellos, onde chegamos ás 5 h. da tarde. Logo ao desembarcar vimos as grandes pedras que deviam servir de marcos nas fronteiras do Brazil com as colonias hespanholas. Ahi estam para perpetuar a lembrança desses antigos portuguezes que, imperterritos, atravessavam os mares e iam levar a civilização até ao centro das nossas florestas.

Um pouco ácima de Barcellos existe já um novo povoado, que vae florescendo de dia para dia, denominado Piloto. As intrigas de vizinhos impedem que se limpem as frentes das casas, as quaes, por esse motivo, não se podem avistar do rio.

Receberam-nos em Barcellos o nosso já conhecido e amigo José Theophilo Junior, Superintendente em exercicio, que por esses dias havia tomado conta do logar, e o Snr. Paula, escrivão e representante do chefe politico.

Tão má opinião tinhamos de Barcellos, que foi para nós uma verdadeira surpreza encontrar uma bellissima casa, um verdadeiro palacete, onde funcciona a Intendencia Municipal. Nessa bellissima casa, posta a nossa disposição, foi que nos hospedamos. (1)

Custa acreditar que Barcellos tenha sido outr'ora a capital do Rio Negro. «Com effeito, mencionar, descrever a disposição de seus bairros, de suas ruas, palacio, hospicios, armazens, arsenal, ponte e caes, fôra fazer a sua elegia.» (Dic. Top.)

Tudo isso teve outr'ora Barcellos, hoje afóra a bellissima casa da Intendencia e a Chacara do Snr. Valentim Pinheiro, só existem habitações arruinadas e vestigios de edificações antigas.

---

(1) «Outr'ora capital da capitania e ainda uma das suas maiores villas, fica Barcellos sobre a mesma margem dezeseis leguas abaixo de Moreira. Originariamente aldeia de Manaos, chamara-se Maraina (Mariuá) Andando á pesca encontrou um cacique d'esta nação, por nome Comandri, um Carmelita e levou-o para casa; tão bem se deram um com o outro, que o missionario alli fixou a sua residencia, convertendo o mesmo Comandri e sua mãe, que não só se tornaram sinceros conversos, mas até zelosos pela conversão dos outros. Mendonça Furtado elevou o logar a villa, e quando em 1758 se constituiu o Rio Negro em capitania dependente do Pará, para alli foi residir o governador, tomando para seu paço o que antes fôra hospicio dos Carmelitas. Servio Barcellos de quartel general aos commissarios da demarcação de limites d'esta banda; trouxeram-lhe estes, como a toda parte onde estiveram, um passageiro augmento de moradores, beneficio porem mais que contrabalançado pela immora-

«E' Mariuá, continua o mesmo autor, a villa da Provincia do Pará, onde em maior numero hão concorrido illustres personagens; e onde não obstante o deserto, em que está encravada, se ha podido observar a diplomacia européa, em todo o apuro de sua duplicidade e cavilação, officiosidade e cortezia.» E hoje um illustre representante da justiça, a quem muito acatamos pelo seu saber e rectidão de intenções, pede officialmente para que se mude para outra parte a Séde da Comarca!....

Pobre, infeliz Barcellos! Entretanto ha de vir necessariamente o dia da tua rehabilitação!

Da Egreja antiga não existem nem siquer as ruinas. A que hoje existe apenas merece tal nome. Ahi estam as bellissimas imagens, que, provavelmente, existiram na velha Matriz. A Padroeira é Nossa Senhora da Conceição.

No Domingo, 8 de Novembro, cantamos o santo sacrificio da missa, com assistencia muito numerosa, e depois administramos os sacramentos ás pessôas que se apresentaram devidamente preparadas.

A's 11 h. foi-nos offerecido um lauto banquete, quiçá o mais importante a que assistimos durante toda a nossa viagem. Affectuosissimos brindes foram feitos em nossa honra, destacando-se os do Snr. Lima Verde, um moço

---

lidade introduzida e pelos effeitos do serviço compulsorio. Em 1788 passava a população um pouco alem de mil almas, não contada a commissão e as tropas que lhe pertenciam. Manaos, Barés, Bayanas, Uariquenas e Passés, eram os indios, e cultivavam algodão e anil. *Bom o clima e fertil o torrão, encontram-se alli em profusa abundancia os mais deliciosos fructos do novo e do velho mundo.*» (Southey). Ainda bem que não somos nós que escrevemos essas palavras, de outro modo correriamos perigo de levar pedradas d'aquelles que todo o dia andam a gritar contra a insalubridade de Barcellos. Haja hygiene e limpeza, que Barcellos será tão salubre como Manáos. Não somos partidarios dos inimigos de Barcellos, essa terra tradicional, patria de Bento de Figueredo, Tenreiro Aranha, possuidora das cinzas do homem que mais trabalhou pelo Amazonas, quando era simples capitania, Lobo d'Almada. Não! Não se deve tocar em Barcellos... seria um crime contra as mais bellas recordações da historia amazonense.

distinctissimo pela sua intelligencia e sobre tudo por seu caracter puro, e do professor publico, moço tambem muito talentoso.

A todos agradecemos com palavras muito affectuosas, fazendo votos para que surja para Barcellos uma nova era de grandeza e prosperidade.

No dia 9 pela manhã tivemos ainda bastante occupação; ao meio dia foi-nos dado um ultimo banquete, como despedida.

Realmente a pouca população que reunio-se em Barcellos, por occasião da nossa passagem, mostrou-se excessivamente carinhosa para comnosco. Ahi foi que recebemos as provas mais sensiveis de amor, respeito e veneração para com o bispo. Não poderemos jamais esquecer a scena pathetica que, já no momento de embarcar-nos, desenrolou-se aos nossos olhos; as palavras cheias de fogo e saudade, pronunciadas pelo Snr. Lima Verde; as lagrimas silenciosas que vimos escorrer de muitos olhos e escorreram dos nossos tambem; os abraços cheios de ternura que nos foram dados; os vivas enthusiastas, que de todos os peitos irromperam, a nós, á religião catholica, apostolica, romana, ao glorioso pontifice reinante, a Jesus Christo Redemptor dos homens!... E emquanto algumas vozes entoavam um hymno de despedida, os lenços agitavam-se phreneticamente, e a nossa canôa arrastada pela corrente, ia vagarosamente deslizando pelas aguas tranquillas do Rio Negro, perdemos de vista a tradicional Barcellos, que escondeu-se em um angulo do Rio!...

A's 5 h. da tarde chegamos á casa do Snr. José Fernandes, um bravo Rio Grandense do Norte, o qual recebeu-nos com muita affabilidade.

No dia seguinte muito cedo, celebramos a missa e partimos com destino a Caboris. A's 12 h. paramos em uma barraquinha para almoçar. Mais adiante havia um morador que veio ao nosso encontro e pedio-nos para chegar á sua casa. Accedemos com muito gosto ao convite e fizemos um pequeno serviço que apresentou-se. No momento de tomar os assentamentos, descobrimos que

ahi estava o local do antigo povoado de Poiares, tambem chamado Cumarú. (1)

Não nos demoramos muito e a 1 1/2 h. continuamos a nossa viagem; ás 4 1/2 chegamos a Caboris, onde encontramos a boa velha Jeronyma, mãe de numerosa prole, de sangue puramente indigena, a qual recebeu-nos com os mais vivos signaes de alegria e contentamento. Depois de agazalhar-nos confortavelmente, a boa matrona levou-nos a visitar a bella capellinha que mandou edificar no logar mais alto do sitio, afim de lá guardar as numerosas imagens que tinha em sua casa.

Fóra da velha Jeronyma e seus filhos e netos, ha alguns outros moradores em Caboris e nas visinhanças, de modo que forma um verdadeiro povoado, onde existe uma escola publica. Sendo tempo de ferias, o professor achava-se ausente no seringal, trabalhando pela vida. E' pernambucano e, no que parece, incredulo. Não queremos acuzar temerariamente, porem pensamos que sobre elle recae em grande parte a responsabilidade d'aquillo que vamos narrar em seguida.

De facto, como por toda parte, fomos muito bem tratado pela boa velha Jeronyma que prodigalizou-nos toda sorte de attenções e desde logo pôz á nossa disposição a sua canôa para transportar-nos a Carvoeiro. Muito serviço apresentou-se de baptizados, casamentos e chrismas;

---

(1) «Sete leguas abaixo de Barcellos fica Poiares, chamada Cumarú quando aldeia dos Carmelitas, e conhecida tambem pelo portentoso nome de Jurupari puraceitaua, que em vulgar quer dizer sala de dança do diabo. Esta povoação, uma das bellas situações do Rio Negro, onde este attinge a prodigiosa largura de sete e oito leguas, habitavam-n'a Manáos, Barés e Passés, com subido numero de portuguezes» (Southey).

O autor do Dicionario Topographico refere que este povoado tinha como padroeiro Santo Angelo, e que trasladou-se para outro logar abaixo, 28 leguas ácima de Manáos, o que leva-nos a crer que seja o povoado de Tauapiçaçu. O certo é que da antiga Poiares nada mais existe absolutamente.

tudo fizemos, como nos outros logares, sem onerar a ninguem.

A população toda composta de indios civilizados, bôa e agradavel como em todo o Rio Negro, encheu-nos de agrados e presentes.

Chegou o dia 12, em que deviamos partir para Carvoeiro. Ninguem se apresentou para levar-nos, nem ao menos um para servir-nos de guia. Apenas a velha Jeronyma, da margem do rio, dizia-nos que esperassemos, que os homens viriam, que tomassemos conta da canôa.

Que fazer em taes circumstancias? Dirão alguns que fomos imprudentes, porém o futuro encarregou-se de provar que deviamos fazer o que fizemos; porquanto, a pobre velha Jeronyma acompanhada de outras mulheres, teve necessidade de ir ella propria, mais tarde, buscar a canôa, pois não encontrou um só homem para fazer esse serviço. Suspeitando alguma surpreza, embarcamo-nos na pequena embarcação com toda a bagagem amontoada como foi possivel, e atiramo-nos aguas abaixo, á mercê de Deus, tendo como remadores quatro meninos que traziamos, e piloto o proprio Deus que guiou-nos atravez do labyrintho de ilhas que enchem o rio até Carvoeiro.

Confessamos que o dia 12 foi de continuo sobresalto para nós; a cada instante, a cada momento estavamos vendo uma desgraça. Contavamos encontrar em caminho alguem, uma barraquinha qualquer onde podessemos pedir informações, ou ao menos certificar-nos de que não iamos errado. Não encontramos ninguem; nenhuma barraca, nenhuma canôa; nenhum terreno solido siquer em que podessemos encostar para fazer fogo e almoçar. Navegamos o dia inteiro; nossos meninos sentiam fome e fadiga; nós mesmos remamos para ir mais depressa, para onde não sabiamos.

Aproximava-se a noite, o rio parecia tornar-se cada vez mais largo e nada encontravamos que nos esclarecesse da situação. Em frente avistamos uma serie de praias que sucediam-se umas ás outras. Desanimados, cheios

de susto e temor, encostamos a canôa em uma das praias e desembarcamos.

Tristissima foi a refeição que tomamos; triste a noite que passamos. Amanheceu o dia 13 e continuamos a nossa viagem. De madrugada pareceu-nos ouvir vozes longinquas, o que nos dava agora alguma esperança. Fomos continuando a viajar atravez do labyrintho. Deviam ser 8 h. mais ou menos, quando de repente apareceu-nos pela prôa Carvoeiro, que nós pensavamos haver ficado para traz havia muito tempo.

Inexprimivel a alegria que sentimos! Foi um resurgir de esperanças e satisfações.

A's 8 1/2 desembarcamos em Carvoeiro, onde ninguem absolutamente nos esperava.

Dirigimo-nos immediatamente para a Egrejinha afim de dar graças a Deus. Ahi foi encontrar-nos o Snr. Alberto Torres, principal chefe da localidade, o qual conduziu-nos logo para a sua casa, onde agazalhou-nos fidalgamente.

Não tinhamos intenção de demorar-nos mais de nm dia em Carvoeiro (1), mas as circumstancias obrigaram-

---

(1) «Freguezia de Santo Alberto de Aracari, na margem Austral do Rio Negro, 67 leguas ácima de sua foz e 145 da do Jamundá, do termo de Mariuá, entre o rio Caburi e a freguezia de Itárendaua, em frente do Yauapiri. Foi sua fundação na margem oriental do Rio Caburi, submettidos os indigenas seus habitantes aos esforços e generosa dedicação do Sargento da Guarnição da Fortaleza da Barra, Guilherme Valente, que ahi recebeu em casamento a filha de um principal. Deste Rio trasladou-se a povoação para a margem austr. do R. Negro, immediatamente abaixo da sua foz, onde se lhe encorporou a Aldeia de Aranacoá e d'onde se trasladou ultimamente para a situação que occupa. Em 1758 foi elevada á categoria de Logar, pelo Governador Povoas, com o nome de Carvoeiro. Em 1833 foi rebaixada a Simples Freguezia com o seu primitivo nome Brazileiro. Sua população, provinda de Manaos, Paravianas e Uaranacoacénas, consta de 1097 almas em 140 fogos, dispersos, a maior parte, pela extensão do paiz. Cultiva mandioca, fructas, arroz, café, cacau e algodão, de que tecem pannos e redes, e de que já houve uma fabrica por conta da Fazenda. Manipulam azeite de tartaruga no Rio Branco, e extrahem salsa e breu» (Dic. Top.).

nos a uma permanencia de tres dias. Serviço não houve com abundancia, por achar-se o povo disperso; entretanto tivemos occasião de ver a boa vontade que existe a respeito da Egreja e de tudo quanto diz respeito á religião. De facto a Egreja de Santo Alberto de Carvoeiro é uma das melhores e das mais bem tratadas do Rio Negro. Para tratar das festas, que costumam celebrar-se com explendor, e ao mesmo tempo cuidar da conservação e limpeza da bella Egrejinha, nomeamos uma commissão composta dos personagens mais importantes e conspicuos de Carvoeiro, tendo como presidente o Snr. Mello, o negociante mais forte do logar.

Devemos aqui uma palavra de agradecimento sincero ao Snr. Alberto Torres, ao Snr Hygino e sua gentilissima esposa, intelligente professora publica, pelo carinhoso tratamento que nos deram desde o momento em que desembarcamos em Carvoeiro até o instante da nossa partida.

No dia 16 levantamo-nos ás 4 h. da madrugada e celebramos o santo sacrificio da missa. A's 7 h. despedimo-nos do bom povo de Carvoeiro e partimos com destino a Moura.

A viagem foi alegre e cheia de encantos, em bôa canôa e com bom pessoal. Tinhamos agora o coração completamente leve e podiamos contemplar as bellezas que a natureza offerece ao viajante que vae de Carvoeiro a Moura.

Foi um momento delicioso para nós quando atravessamos a bocca do Rio Branco, o maior e mais poderoso affluente do Rio Negro. O contraste das aguas dos dois rios, as praias amarellentas de um e alvissimas de outro, chamavam a nossa attenção.

Paramos um instante no enorme rochedo, ou antes ilha de pedra, que encontra-se á entrada do Rio Branco e serve de poiso a milhares de milhares de andorinhas. Formam nuvens quando voam todas ao mesmo tempo e parecem um tapete vivo quando estam poisadas sobre o rochedo. Cinco minutos apenas nos demoramos nesta pa-

rada, o tempo sufficiente para apreciar e gozar o bellissimo panorama que se apresentava aos nossos olhos.

Mais adiante fizemos outra parada em uma das praias do Rio Branco. Finalmente, ao meio dia, deixando de lado o bellissimo sitio do Snr. Nazareth, fomos parar na ilha de Uapaná. Pequenina, porem importantissima esta ilha por servir de ponto onde se reunem os pescadores que se dedicam á pesca e salga do pirarúcú. Está situada entre rochedos e em frente de uma das boccas do rio Iaupery. Fomos bem acolhido pelo pessoal que se achava na ilha e almoçamos com muito bom apetite. A's 2 h. continuamos nossa viagem, em direcção a Moura (1) que desde a ilha já se avistava como um ponto branco quasi imperceptivel, e chegamos ás 4 h. da tarde.

---

(1) «Santa Rita de Cassia de Itarendaua: Freguezia na marg. austral do Rio Negro, abaixo da confluencia do R. Branco, em frente quasi do Hiauapiri, 58 leguas acima da confluencia do R. Negro, 136 da foz do Jamundá, pertencente ao termo de Mariuá. Foi primitivamente uma Aldeia de indigenas Carahiahis, missionada pelos Carmelitas, na margem esquerda do Rio Uarirás, d'onde se trasladou para a actual situação, tomando da natureza de seu terreno o nome de Pedreira. Foi erecta em Villa, com o nome de Moura, pelo Governador do Estado, Mendonça Furtado, em 1758, predicamento de que decahio, em 1833, pela divisão do territorio para execução do Codigo do Processo, quando se lhe deu o nome apropriado de Itárendaua (pedreira). D'esta freguezia, naturalmente por sua proximidade ao Rio Branco, e grandes lagos que bordam suas margens, principia-se a soffrer de intermittentes, flagello dos paizes paludosos; e por isto é esta Povoação, a em que mais esmero se observa em sua disposição. Ha uma rua que não é senão uma alameda de larangeiras, cujo aroma embalsamando o ambiente neutraliza a influencia malefica do paiz. Sua população, provinda de Caburicenas, Coeuanas, Carahiahis Iumas e Manáos, em numero de 1200, em 150 fogos, assaz dispersos, e restantes de 280 que teve, cultiva mandioca, fructas, arroz, cacau, café, algodão e tabaco; pesca, no Rio Branco, peixe-boi, pirarucú e tartaruga; tece redes e pannos de algodão, do que já teve uma fabrica por conta do Estado: extrahe breu, salsa, baunilha e cravo.» (Dic. Top.). Veja-se tambem Southey.

O sabio Agassiz visitou Moura, em companhia de sua mulher, no anno de 1865. E' datado do 29 de Dezembro o que Mme. Agassiz escreve a proposito. Escolhemos apenas o seguinte trecho: «Ao

Estando auzente o Snr. Coronel Nazareth, unica pessoa que conheciamos em Moura, não sabiamos a quem dirigir-nos. Desembarcamos e fomos visitar as ruinas da Egreja. Ahi foi encontrar-nos o illustre doutor Passos, Juiz de Direito da Comarca do Rio Negro, em companhia do Coronel Horta. Acceitamos o attencioso convite dos illustres cavalheiros e dirigimo-nos para a residencia do integro juiz de direito, a quem devemos neste momento uma palavra de sincero e affectuoso agradecimento.

As imagens da padroeira Santa Rita de Cassia e de outros santos, veneradas na antiga Egreja, acham-se recolhidas á sala de uma casa particular. Mandamos preparar a sala e ahi celebramos o santo sacrificio da missa e administramos os sacramentos.

---

entrar na aldeia, encontramos o cura, que convidou-nos a ir repousar em sua casa, e, de caminho, pedimos para visitar a Egreja. Pode-se quasi sempre julgar da boa ou má condição dos estabelecimentos amazonicos pelo estado em que se encontra a casa do culto. Tudo nesta denotava ruina: as paredes por terra tinham mais janellas do que as feitas pelo pedreiro, mas o interior estava limpo, e o altar mais bonito do que se poderia esperar em uma aldeia tão pobre como parece ser Pedreira. Talvez assim estivesse por causa da solemnidade das festas do Natal. O cura d'esta aldeiola, o P. Samuel, é um sacerdote italiano que passou muitos annos da sua vida entre os indios da America do Sul, quer na Bolivia, quer no Brazil. Não nos fez, como o seu confrade de Tauapiçaçú, um pomposo elogio da salubridade de sua parochia. Pelo contrario, disse-nos que a febre intermittente, da qual elle proprio muito soffrera, é endemica, e que o povo alimenta-se miseravelmente. Quando custam a chegar as provisões de Manáos, não se acha mais na aldeia nem café, nem assucar, nem chá, nem pão. Não existindo praia no logar, é necessario ir pescar a uma certa distancia, na margem opposta do rio; e estando cheio o rio, torna-se impossivel a pesca... Que documento mais eloquente da incuria da população, esta falta de alimento em uma região, em que *uma variedade immensa de vegetaes poderia ser cultivada quasi sem trabalho; em que as pastagens são excellentes; em que o café, o algodão, o cacau o assucar encontram as condições de clima que mais lhes convem e dariam colheitas mais abundantes do que em qualquer dos paizes entregues a esta producção!* E entretanto, neste paiz tão fecundo o povo vive constantemente sob a ameaça da fome! » Felizmente não são nossas estas palavras!

Muito amante da religião mostrou-se o povo de Moura; aos actos que celebramos não faltou quasi ninguem; nossas palavras foram escutadas com a maxima attenção e respeito.

Deixamos Moura com destino a Airão no dia 18 ás 10 h. da manhã, ás 5 h. da tarde chegamos a um sitio abandonado, conhecido por «*Pro Esperança*», onde passamos a noite.

Chegamos a Airão, no dia seguinte, ás 2 h. da tarde.

Já em terra fomos gentilmente recebido e agazalhado pelo professor, Manoel Cavalcanti de Albuquerque, homem distinctissimo e que ha vinte e um annos acha-se regendo a escola de Airão. Ahi passou toda a mocidade, constituio familia e gastou todas as suas economias. Homens como este são rarissimos no Rio Negro.

A Egreja é bastante grande, bem construida, porém está carecendo serios reparos. Parece que celebram-se muitas festas em Airão, porem consistem sobretudo em divertimentos profanos, sendo a ladainha um simples pretexto, de modo que as esmolas que se arrecadam de nada servem absolutamente para a Egreja, que está quasi em ruinas.

Não nos demoramos em Airão (1). No dia seguinte,

---

(1) «Santo Elias de Jahú: Freguezia, na margem direita do Rio Negro, immediatamente abaixo do Rib., que lhe deu o nome, 46 leguas ácima da confluencia do Rio Negro, e 124 da foz do Jamundá. Foi primitivamente a aldeia de Tarumá, fundada em 1669 por Pedro da Costa Favella, e o mercenario Frei Theodozio, na margem esquerda do mesmo Rio Negro, e immediações do Aiurim com indigenas Tarumas e Aruaquis; sendo o primeiro estabelecimento no Rio Negro, 25 annos antes da missão Carmelita. Depois trasladou-se para onde ora existe, ajuntando-se-lhe neophitos das nações Tacú e Manáos, dando-se-lhe o nome de Airão. Confrontando com o R. Uacriau, tem n'elle seus estabelecimentos ruraes, em razão da prodigiosa fertilidade do terreno; o que paga com demasiada usura pelo incommodo que importam as continuas aggressões dos Pariquis. Sua população, provinda das nações que ficam mencionadas, ora reduzida a 440 almas, em 50 fogos, restantes de 180 que teve, planta para o seu consumo, e algodão de que tece redes; pesca pirarucú, peixe-boi e tar-

20 de Novembro, após a celebração do santo sacrificio da missa e o pouco serviço que apareceu, despedimo-nos do bom povo de Airão e do excellente professor Albuquerque e partimos com destino ao sitio Mirápinima. Pelas 11 h. passamos em frente á ilha do Jacaré (1) e ao meio dia chegamos á ponta da Egrejinha (2). E' uma illusão perfeita. Aquelle amontoado de pedras, visto de longe, parece uma agglomeração de casas, sobresahindo a pedra esburacada pelas aguas, conhecida pelo nome de Egrejinha. Ahi almoçamos e refrescamo-nos nas aguas que banhavam a Egrejinha.

A's 2 1/2 continuamos a nossa viagem, interrompida de quando em vez por algum pé de vento.

A's 5 1/2, já em vista de Mirápinima, começou a cahir tremendo vendaval, acompanhado de forte chuva. Ainda tivemos tempo para saltar em terra e encalhar a canôa sobre as pedras.

A's 6 1/2 estavamos agazalhados em casa, ao passo que

---

taruga; extrahe breu, salsa e madeiras finissimas para marcenaria.» Hoje o commercio é exclusivamente da borracha.

(1) Ahi costumam aparecer os indios Jauaperys, que causam o terror dos moradores de Ayrão e Moura. Entretanto pessoas muito fidedignas disseram-nos que são indios muito mansos que, si fazem mal e atacam muitas vezes, é porque já têm sido muito provocados e atacados.

(2) O R. Conego Francisco Bernardino de Souza, no seu livro «Pará e Amazonas», tratando da formação geologica das margens do Rio Negro, escreve a proposito: «No Aracary, logar de uma povoação abandonada sobre uma camada, que se eleva regularmente a duas braças sobre o nivel d'agua do rio (em principios do mez de Outubro), e em alguns logares a quatro braças, formada de areia com alguma consistencia, existe outra de psammito em decomposição. A primeira por sua pouca consistencia foi esburacada pelas aguas e apresenta diversas arcadas, começando umas mais abaixo do que outras, de modo que com a de tres palmos de espessura, que ficalhe por cima, apparece de longe, fingindo diversas casas e uma Egreja; pelo que dão a este logar o nome de Egrejinha.» A descripção está bem feita e destroe algumas historias que ouvimos; porem o logar em que se encontram as ditas pedras não é Aracary e sim esse que apontamos entre Airão e Mirápinima.

fora assobiava o vento com violencia inaudita. A's 7 1/2 estava tudo calmo, nem dir-se-ia que momentos antes estava a natureza em convulsão medonha.

O Snr. Viriato Pacheco e seu irmão, receberam-nos de braços abertos, e trataram-nos de modo tão carinhoso e affavel que não sabemos como agradecer-lhes. São descendentes dos antigos moradores do Rio Negro, sendo o Snr. Viriato pratico de carta. Navega nos vapores da casa Rosas.

Em frente de Mirápinima começa o famoso archipelago da Navilhana, por onde navegam as canoas que viajam para Manáos e de Manáos para Moura ou Rio Branco, afim de evitar a famosa e arriscadissima bahia de Buia-uaçú (1)

Passamos em Mirápinima os dias 21 e 22, sabbado e domingo. Embora não se tenha reunido muita gente, sempre houve algum serviço de baptizados e chrismas.

O sitio de Mirápinima é outro argumento contra aquelles que dizem que as terras do Rio Negro são improductivas. E' um verdadeiro pomar: encontram-se fructeiras de toda qualidade, uma bellissima roça e, mais do que tudo isso, bonitos pés de seringueira plantados e cultivados com sucesso.

No dia 23, levantamo-nos ás 3 h. da madrugada e celebramos o santo sacrifício da missa com assistencia de todas as pessoas que se achavam no logar. A's 4. h. após uma ligeira refeição, despedimo-nos de todos e começamos a navegar com destino ao Tauapiçaçú.

Estavamos a terminar a nossa longa excursão e parecia-nos que o tempo custava a correr.

Entretanto agora mais do que nunca sentiamos o temor do desconhecido. De ha muito nos haviamos habituado a encarar os acontecimentos com a maxima fleugma, agora porém sentiamos verdadeira tentação de desanimo. Que seria de nós ao chegarmos em Tauapiçaçú?

---

(1) Buia—cobra—Uaçú—grande.

A's 7 1/2 paramos na barraquinha de uma boa familia parahybana, onde fomos muito obsequiados. A's 8 1/2 continuamos a nossa viagem. Até então o vento estivera fraco, depois começou a despertar de tal modo que a muito custo somente conseguiamos avançar algumas braças para a frente. A corrente é já quasi insensivel de modo que não ajuda á navegação. Viajamos assim, ou antes luctamos contra o vento, até ás 4 h. da tarde, hora em que começou a declinar.

Já ao pôr do sol, avistamos muito ao longe as luzes de Tauapiçaçú; só chegamos depois das 8 h. da noite.

A primeira dificuldade era subir ao povoado que fica no alto d'um barranco. Tropeçando de um lado e de outro, conseguimos chegar até um cazarão illuminado, a cuja porta estava um homem distrahindo-se com um instrumento de musica. Era portuguez. Vendo que alli estavam alguns viajantes e sabendo que um d'elles era o bispo, levantou-se immediatamente e collocou-se em nossa frente para servir-nos de guia. Pedimos que nos levasse á casa do professor, unica pessoa de quem tinhamos alguma informação.

Foi uma verdadeira surpreza para o bom e distincto professor, João Baptista de Moraes Reis, ver chegar naquelle momento á sua casa o bispo do Amazonas. Não podemos dizer o modo affectuoso com que fomos recebidos. João Baptista é maranhense e acha-se já em Tauapiçaçú, ensinando as crianças, ha sete annos. E' um homem de bem em toda a extensão da palavra; é tambem um trabalhador infatigavel, que não somente por palavras mas pelo exemplo ensina aos seus alumnos a grande lei do trabalho. Ao lado da casa, em que mora e da escola, abrio elle uma grande roça, onde ao lado da mandioca tem plantado toda sorte de legumes.

Realisa o professor de Tauapiçaçú, talvez sem d'isso haver cogitado, um dos sonhos da moderna escola pedagogica, que aconselha um campo de ensinamentos praticos a respeito da agricultura, a principal riqueza dos povos.

Nessa mesma noite o professor mandou bater á porta de todos os moradores, dando aviso da nossa chegada, de modo que na manhã do dia seguinte apresentaram-se já á Egreja quasi todos os moradores. Os habitantes de Tauapiçaçú são quasi todos cearenses; occupam-se da agricultura e da extração de madeira. Existe uma boa e bem montada serraria a vapor, propriedade de alguns moços portuguezes.

No dia 24 celebramos o santo sacrificio da missa com assistencia de quasi toda a população. Visitamos em seguida a Egreja, cujo padroeiro é S. Angelo. Está em obras, devido aos esforços e boa vontade do povo, que, apezar de pobre, dá de bom grado a sua esmola para a reedificação da casa de Deus.

Pensamos que Tauapiçaçú seja o antigo povoado de Cumarú ou Poiares, de que já fallamos atraz em uma nota. O que nos contaram os habitantes velhos de Tauapiçaçú foi o seguinte: ha alguns annos atraz, houve uma carnificina no Alto Rio Negro; então um dos tuixauas perseguidos, reunio todo o seu povo e veio com elle de aguas abaixo, trazendo a imagem de S. Angelo, á procura de um logar em que podesse estabelecer-se. Encontrou esse logar alto e bonito, completamente abandonado. Agradou-se d'elle e ahi ficou com toda a familia, dando assim inicio á Aldeia Nova, ou Taua Piçaçú. Mais tarde vieram para ahi muitos colonos cearenses.

Os velhos indigenas, primitivos moradores, foram desaparecendo pouco a pouco, uns por morte, outros desgostosos por causa das repetidas rixas que surgiam, de modo que hoje, com rarissimas excepções, a quasi totalidade da população é oriunda de outros Estados.

A população é fixa, pobre mas independente. Cada qual é senhor da sua pessoa e rei na sua casa. Tivemos muito prazer em visitar esta boa gente cada qual na sua cazinha (1).

(1) Tauapiçaçú foi tambem visitada pelo seu sabio Agassiz. Eis algumas palavras de Mme. Agassiz: «Nossos companheiros foram á terra e voltaram trazendo o cura da Aldeia para tomar chá comnosco. Que

Tivemos muito serviço em Tauapiçaçú e mais teriamos si podessemos demorar mais tempo. Porém achavamo-nos sinceramente fatigados. Adoecera nosso bom irmão Acacio que tantos serviços nos havia prestado; sentiamos necessidade de voltar a Manáos. Determinamos, portanto, partir no dia 26.

Levantamo-nos nesse dia ás 4 1/2 da madrugada e celebramos o santo sacrificio da missa. Em seguida administramos os sacramentos a mais algumas pessoas que se apresentaram.

A's 10 h. despedimo-nos do bom povo que se agglomerara á beira da praia e partimos para entrar no Archipelago da Navilhana. Embora tivessemos grandes desejos de ver com os nossos proprios olhos a extensa e famosa bahia de Buia-uaçú, entretanto procuramos evital-a, visto não haver necessidade nenhuma de atravessal-a.

Acompanhou-nos, até uma certa distancia em outra canôa, o bom professor com sua familia e mais algumas pessoas.

O vento favoravel até a entrada do archipelago, tornou-se depois inteiramente contrario, obrigando-nos a navegar unicamente a remo. Só paramos ás 10 h. da noite.

No dia 27 começamos a navegar ás 3 h. da madrugada e ás 6 h. fizemos uma primeira parada para tomar alguma refeição. Começou a soprar mais tarde uma ligeira briza de terra que ajudou-nos muito, pois navegamos a panno até uma certa distancia. A's 2 h. paramos para almoçar. Navegamos em seguida em direção á ponta

---

homem intelligente! Fez-nos um grande elogio da salubridade de Tauapiçaçú onde, affirma elle, não se soffre nem dos mosquitos, nem dos piums, nem de outros insectos perniciosos. A' primeira vista parece que permanecer em um logar tão afastado e tão retirado seja a mais triste sorte que possa cahir sobre um homem e que somente uma dedicação extraordinaria possa decidir um ente civilizado a acceitar esta dura condição. Mas não ha canto por mais remoto que seja no Brazil em que não cheguem a implantar-se as pequenas intrigas politicas, e dizem que este padre é um grande politico.»

da Arara, tendo pela frente Cupuaçútuba, e deixando á direita, a perder de vista, a immensa bahia de Buia-uaçú.

Outros batelões estavam á vista. A's 6 h. da tarde paramos para jantar. Continuamos em seguida a viagem, com vento bastante favoravel, até ás 10 h. da noite e paramos em frente de Paricatuba. A noite estava bonita, o céo estrellado e ao longe, porém distinctamente, avistou-se o reflexo da illuminação electrica de Manáos. Estavamos satisfeitos, ao contemplar de longe a dominadora do Rio Negro, após cinco mezes de auzencia.

O Rio Negro, tão largo em Buia-uaçú, torna-se bem estreito antes de chegar a Paricatuba, quasi tão estreito como em S. Gabriel, para depois alargar-se novamente até em frente de Manáos.

Passamos a noite um pouco ácima do Tarumãzinho. A's 5 h. da manhã começamos nossa viagem em lucta contra o vento, que de minuto a minuto foi augmentando sempre até tornar-se temporal. Felizmente nosso batelão era grande e possante, nada soffremos. Tinhamos desejo de entrar no Tarumãzinho em visita á familia do saudoso Maximiano Roberto, cujas obras manuscriptas de uma importancia capital sobre o Rio Negro e Uaupés extraviaram-se, não sendo possivel d'ellas ter noticia. Porém á vista do temporal deixamos de parte o Tarumãzinho, fizemos a travessia, assaz perigosa do Tarumão Grande, e ao meio dia paramos para almoçar na barraca de um bom boliviano, conhecido por D. Beril.

A's 2 h. continuamos a nossa viagem, já com vento favoravel, e ás 4 1/2 desembarcamos silenciosamente no igarapé de S. Raymundo.

Chegamos a Manáos no dia 28 de Novembro de 1908, faltando dois dias apenas para completar cinco mezes de ausencia da nossa carissima cidade de Manáos.

Dirigimo-nos immediatamente para a Egreja de S. Sebastião afim de dar graças a Deus por ter-nos reconduzido sãos e salvos ao amplexo das pessoas que nos amam e estimam.

E tinhamos muita razão, porque momentos depois caniamos entre os braços do pae extremoso, que de longe viera em busca dos filhos amados e muitas lagrimas amargas vertera no silencio da noite, ao saber que haviam partido para muito longe...

Poucas pessoas apresentaram-se para dizer-nos uma palavra de boa vinda... Para a maior parte nossa viagem e nosso regresso foram cousas indifferentes, triviaes, sem a minima importancia.

Nem siquer a *Filha Bem Amada*, a carissima Diocese, julgou-se na obrigação de entoar o hymno de acção de graças pelo regresso feliz do Pae e Pastor!

Mas nós sentimos essa necessidade e, por isso, no dia 6 de Dezembro, reunimos pela ultima vez os nossos companheiros, na nossa Capellinha Particular, e ahi cantamos a missa em acção de graças, como soiamos fazer, quasi todos os domingos, durante a nossa viagem.

A gratidão, amados irmãos, é como que o perfume e o complexo de todas as virtudes. Devemos ser gratos quando recebemos algum beneficio; e, como para uma familia, é grande beneficio de Deus e motivo de justo regosijo a volta do pae de familia, após longa ausencia; assim tambem para uma diocese, que outra cousa não é senão uma grande familia, ha de considerar-se o regresso do Bispo depois de longa e penosa viagem, onde mais de uma vez podéra ficar sepultado. Aprendei esta lição, amados e carissimos diocesanos, não como uma censura, mas como um aviso paternal e carinhoso para o vosso procedimento no futuro, qualquer que seja o vosso Bispo, o Pae e Pastor de vossas almas!

Deixae que os impios menoscabem a nossa missão e tratem-nos com indifferença; ao menos vós, rodeae-nos com os vossos carinhos e, na medida de vossas forças, amenizae o pezo da cruz que por vós carregamos! E outra cousa não vos pedimos como prova de vosso carinho para comnosco, senão vossa gratidão para com Deus e vossa fidelidade em cumprir vossos deveres de christãos.

*
* *

E qual o resultado de nossa longa viagem ao Rio Negro?

Vamos dizel-o em poucas palavras.

O resultado pratico e immediato foi o seguinte:

378 casamentos, sendo 117 no Rio Uaupés;

1507 baptizados, sendo 691 no Rio Uaupés;

Mil e tantos chrismas; muitissimas confissões e communhões.

Implantamos a moralidade em uma região, onde rarissimas eram as familias; prégamos o respeito e obediencia ás leis tanto do paiz como da Egreja.

Arcamos francamente contra o pessimo costume existente em quasi toda a zona banhada pelo Rio Negro, de ir um homem, ou como empregado publico ou commerciante, com a idéa de voltar o mais cedo possivel; amaziar-se com uma india, constituir familia provisoria; locupletar-se do trabalho da pobre mulher e dos filhos, com idéa sempre de abandonal-a, com a prole, e retirar-se para outras terras melhores a constituir nova e definitiva familia.

Immoralissimo um tal costume, que já havia tomado fóros de cidade.

Lançamo-nos franca e decididamente contra elle, mostrando que a dignidade e honra da mulher, tanto valem na india como na civilizada; que era uma ingratidão o locupletar-se durante alguns annos do trabalho de uma pobre india e, depois, abandonal-a com os filhos, afim de ir gozar com outra em outros logares. Luctamos e vencemos, conseguindo chamar ao redil os personagens mais importantes, aquelles cujos exemplos maior influencia exercem sobre os demais.

Esse foi o resultado pratico e immediato, de que certamente nos serão reconhecidos todos os homens de bem, que amam o progresso e a virtude e sabem que sem a moralidade não pode haver nem progresso nem virtude.

Outro resultado verdadeiro, real e da maxima importancia, porém não immediato, é a Creação da Nova Prelazia do Rio Negro. Sim! fomos visitar o Rio Negro e Uaupés com o intuito de conhecer e ver, com os nossos proprios olhos, aquillo que é possivel fazer em beneficio d'esse pedaço importantissimo do territorio patrio, ora tão abandonado e até votado a um certo desprezo systematico e calculado (1).

A Egreja, hoje como hontem tão rica de apostolos generosos e ardentes de amor de Deus, lança os seus olhos para essa vastissima região habitada por tantas almas que anhelam pela civilização e esperam com fervor o momento em que se ha de revelar para ellas tambem a obra da regeneração social e da salvação por Jesus Christo!

Utopia, dirão e dizem realmente algumas pessoas, utopia qualquer tentativa de engrandecimento e progresso de toda esta zona, porque *do Rio Negro só Manáos!*

Não partilhamos esta opinião pessimista, nem sob o ponto de vista puramente material, muito menos ainda sob o ponto de vista moral.

Sob o ponto de vista puramente material, a opinião não é nossa e sim de homens competentissimos, como Agassiz, Southey, o Conego Bernardino de Souza, e outros; o Rio Negro e seus affluentes são riquissimos e suas terras, desde que sejam cultivadas, produzirão com abundancia toda a sorte de cereaes e fructos de todas as partes do mundo; o clima não é mortifero, como muitos pensam, sobretudo de Santa Izabel para cima, e de Santa Izabel para baixo ha uma vantagem enormissima, não se encontram as horriveis pragas, piums, carapanás, etc., que perseguem os pobres trabalhadores nos outros rios.

Dizem alguns que terras mais ricas encontram-se ao lado mesmo de Manáos, no Baixo Amazonas, sendo des-

---

(1) De dinheiro trouxemos apenas a importancia de dois contos de réis, que nos foram livre e expontaneamente offerecidos por algumas pessoas.

necessario portanto ir tão longe a buscar o que se acha logo á mão, quasi dentro de casa. Não o negamos. Porém com o mesmo argumento provariamos que toda a vida da humanidade e toda a civilização poderiam e deveriam concentrar-se em um ponto unico do universo, sem que houvesse necessidade de atravessar mares, derribar florestas, vencer desertos afim de ir buscar longe, bem longe, cousas dispensaveis, de simples luxo, ou necessarias porem que se encontram facilmente á mão, entrando quasi de portas á dentro. Não é este o argumento do preguiçoso?

Sob o ponto de vista moral, então diremos que cidadãos brazileiros em quaesquer partes que existam, por mais remotas que sejam do paiz, sobretudo nessas partes mais remotas, onde vivem quaes sentinelas avançadas da civilização e do progresso, expostos ás injurias muitas vezes de vizinhos ambiciosos, egoistas e invejosos das nossas glorias,—têm direito á proteção do governo e aos beneficios da autoridade. Abandonal-os sem defeza é um crime; prival-os de favores de que gozam os demais cidadãos, sob pretexto de que em outras partes mais facilmente poderão ganhar a vida e exercitar sua actividade,—é antipatriotico, antipolitico, antisocial, é destruir todos os estimulos e bons desejos que existem em muitos corações, de desbravar nossas florestas e extinguir a barbaria.

Será utopia qualquer tentativa que se faça em favor de uma zona tão vasta? Fosse embora utopia, é dever urgente trabalhar para o engrandecimento material e moral das terras brazileiras banhadas pelo Rio Negro, Içana e Uaupés, onde tantos cidadãos brazileiros estão luctando pela vida, e tantas almas abandonadas estão pedindo a luz da civilização.

Pois bem! A Egreja saberá cumprir o seu dever. Novos apostolos partirão para o Rio Negro, seguirão nossas pizadas, farão o que fizemos e dedicarão todas as suas energias em prol da Religião que professamos e da Patria querida a que pertencemos; trabalharão para salvar

as almas e ao mesmo tempo envidarão todos os esforços para elevar o nivel intellectual dos nossos selvicolas.... Mais tarde terão a recompensa que, em outras partes já tiveram,... a ingratidão, as injurias, os insultos de recem-chegados que, encontrando já o caminho desbravado, preparado, prompto, acharão que os padres nada sabem fazer, são entes inuteis, prejudiciaes á sociedade, que devem ser expulsos, maltrados, espezinhados...

Não importa! Os padres irão e cumprirão o seu dever! Sem rejeitar os favores que a autoridade queira porventura fazer, não os pediremos, reclamando unicamente aquillo que é o direito de todos: LIBERDADE DE ACÇÃO E GARANTIA DE EXISTENCIA!

Já começamos a agir no sentido de conseguir da Sante Sé a Creação Official da Prelatura do Rio Negro e temos firme confiança de que, brevemente, poderemos anunciar-vos o feliz exito de nossa tractativa. Entretanto já temos á nossa disposição um sacerdote intelligente, activo e zeloso, que dedicar-se-á de coração ao serviço do Rio Negro e seus affluentes, não tendo outro objectivo senão a gloria de Deus, a salvação das almas e o engrandecimento de toda essa zona.

III

E agora que vos demos parte d'aquillo que fizemos nas nossas viagens pastoraes, vamos terminar, relatando-vos o estado actual da nossa carissima Diocese.

Primeiramente deveis saber que a Santa Sé dignou-se de crear a Prelatura do Rio Branco, desmembrando da diocese do Amazonas todo o territorio banhado por esse importantissimo Rio e seus affluentes, devendo ser o «divortium aquarum» a marca divisoria entre a Nova Prelatura e a Diocese. Foram encarregados de organizar e dirigir a Nova Prelatura os Rv.^{mos} Padres Benedictinos da Abbadia de S. Bento, no Rio de Janeiro. Primeiro Pre-

lado é o Ex.mo Snr. D. Geraldo de Caloen, sagrado Bispo de Phocéa *in partibus infidelium*, o qual virá dentro em breve tomar posse official da sua Prelazia, e empenhar todos os seus esforços e de seus companheiros para o engrandecimento moral, material e espiritual d'essa vastissima e riquissima região Amazonense.

Creamos a Vigararia Foranea do Purús e Acre e seus affluentes, como preparação para futuros emprehendimentos; e para essa zona, onde durante tantos annos só um padre trabalhava, enviamos ultimamente quatro sacerdotes moços e bem dispostos, sob a vigilancia do illustrissimo Monsenhor Leite, que ha trinta annos exerce o apostolado como Vigario da Labrea.

Entregamos *in perpetuum*, salvas ulteriores deliberações da Santa Sé, a vastissima parochia do Teffé, quiçá a mais importante do interior, ao zelo e actividade dos R.R. Padres da Congregação do Espirito Santo e do Immaculado Coração de Maria, dos quaes tudo esperamos para o bem espiritual e material de toda essa região amazonense, conforme já vol-o dissemos ácima.

Desejamos fundar uma missão no Rio Javary, da qual serão encarregados os R.R. Padres Capuchinhos, cuja dedicação ardente por tudo quanto diz respeito ao bem do povo e progresso da religião vós bem conheceis. Tâmbem a parochia de S. Paulo de Olivença, habitada por tantos aborigenes, está entregue aos esforços d'esses valentes trabalhadores, que tudo farão em beneficio d'essa zona desde que tenham pessoal disponivel, que ora lhes falta.

Os R.R. Padres Agostinianos, activos directores do Collegio Diocesano, estam encarregados tambem de varias parochias, nas quaes exercem salutar influencia para a conservação da religião e extirpação dos maus costumes. Temos certeza que mais tarde, desde que as circumstancias o permittirem, esses dignissimos filhos do grande Bispo de Hippona, Santo Agostinho, darão maior incremento ás obras de que estam encarregados, tanto em Manáos para educação da mocidade, como no inte-

rior para levantar o nivel intellectual e moral da nossa população indigena.

O Alto Juruá está sendo missionado por dois sacerdotes moços e intelligentes, dos quaes muito esperamos; e o Baixo pertence á parochia do Teffé.

O Baixo Amazonas, o Madeira e Maués, estão divididos entre varios sacerdotes seculares, de cujo trabalho muito esperamos.

Na nossa carissima cidade de Manáos bem sabeis o quanto trabalha-se activamente e a benefica influencia que exercem o Externato S. Sebastião, o Collegio Diocesano de S. José e a Escola Parochial de S. Raymundo, em prol da instrução christã da mocidade, e para o desenvolvimento da piedade, a Liga do Apostolado da Oração, a Benemerita Sociedade de S. Vicente de Paulo e a Congregação da Doutrina Christã.

Quizeramos fazer ponto final aqui; porém sentimo-nos na obrigação de dizer-vos duas palavras sobre o estado financeiro em que nos encontramos afim de dissipar certas illusões e mal entendidos erros.

De facto, por algumas noticias publicadas, cuja auctoria não procuramos indagar, poderia parecer que nadamos em ouro e navegamos em um mar de delicias. Entretanto a realidade é a seguinte: ao tomarmos conta da Diocese encontramol-a onerada com uma divida de muitos contos de réis.

Em Junho do anno proximo passado mandamos passar revista nos livros da Diocese, por uma Commissão composta de Monsenhor Antero de Lima e doutor Rodrigo Costa, e achou-se ainda uma divida de cento e vinte contos oitocentos e noventa e cinco mil trezentos e quarenta e sete réis, somma que mais tarde subio a 177:423$817, sendo maiores credores os Snrs. Mons. Hypolito Costa, em 54:418$587, João Gonçalves Martins, em 28:580$940, José Antonio Gomes, em 18:500$000, Licinio Perdigão, em 12:000$000 e Monsenhor Leite Barboza, em 10:000$000.

A' vista d'isto passamos a administração da Diocese ao Rvm. Frei David de Desenzano, nomeando o tambem

Nosso Vigario Geral, com previa autorização da Santa Sé, de quem haviamos recebido instruções sobre nosso modo de agir, quando em Roma estivemos para a nossa sagração episcopal.

Devido aos grandes esforços e habilissima administração do distincto religioso a quem chamamos para nosso auxiliar no governo, cujas virtudes são conhecidas e apregoadas desde o Ceará até ao Amazonas, esta enorme somma achou-se reduzida no fim de Dezembro do anno passado a 154:155$430.

E' verdade que esta divida foi contrahida com bôa intenção, pelo Administrador Apostolico nomeado pela Santa Sé, após o fallecimento inesperado do Nosso Saudoso Antecessor, afim de crear um patrimonio condigno para o futuro Bispo; porém é certo que obra de tanta monta, que por muitos annos devia pezar sobre a diocese, que muito devia influir sobre os actos do bispo, obrigando-o a um certo e determinado procedimento, diminuindo-lhe de um certo modo a liberdade de acção e collocando-o sob uma certa tutela menos digna; que de um certo modo contrariava os projectos da Sé sobre a vastissima região do Amazonas; cujo bom exito dependia de umas tantas circumstancias futuras sobre as quaes não se podia nem devia contar como certas; que collocava os sacerdotes, commissionados no interior para administração dos sacramentos, em situação tal que, si não na realidade ao menos na aparencia, mercadejavam as cousas santas afim de apresentarem uma certa e determinada quantia; que finalmente parecia collocar os interesses materiaes da Egreja ácima dos espirituaes;—é certo que uma obra de tal monta não era da alçada e competencia de um simples Administrador Diocesano, cujo governo *transitorio* tem por fim conservar a Diocese no *statu quo*, procurando salvar o que seja possivel, melhorar a situação sem nada comprometter, afim de transmittil-a sem onus ao legitimo Pastor, a quem de direito e exclusivamente compete tratar dos interesses vitaes da Diocese.

Não queremos com isto censurar o procedimento do

Administrador Apostolico, durante a vacancia da Diocese, pois reconhecemos as intenções louvaveis que o levaram a agir e que muito justamente mereceram-lhe os aplausos do povo christão ; nossas palavras têm por fim unico salvar futuras responsabilidades, pois de um momento para outro podemos morrer.

Assim, pois, o estado financeiro da Diocese está longe de ser prospero ; vosso Bispo pauperrimo, como sabeis, tem soffrido muitas privações e a maior de todas, uma verdadeira humilhação para elle, uma espada que penetra-lhe na alma, sangrando-a amargamente é, neste tempo de crise, vêr-se obrigado a repellir, sem o obulo da caridade, os pobres numerosos que lhe batem á porta, exigindo d'elle como Supremo Pastor uma migalha para matar a fome...

Quanto doe uma tal situação, amados diocesanos, não vol-o diremos porque as grandes dores sentem-se, soffrem-se em silencio, não se dizem porque são inexprimiveis...

Sim ! Nós que, como simples padre, pobre e carregado de familia, nunca repellimos um mendigo, hoje, depois de bispo, temos sido obrigado a fazel-o da porta do bello e encantador palacio em que moramos... Triste ironia da sorte, diriamos, si não reconhecessemos antes o Dedo da Divina Providencia assim determinando as cousas, afim de humilhar-nos, ferindo-nos n'aquillo que mais sensivel nos é !

Porém louvado seja Deus ! Na triste situação em que nos hemos encontrado nenhum momento siquer tivemos de desanimo ! Hemos caminhado sempre de fronte erguida e para frente, apontando aos nossos cooperadores o caminho que convem seguir !

*
* *

E é d'este modo, amados diocesanos, com um brado de corajoso enthusiasmo que vamos terminar esta Nossa Carta Pastoral.

Avante! Amados Diocesanos, para frente no caminho da virtude, na peleja que encetamos por Deus e pela Patria!

Christus surrexit! Alleluia! Alleluia!

Jesus Christo resuscitou d'entre os mortos, exhultemos de alegria e contentamento!

Rujam muito embora os vendavaes tremendos das perseguições humanas contra a vossa fé e vossa esperança, não tenhais medo! *Ego vici mundum*—«*Eu venci o mundo*», disse o Mestre Resuscitado—Tende confiança, a victoria será nossa!

Do que servem os argutos planos da malicia humana, si do alto dos céos o Senhor Soberano sorri dos que se arrastam por terra, conspirando contra a sua Omnipotencia?

Homens frageis, pequeninos, reconhecei a Mão Poderosa do vosso Deus e Senhor; abri os olhos, reconhecei os vossos erros, abatei o vosso orgulho, entregae-vos á misericordia do Christo triumphante que hoje vos chama para perdoar-vos, e que amanhã será vosso Juiz!

Almas boas e piedosas, perseverae no bom caminho; hoje viveis acabrunhadas sob o pezo das humilhações, desprezadas pelos mundanos que escarnecem de vós! Não desanimeis! Coragem! Amanhã encontrareis o Christo Redivivo que vos ha de pagar com juros o que hoje por elle soffreis!

Moços cheios de vida e enthusiasmo, que tendes no coração a chamma viva do amor por um ideal de belleza que não conheceis; que anhelais para vossa Patria toda sorte de grandezas e prosperidades! Segui ao Christo resuscitado glorioso da sepultura, que vos aponta para o ideal de toda belleza—Deus! Cujo evangelho é o codigo da mais bella e santa doutrina que apareceu entre os homens, que fez grandes e prosperas as nações christãs e civilizou os barbaros!

Mocidade Amazonense, volve teus olhos para o Christo triumphante e segue-o! Com a Cruz e o Evangelho e

o Amor que te inflamma o coração farás um dia a grandeza da tua Patria Querida, o Paiz da Santa Cruz!

E vós, amados irmãos no sacerdocio, muito tendes feito, muito tendes ainda a fazer em beneficio das almas, em favor d'esta terra bem amada. Coragem, pois! Não desanimeis no meio da jornada! E' longa e espinhosa, cheia de dissabores e agonias, não importa! Avante e para frente! Abençoais e vos amaldiçoam, não importa, para frente!

Trabalhais e o mundo ingrato não reconhece vossos serviços e chama-vos de seres inuteis, não importa, coragem e para frente!

A' vossa frente tereis sempre o vosso bispo para dar-vos o exemplo do trabalho, da constancia e da coragem!

Não! Não desanimemos! Sobretudo no dia de hoje em que de todos os lados do universo resoam cantos de alegria, hymnos triumphaes ao Christo Redemptor, não desanimemos! Cobremos novo alento e novo ardor e repitamos cheios de jubilo e exhultando de alegria:

Christus Surrexit! Alleluia! Alleluia!

Seja esta nossa Carta Pastoral lida e explicada aos fieis em quantos dias fôr mister, escrita *verbum ad verbum* no livro do tombo e depois archivada.

Dada em Manáos no dia 11 de Abril de 1909, dia da Resurreição de Nosso Senhor Jesus Christo.

† Frederico Costa.

APPENDICE I

O Snr. Ihering, director do Museu de S. Paulo, atreveu-se a publicar, no volume setimo da revista d'aquelle estabelecimento, um artigo aconselhando o exterminio á bala dos nossos indios. Contra similhante theoria, expendida por um extrangeiro, levantou-se um protesto geral, que muito honra os sentimentos do povo brazileiro. Mereceriam ser registrados todos nesta Nossa Pastoral. Infelizmente o espaço de que dispomos é já bem curto, por isso apenas damos logar aos tres documentos que seguem, sendo que o terceiro é o de um positivista ferrenho cuja orthographia conservamos.

I

Protesto da Congregação do Museu Nacional.

O Snr. Ihering e os Indigenas

A congregação do Museu Nacional approvou unanimemente o seguinte protesto:

«A congregação do Museu Nacional sente-se obrigada a levantar um protesto formal contra os conceitos expendidos pelo director do Museu de S. Paulo, a proposito dos indigenas do Brasil, em artigo inserto no setimo volume da revista daquelle estabelecimento, o que faz com a repulsa que lhe desperta a idéa que nelle se suggere de votar-se ao exterminio milhares de seres humanos, filhos genuinos deste paiz.

Não se detem a congregação em formular objecções a oppôr á controversia de principios e doutrina que lhe não parecem acórdes com a verdade scientifica, porque a quaesquer lacunas que lhe coubesse apontar sobreleva o dever humanitario de exprimir a sua condemnação contra o desvario com que se procura sanccionar uma crueldade que de ha muito se exerce contra os indigenas brasileiros e leval-a ao extremo de um morticinio impiedoso, praticado em nome da lei e dos interesses nacionaes. Aquelles que acolheram com brandura, calmos e confiantes, os primitivos colonizadores, que os encontraram na posse incontestada de vasto territorio, jamais mereceram, desde 1535, dos que se presumiam cultos e porventura uma raça superior, senão a ambição do interesse sordido de os dominar á força e escravisal-os, invocando uma civilização que, por sua inclemencia, lhes deveria parecer inferior no regimem secular em que se mantinham.

A geração actual tem a responsabilidade da mesma culpa, pelos amplos favores da lei, que só procura amparar o immigrante e olvidar o misero indigena, em geral intelligente e industrioso, com grande capacidade para o trabalho, quando lhe cabe uma direcção competente e desvelada.

Agora que o director de um estabelecimento scientifico nacional, servindo-se do prestigio que representa, procura acoroçoar taes violencias, por dilatar os dominios da civilização, cumpre á congregação do Museu Nacional firmar o presente protesto, certa, entretanto, de que os poderes publicos não permittirão a victoria dessa idéa criminosa.»

O protesto foi redigido pelo sr. Sergio de Carvalho.

II

PROTESTO DO «SÃO PAULO» SUBSCREVENDO A UM ARTIGO DO SNR. GAMA E ROSA PUBLICADO NA «FOLHA DO DIA».

Os Indigenas Brasileiros

Alludindo ao protesto da congregação do Museu Nacional, que publicámos hontem, contra a barbara e criminosa theoria do sr. Ihering, aconselhando o exterminio dos pobres indigenas que ainda povoam os nossos sertões, encontramos na «Folha do Dia» as considerações que em seguida reproduzimos. E' tão extranhavel o procedimento do Director do nosso museu, inserindo taes idéas numa publicação official brasileira, que toda a imprensa devia tambem lavrar o seu protesto contra semelhante ousadia.

E' o que fazemos, subscrevendo inteiramente o artigo do sr. Gama Rosa, no jornal a que acima nos referimos:

« E' verdadeiramente inacreditavel que se ouse aconselhar, no Brasil, em beneficio da civilização, o exterminio de populações indigenas, occupando ainda varios territorios em quasi todos os Estados—quando cerca da terça parte da população nacional manifesta, por caracteres ethnicos evidentes, a incorporação, em larga escala, dessa pujantissima raça, a nossa grande nacionalidade.

A congregação do Museu Nacional protestando contra opiniões publicadas pelo director do Museu de S. Paulo, interpretou fielmente o sentimento brasileiro, as doutrinas modernas sobre anthropologia e os dictames inviolaveis da moral e civilização.

O governo independente de S. Paulo, sob cuja responsabilidade foram exhibidas taes theorias, com sancção, aliás, no codigo penal, carece dizer alguma cousa, a respeito, pelo velho e autorizado orgam,—o «Correio Paulistano»—de modo, porém, mais claro e terminante, do

que no assumpto dos japonezes, evitando cuidadosamente o ponto primordial, sinão unico, das questões internacionaes futuras...

Em presença do que se ha observado, em nosso paiz, a respeito de selvicolas, durante quatro seculos, deante do grande movimento da raça amarella, evoluindo, em cincoenta annos, a egualar as populações européas—jamais poderão ser postas em duvida as aptidões, para o progresso, de raças não evoluidas, mas submettidas a processos efficazes de cultura e civilização.

São notavelmente embrutecidos e ferozes por incursões e perseguições experimentadas, os bugres nomades de diversas regiões do sul do Brasil, como Rio Grande, Santa Catharina e Paraná.

Entretanto, tivemos opportunidade de observar na cidade de Joinville, meninos e meninas, dessa origem, capturados por colonos e por estes tratados com carinho, em suas casas, falando perfeitamente o allemão, espertos, intelligentes, gentis, sem differença alguma dos demais menores de raça germanica.

Cerca de dois annos, de convivio civilizado, haviam realizado tão extraordinaria transformação...

A proposito de selvagens de Matto Grosso, trazidos ultimamente á Exposição, por padres salesianos, procuramos, nesta secção, expôr a necessidade e a urgencia de, officialmente, ser continuado o serviço de catechese que, em dilatado passado, tão grandiosos resultados outorgaram ao Brasil, desde os tempos apostolicos de Anchieta e Nobrega, até as missões dos capuchinhos, durante o segundo imperio.

Desejariamos, porém, ver esse assumpto de catechese actual, tratado mais vastamente, em grande numero de pontos simultaneos, com persistencia e abundancia de meios, de modo a attingir resultados avultados e positivos.

Calcula-se em muito mais de um milhão, os indigenas ainda existentes, em quasi todos os Estados brasi-

leiros, principalmente em Matto Grosso, Goyaz e Amazonas.

A nação que, muito justamente, não limita sacrificios, no assumpto primacial de povoamento do territorio, precisa resgatar da barbaria a consideravel multidão desses nossos irmãos e compatriotas, visando não só motivos utilitarios, pela incorporação de taes elementos preciosos á communidade nacional como ainda, justissima reparação moral a seculares perseguições e espantosas expoliações do maravilhoso e colossal territorio, constituindo actualmente a nossa patria commum».

III

Protesto do Snr. Horta Barboza, Positivista Ortodoxo

Em Defeza dos Indigenas Brazileiros

Carta abérta ao Sr. Dr. Silvio de Almeida

Prezado concidadão.

Ao nóbre protésto que levantastes no vósso artigo «Divagações», insérto no *Estado de S. Paulo* de hoje, contra a atrós teoria do Sr. Dr. H. Ihering, que na «Revista do Muzeu Paulista», volume VII, pag. 215, préga a necessidade de esterminação dos nóssos selvicolas, venho trazer os meus calorózos aplauzos e as espressões da minha mais franca adezão.

Ao vósso patriótico protésto junto o meu,—não porque me mova a vaidade de pensar que o que parte de mim póssa aumentar alguma couza o valor de vóssas palavras, mas sómente porque não devo reprimir a indignação que subléva os meus sentimentos de Brazileiro e de hômem contra o escândalo de um sientista oficial vir na térra de Jozé Bonifácio afirmar que «*os atuais índios*

do Estado de S. Paulo não reprezentando um elemento de trabalho e de progrésso... e sendo impecilho para a colonização das regiões que habitão, paréce que não ha outro meio, de que se póssa lançar mão, sinão o SEU ESTERMINIO! »

Contra ésta inqualificável e bárbara teoria de um sientista estranho aos nossos sentimentos e aos nossos melhores *preconceitos*, dévem se levantar enérgica e pressurózamente os patriótas brazileiros, receiózos de que, pela dezordenada vezania, com que alguns estão sempre prontos para aplaudir e adotar os procéssos dos chamados *póvos cultos*, não se venha a alterar o caráter da nóssa nacionalidade e perdêrem-se as tradições que nos fôrão legadas por aqueles que legitimamente reprezêntão a alma da pátria brazileira.

Alem do mais, prezado concidadão, é falso que se «*não póde esperar trabalho sério e continuando dos indios civilizados.*»

Couto de Magalhães, na 7.ª conferência para o tricentenário de Anchieta, pag. 21, diz—«o Brazileiro (isto é, o *indigena*) é, em geral, *superior*—para as artes mecânicas e bélas, para tudo que denominamos oficios, para as artes militares de térra ou de mar.»

Gonçalves de Magalhães (Visconde de Araguaia), na sua ecelente monografia: «Os indigenas do Brazil perante a história», com que combateu vantajózamente as idéas retrógradas do Visconde de Porto Seguro no tocante aos nóssos fetixistas, afirma:—«Em geral os nóssos Indios são dotados de grande instinto de observação e de imitação; *com facilidade aprêndem todas as artes;* são muito afeiçoados e têndem sempre a ligar-se conosco: e sem a perseguïção a férro e fogo que os afugenta dos centros civilizados, estarião lógo todos fundidos na nóssa população.»

E falando do módo de catequizá-los, acrecenta:—«Si eles não nos déssem lógo muitos braços á lavoura, e á nóssa marinha darião seus filhos, já sujeitos ás nóssas leis e falando a nóssa lingua; e nós cumpririamos assim um dever que nos impõe a religião, a moral, a civiliza-

ção e o patriotismo...» Mas os espiritos dominados pelas idéas egoísticas do tempo, estão mais do que nunca voltados a emprezas de pronto lucro e achão mais fácil e proveitôzo mandar vir colonos do refugo da Europa, ao tirá-los, ao menos uma porção, dos nóssos bósques.»

No Estado de Matto-Grosso os parecís constitúem o fórte da população de trabalhadores.—Esses mesmos indios boróros de que tanto se tem occupado actualmente o jornalismo da capital, atribuindo a sua mansidão á catequização dos padres Salezianos, fôrão os melhóres e dedicados aussiliares da comissão que sob a chefia do Sr. majór Cândido M. da S. Rondon, construïu a rede telegrafica daquele Estado. Demais, para destruir complétamente a asserção do Sr. Dr. Ihering bastaria lembrar e ezemplo do Paraguai—a mais americana de todas as nações do continente colombiano.

Ao materialismo sem ideais e sem entranhas do teorista do Muzeu Paulista contrapõe-se os nóbres e alevantados ideais e sentimentos dos nóssos milhóres e mais esclarecidos compatriótas.

Ainda este ano, reproduzindo em opúsculo um artigo publicado na secção ineditorial do *Jornal do Comércio*, de 7 de Dezembro de 1907, o Sr. R. Teixeira Mendes, chama—«mais uma vês a atenção do público e do Governo para os iniludiveis *princípios de justiça* que dévem prezidir as nóssas relações com os indígenas.»—E, depois de mostrar que—«devemos primeiro estabelecer no Ocidente a concórdia sientífico-industrial, para depois *podermos* transmití-la aos demais póvos, acrecenta:

«Si porem, nada se póde fazer *hoje* pela catequéze sistemática dos selvágens, muito e muito *se déve* fazer para protegê-los contra a barbaria dos chamados civilizados, e para proporcionar-lhes os beneficios da civilização sientífico-industrial, isto é, os beneficios da siência e da indústria.

«Nesse intuito, o que cumpre, antes de tudo, é dissipar, *entre os civilizados*, os orgulhózos e cruéis preconceitos que lévão a desconhecer os crimes dos nóssos an-

tepassados e dos nóssos contemporâneos em relação a éssas ingênuas tribus. Urge, segundo os ditames da moral e da razão, ver nos póvos selvágens *nações independentes*, que dévem ser tratadas com as atenções com que tratamos os *póvos mais fórtes*. Bástão as guérras e as revoluções modérnas; basta a monstruóza organização militar das nações que se têm na conta de civilizadas; basta esse humilhante espetáculo de ferocidade, para que não nos seja lícito olhar desdenhózamente para a civilização fetixista. A nóssa siência e a nóssa indústria parécem ou dévem parecer a éssas cabildas primitivas como só servindo para requintar a nóssa capacidade destruïdora...

«Perante os Brazileiros, as tribus selvágens dévem, pois, constituir *nações livres*, cujos territórios cumpre-nos escrupulózamente respeitar e cuja *amizade* devemos procurar com *lealdade*. Tratando-as assim, obteremos délas o preciozo concurso que nos pódem dar e, ao mesmo tempo, lhes proporcionaremos todo o bem que a nóssa fatal anarquia nos permite fazer-lhes.»

Agóra ouçamos o Patriarca da nóssa independência politica:

«A facilidade de os domesticar éra tão conhecida pelos missionários, que o padre Nóbrega, segundo refére Vieira, dizia por esperiência que, com múzica e harmonia de vózes, se atrevia a trazer a si todos os gentíos da América. Os jezuítas conhecêrão que com prezentes, promêssas e razões claras e sans, espendidas por hômens práticos na sua lingua, podião fazer dos indios bárbaros o que eles quizéssem»...«Com efeito, o hômem primitivo nem é bom, nem é máu, naturalmente»...«Si Catão nacera entre os sátrapas da Pérsia, morreria ignorado entre a multidão de vís escravos. Newton, si nacera entre os guaranys, seria um bípede que pezara sobre a superfície da térra; mas um guarany criado por Newton talvês ocupasse o seu lugar»...

«Não obstante isto, crê ainda hoje muita parte dos Portuguezes que o indio só tem figura humana, sem ser

capás de perfetibilidade. Eu sei que é dificil adquirir a sua confiança e amor»...«*E havemos de desculpá-los*, porque, com o pretesto de os fazermos cristãos, *lhes temos feito e fazemos muitas injustiças e cruéldades*. Fás horror refletir na rápida despovoação destes mizeráveis depois que chegamos ao Brazil»...

«Os meios, porem, de que se déve lançar mão para a pronta e successiva civilização dos indios e que a esperiência e a razão me têm ensinado, eu os vou propor aos reprezentantes da nação, e são os seguintes:

« 1.º *Justiça*, não esbulhando mais os índios, pela força, das térras que ainda lhes réstão e de que são legítimos senhores»...

« 2.º *Brandura, constância e sofrimento da nóssa parte*, que nos cúmprem como UZURPADORES e cristãos»...

Comentando éstas e outras passágens da óbra de Jozé Bonifácio, dis o Sr. Teixeira Mendes:

« Éstas palavras de Jozé Bonifácio dissiparão sempre qualquér dúvida acerca da conduta que os Brazileiros dévem observar em relação aos indígenas do Brazil. O desprezo de tais conselhos seria actualmente uma verdadeira monstruozidade, pois que os ensinos de Augusto Comte viéram dar-lhes a inabalável consistência das demonstrações scientíficas.»

Que se compárem estes ensinamentos de hômens que só buscárão a siência com o fim de obtêrem as luzes necessárias para milhór cedêrem aos impulsos do altruísmo no sentido de conhecer, amar, e servir a Humanidade, com o que apregôa o sientismo malthuziano, darwinista, etc., sempre solícito em servir e adular sem escrúpulos a todos os desmandos da força bruta, a todas as opressões dos prepotentes contra os fracos, a todos os desvairados empreendimentos do industrialismo!

Oxalá o prezente ezemplo fosse capás de chamar a atenção de muitos dos nóssos concidadãos, ricos de coração, mas ainda iludidos e ofuscados pelo prestígio que o nome aliás uzurpado, de—*siência*—emprésta a éssas e tantas outras aberrações do academicismo hodiérno, para

as soluções dadas pela Religião da Humanidade a todas as questões que agitão as sociedades modérnas, soluções sempre bazeadas na—san razão e na moral.»

E é esse o único meio de evitarmos o fatal dilema do sientismo—ou desmoralizarmo-nos, instruindo-nos, ou conservarmo-nos ignorantes para sermos moralizádos. Só a Religião da Humanidade é que nos póde ensinar a—*agir por afeição, e pensar para agir.*

Queira, prezado concidadão, aceitar os protéstos de muita estima e consideração.

Do vósso menór sérvo na Humanidade.—*L. B. Hórta Barbóza.*

Rua Andrade Neves 12—Campinas, 6 de Descartes de 120 (12 de Outubro de 1908).

APPENDICE II

Offereço o trabalho que segue ao meu bom amigo e mestre Martinho Rodrigues.

A elle sobretudo devo a maior parte de tudo quanto pude aprender sobre a lingua geral e costumes dos nossos indios.

Ao Snr. Germano Garrido e á Ex.ma Snr.a D. Cordolina de Sá devo regras preciosas, que levaram-me a considerar o Nheengatú não como a lingua barbara e selvagem de homens embrutecidos, mas como o vestigio de uma civilização assaz avançada que perdeu-se no correr dos tempos. A elles offereço tambem este modesto trabalho.

Offereço-o a toda a população do Rio Negro, no seio da qual encontrei sempre a mais franca e fidalga hospitalidade.

Oxalá pudesse fazer uma obra perfeita que lançasse luzes sobre o passado d'esta lingua tão bella! Infelizmente, não o pude estudar senão ás carreiras e o trabalho que ahi vae foi escrito quasi integralmente em canôa, quando, em horas de tedio, procurava uma distração e um lenitivo contra os raios do sol ardente!

Não ousaria jamais publical-o si não fossem os numerosos pedidos que me fizeram no correr da minha viagem, e, sobretudo, o desejo de auxiliar os sacerdotes que tiverem de exercer o ministerio nesta parte importantissima do Amazonas. Sem o conhecimento do Nheengatú, infructiferos serão os esforços para catechizar os indios.

Meu trabalho é unica e exclusivamente para o Rio Negro. Muito folgarei si alguma utilidade tiver tambem

para o Solimões e outros logares onde se falla o Nheengatú; porém como sei que ha variantes notabilissimas, declaro que tudo quanto disser e escrever refere-se unica e exclusivamente ao que ouvi e aprendi no Rio Negro. Assim pois, de todos os trabalhos que andei consultando sobre esta lingua, nenhum encontrei que me apresentasse o Nheengatú tal qual o ouvi fallado.

Não comprehendo, por exemplo, como se póde escrever a palavra «ôicô» quando muito distinctamente ouvi pronuncial-a por todos «uicú». Não sei como se escreve *igaçaba*, quando, sempre, unanimemente, ouvi dizer "*igaçaua*"! Não sei como se introduzem aspirações sem numero, quando a unica e ligeirissima aspiração que senti foi na palavra ï, agua.

E' verdade que o Nheengatú de hoje está completamente corrompido e não é mais o do Padre Figueira, nem mesmo o de Couto de Magalhães, de Sampayo e Sympson; é uma lingua esphacelada, esquecida quasi dos proprios naturaes e mal fallada pelos commerciantes, que desejam apenas fazer-se entendidos.

Por isso mesmo, torno a repetir, meu trabalho é unica e exclusivamente para os habitantes do Rio Negro, apenas como recordação de minha viagem.

ELEMENTOS NECESSARIOS PARA APRENDER O NHEENGATÚ

Alfabeto

A, B, C, D, E, G, H, I, K, M, N, O, P, Q, R, S, T, U, X

Não existem as lettras L, J, V, Z. As palavras, pois, em que se encontram essas letras, são corrompidas.

O R é sempre brando, mesmo no começo das palavras.

Emprega-se o C cedilhado no começo das palavras em logar do S em primeiro logar porque tal foi a orthographia adoptada antigamente, e em segundo logar porque não existe o S sibilado entre os indios.

A unica aspiração que existe, isto mesmo quasi imperceptivel, é na palavra ï -agua.

Substantivos

Os Substantivos são primitivos ou derivados.

Os primitivos são em numero relativamente diminuto e designando objectos concretos.

Os derivados são numerosissimos e na facilidade de formar nomes está justamente a riqueza e belleza d'esta lingua.

Ha tambem substantivos simples e compostos. Os compostos formam-se juxtapondo-se palavras umas as outras e escrevendo-as como si fossem uma só palavra: Tapuapetecaçára—Martello ou batedor de prego.

As particulas que servem para a formação dos nomes são as seguintes: Aua, Çaua, Çára, Êra e Uêra

A particula—tïua, corresponde a nossa terminação al em arrozal, milharal etc.

As particulas aua e çaua servem para formar nomes de cousas feitas por um agente: Çupiriçaua—Carregamento.

Çára, Êra, Uêra—designam agentes: Çupiriçára—Carregador—Maranduêra—Contador de historias.

Generos

Para os objectos inanimados não existe distinção de generos.

Para os animaes emprega-se a palavra Apgaua, para designar o masculino, e Cunhan, para designar o feminino: Tapiira apgaua—Boi—Tapiira cunhan—Vacca.

Numeros

Existem os tres numeros, singular, plural e dual.

Forma-se o plural accrescentando-se ao nome a particula îtá ou aîtá.

Porém só se emprega o plural dos nomes quando elles não estam determinados por um numero. Por exemplo: dizendo-se dois homens escreve-se: Mucúim apgaua e não Mucúim apgauaîtá.

O dual indica-se pela expressão: Uêuê mucúim—Ambos.

Os adjectivos permanecem invariaveis.

Comparativos

O comparativo de egualdade forma-se com as particulas Mahiê Iaué. Exemplo: Tão bonito como tu—Poranga mahiê ne iaué.

O grau de superioridade forma-se com a particula piri: Mais bonito do que tu—Poranga piri indé çui.

O Superlativo forma-se com a particula rété: Muito bonito—Poranga rété.

Adjectivos Numeraes

Iepé—Um
Mucúim—Dois
Muçapiri—Tres
Irundi—Quatro
Pú—Cinco
Pú iepé—Seis
Pú mucúim—Sete
Pú muçapiri—Oito
Pú irundi—Nove
Mucúim pú—Dez
Papaçaua—Cem
Papaçaua pitêra rupi—Cincoenta
Pú papaçaua—Quinhentos

Primeiro—Iepéçaua
Segundo—Mucúimçaua
Terceiro—Muçapiriçaua
etc.

Pronomes

Ixé, xé, xá, a—Eu
Indé, ne, re—Tu
Ae, u—Elle, ella
Iané, Iandé, Nhandé, Ia—Nós
Peinhé, Pe—Vós.
Aitá, îtá—Elles, ellas

—

Ce—Meu, me, mim
Ceiára—O meu
Ne—Teu, te, ti
Neiára—O teu
I—Seu, o seu, d'elle
Iandé—Nosso
Peinhé, pe—Vosso
I—Seus, os seus, d'elle.

—

Qua—Este, isto
Nhaan—Aquelle, aquillo
Amú—Outro, o outro

—

Ixé irumo--Commigo
Indé irumo—Comtigo
Ae irumo—Com elle
Iandé irumo--Comnosco
Peinhé irumo—Comvosco
Aîtá irumo--Com elles

—

Ixé ten—Eu mesmo
Indé ten--Tu mesmo
Ae ten—Elle mesmo
Nhandé ten—Nós mesmos
Peinhé ten—Vós mesmos
Aîtá ten—Elles mesmos

Verbos

Quasi todos os verbos obedecem ao seguinte modelo —çú —ir.

Indicativo

PRESENTE

Xa-çú—Eu vou
Re-çú—Tu vaes
U-çú—Elle ou ella vae
Ia-çú—Nós vamos
Pe-çú—Vós ides
Aîtá-u-çú—Elles ou ellas vão

IMPERFEITO

Xa-çú iepé—Eu ia, etc.
Re-çú iepé
U-çú iepé
Ia-çú iepé
Pe-çú iepé
Aîtá-u-çú iepé

PRETERITO PERFEITO

Xa-çú-ana—Eu fui
Re-çú-ana—Tu foste
U-çú-ana etc.
Ia-çú-ana
Pe-çú-ana
Aîtá-u-çú-ana

FUTURO

Xa-çú-curi—Eu irei
Re-çú-curi—Tu irás
U-çú-curi etc.
Ia-çú-curi
Pe-çú-curi
Aîtá-u-çú-curi

Condicional

PRESENTE

Xa-çú-mahá
Re-çú-mahá
U-çú-mahá
Ia-çú-mahá
Pe-çú-mahá
Aîtá-u-çú-mahá

PASSADO

Xa-çú-cuéra-mahá—Eu teria ido
Re-çú-cuéra-mahá —Tu terias ido
U-çú-cuéra-mahá etc.
Ia-çú-cuéra-mahá
Pe-çú-cuéra-mahá
Aîtá-u-çú-cuéra-mahá

FUTURO

Xa-çú-curi-mahá —Eu iria
Re-çú-curi-mahá etc.
U-çú-curi-mahá

Ia-çú-curi-mahá
U-çú-curi-mahá
Pe-çú-curi-mahá
Aîtá-u-çú-curi-mahá

IMPERATIVO

Re-çú-ana — Vae
Pe-çú-ana — Ide

—

O Conjunctivo é o mesmo que o indicativo.

—

Como se vê, as diversas pessoas dos verbos não se distinguem pelas terminações e sim pelas variações pronominaes que sempre antecedem a forma verbal, sendo *xa* ou *a*—para a primeira pessoa; *re*, para a segunda; *u*, para a terceira do singular; *ia* para a primeira do plural; *pe*, para a segunda; *aîtá u*, para a terceira.

Emprega-se o condicional presente quando a condição é de presente: Eu iria si estivesse bom—*Xa çú mahá ce catú ramé.*

Emprega-se o condicional passado quando a condição é de cousa passada: Eu teria ido si houvessem executado as minhas ordens—*Xa-çú-cuéra-mahá aîtá umunhanuana ramé ce remutára.*

Emprega-se o condicional futuro quando a condição é de futuro:—Eu iria si se resolvessem a continuar as obras da Egreja—*Xa-çú-curi-mahá pembaua putari ramé Tupauaco.*

O Verbo *iuri*—vir é irregular nas terceiras pessoas do singular e plural. Assim em vez de dizer se u-iuri, deve-se dizer uri simplesmente: Elle vem, ou aîtá uri, elles vêm.

Em phrases compostas como estas: eu quero ir, eu posso fazer, todos devem passear, etc., os verbos auxiliares querer, poder, dever, etc., pospõem-se ao verbo principal sem o pronome. Assim em vez de dizer-se xa-

çú xa putari, xa-munhan xa quau, upainhen uatá uquau; deve-se dizer: xa-çú putari, xa-munhan quau, upainhen uatá quau, etc.

A voz passiva não existe, em compensação existem verbos de significação passiva.

A particula *iu* serve para formar a voz reflexa. Por ex.: Munhan—fazer. Iu-munhan—fazer-se ou ser feito. Todos os verbos reflexos seguem este modelo:

Xa-iu-munhan—Eu me faço ou sou feito
Re-iu-munhan—Tu te fazes ou és feito
U-iu munhan—Elle se faz ou é feito
Ia-iu-munhan—Nós nos fazemos ou somos feitos
Pe-iu-munhan—Vós vos fazeis ou sois feitos
Aîtá-u-iu-munhan—Elles se fazem ou são feitos.

E assim se conjuga em todos os demais tempos, accrescentando-se iepé, uana, curi, mabá ou cuéra.

Adverbios, Preposições e Conjunções

As preposições e conjunções pospõem-se aos seus complementos. Assim não se dirá Xa-çú irumo Pederu—Eu vou com Pedro; e sim: Xa-çú Pederu irumo—Eu vou Pedro com.

A particula *de*, indicando posse, não se traduz. Então colloca-se a coisa possuida antes do possuidor. Ex.: a cabeça de Pedro—Pederu iacanga.

A palavra *Iára*, senhor, dono, proprietario, tambem traduz a particula de, em phrase como estas: Esta cabeça é de Pedro—*Qua iacanga Pederu iára.* Bemdito Rosario da Virgem Maria: *Catú rété Rosario Virgem Mar' Iára.*

A particula Upé, em, dentro, transforma-se em *pe*, pupé ou popé na linguagem familiar.

A expressão *maharama tahá* corresponde ao pourquoi francez, porque interrogativo; e a particula *maharecê* corresponde ao parceque, porque affirmativo.

A particula *tahá* não tem significação propria, porém emprega-se sempre na interrogação. *Auá-tahá?* Quem? *Mairamé-tahá?* Quando? *Mamé-tahá?* Onde?

A particula *piri* traduz a nossa expressão *ter com:* Vae ter com teu pae—Re-çú ne paia piri.

O adverbio Não traduz-se por Ti, Timaan, Nembáá. A forma *ti* só se emprega acompanhada de outra palavra, as duas outras podem-se empregar sozinhas. As palavras *tiana* ou *iutiana* significam de *de modo nenhum.*

A particula Sim traduz-se por Eré, aé, catú, poranga.

A particula *uahá* corresponde ao nosso relativo que, qual e a nossa conjunção que. Pospõe-se ao seu complemento.

Construção da Phrase

A construção da phrase aproxima-se muito do latim e só a pratica ensina o modo de falar correctamente e sem ambiguidades. Entretanto é necessario que se saiba, para dizer alguma coisa em Nheengatú é necessario pensar bem o que se quer dizer e bem collocar as particulas com os seus complementos. Tambem não se podem empregar modos diferentes de dizer uma coisa; qualquer troca, ou de palavra ou de collocação de palavra, pode alterar profundamente a significação da phrase. Por exemplo: para dizer-se—Chegou a hora de comer—deve-se empregar a seguinte expressão: *Ucicana umbaú rangaua.* Si se disser *Ucicana rangaua umbaú arama*, a significação já é completamente diversa e absurda: Chegou o retrato para comer.

Geralmente, pois, e é a unica regra que podemos dar, a construção da phrase é inversa.

O mais só a pratica poderá fazer conhecer. Pela leitura dos trechos que vão seguir, cuja tradução facilmente se poderá fazer com o auxilio do pequeno vocabulario que offerecemos, melhor do que por meio de regras se poderá comprehender o genio e belleza d'esta lingua.

1.º

Daridari Tacïua irumo Marandua

Daridari u-nhengari rété curaci ara pucuçaua.

U-munhan muracê ara iaué iaué. U-mbaú-ana, u-ú pau ana irumuaraîtá irumo. U-puracê ara pucuçaua, pituna pucuçaua. U-mbaú-ana upainhen uricú uahá. Nemanungára umungatúru ariré uára. Ucica amana ara çupi rupiára, iruçanga reté. Amana uaári muiri ara, nharacê ti auá umunhan quau muraiki. Aramé Daridari u-iumaci. Ti uricú manungára u-mbaú arama. Utim recêuára u-iurureu, kiririnto u-purará uicupacú rupi.

Umanú putari ramé uana, ucámirica imarica, nheen: «Tiana a-pitáçuca quau iumaci. Ti apuraiki putari curaci ara ramé, timaan puçanga cuhiri a-iurureu ti arama amanú. Auá çui tahá mahá? Ce anamaîtá upainhen u-munhan ce iaué. Upainhen u-nhengari curaci ara pucuçaua, cuhiri u-purará uicú iruçanga, uriri pau aîtá uicú.» U-kiriri u-manduari. Upucú xinga riré unheen: «Timaan puçanga. Cuhiri a-çú a-tucátucá ce comadre tacïua ukena. A-quau catú curi puxi u-çuainti ixé. Mã, maita mahá u-munhan? Ce piraçuaçaua iaué u-mundú.»

Quaié u-nheen pau riré u-iu-muhamundéo; u-çú-ana çatainbica tacïua ruca kiti apecatú xinga uicú uahá açui. U-tucátucá ukena ucikieçaua rupi. Tacïua uri u-pirari ukena, u-nheen: «Mahiê-tahá, comadre Daridari? Mahá marandua u-ruri indé ce ruca kiti?» Daridari utimçaua rupi u-çuaxára: «Ah comadre! A-muaci reté a-nheen indé arama: ixé a-manú a-icú iumaci rupi. A-iuri a-púrú ne çui mahã miri ixé arama familia irumo. Tupana recê catú! Agosto iaci renundé xa-pagari curi upainhen.»

Tacïua catú reté; mã çupi ti-upuruêra. Ucendú riré Daridari nheenga u-muxirica çuá, u-purandú: «Marama rericú iumaci? Maha-tahá re-munhan curaci ara pucuçaua?»

Daridari u-çuaxára: «Mahá-tahá mahã u-çuaxára indé, comadre? A-nhengari, a-puracê iuïri nhaan ara pucuçaua.» «Aramé, u-çuaxára Tacïua, cuhiri comadre anhunten u-munhan quau. Re-iupirú re-puracê iuïri, maharecê auá ti u-puraiki ti u-mbaú.»

2.º

São Christoforo Marandua (1)

Iepé hi, paá (2), iepé mira uaçú, turuçú, kerembaua. Iepé ara upé u-nheen: «Xa-servire putari iepé muruixaua turuçú piri, kerembaua piri upainhen amuîtá çui qua mundo opé.» Ariré u-çú-ana uatá mundo rupi; u-cica uana Roma upé. Roma muruixaua nhaan tempo opé turuçú piri, kerembaua piri upainhen amuîtá çui qua mundo opé.

Mira uaçú u-cica ramé i-piri u nheen: «Xa servire putari indé ne çurára arama.»

Muruixaua u-mahan riré cêcê u-nhen: «Xa-putari indé ce çurára arama.»

Mira uaçú uatá nhaan muruixaua irumo uicupucú rupi-Maramonia rété, upain ara kerembaua rété.

Amuramé u-mahan nhaan muruixaua u-munhan tëua curuçá rangaua çuápe. U-quau putari mahan nhaan u-purandú: «Mahá-tahá nhaan re-munhan uahá ne ruápe?»

Muruixaua u-çuaxára: «Santa Curuçá Rangaua. Iané Iára Iesu Christu Rangaua.»

Mira uaçú u-purandú iuïri: «Maharama-tahá iaué re-munhan?» Muruixaua u-çuaxára: «A-iu-picirú Iurupari çui.» Mira uaçú u-purandú: «Ramé, indé re-cikiê Iurupari? Aé kerembaua piri ne çui?» Muruixaua u-çuaxára:

---

(1) Lenda de S. Christovam—A palavra Santo quer dizer Tupana e Deus, Tupana uaçú. Entretanto introduzio-se o costume de reservar a palavra Tupana ou Tupá para designar Deus, e conservar a palavra Santo ou São sem traduzil-a.

(2) Dizem.

Aé. Xa-cikiê Iurupari. Aé turuçú piri ixé çui.» Aramé Mira uaçú u-nheen: «Tiana a-icú putari ne irumo. A-çú putari Iurupari irumo.»

U-çú-ana mundo rupi u-cicari Iurupari. Uatá uicúpucú.

U-purandú upainhen çupé mamé u-icú Iurupari.

Upainhen mira ucikiê çui, u-iauau-ana, aîtá u-munhan curuçá rangaua, aîtá u-nheen i-xupé (1): «Re-çú putari Iurupari piri, re-cúim (2). Aé u-icú inferno opé.»

Iepé ara aé u-kire iepé mirá uirpe; aramé u-cendú iepé tiapú uaçú. Mundo u-pau putari uahá iaué. Iacahemo u-páca, u-mahan tumaçaua kiti iepé tatátinga iaué, u-mucahemo curaci. Ariré neiunto uicúpucú, u-iuquau iepé mira bando tapaiuna pau, cavallo arupi. Aîtá renundé uri tuixaua.

Mira uaçú uçú ipiri u-purandú: «Auá-tahá indé?» Tuixaua u-çuaxára: «Xe Iurupari. Re-çú putari ixé irumo?» Mira uaçú u çuaxára: «Aé. Xa-çú putari ne irumo.» U-iupiri cavallo arupi, u-çú-ana Iurupari irumo.

Uatá uicupucú Iurupari irumo, u-mahan upain mahan.

Umahan iuïri Iurupari ti u-çaçau mamé u-icú uahá curuçá. I-mauêra recêuára u-purandú: «Marama ti re-çú mamé u-icú curuçá?»

Iurupari u-çuaxára: «Maharecê aé Iesu Christu Rangaua.» Mira uaçú u-purandú iuïri: «Auá-tahá Iesu Christu? Re-cikiê cerá i-çui? Aé kerembaua piri ne-çui?» Iurupari u-çuaxára: «Xa-cikiê aé. Aé kerembaua piri rété xe çui.» Aramé Mira uaçú u-nheen: «Nharecê, Iurupari, tiana a-çú putari ne irumo. Xa-çú cicari Iesu Christu.»

U-munhan curuçá rangaua Iurupari çupé, Iurupari upuca-uana. Mira uaçú u-çú iuïri, u-purandú muiri mira çupé: «Mamé u-icú Iesu Christu?» Upain u-çuaxára: «Upainhen rupi.»

---

(1) Em logar de i çupé—a elle.

(2) Forma irregular do imperativo do verbo Çú — Vae-te embora d'aqui.

Mira uaçú ti recêuára uacemo Iesu Christu uatá u-çú u-icú. U-cica iepé cáá uaçú upé, uacemo iepé itáquára upé iepé tuiué iunipian uahá u-icú iepé curuçá i-pú upé.

Mira uaçú u-nheen tuiué çupé: «Mahá-tahá re-munhan ape? Re-quau auá cerá Iesu Christu? Mamé u-icú aé?» Tuiué u-çuaxára: «Ixé a-quau Iesu Christu. Iané Murui-xaua, Iané Iára. Aé u-icú upainhen rupi. Re-servire arama aé, re-munhan penitencia, re-iuquacú, re-iumbué, re-iauau pecadu çui.» Mira uaçú u-çuaxára: «Xe ti a-quau a-munhan i-nungára. Re-mbué ixé amú rupi a-servire arama Iesu Christu.» Tuiué u-mahan cêcê u-nheen: «Re-mahan; mimi ahiqué iepé cachoeira iauité rété uahá. Maraîta u-çaçau uahá rupi u-cahemo i-popé. Re-servire putari Iesu Christu re-munhan ne ruca cachoeira ruaki, re-munhan arama catuçaua ne rapixaraîtá mira çupé, re-muiaçaiaçau amú çuaxára kiti auá u-cica.»

Mira uaçú u-çuaxára: «Iaué ramé xa-servire Iesu Christu.»

U-munhan çuca cachoeira ruaki; uicupucú iaué u-munhan tuiué u-mbué uahá iaué.

Iepé pituna u-kire u-icú çuka upé. U-cendú amú çuaxára kiti iepé taina nheenga u-cenoi uahá aé. U-poamo iepérecê, u-çú u-mahan mahá-tahá aé. Pituna poranga; iuáca uerá catú.

Poranga, poranga... Mira uaçú umahan iepé taina poranga; iepé anjo iaué catú.

Mira uaçú u-purandú: «Auá-tahá indé, taina? Mamé-tahá ne paia, ne manha?» Taina u-çuaxára: «Ixé ce-re-raima. Ti a-ricú ce paia ne ce manha. Ixé a-çaçau putari çuaxára kiti. Re-raçú ixé.» Mira uaçú u-nheen: «Teité miri! Ti u-ricú i-paia ne i-manha. Re-iuri ce-irumo ce-rahira arama indé.»

U-çupiri taina iápa upé. U-çaan nhaan taina pucéima. Ariré u-cica ramé cachoeira upé u-çaan i-pucé uana. U-çú piri ramé cachoeira rupi u-çaan pucé reté uana taina. Chumbo iaué catú u-çaan i-puceçaua. U-iu-pitaçuca arama, u-iu-picica iepé mirá uaçú recê u-icú uahá cachoeira piterpe. Mirá uaçú uaari puceçaua irumo.

Mira uaçú iacahemo umahan taina recê, unheen: «Mahá-tahá qua, taina? Xa-maité xa-çupiri upain mahan qua mundo pura!» Taina u-çuaxára: «Tiana re-çupiri upain mahan qua mundo pura, çupi upain Munhangára. Xe Iesu Christu aná re-servire putari retëua. Re-cúim, re-iu-muceruca, re-iumbué mahiê re-servire arama ixé.» U-cahemo.

Ape u-pitá Mira uaçú nhaan pituna remirêra, u-maité ikerpi u-icú. Coema ramé u-manduari upainhen mahiê u-çaçau uahá pituna pucuçaua, ramé u-mahan ti uahá ikerpiçaua.

U-cemo cachoeira; u-çú u-cicari Pahyuaçú; umbeú pau mahiê u-çaçau uahá irumo. Pahyuaçú u-mbué aé upainhen mahan, ariré umuceruca aé.

Mira uaçú u-iu-muceruca Christoforo, unheen putari: «Christo Çupiriçára.» Pauçaua upé Christoforo u-manú Iesu Christu çaiçuçaua rupi.

Catú Reté Rosario

BEMDITO ROSARIO

I

Catú reté Rosario
Virgem Mar'Iára;
Iuáca ra-pé
Iané raçuçára!

II

Padre Nosso—imbueçaua
Christu Iané Iára,
Rupi çaiçuçaua,
Iané umbué.

III

Rosario Manha,
Iuáca Iára,
Xa-servire putari
Catuçaua neiára.

IV

Xa-putari, Ce Iára,
Ce manuçaua ramé,
Ne Rosario curi
Ce Picirúçaua rété.

V

I-Paia Gloria,
Tahira iuïri
Espirito Santo iuïri
Upain ara. Iaué.

Oh Jesus Iané Piciruçára!

Oh Jesus Salvador Amavel!

Coro

Oh Jesus, Iané Piciruçára,
Re-çaiçú Brazil
Ne munduçaua upé.
Recendú Iuáca çui
Iané Retama nbeenga,
Brazileiro, Christão ixé!

I

Re-muiereu ne reçá catú
Qua povo iunipian uahá recê;
Iané Jesus, repicirú
Aé u-xari ruiariçaua.

II

Jesus catú, ne kerembaua pú
Iané Piciruçára reté !
Re-mucahemo iquaimaçaua,
I-çui Brazil re-picirú !

III

Re-muapica-uana Roma upé
Nhaan itá iupirungaua,
I rupi Igreja kerembaua
Inferno ruaxára u-iu-pitáçuca.

IV

Iané ruri qua ruiariçaua
Iané ara pauçaua upé ;
Qua riré çuri curi
Indé irumo Iuáca upé !

Ceretama Uricú Palmeira

MINHA TERRA TEM PALMEIRA

I

Ceretama uricú palmeira
Mamé u-nhengari caruxué !
Uiraîtá u-nhengari uahá iké
Ti u-nhengari ape uahá ïaué !

II

Iané Iuáca uerá piri,
Iané ucára potyra pau ;
U-requé piri iané potyra,
Iané ara piri u-çaiçú quau.

III

Xe-nhun-ira pitúna ramé,
Çuri piri ape a-uacemo ixé!
Ceretama uricú palmeira
Mamé u-nhengari caruxué!

IV

Ceretama uricú i-porangaçaua
Mahiê ti a-uacemo qua rupi!
Ti a-iuiri akiti pucuçaua
Tupá ti re-xari u-manú ixé!

Iané Iára Iesu Christu Requeçaua

VIDA DE NOSSO SENHOR JESUS CHRISTO

Iesu Christu, Tupana Rahira, Santissima Trindade Mucuimçaua Pessoa, Iané Piciruçára, u-icú qua mundo opé 33 acaiú, muçapiri iaci arupi rupi.

Aé u-cemo Belem upé, Iudéa maïri-miri, iepé çúúîtá ruca-miri upé, 25 ara, Dezembro iaci, ia-ceruca Natal ara.

I manha aé tenhen Virgem Maria, Iané Iára, Espirito Santo graça rupi, u-pitá upain ara Virgem. S. José anhunten i-manhanaçára rété, i-çapeiára rété iuïri.

U-cemo ramé, angaîntá u-iuquau apgauaîtá çupé u-manhana uahá-itá u-icú mimbaua; aîta u-nheen aîta çupé: «Ia-umbeú peinhé arama iepé marandua poranga rété: u-cemo-uana Messias upainhen miraîtá uçaárú reté uahá humanidade Piciruçára arama. Cucecui çangaua ia-mehen uahá pe-quau arama: Pe-çú Belem kiti. Ape pe-uacemo

iepé taina unhenun i-manha iuhá arupi, panno miritá piterpe, iepé çúúitá ruca-miri upé.»

U-nheen pau riré qua-îtá, angaîtá u-nhengari: «Gloria Tupana Iuáca upé; catuçaua iké iuhipe catú remutára miraîtá çupé.» Aîtá u-cahemo-uana.

Mimbauamanhanaçaraîtá u-çú Belem kiti, uacemo upainhen mahiê angaîtá umbeú uahá iaué. Aramé aîtá u-iunipian taina ruaxára, u-adorari-uana aé.

Aramé tenhen iuïri u-iuquau iepé iacitátá turuçú, poranga, Curaci ra-pé çui, muçapiri Magos muruixauaîtá çupé.

Aîtá u-mahan pau riré iacitátá u-nheen: «U-cemouana Judeoîtá muruixaua. Ia-çú-ana iadorari aé.» Ieperecê u-çú-ana Belem kiti rimiaçuaîtá irumo, mimbauaîtá, upainhen mahan iuïri u-mehen arama Taina Tupana Rahira çupé. Iacitátá uatá u-çú u-icú aîtá renundé té Jerusalem mamé u-cahemo. Ape aîtá u-purandú Herodes çupé: «Mamé u-cemo Judeoîtá Muruixaua, ia-mahan uahá çangaua. Iadorari putari aé.»

Herodes ú-purandú pau riré pahytá çupé u-çuaxára: «Belem upé. Pe-çù, pe-cicari aé. Pe-adorari pau riré, pe-iuiri, pembeú ixé arama, a-çú putari ixé iuïri adorari aé.»

Magoîtá u-çú, aramé u-iuquau iuïri iacitátá mahá-uahá puraçú u-icú aîtá té Belem, u-pitá mamé u-icú uahá taina. U-cica ramé, aîtá uacemo taina i-manha iuhá arupi; aîtá adorari iuïri aé. Ariré iepé anga u-nheen aîtá çupé ti arama u-iuiri Jerusalem rupi; aramé aîtá u-iuiri Retama kiti amú pé rupi. Muruixaua Herodes u-mahan ramé ti Magoîtá u-iuquau ipiáhïua reté; u-mundú i-çuráraîtá u-çú u-iucá pau muiri tanaîtá uacemo Belem upé, uricú-ana uahá mucúim acaiú iuirakiti, umaité aramé u-iucá Taina Iesus.

Iépé anga u-iuquau S. José çupé ikerpiçaua upé pituna pucuçaua, u-mundú aé u-çú-ana Egypto kiti Taina irumo i-manha iuïri.

José u-páca ramé u-çú-ana ieperecê Egypto kiti Taina

irumo i-manha iuïri. Ape u-pitá té mairamé u-manú-ana muruixaua Herodes.

Aramé u-iuquau amú hi iepé anga, unheen : «Re-iuiri quau uana cetama kiti, maharecê u-manú-ana u-cicari uahá itá u-iucá arama Taina Jesus. S. José ieperecê u-iuiri cetama kiti, u-pitá Nazareth upé, mamé u-puraiki carapina rupi.

Ape u-requé Iané Iára Iesu Christu pú iepé pú (30) acaiú pucuçaua mahiê carapina tenhunto iaué ; u-puraiki i-pú rupi reté, u-munhan upainhen José, Maria remutára, u-mucamehen arama mahiê ia-puraiki quau u-mbaú arama iané ruá riaiçaua irumo, ia-munhan iuïri iané paiaîtá remutára.

Pú iepé pú (30) acaiú riré u-çú-ana paraná Jordão kiti mamé u-iu-muceruca S. João Baptista rupi.

U-iu-muceruca uahá upé tenhen iuáca u-iu-pirari, u-iuquau Espirito Santo, picaçú iaué, uié, uapica iacanga arupi, aramé u-iuquau iepé nheenga u-nheen : «Qua ce Rahira xa-çaiçú rété uahá.»

U-iu-mucerúca pau riré, Iané Iára Iesu Christu u-tirica uana miraima uahá kiti, mamé u-iuquacú 40 ara, 40 pituna pucú rupi. U-iuquacú pau riré u-iupirú umbué upainhen rupi. U-paráuaca i 12 (mucuim pú mucuim) apostoritá ; iatiri aîtá irumo uatá upainhen Judéa turuçúçaua.

U-munhan cetá milagritá. U-muiuiri ceçá ceçámaîtá çupé; u-munhan uatá iaparaitá; um-puçanga pereuamanha; u-iupui mucúim hi miraima uahá upé 4 mil miraîtá piri çui 5 miapé irumo, mucuim pirá iuïri ; umbaca muçapiri tiãoera. Pauçape uatá muçapiri acaiú u-munhan upainhen catuçauaîtá upainhen rupi, umbué poranga piri mahan ia-manduari uahá.

U-nheen quaiaué : «Catú rété ti uricú manungára maharecê aé curi Iuáca iára. Catú rété auá u-purará maharecê çuri reté curi. Pe-iuri ixé arama peinhé u-purará uahá itá, ixé curi a-mururi curi peinhé. Ce Paia u-mundú ixé a-picirú arama piraçuaitá, pecadoritá iuïri. Pe-iu-çaiçú iepéuaçú mahiê ixé a-çaiçú peinhé.

Pe-mehen Cesar çupé mahan César Iára, Tupana çupé mahan Tupana Iára. Pe-çaiçú tenhen iuïri pe-ruanianaîtá, u-munhan catú iuïri auá púxi uahá u-munhan peinhé arama.

Quaiaué umbué pau riré, iepé Apostoruitá çuiuára, Judas Iscariotes, u-mehen aé çuanianaitá çupé 30 dinheiros recuiára.

Aramé aitá u-picica Iané Iára Iesu Christu horto Gethsemani upé, u-pucuari aé, u-cikiciki aé mahiê miraiucaçára iaué, u-munhan aé çupé upainhen catú puxîçaua. Ipauçaua upé u-raçú aé Poncio Piratos çupé u-iucáçari arama aé.

Piratos u-mahan ti çatambica, ti u-putari. Aîtá cuité u-çacemo rété: «Ti ramé re-iucá qua intiana indé Cesar camarára.» Piratos u-cikiê recêuára u iucácari aé curuçá recê, mucúim mundauaçú piterpe; u-coatiaricári curuçá recê quaié: «Iesus Nazareuára Judeoitá Muruixaua.»

Iané Iára Iesu Christu curuçá upé u-purará Calvario huitêra; u-manú-ana çaciçaua riré muçapiri hora, iepé iuquacú ara upé.

U-manú riré i-discipuroitá u-iutima aé. Aé cuité u-cemo siqué iuhiquára çui. U-icú ranhen 40 ara pucuçaua iké iuhipe, u-iuquauiuquau amuramé discipuroitá çupé.

Pauçaua 40 ara riré, u-muatiri anhun arama discipuroitá, u-mehen aîtá çupé benção, u-mundú aîtá u-çú mundo turuçúçaua umbué Evangelho. Ariré u-iupiri uana Iuáca kiti, mamé uapica uicú i-Paia catuçaua çui.

Vae agora acompanhada do texto em portuguez uma pequena instrução sobre cazamentos e modo de celebral-os na auzencia do sacerdote.

—

Mahie Ia-munhan quau Mendariçaua ti ramé ahiqué Pahy.

Tiramé ahiqué Pahy, u cahemo rété uicúpucú ramé uçaçau iaci, u-mendari putari uaháitá u-mendari quau quaié u-munhan:

1.º) Curumim-açú paiaitá u-iurureu aé rimiricú arama i-paiaitá çui; tiramé uricú i-paia amú mira tuiué uahá ianama catú u-iurureu quau i-rupi.

Nê mahiê ramé icatú curumim-açú u-iuuca rimiricú arama çaiçaua rupi ti ramé cunhan u-putari nê i-paia iuïri, maharecê mendariçaua u-iumunhan quau u-iuputariçaua rupi ipiá çui ramé. Çaiçaua rupi ramé u-munhan, tiramé cunhan u-putari timaan mendariçaua.

Amú rupi iuïri cunhan paiaitá ti icatú u-mehen tenhunto tahiêra iepé curumim-açú çupé ti uahá u-quau puraiki, iatimamanha, cãohimuára rété uahá, maharecê iauê ramé cunhan u-purará curi upaín ara.

Iaué ten iuïri ti catú u-xari tahiëra ti ramé ranhen u-mendari.

2.º) U-iu-poronguitá pau riré, u-iu-muçangaua iepé ara

Modo de celebrar Cazamento na auzencia do Padre.

Quando não ha Padre, passado muito tempo, mais de um mez, as pessoas que quirerem podem contrahir cazamento observando a seguinte praxe:

1.º) Os paes do moço fazem o pedido de cazamento, em nome do filho, aos paes da moça; caso não tenha pae, alguma pessoa edosa, parente proximo, fará o pedido em seu nome.

Nunca é permittido ao moço roubar a sua noiva, ou empregar a violencia contra a vontade da mulher ou dos paes; pois o cazamento deve ser feito de boa vontade e por amôr.

Feito por medo, contra a vontade da mulher, é nullo completamente o cazamento.

Por sua vez os paes da mulher não devem entregar a sua filha inconsideradamente a um rapaz que não sabe trabalhar, que é preguiçoso e tem o vicio da embriaguez, porque é condemnar a pobre mulher a viver chorando durante toda a vida.

Tambem não devem entregar a sua filha senão depois de celebrado o cazamento.

2.º) Depois de ajustado o cazamento, marca-se o dia

u-iu-munhan arama mendariçaua cunhanmucú ruca upé.

Aîtá u-cicari mucúim paiangaua arama îtá (testemunhas) u-çaçau aîtá uahá 21 acaiú, u-quau uahá itá papera.

3.º) Aîta u-munhan iepé Tupana rendaua miri, iepé mesa arupi u-pirari iepé toalha poranga muruntiga, Christu irumo mucúim vela cindi uahá itá piterpe.

4.º) Iaué u-iu-munhan pau riré uana, upainhen aîtá anamaîtá, aîtá camaráraîtá mahiê aîtá testemunhaîtá uicú pau iatiri, u-mendari putari uahá itá u-pitá altar ruaki, iepé, iepé ruaxára, amú, amú ruaxára çui. Aramé curumim-açú u-picica i-catuçaua irumo cunhamuçú pú catuçaua recê, u-nheen quaié: «Ixé F. Xa-putari indé F. cerimiricú rété arama, mahiê u-mundú Santa Madre Igreja Catorica Apostorica, Romana.»

Ariré cunhan u-nheen iuïri iaué tenhen: «Ixé F. Xa-putari indé F. ce-mena rété arama mahiê u-mundú Santa Madre Igreja Catorica, Apostorica, Romana.»

5.º) Quaiaué u-iu-munhan uana mendariçaua. Aramé iepé testemunhaîtá çuiuára para celebral-o na caza da noiva.

Procuram-se duas (1) testemunhas que tenham mais de 21 annos e saibam ler e escrever.

3.º) Faz-se um altarzinho, em uma mesa coberta por uma toalha limpa, branca. Colloca-se o crucifixo no meio e acendem-se duas velas.

4.º) Assim depois de tudo preparado, na presença dos parentes, amigos e das duas testemunhas, aproximam-se do altar os dois noivos; um colloca-se de um lado, e outro de outro lado. Então o noivo toma com a mão direita a mão direita de sua noiva e pronuncia as seguintes palavras: «Eu F. recebo a vós Fulana por minha legitima mulher, como manda a Santa Madre Egreja Catholica, Apostolica, Romana.»

Em seguida a noiva diz pela sua vez: «Eu F. recebo a vós Fulano por meu legitimo marido como manda a Santa Madre Egreja Catholica, Apostolica, Romana.»

5.º) Assim está feito o cazamento. Então uma das testemunhas lavra um termo

---

(1) O essencial para que seja valido o cazamento é que seja celebrado na presença de duas testemunhas. Todas as demais prescripções são apenas directivas para que haja um certo aparato exterior e com o fim de evitar desordens e abusos.

u-coatiari iepé papera quaié: «Ara... (tal)... iaci... (tal)... acaiú... (tal)... Fulano ruca upé, u-mendari-uana F. e F. Uicú-ana testemunhaîtá F. e F. ikè u-iu-muapica uahá itá.» Qua papêra upé curi u-iu-muapica mendari uahá itá, aîtá testemunhaîtá irumo.

6.º) Pahy u-cica ramé quaié u-mendari uahá itá u-cica Pahy piri aîtá testemunhaîtá irumo, ape ramé u-icú aîtá; aîtá u-mucamehen aîtá papêra, Pahy u-mahan arama çatambica tenhen cerá u-iu-munhan, ti tenhen cerá u-ricú muapatucaçaua, nheen putari, mendari uahá itá ti tenhen cerá ianama retëua itá, ikiuhira, çáitutira-itá rahira, tutira, cunhambira, cunhára, paiangaua, manhangaua, aîtá iaué iaué.

7.º) U-ricú ramé qua muapatucaçauaîtá çuiuára, Pahy aramé u-munhan mendariçaua u-mehen riré dispensa Pahy-uaçú rêra upé.

8.º) Mendariçaua çatambica tenhen ramé u-iu-munhan, mendari uahá itá aramé u-iumumbeú, ucendú missa, uricú bençào nupcial, u-munhan communhão.

* * *

U-mendari pau riré i-mena intiana i-pira Iára rété, çupi

mais ou menos com estes dizeres: «No dia... (tal)... do mez... (tal)... do anno... (tal)... na casa de Fulano, contrahiram cazamento F. e F. Foram testemunhas F. e F. aqui abaixo assignados.» Este termo deve ser assignado pelos noivos juntamente com as testemunhas.

6.º) Quando chegar o Padre deverão os que assim contrahiram cazamento apresentar-se ao Padre, juntamente com as testemunhas si estiverem no logar. Mostrarão o papel para que o Padre possa examinar si tudo foi bem feito, si por acaso não houve algum impedimento, isto é, si por acaso os noivos não são parentes proximos, irmãos ocultos, primos irmãos, tio, sobrinho, cunhado, padrinho, madrinha, um do outro.

7.º) Si houver algum destes impedimentos, então o Padre fará o cazamento depois de dar a dispensa em nome do Bispo.

8.º) Si tudo houver sido bem feito, então os que contrahiram o cazamento, na auzencia do Padre, deverão confessar-se, ouvir missa, receber a bençào nupcial e fazer a communhão.

* * *

Uma vez realizado o cazamento, o marido não se

rimiricú Iára, mahiê rimiricú iuïri tiana i-pira Iára rété, çupi i-mena Iára.

Putari aîtá u-iuçaiçú, aîtá requé pucuçaua intiana u-iuxari quau. I-mena çatambica i-rimiricú irumo, mahiê ximiricú çatambica i-mena irumo. U-iauhi ramé aîtá ricuçaua qua upé, puxi rété Tupana u-mahan.

U-ricú ramé tahiraîtá u-mucriari aîtá curi mahiê çuhi (1) iaué Tupana u-mehen uahá; aîtá umbué catú aîtá, mahiê u-icú, mahiê aîtá u-ricú iuïri, rico mahiê rico, pobre mahiê pobre. Umbué munhan Santa Curuçá rangaua, Padre Nosso, Ave Maria, Creio em Deus Padre.

Ipauçaua, iaué umbué catú aîtá mira catú arama çapixaraîtá mira irumo; amuára upé, christão catú, cidadão reté, iké iuhipe, Iuáca upé poranga Tupana u-çuainti arama aîtá (2).

pertence mais a si mesmo e sim á sua mulher; do mesmo modo a mulher não se pertence mais a si mesmo e sim ao seu marido.

Deverão amar-se mutuamente e viver unidos durante toda a vida. O marido guardará fidelidade inviolavel á sua mulher, e a mulher ao seu marido.

Faltar á fidelidade conjugal é um grande crime aos olhos de Deus.

Quando tiverem filhos, deverão crial-os como thesouros preciosos dados por Deus; deverão educal-os de accôrdo com as suas condições, o rico como rico, o pobre como pobre.

Ensinarão a fazer o signal da Cruz, a rezar o Padre Nosso, a Ave Maria e o Creio em Deus Padre.

Finalmente ensinarão a serem homens de bem nas suas relações com o proximo, para que sejam, mais tarde, bons christãos e bons cidadãos, aqui na terra, e, depois da morte, santos no Céo.

---

(1) O sangue é o que os indios consideram como a cousa mais preciosa. Litteralmente: Criarão os seus filhos como o seu proprio sangue que Deus lhes deu.

(2) Litt. Para que bonitos Deus os encontre no céo.

NHEENGATÚ RUPI

VOCABULARIO MIRI

A

A—Variação do pron. pess. Ixé—Antepõe-se sempre ás primeiras pessoas dos verbos quando não se emprega a variação—Xa. Ex.: A-Çú ou Xa-çú; A-iuri ou Xa-iuri.

Aape ou Ape—Ahi, alli, acolá.

Aca—Chifre.

Acaiú—Cajú.

Acanga ou Iacanga—Cabeça.

Acanga-icima—Careca.

Acanga-hïua—Atordoado, doido.

Açamo—Expirrar. Termo completamente esquecido.

Acoti—Cotia.

Açuhi—Depois.

Adorari—Adorar.

Aé—3.ª pess. sing. do pron. Ixé—Elle ou Ella. Adv—Sim.

Ahi—Preguiça (animal).

Ahiqué—Haver, existir, ter. Emprega-se geralmente só na 3.ª pess. do sing.

Ahïua—Feio, doido, monstro.

Aîtá—3.ª pess. do pron. Ixé—Elles ou ellas. Todas as vezes que não vae explicitamente o sujeito deve-se necessariamente empregar o pronome.

Akaiú—Anno.

Amamiú—Algodão.

Amana—Chuva—*Amána ara*—Inverno—*Amana uaári*—chove—*Amana u-pipica*—chuvisca.

Ambira—Victima, defuncto, finado.

Amú—Outro—Irmã da Irmã.

Amuramé—Algumas vezes.

Ana, uana—Já—Entra em composição com os verbos para designar o tempo passado. *A-çú-ana*—Eu fui. Xacikiê-uana—Eu tive medo.

Anama—Parente, parentesco, familia.

Anama—Desmamar.

Andirá—Morcego.

Anga—Espirito, alma, sombra, visagem, anjo. *Ciki anga*—Respirar.

Anhun—Só.

Anhun-ira—Eu sozinho.

Anhunten—Somente.

Apatuca—Desgrenhado, atrapalhado—*Aua apatuca*—Cabello desgrenhado—Ocupado.

Apatuca, Muapatuca—Atrapalhar, impedir, difficultar, ocupar.

Apecatú—Longe.

Apecú—Lingua.

Apgaua—Homem—serve para designar o genero masculino.

Apiponga—Inchado, empachado.

Apú—Cheio, satisfeito.

Ara—Dia, tempo, vida.

Aráma—Para.

Aramé—Então.

Aranehima—Talvez.

Arapaço—Picapau.

Arïa—Avó.

Ariré—Depois.

Arupi, iarupi—Sobre, em cima de.

Atucá—Bater, tocar, tropeçar.

Atucátucá—Bater repetidas vezes.

Aua—Cabello.

Auá—Quem—*Ti auá*—Ninguem—*Auá tahá?*—Quem? *Auá çui tahá?*—De quem?—*Auá rupi?*—Por quem?

Auati—Arroz.

Auati-uaçú—Milho.

Auhi—Agulha.

C

Caá—Matto, bosque, floresta.

Cahemo—Desaparecer, sucumbir, cahir, perder-se. *Ucahemo ce chapeua*—perdi o meu chapeu.

Cahiçaua—Estreito, apertado.

Cahú—Embriagar-se—*Cahú-tëua*—ter o habito de embriagar-se.

Cai—Queimar-se.

Camarára—Amigo.

Cambi—Seio—*Cambi iukicé*—Leite.

Cambi—Mamar.

Camixá—Camiza.

Camixáima—Nú.

Camixá-iuhá—Manga (de camiza).

Camoti—Pote.

Candêa—Luz.

Cãoera—Osso, magro—*Mira cãoera*—Caveira—*Mira cãoeracuéra*—Esqueleto.

Cãohim—Cachaça.

Cãohim-uára—Bebedor de cachaça.

Cãohim-uéra-rété—Cachaceiro.

Capenú—Onda.

Capiri—Capinar.

Capiuára—Capivara (comedor de capim—*Capi-uára*).

Carain—Arranhar.

Carapina—Carpinteiro.

Caruca—Tarde—*Nhané Caruca*—Boa tarde—*Caruca reté*—Tarde, muito tarde, adv.

Caruca—Urinar.

Carucaua—Urina.

Carïua—Branco (pessoa)—A significação propria

d'esta palavra é *Civilizado*. Por isso diz-se: *Carïua tapaiuna*—Branco preto, isto é, homem preto civilizado.

Catú—Bom, feliz, virtuoso, grato—*Mira catú*—homem de bem—*Catú cerá ne piá?* Estás contente?

Catúana—Paz.

Catuçaua—Bondade, virtude, felicidade, gratidão, mão direita.

Catúpiri—Melhor, preferivel, conveniente.

Caua—Caba.

Caua, icaua—Gorduroso.

Cauaçaua, icauaçaua—Gordura.

Ce—Meu.

Cé—Gostoso, saboroso.

Cecuiára—Em logar de—troco—Em composição com outra palavra muda o C—em R—Recuiara—*Muçapiri dinheiros recuiára*—A trôco de tres dinheiros.

Ceçá—Olho—*Ceçá iukice*—lagrima.

Ceçáima—Cégo.

Ceçarai—Esquecer-se.

Ceçáteima—Dôr de olhos.

Ceçátuhuma—Remela.

Cehen—Doce.

Ceiára—O meu.

Ceici—Tenho sede.

Ceiumaci—Tenho fome.

Cekindaua—Fechar.

Cekindauaçára—Fechador, chave, tecto.

Ce marári—Estou cançado.

Cembé, cemé—Beiço, labio—*Ira cemé*—labio de mel.

Cemo—Sahir, partir, nascer.

Cemoçaua—Sahida, partida, nascimento.

Cendú—Ouvir, escutar, entender, comprehender.

Ceneuaua—Barba.

Ceneuauauaçú—Barbado.

Cenoi—Chamar.

Cenundé, renundé—Antes, adiante.

Cenundé çui—De frente.

Cepiriuára—Alguem que veio a mim, visita.

Cepiuaçú—Preço, valor. Abreviação de
Cepiuaçúçaua—Preço.
Ce-rahira-rimiricú—Nora.
Cerá—Particula interrogativa—*Reputari cerá?*—Queres?—*Re-iu-mucerucana cerá*—Já foste baptizado?
Cereu—Lamber.
Ceruca—Dar nome, chamar, baptizar.
Cetá—Muitos, abundantes, fartura.
Cetama—Patria d'elle.
Chapeua—Chapeu.
Ciai—Suar.
Ciaiçaua—Suor.
Cica—Chegar, bastar.
Cicari—Procurar, buscar.
Cihia—Muito, demais.
Ciki—Puxar, arrastar.
Cikiciki—Ir puxando, arrastando com violencia.
Cikiê—Temer, ter medo.
Cimbihïua—Margem (do rio).
Cimiaçú—Escravo.
Cindi—Acezo, illuminado.
Cinhin—Grelar.
Cipikaua—Vingança.
Ciririca—Escorregar.
Cirú—Vazilha.
Citiman—Perna—Em composição com outra palavra muda o—C em R—*Çuaçú ritimau*—Perna de veado.
Cituna—Cheirar, farejar.
Cituna—Faro.
Coatiari—Escrever, pintar—*Itá coatiari*—Pedra pintada ou escrita.
Coema—Manhã—*Nhané coema*—Bom dia.
Coemaité—Cedo.
Coema piranga—Aurora.
Cohêrê—Aborrecido, apoquentado, cançado.
Cohêrê—Aborrecer-se, apoquentar-se, cançar-se, perseguir.

Cohêrêçaua—Aborrecimento, cançaço, perseguição.
Cucecui—Eis aqui.
Cucui—Ir cahindo.
Cuecatú—Lembrança.
Cuecatú rété—Obrigado, agradecido.
Cuéra—Expressão que indica uma cousa passada, que foi, que não é mais.
Cuhiri—Agora, já.
Cuiéra—Colher.
Cuité—Porém; entretanto.
Cumandá—Feijão.
Cumandátïua—Feijoal.
Cunhan—Mulher—Designa o genero feminino.
Cunhambira—Genro, sobrinho.
Cunhanmucú—Moça, donzella.
Cunhantan—Menina.
Cunhára—Cunhada do cunhado.
Cupé—Costas—*Cupé çui*—de costas.
Cupichaua—Roça.
Cupiri—Roçar.
Cupiriçaua—Roçado.
Curaci—Sol.
Curêra—Pó—Emprega-se sempre unida á palavra que indique a qualidade do pó—*Iuki curêra*—Pó da terra.
Curi—Termo empregado para designar o futuro.
Curuçá—Cruz.
Curúcaua—Goela, garganta.
Curumim—Menino.
Curumim açú—Moço, rapaz.
Curumiri—Mais tarde—*Té curumiri xinga*—Até logo.
Curúrú—Sapo.
Cururuca—Resmungar, murmurar.
Cururucamanha—Resmungão, murmurador.
Curutára—Um instante, um momento, um pouco.
Curutein—Depressa, rapido.
Cutuca—Fincar.
Cuxi-hima—Outr'ora, antigamente.
Cuximauára—Antigo.

Ç

Çaan—Sentir, apalpar.

Çaan—Comadre (Archaico).

Çaarú—Esperar.

Çacanga—Galho—Em composição com outra palavra muda o—Ça—em Ra—*Mirá racanga*—Galho de arvore.

Çacatima—Sovina, mesquinho.

Çaçau—Passar.

Çacemo—Gritar, gemer.

Çacemo—Grito, gemido.

Çaci—Dôr—*Çaci ce acanga*—tenho dôr de cabeça—*Çaci ce ranha*—tenho dôr de dente—*Çaci ce marica*—doe-me o ventre.

Çaciára—Tristeza—*Çaciára xa-icú*—Estou triste.

Çaciçaua—Dôr, soffrimento, tormento.

Çacoena—Cheiro, perfume.

Çacú—Quente.

Çahica—Nervo.

Çahïua—Queixo.

Çaiçaua—Medo, violencia, força.

Çaiçú—Amar, guardar, conservar, livrar.

Çai—Azedo.

Çaiçuçaua—Amôr, conservação.

Çaimbé—Amolado, aspero.

Çaimbé-ima—Desamolado.

Çaindape—Da outra banda.

Çainha—Caroço, semente.

Çakapira—Ponta—*Kicé rakapira*—Ponta da faca.

Çangaua—Medida, signal, marca, baliza, hora—retrato.

Çanhen—Pressa—*Ce ranhen xá-icú*—tenho pressa—*Ne ranhen cerá?*—tens pressa?—*Iané ranhen*—temos pressa—*Pe-ranhen cerá?*—tendes pressa?

Çantá—Duro.

Çantáçaua—Dureza.

Çapé—Caminho, estrada, senda.

Çapéiára—Guia, chefe, conductor, mestre.

Çapékuma—Ponta, volta do rio—*Iukira rapekuma*—Ponta do sal—*Naná rapekuma*—Ponta do ananaz.

Çapi—Queimar.

Çapupema—Raiz de arvore.

Çára—Affixo que serve para formação de nomes designando agentes.

Çatambica—Direito, recto, justo.

Çatambicaçaua—Justiça.

Çatuaçá—Compadre (Archaico).

Çaua—Affixo que serve para formação de nomes.

Çauiá—Uma especie de rato que os indios comem e cuja carne é saborosa.

Çaurú—Sabado.

Çú—Ir.

Çuaçú—Veado.

Çuan, ruan—Grelo—*Pupunha ruan*—Grelo de pupunheira.

Çuainti—Encontrar, receber.

Çuaki, ruaki—Junto, ao pé—*Çuaki rupi*—ao redor.

Çuaxára—Lado, banda, margem—*Amú ruaxára kití*—Lá de outro lado—para a outra banda.

Çuaxára—Responder.

Çui—De—Indica o logar d'onde.

Çuiuára—D'entre, do meio de.

Çupé—A, para—designa o dativo—Transforma-se ás vezes em xupé: *i-xupé*—a elle.

Çupi—Verdade—*Çupi rupiára*—De véras, rigorosamente.

Çupiri—Carregar, suspender.

Çurára—Soldado.

Çuri—Alegria—*Ce-ruri xa-icú*—Estou alegre.

Çuriçaua—Alegria.

Çuruca—Rasgar.

Çururuca—Esfarrapado.

Çutinga—Vela (de embarcação).

Çúú—Animal feroz.

Çúú—Morder.

Çúúçaua—Dentada.
Çúúçúú—Mastigar, roer.

D

Darape—Prato de barro uzado antigamente pelos indios.
Daridari—Cigarra.
Dgi—Machado.

E

Embiára—Caça—Rezultado da caça.
Embira—Filho ou Filha em relação á Mãe—*Nembira cerá?*—E' teu filho?—*Cembira*—E' meu filho.
Embirari—Dar á luz.
Eré—Bem, sim, adeus.

F

Farulo—Farol.
Fauro—Favor.

G

Ganani—Enganar, illudir, mentir.
Gananiuêra—Enganador, mentiroso.

H

Hïua—Arvore.
Hïua—Doido, sem brio.
Hi—Vez—*Amú hi*—outra vez.

I

I—3.ª p. sing. e pl. do pron. *ixé*—seus, suas, d'elles, d'ellas.
I—Signal do diminutivo—Itaï—pedrinha.
Ï—Agua—Pronuncia-se com uma ligeira aspiração.
Ia—Nós—Acompanha sempre o verbo.
Iacaemo—Admirado, espantado.

Jaquiranabuia = grito (ou berro) parecido com cobra.

Iacanga, acanga—Cabeça.
Iacapica—Pentear.
Iacaré—Jacaré.
Iacau—Reprehender, ralhar.
Iacauçaua—Reprehensão.
Iaçau—Varar.
Iaci—Lua.
Iaciçuáuaçú—Lua cheia.
Iaci iaruca—Quarto mingoante.
Iaci iumunhan—Quarto crescente.
Iaci piçaçú—Lua nova.
Iacitatá—Estrella—(Fogo da lua, do céo).
Iaçuca—Banho.
Iaçuca—Lavar, banhar.
Iahuité—Bravo, feroz, arisco, arriscado, perigozo.
Iaiura—Pescoço.
Iakima—Molhado.
Iakira—Verde.
Iakirari—Abortar.
Iami—Expremer.
Ianama—Grosso.
Iana—Correr.
Iandara—Meio dia.
Iandú—Aranha.
Iané, Iandé—Nós, nosso—Tem a variante *ia* que sempre acompanha o verbo.
Iaoti—Jaboti.
Iapa—Hombro.
Iapára—Tôrto.
Iaparaçaua—Lado esquerdo.
Iapétuhuma—Miolo.
Iapi—Atirar.
Iapiçá—Ouvido, orelha.
Iapiçáïma—Surdo.
Iapomi—Mergulhar.
Iapuan—Redondo.
Iapuçaua—Indigestão.
Iapuna—Fôrno.

Iaqui = rasa = boi - falsa cobra ver
Iaquì = grito

Iapunaçára—Forneiro.
Iapunauêra—Forneiro.
Iapunamunhangára—Fabricante de forno
Iapurútú—Uma especie de flauta.
Iaquaima—Tôlo, doido.
Iaquaimaçaua—Tolice, loucura.
Iaquau—Arisco.
Iára—Dono, Senhor, Proprietario, Mestre—de, indicando posse.
Iaraima—Abandonado.
Iaruca—Diminuir.
Iarucanga—Costella, lado.
Iarupi, arupi—Sobre—ácima—*Arupi rupi*—Por mais ou menos.
Iatima—Preguiça (vicio).
Iatimamanha—Preguiçoso.
Iatimú—Embalar.
Iatimuçaua—Embalo.
Iatuca—Curto.
Iatiri—Junto, reunido—*Iatiri iepéuaçú*—todos juntos.
Iauaça—Amazia.
Iauara—Cachorro.
Iauaraté—Onça.
Iauau—Fugir.
Iauauêra—Fujão, fugitivo.
Iauhi—Errar, falhar, escapar.
Iauhi-iauhi—Gaguejar.
Iaué—Assim, assim seja—*Iaué ten*—Assim mesmo.
Iuaué-iaué—Cada um.
Iauica—Abaixar.
Iaxiú—Chorar.
Iaxiuêra—Chorão.
Icaï—Estreito.
Icatú—Bom.
Icatú—Sarar.
Icaua, caua—Gorduroso.
Icauaçaua, cauaçaua—Gordura.
Icima—Macio.

Icú—Estar.
Icupé çui—De costas.
Ienum—Deitar-se.
Iepé—Um.
Iepéaua—Lenha.
Iepenhum—Um só.
Ieperecê—Promptamente.
Iepéuaçú—Todos juntos, ao mesmo tempo.
Iereiereu—Estrebuchar.
Igára—Canôa.
Iagára-pé—Caminho de canoa.
Iké—Aqui.
Iké—Entrar.
Ikéçaua—Entrada.
Ikenhunto—Junto, perto (Iké iunto).
Ikerpi—Sonhar.
Ikerpiçaua—Sonho.
Ikiá—Sujo.
Ikiaçaua—Sujaria, mancha, nodoa.
Ikirá—Gordo.
Ikiuhira—Irmã da Irmã.
Ima—Particula negativa—*Ceçáima*—sem olhos—cégo—*Iúrúima*—sem boca—mudo.
Imbué—Aprender, rezar.
Imbuéçaua—Reza, doutrina, ensinamento, sciencia.
Inambi, nambi—Orelha.
Indé—Tu. Tem as variantes *ne* e *re*—Esta ultima sempre acompanha o verbo—*Indé irumo* ou *Ne irumo*—Comtigo
Indenhum—Tu sozinho.
Induá—Pilão.
Induá mena—Mão de pilão.
Inema—Fedor.
Inimbú—Linha, fio.
Intiana—De modo nenhum.
Inungára, nungára—Similhante, parecido, proximo.
Ipauçaua, pauçaua—Finalmente, fim.
Ipeca—Pato.

Ipecaï—Marreca.
Ipiá, piá—Coração, figado.
Ipiri—Ter com elle.
Ipucú—Comprido.
Ipuhi—Fino.
Ipuraima—Vazio.
Iquára—Furar.
Ira—Mel.
Ira cáápura—Mel de abelha.
Iramanha—Abelha.
Iraua—Amargo.
Iruçanga—Frio, fresco.
Irumo—Com.
Irúrú—Humido, molhado.
Ĩtá—Elles—O mesmo que *aîtá*.
Itá—Pedra.
Itaï—Pedrinha, seixo.
Itaïtïua—Seixaral.
Itá rendaua—Pedreira (Moura).
Itá tahuá—Ouro (pedra amarella).
Itá tinga—Prata (pedra branca).
Itica—Derrubar.
Iu—Particula que indica a voz reflexiva.
Iú—Espinho.
Iú-á—Braço.
Iuáca—Céo.
Iuaçú—Dificil.
Iuapica—Sentar-se.
Iuaté—Alto.
Iuaua—Pente.
Iucá—Matar.
Iucáiucá—Fazer carnificina.
Iucáçára—Assassino.
Iuçára—Comixão.
Iucé—Gostar, provar.
Iucé, uicé—Ralo.
Iucena—Derramar.
Iu-chrismari—Chrismar-se.

Iuci--Limpar.
Iuciçaua—Limpeza.
Iuêra—Côxa.
Iuhá—Fructa—*Iuhácaua*—Fructa gordurosa—bacaba.
Iuhi—Terra.
Iuhitêra, huitêra—Montanha, serra.
Iuhicuhi—Areia.
Iuhipe—Baixo.
Iuiuci—Limpo.
Iuica—Enforcar.
Iuïri—Tambem.
Iuiri—Voltar.
Iuirpe—Embaixo, sob.
Iuitó—Vento.
Iuiuiri—Ir e vir.
Iu-iumimi—Esconder-se.
Iukicé—Caldo—*Ceçá iukicé*—lagrima—*Cambi iukicé*—leite.
Iukira—Sal.
Iumaci, iuamaci—Fome.
Iumana — Abraçar — *Iu-iumana* — Abraçar-se com alguem.
Iumana—Abraço.
Iumimi—Esconder.
Iumuaçá—Amaziado.
Iumuarixi—Enfaceirar-se.
Iumucatúru—Agazalhar.
Iu-muceruca—Baptizar-se.
Iumuçuraitaua—Brinquedo.
Iu-muhamundéo—Vestir-se.
Iu-mumbeú—Confessar-se.
Iu-mumbeú catú—Bemdito.
Iu-mumbeú puxi—Maldito.
Iumunhan—Crescer.
Iunipian—Ajoelhar-se.
Iunto—Só, inteiramente, completamente.
Iupé—Trançar, tecer.
Iupica—Vingar-se.

Iupicica—Agarrar-se.
Iupipica—Alagar-se.
Iupiri—Montar, trepar.
Iupirú—Começar.
Iupitaçuca—Sustentar-se, aguentar-se, defender-se.
Iupuquau—Manso, domesticado.
Iuquacú—Sexta-feira.
Iuquacú—Jejuar.
Iuquacuçaua—Jejum.
Iuquau—Aparecer.
Iuquauiuquau—Aparecer muitas vezes.
Iuraua—Desmanchar, desarmar.
Iuri—Vir.
Iurú, iôrô—Boca.
Iurupari—Diabo, demonio.—V. o que escrevemos no texto da nossa pastoral—*Iurú-pára*—boca torta.
Iúrureu—pedir, implorar, suplicar.
Iutucá—Tropeçar.
Iutica—Batata doce.
Iutima—Plantar—*Iutima mira*—Sepultar, enterrar.
Iuuca—Tirar.
Ixé—Eu—Tem as seguintes variantes: xe, xa, a—*Ixé irumo* ou *xe irumo*—commigo.
Ixupé—Em logar de I-çupé—a elle.

K

Kapoamo—Ilha.
Kerembaua—Forte, valente, corajoso.
Kiáçaua, iquiáçaua—Sujaria.
Kiçaua—Rede de fio.
Künha—Pimenta.
Künhã-pira—Kinhanpira. Principal alimento dos indios. E' pimenta cozida com agua e sal, temperada com um pouco de peixe.
Kikiri—Cochilar.
Kirá—Gordo.
Kire—Dormir.

Kiriri--Calar-se.

Kiririnto —Calado.

Kiti—Ahi, alli, a, para—*Xa-çú Barra kiti*—Vou a Manáos.

Kitica—Ralar.

Kiüa—Piolho.

M

Mã—Mas, porém, entretanto.

Macaca—Macaco.

Maci—Doença—*Xe ce maci aicú*—Estou doente—*Ne maci cerá?*—Estás doente?

Maciuêra—Doente.

Mahá—Particula interrogativa—*Mahá-tahá?* Que? Que cousa? —Interj. Que!

Mahan—Coisa.

Mahan—Vêr, olhar, enxergar, avistar.

Maharecê—Porque (affirmativo).

Mahiê—Como—Termo de comparação.

Mahïua—Monstro, animal fabuloso.

Mahïuaçú—Monstruoso.

Maiana—Empurrar.

Mairamé—Quando.

Maïrï—Cidade.

Maita—Abrev. de Mahiê-tahá—para perguntar—Como?

Maité—Pensar, julgar, supôr—*Xa maité*—Parece-me.

Maçuita—De onde?

Makira—Rede de maqueira.

Makiti—Para onde?

Mamé—Onde.

Mamundeo, muhamundeo—Vestir.

Manduari—Pensar, calcular, recordar-se.

Manduariçaua—Pensamento, calculo, recordação, intelligencia, memoria.

Manha—Mãe.

Manhana—Guardar, vigiar, velar.

Manhangaua—Madrinha.

Mangaratai—Gengibre.

Mani—Filha unica e querida de um tuixaua; boa e bemfazeja para com todos. Quando morreu, todos a choraram e de sua sepultura brotou a maniva (*Mani aua*—Cabello de Mani) cuja raiz chamou-se Mandioca (*Maniaca*—chifre de Mani).

Maniaca—Mandioca.

Manú—Morrer.

Manúçaua—Morte.

Manungára—Nada.

Maracáimbára — Feitiço, veneno — *Maracáimbára-iára* —feiticeiro.

Marama—Porque (interrogativo). Abr. de Mahá arama—*Marama tahá.*

Maramonia—Guerra, briga.

Marandúa—Conto, fabula, lenda, historia, enredo.

Maranduêra—Enredeiro, contador de historias.

Marica—Barriga, ventre.

Maricauaçú—Barrigudo.

Mariuim—Maruim.

Marupiára—Feliz para a pesca.

Matirï—Saco.

Mauêra—Curiozidade.

Mbahú—Comer.

Mbáu—Acabar.

Mbeú—Contar, narrar.

Mbué—Ensinar.

Mbuhi—Rachar.

Mburi—Pôr, botar, atirar.

Mehen—Dar, offerecer.

Meiú—Beijú.

Membeca—Molle.

Membi—especie de flauta.

Membira—Filho ou Filha em relação á mãe.

Membirangaua—Afilhado em relação á madrinha.

Membirari—Dar á luz.

Membirariçaua—Parto, nascimento.

Memoim—Cozinhar.
Mena—Marido.
Menaima—Sem marido—Viuva.
Mendaçára—Cazado.
Mendari—Cazar.
Mendariçára—Cazamenteiro
Mendariçaua—Cazamento.
Merú—Mosca.
Meuerupi—Devagar.
Miçui—D'ali.
Micura—Rapoza.
Mikiti—Ali, para ali.
Mimbaua—Xirimbabo.
Mimbauamanhanaçára—Pastôr.
Meimi—Ali, acolá.
Mingahú—Mingau.
Mira—Gente, pessoa.
Mirá, muirá—Arvore.
Miráçanga—Cacete.
Miraçaua—Geração.
Mira catú—Homem de bem.
Mirahïua—Homem ordinario.
Miráï—Vara.
Mirápára—Arco.
Mirápeua—Tabua.
Mira puxi—Homem mau.
Mirá racanga—Galho de arvore.
Mirá-rihia—Multidão.
Mirá-rupitá—Tronco.
Miri—Pequeno.
Miritá—Pequeninos, criancinhas.
Mitá—Degrau.
Mitámitá—Escada.
Mitúú—Domingo.
Mixecui—Eis ali.
Mixiri—Assar.
Mpú—Enxutar, espulsar.
Mú—Irmão do irmão.

Memoim—Cozinhar.
Mena—Marido.
Menaima—Sem marido—Viuva.
Mendaçára—Cazado.
Mendari—Cazar.
Mendariçára—Cazamenteiro
Mendariçaua—Cazamento.
Merú—Mosca.
Meuerupi—Devagar.
Miçui—D'ali.
Micura—Rapoza.
Mikiti—Ali, para ali.
Mimbaua—Xirimbabo.
Mimbauamanhanaçára—Pastôr.
Meimi—Ali, acolá.
Mingahú—Mingau.
Mira—Gente, pessoa.
Mirá, muirá—Arvore.
Miráçanga—Cacete.
Miraçaua—Geração.
Mira catú—Homem de bem.
Mirahïua—Homem ordinario.
Miráï—Vara.
Mirápára—Arco.
Mirápeua—Tabua.
Mira puxi—Homem mau.
Mirá racanga—Galho de arvore.
Mirá-rihia—Multidão.
Mirá-rupitá—Tronco.
Miri—Pequeno.
Miritá—Pequeninos, criancinhas.
Mitá—Degrau.
Mitámitá—Escada.
Mitúú—Domingo.
Mixecui—Eis ali.
Mixiri—Assar.
Mpú—Enxutar, espulsar.
Mú—Irmão do irmão.

Muaci—Sentir, soffrer, ter pezar—*Re-muaci*—Tem piedade!

Muaciçaua—Dó, pezar, sentimento, tristeza, inveja.

Muacú—Aquentar—*Muacú xinga iunto*—Amornar.

Muapatuca, apatuca—Atrapalhar, impedir, dificultar, transtornar.

Muapica—Assentar, fundar, estabelecer, assignar.

Muapú—

Muçaçau—Fazer passar.

Mucahemo—Fazer desaparecer, esconder.

Mucahen—Moquear.

Mucahen—Moquem, moqueado.

Muçain—Estender.

Mucamé—Apontar.

Mucamehen—Mostrar, apresentar.

Muçangaua—Marcar, designar, determinar.

Muçapiri—Tres.

Muçarai—Brincar.

Muçaraiuêra—Brincador, brincalhão.

Muçatambica—Endireitar, corrigir.

Mucatúru—Preparar.

Mucaua—Arma, espingarda

Mucauacuhi—Polvora.

Mucauapura—Gatilho, cartuxo.

Mucemo—Fazer sahir, apresentar, mostrar

Mucera—Chamar, dar nome.

Muceruca—Baptizar.

Muceruca—Baptizado.

Mucihia—Augmentar.

Mucihiaima—Diminuir.

Mucikindaçaua—Chave.

Mucriari—Criar.

Mucúim—Dois.

Mucuna—Engulir.

Muçuruca—Romper, rasgar.

Mucuruhi—Maxucar.

Mueo—Apagar.

Muhin—Dividir.

Muiauica—Virar, emborcar.
Muiaticú—Pendurar.
Muiaçaiaçau—Transportar de um lado para outro.
Muiaçaua—Atravessar.
Muica—Costurar.
Muiereu—Voltar, virar.
Muiri—Quanto, quantos.
Muiuçana—Laçar, armar laço.
Muiuiri—Restituir.
Mukirica—O que faz comixão, cocegas.
Mumbué—Mandar ensinar.
Mundá—Roubar.
Mundaú—Ciume.
Mundauaçú—Ladrão.
Mundauaçúçaua—Ladroeira.
Mundauêra—Ciumento.
Mundé—Armadilha.
Mundeca—Acender.
Mundeo—Metter, collocar, calçar.
Mundeomundeo—Intrometer-se.
Mundú—Mandar, ordenar, preceituar, governar, imperar.
Munduçaua—Mandamento, lei, ordem.
Mungatúru—Guardar, conservar, economizar, rezervar.
Munguitá—Seduzir, conxavar.
Munguitaçára—Seductor.
Munguitaçaua—Sedução.
Munguitáuêra—Seductor.
Munhan—Fazer, operar.
Munhançaua—Obra, feitio, serviço.
Munhançuca—Lavar.
Munhangára—Operario, creador.
Munhan-munhan—Caçoar.
Munuca—Cortar.
Munuçuca—
Mupereua—Ferir.

Mupitaçuca—Garantir, fazer, attestar em logar de outro.

Mupiririca—Fritar.

Mupuçanga—Fazer remedio, curar.

Muquára—Esburacar, furar.

Muquiá—Sujar.

Muraci, muracê—Fazer festa.

Muraciçaua—Festa.

Muraiki, murauki—Trabalhar.

Muraikipi—Segunda feira.

Muraikimuçapiri—Quarta feira.

Muraikimucúim—Terça feira.

Muruçanga—Esfriar.

Murucuiá—Maracujá.

Muruixaua—Chefe supremo, General, Rei.

Mururú—Molhar.

Murutinga—Branco (objecto).

Mutiapú—Fazer barulho.

Muticanga—Enxugar.

Muticú—Derreter.

Mutinim—Torrar.

Mutirica—Arredar, afastar.

Mutumum—Sacudir.

Muturi—Alumiar.

Muxirica—Franzir.

N

Nambi, inambi—Orelha—*Nambi pura*—brinco.

Ne—Te, ti—*Ne irumo*—Comtigo.

Neiára—O teu.

Ne iepé—Nenhum.

Nemanungára—Nada absolutamente.

Nembáá—Não.

Nhaan—Aquelle, aquillo—*Nhaan îtá*—Aquelles.

Nhandé, iandé—Nós.

Nhape, ape—Ahi.

Nharecê—Portanto, por conseguinte, logo, pois.

Nheen—Falar, dizer.

Nheenga—Lingua, voz, canto.

Nheengarí—Cantar.

Nheengatú—Lingua formosa, bella, boa (*Nheenga-catú*).

Nhenú—Deitar-se.

Nhun — Sozinho — Emprega-se sempre acompanhado com o pronome. *Xe-nhun* ou *anhun*—eu sozinho—*Indé-nhun*—Tu sozinho, etc.

Nungára, inungára—Similhante, parecido, egual.

Nupá—Açoitar, castigar, surrar.

Nupaçaua—Açoite, muxinga.

Nupáuêra—O que açoita.

O

Todas as palavras que começam por—O—tambem se escrevem com—U.

Oca, uca—Caza.

Ocára, ucára—Terreiro, quintal.

Ocapi, ucapi—Quarto.

Ocapipe, ucapipe—Dentro do quarto.

Ocapenaçaua, ucapenaçaua—Canto da casa.

P

Páá—Dizem, contam—Emprega-se todas as vezes que se fala em nome de outrem. *Iepé hi, páá*—Era uma vez, contam.

Páca—Acordar, despertar—*Upáca*—acordado.

Pacúa—Banana.

Pacúa-hïua—Bananeira.

Pahy—Padre.

Pahy uaçú—Bispo.

Paia—Pae.

Paiangaua—Padrinho.

Paié—Pagé.

Panácarica—Tolda de canôa.

Panápaná—Borboleta.

Panéra—Panela.

Papaçaua—Cem—Iepé papaçaua, mucúim papaçaua, etc.

Papari—Contar (dinheiro).

Papêra—Papel, livro, folha—*Aé u-quau papêra*—Elle sabe ler e escrever.

Paraná—Rio.

Paranápepenaçaua—Enseada.

Paraná uaçú—Rio Grande—Mar.

Paratú—Prato.

Parauá—Papagaio.

Pau—Todo, completo, terminado.

Pau—Acabar-se.

Pauçaua—Fim—*Pauçape*—finalmente.

Pe—Var. de Peinhé—Acompanha sempre os verbos.

Pe—Abr. de Upé.

Pe—Caminho, estrada—*Iuáca rapé*—Caminho do Céo—*Cupichaua rapé*—Caminho da roça.

Pecuim—Cavar.

Peinhé—Vós.

Peinhé nhunto—Vossês sozinhos.

Peiú—Soprar.

Peiúçaua—Sopro.

Pena—Quebrar.

Penaçaua—Quebrada.

Pereua—Ferida.

Pereuamanha—Ferido (subst.).

Peteca—Bater.

Petecaçára—Batedor.

Pi—Pé.

Piá, ipiá—Coração, figado—*Çaci ce piá*—Tenho dó.

Piá hïua—Enraivecer-se.

Piá hïuaçaua—Raiva.

Piçaçú—Novo.

Picaçú—Pomba.

Piçãoerá—Pedaço.

Pichano—Gato.

Picica—Pegar, agarrar, segurar.
Picirú—Salvar, livrar, libertar, preservar, guardar.
Piciruçára—Salvador, libertador.
Piciruçaua—Salvação, liberdade.
Piiri—Varrer.
Piná—Anzol.
Pinahïua—Caniço.
Pinaitica—Pescar.
Pinaua—Palha.
Pináxáma—Linha de pescar.
Pinima—Pintar.
Pinimaçaua—Pintura, côr.
Pinimauêra—Pintor.
Pinú—Fazer ruido vergonhoso.
Pinúpinú—Urtiga.
Pipica—Pingar, gotejar—*Amána upipica*—Chuvisca.
Pipupecaua—Cobertor de pé—Meia.
Pipura—Rasto, pizada, pégada.
Pira—Corpo.
Pirá—Peixe.
Piraçú, Piraçua, Piraçuira—Miseravel, pobre, mendigo.
Piraçuaçaua—Miseria, pobreza.
Pirahïua—Pirahyba (Peixe-doido).
Piráiauara—Bôto.
Piranga—Encarnado, vermelho, cor de rosa.
Pirantá—Correnteza.
Pirari—Abrir, estender, descobrir.
Pirêra—Pele, casco.
Pirêrahi—Fino.
Piri—Mais—*Catú piri*—Melhor—*Poranga piri*—Mais bonito, etc.—*ter com*—*Reçú ne paia piri*—Vae ter com teu pae.
Piripana—Comprar.
Piririca—Engilhar.
Pirú—Pizar.
Piruca—Descascar.
Pirucaçára—Descascador.
Pirucaçaua—Descascação.

Pirupitá—Calcanhar.
Pitá—Ficar, permanecer.
Pitaçuca—Sustentar, luctar, suportar, amparar.
Pitanga—Bonito.
Pitêra—Chupar.
Pitêra—Entre, pelo meio—*Pitêra rupi*—Pelo meio—Metade.
Piterpe—Entre—Em logar de *Pitera upé.*
Pitima—Tabaco.
Pitimú—Auxiliar, ajudar.
Pitimuaçaua—Auxilio, socorro.
Pitimuêra—Aquelle que ajuda, socorre, etc.
Pitúa—Fraco, cobarde.
Pituaçaua—Fraqueza, cobardia.
Pituhú—Descançar.
Pituna—Noite.
Pituna-uaçú—Trevas.
Pixáma—Beliscar.
Pixamaçára (uêra)—Beliscador.
Pixamaçaua—Beliscão.
Pixuna—Preto (objecto).
Pô, pú—Mão.
Poamo—Levantar-se.
Poanpé, puanpé—Unha.
Poranga—Bonito, bello—Bem!
Porangaçaua—Belleza, boniteza.
Poronguitá—Falar.
Poronguitáuêra—Falador.
Potyra—Flor.
Potyra-pau—Floreado.
Puca—Arrebentar, espocar.
Pucá—Rir-se.
Pucá—Riso.
Puçanga—Remedio.
Pucé—Pezo.
Pucéima—Leve.
Pucú—Comprimento.
Puçú—Respeitar.

Pucuçaua—Durante — Espaço indefinido — infinito — *Nhaan pucuçaua* — Emquanto, ao passo que.

Puçuçaua—Respeito.

Pucui—Remar.

Pucuari—Amarrar.

Puiri—Mexer.

Puité—Mentira.

Puitémanha—Mentiroso.

Pupé, popé—Em logar de Upé.

Pupeca—Cobrir.

Pupecaua—Cobertor.

Pupuri—Ferver.

Pura—Habitante, pertencente, cheio.

Puracári—Encher.

Puracê—Dansar.

Puraiki, purauki—Trabalhar.

Purandú—Perguntar.

Puri—Pular, saltar.

Purú—Emprestar.

Puruca—Desmanchar, desmentir, descarregar.

Purucaçaua—Desinteria.

Puruêra, upuruêra—Que dá emprestado.

Pururuca—Estalar.

Purará—Sofrer.

Putari—Querer, desejar—*Putari rété*—Precizar, necessitar.

Putaua—Porção, partilha, quinhão—*Piná-putaua*—Isca para pescar—*Tatá-putaua*—Isca para fazer fogo.

Puti, aputi—Armar, atar.

Putiá—Peito.

Puxi—Máo, feio.

Puxiçaua—Maldade, fealdade, vicio, tormento.

Puxuêra—Feio.

Q

Quá—Este, isto.

Quaçui—D'aqui.

Quagi—Quasi.

Quahira—Pouco.

Quahira-xinga—Menos.

Quahira-piri—Menor.

Quaiauê—D'este modo, assim tambem.

Quaicê—Hontem. *Amú quaicê*—Ante hontem.

Quaié—Assim.

Quakiti—Por aqui, d'este lado.

Quára, iquára—Buraco.

Quau—Conhecer, saber, poder—*Tauquó*—Corrupção de—*Ïimaan aquau*—Não sei.

Quiaçáua, kiaçaua—Sujaria.

Quindára—Quintal.

R

Ra—Particula euphonica que se antepõe a certas palavras que começam por alguma letra de som aspero.

Raçú—Levar, conduzir.

Raçucára—Guia, conductor.

Rahira—Filho.

Rahiêra—Filha.

Ramé—Quando, então, si.

Ramonia—Guerra, briga.

Rangaua, çangaua—Signal, baliza, medïda.

Ranha—Dente.

Ranhen—Já.

Rapixára—Que tem o mesmo nome (Xará).

Rapixára mira—Proximo, similhante.

Ratïua—Sogro.

Re—Var. da 2.ª pes. do s. do pronome *Ixé*—Eu—*Indé*—Tu—Acompanha sempre o verbo.

Recê—Em.

Recêuára—Por causa de—*Iané recêuára*—Por nossa causa.

Recuim—Vae-te—Imperativo irr. do v. çú.

Recuim iunto—Socega! Fica descansado!

Rein—Ainda— *Timarein* ou *Nembarein*—Ainda não.
Remirêra—Resto.
Remutára—Vontade, ordem.
Renaua, Réndaua—Logar.
Rendira—Irmã do irmão.
Renundé, cenundé—Antes de.
Requé—Viver.
Requeçaua—Vida.
Requéra, suquéra—Carne.
Rêra—Nome.
Reraïma—Sem nome, pagão.
Retama—Patria, terra.
Reté—Muito, demais.
Retirica—Afastar-se.
Ricú—Ter.
Rimiririrú—Neto.
Rimiricú—Esposa.
Rimitema—Herva, planta.
Rinepian—Joelho.
Riré—Depois.
Riri, uriri—Tremer.
Ruá, çuá—Rosto.
Ruaki—Junto de, perto.
Ruakiuára—Vizinho.
Ruari—Embarcar.
Ruariçaua—Embarque.
Ruariuêra—Embarcadiço.
Ruaiara—Cunhado.
Ruianiana—Inimigo.
Ruiari—Crer, acreditar, obedecer.
Ruiariçaua—Fé, crença, obediencia.
Rumaçaua—Foz, boca do rio.
Rupi—Por.
Rumuára—Companheiro.
Rupiára—Por causa de.
Rupitá—Parede.
Ruri—Trazer.

S

Sacacuéra—Atraz—*Sacacuéra kiti*—Para traz—*Sacacuéra çui*—Detraz.

Sapucaia—Gallinha.

Serena pipica—Serenar.

Sopiá—Ovo.

T

Tacïua—Formiga.

Taciia—Febre.

Tahá—Particula interrogativa.

Tahiera—Filha.

Tahuá—Amarello.

Taiaçú—Porco.

Taina—Criança.

Tahira—Filho.

Tamaracá—Sino.

Tamaracá uca—Torre (caza de sino).

Tambura—Tambôr.

Tanimbuca—Cinza.

Tapaiuna Preto (pessoa).

Tapiira—Boi.

Tapiira cáá pura—Anta—(Habitante do matto).

Tapixama—Vassoura.

Tapúa—Prego.

Tapúapetecaçára—Martelo (Batedor de prego).

Tapurú—Bicho.

Tapurúmanha—Mãe de bicho.

Tátá—Fogo.

Tátácica—Tição.

Tátáponia—Carvão.

Tátátinga—Fumaça.

Tátá uaçú—Fogueira.

Teiú—lagarto.

Teité—Coitado!

Ten—Mesmo. *Iaué ten*—Assim mesmo—*Ikê ten*—Aqui mesmo—*Ixé ten*—Eu mesmo.

Tendaua—Sitio, logar.
Tenhen—Não—*Titenhen*—Sinão, si por ventura não.
Tenhunto—Atôa.
Terecemo—Cheio.
Tetama—Cidade.
Tëua—Particula que designa frequencia, habito.
Ti—Não.
Tiana—Não.
Tiãoera—Cadaver.
Tiapú—Roncar.
Tiapú—Barulho. *A-poronguitá tiapú*—Falo gritando.
Tiapuçaua—Estrondo.
Tiára—Tear—Guloso.
Tiarama—Para não.
Ticanga, uticanga—Seco.
Ticatú—Mau, feio, ingrato.
Ticikiê—Sem medo, corajoso.
Tiim—Nariz, bico.
Tiim iukicê—Catarro do nariz.
Tikira—Gotta.
Tikiri—Pingar.
Timaan—Não.
Timarein—Ainda não.
Tinharú—Maduro.
Tipau—Vazio, vazante do rio.
Tipau—Vazar.
Tipucê—Somno.
Tiramé—Sem, sinão, quando.
Tiranhen—Ainda não é tempo.
Tirica—Retirar-se.
Titica—Tremer, palpitar.
Tïua—Part. correspondente ao *al* portuguez: *Café-tïua*—Cafezal—*Cumandá tïua*—Feijoal.
Tiuaçú—Facil.
Tucana—Tucano.
Tuhi—Sangue.
Tumbira—Pulga.
Tumuna—Cuspir.

Tuixaua—Chefe inferior.
Tumunaçaua—Cuspo.
Tumunauêra—Cuspidor.
Tumunhen—Assobiar, assobio.
Tupá, Tupan, Tupana—Santo—Deus.
Tupaçama—Corda.
Tupauaco—Capella, Egreja.
Turuçú—Forte, grande, poderoso, muito.
Tutira—Tio.
Tutira-rahira—Primo.
Tuiué—Velho.

U

U—Variação de—*Aé*—Elle ou ella, e *Aîtá*—Elles ou ellas. Acompanha sempre o verbo.

U—Comer, beber.
Uaári—Queda.
Uaári—Cahir.
Uaariçaua—Logar da queda.
Uaariuêra—Que tem o costume de cahir.
Uacemo—Achar, encontrar.
Uaçú—Grande.
Uahá—Particula cuja significação propria só o uzo pode fazer conhecer. Geralmente corresponde ao nosso relativo que, qual e pospõe-se ao verbo.
Uahá-itá—Aquelles que.
Uaimim—Velha.
Uainambi—Beijaflor.
Uana—Já—O mesmo que *ana*, para designar o preterito dos verbos.
Uapica—Sentar-se.
Uapicaua —
Uapicaçaua— } Banco—*Carïua Uapicaua*—Cadeira.
Uára—Suffixo que serve para designar o logar do nascimento ou residencia—*Pará-uára*—Paraense—*Abaeté-uára*—de Abaeté, etc.
Uára—Derivado do verbo «Ú»—Comedor, bebedor—

Capi-uára—Comedor de capim (Capivara) *Cãohim-uára*—Bebedor de cachaça.

Uaraia--Balaio.

Uarixi—Faceiro, pedante.

Uaruá—Espelho.

Uatá—Andar, passear, caminhar, viajar.

Uataçaua—Passeio, viagem, caminhada.

Uatari—Faltar, pecar—*Uatari reté*—Ser muito necessario.

Uatari—Pecado.

Uatáriuêra—

Uatá-uatá—Vadiar.

Uatáuêra—Passeador, caminhante, viajante.

Uatucupá—Pescada.

Uauirú—Rato.

Uca, ôca—Caza.

Uçaçau—Passar—*Uçaçau uahá*—Coisa passada.

Ucapi, ocapi—Quarto (de caza).

Ucára, ôcara—Terreiro (quintal).

Ucikieçaua—Medo.

Uçúúçaua—Dentada.

Uena—Vomito.

Uenaçaua—Vomitorio.

Ueo—Apagar-se.

Uerá—Luzeiro, brilhante.

Uerá-uerá—Relampago.

Uêuê—Voar.

Uêuê-mucuim—Ambos.

Uêuêna—Vomitar.

Uhi—Farinha.

Uhi-hi—Hoje—*Uhi-hi xinga*—Mais cedo.

Uhitiquára—Chibé.

Uiapi—Tiro.

Uicé, iucé—Ralo.

Uicúpucú—Muito tempo.

Uié—Descer.

Uiéçaua—Descida.

Uikeçaua—Entrada (do rio).

Ukii—Cunhada da cunhada.

Uirá—Passaro.

Uirandé—Amanhã. *Amú uirandé*—Depois d'amanhã.

Uiráraua—Penna de passaro.

Uiráuaçú—Gavião.

Uiri—Boiar.

Uirpe—Debaixo.

Uitá—Nadar.

Uitáçaua—Natação.

Uïua—Flexa.

Uitáuêra—Nadador.

U-iu-iumana—Abraçado.

U-iumutimçaua—Vergonha.

Ukena—Porta.

Umanduariçaua—Recordação, lembrança, calculo—Intelligencia, memoria.

Umbeú, mbeú—Contar, narrar.

Umbué, mbué—Ensinar.

Umpinima—Pintar, pintado, enfeitar.

Umupituna-uaçú—Escurecer.

Una—Abr. de *pixuna*.

Unhenum—Deitado.

Upáca—Acordado, despertado.

Upain—Tudo.

Upainhen—Todo, todas as cousas.

Upauçaua—Final, finalmente.

Ūpé—Em, dentro de—Toma a forma de *opé* quando a palavra a que está unida termina em *o*—Abrevia-se em «*pe*» na linguagem familiar. Transforma-se em pupé ou popé na poesia ou por euphonia.

Upucú-xinga—

Upuri—Pulo.

Uquauára—Conhecedor, intelligente, habil, sabido, prudente.

Uquauima—Ignorante, tôlo.

Ururï—Tremer.

Urucari—Mosquiteiro.
Uticanga—Seco, enxuto.
Utimçaua—Vergonha.

X

Xa—Var. de Ixé—Eu.
Xama—Corda, fio, linha.
Xari—Deixar, largar, abandonar, collocar.
Xe—Var. de Ixé—Eu.
Xerura—Calça.
Xeruraïma—Sem calça—Nú.
Xerurauira—Ceroula.
Xibuhi—Verme.
Xigarro—Cigarro.
Ximbiú—Comida.
Ximiricú—Esposa de.
Ximiricuïma—Sem a esposa (viuvo).
Xinga—Mais.

PEQUENO VOCABULARIO

— NHEENGATÚ —

A

A –Kiti (indicando logar) Çupé (indicando o dativo).
Abacate—Bacati.
Abaixar –Iauica.
Abelha—Iramanha.
Abelhudo—Mauêra.
Abandonado—Iáraïma.
Aborrecer—Cohêrê.
Aborrecido – Cohêrê.
Aborrecimento—Cohêrêçaua.
Abortar – Iakirari.
Abraçar—Iumana.
Abraçar-se—Iu-iumana.
Abraço—Iumana.
Abrir – Pirari.
Acabar— Mbáu.
Acabar-se—Pau.
Açar—Mixiri.
Acender—Mundeca.
Achar – Uacemo.
Açoitar—Nupá.
Açoite—Nupaçaua.
Acolá--Mimi, mikiti.
Acordado—Upáca.
Acordar—Páca.
Admirado—Iacaemo.
Adorar—Adorari.

Afilhado—Tahirangaua, Embirangaua.
Afogar-se—Manú paranámi.
Agarrar—Picica.
Agora—Cuhiri.
Agradavel—Cé, cehen.
Agradecido—Cuecatú reté.
Agua—Ï.
Aguentar—Picica, pitáçuca.
Ahi—Ape, aape, nhape.
Ainda—Rein, ranhen—Ainda não—*Timarein*.
Ajudar—Pitimú.
Alagar-se—Iupipica.
Alegre—Çuri.
Alegria—Çuriçaua.
Algodão—Amamiú.
Algum—Mahan.
Alguem—Mira, iepé mira.
Ali—Mimi, mikiti.
Alma—Anga.
Alto—Iuaté.
Alumiar—Muturï.
Amanhã—Uirandé—Depois d'amanhã—*Amú uirandé*.
Amansar—Muiupuquau.
Amar—Çaiçú.
Amarello—Tahuá.
Amargo—Iraua.
Amarrar—Pucuari.
Amazia—Iauaça.
Amaziado—Iumuaçá.
Amavel—Catú, poranga.
Ambos—Uêuê-mucuim.
Amigo—Camarára.
Amolado—Çaimbé.
Amor—Çaiçúçaua.
Amornar—Muacú xinga iunto.
Amparar—Pitimú.
Ananaz—Naná.
Andar—Uatá.

Angariar—Cicari.
Animal—Çúú, mimbaua.
Anjo—Anga.
Anno—Akaiú.
Antes—Cenundé, renundé—*Ixé renundé*—Antes de mim.
Antigo—Cuximauára.
Antigamente—Cuxi-hima.
Anzol—Piná.
Apagar—Muéo.
Apagar-se—Uéo.
Aparecer—Iuquau, Iuquauiuquau.
Apontar—Mucamé.
Aprender—Imbué.
Aprendiz—Imbueçára.
Aprendizagem—Imbueçaua.
Apresentar—Mucamehen.
Aquelle—Nhaan.
Aquentar—Muacú.
Aqui—Iké.
Aquillo—Nhaan.
Aranha—Iandú.
Arco—Mirápára.
Areia—Iuhicuhi.
Arisco—Iaquau.
Arma—Mucaua.
Armar—
Armadilha—Mundé.
Arranhar—
Arranjar—Cicari.
Arrastar—Ciki, cikiciki.
Arremedar—Muçangaua, munhan-munhan.
Artifice—Munhangára.
Arvore—Hïua.
Aspero—Çaimbé.
Assassino—Iucáçára.
Assentar—Muapica.
Assentar-se—Uapica.

Assignar-se—Iu-muapica.
Assim—Quaié, Iauê—*Iauê ten*—Assim mesmo.
Assobiar—Tumunhen.
Assobio—Tumunhen.
Astro—Uerá, iacitátá.
Atirar—Iapi.
Atordoado—Acangahïua.
Atrapalhar—Apatuca, muapatuca.
Aturar—Pitáçuca.
Atravessar—Muiaçaua.
Augmentar—Mucihia.
Aurora—Coema piranga.
Auxiliar—v. Pitimú.
Auxiliar—sub. Pitimuêra.
Auxilio—Pitimuçaua.
Avistar—Mahan.
Avô—Ramonia.
Avó—Arïa.

B

Baba—Iúrú, iukicé.
Bacaba—Iuhácaua.
Bago—Çainha.
Baixo—Iuhipe—Em baixo: *Iuirpe.*
Balaio—Uaraia.
Banana—Pacua.
Bananeira—Pacuahïua.
Branco—Uapicaua, Uapicaçaua.
Bambo—Membeca.
Banhar—Iaçuca.
Banho—Iaçuca.
Banzeiro—Capenú.
Baptizar—Muceruca.
Baptismo—Muceruca.
Barba—Ceneuaua.
Barbado—Ceneuauauaçú
Barco—Igára.

Barriga—Marica.
Barrigudo—Maricauaçú.
Barro—Tuiuca.
Barulho—Tiapú.
Bastar—Cica.
Bastante—Cihia.
Batata doce—Iutica.
Bater—Petéca, atucá, atucátucá.
Batedor—Petecaçára.
Batente—Ukenapiruçaua.
Bebado—Cãohim-uára-reté.
Bebedor—Uára—Emprega-se sempre com o nome da coisa.
Beber—Ú.
Beijaflôr—Uainambi.
Beijú—Meiú.
Beliscador—Pixamauêra.
Beliscão—Pixamaçaua.
Beliscar—Pixama.
Belleza—Porangaçaua.
Bello—Poranga.
Bem—subs. Catuçaua.
Bem—Interj. —Poranga.
Bemdito—Iu-mumbeú-catú.
Benzer—Muceruca.
Berrar—Çacemo.
Bicho—Tapúrú.
Bico—Tiim.
Bobo—Iaquaïma.
Boca—Iúrú.
Bocado—Miri.
Boi—Tapiira.
Boiar—Uiri.
Bom—Catú.
Bondade—Catuçaua.
Bonito—Poranga.
Borboleta—Panápaná.
Botar—Mburi.

Bôto—Piráiauara.
Braço—Iú-á.
Branco—Cariua (pessoa) Murutinga (coisa).
Bravo—Iahuité, kerembaua.
Briga—Maramonia.
Brincalhão—Muçaraiuêra.
Brincar—Muçarai.
Brinco—Nambi pura.
Brinquedo—Muçaraitaua, iumuçuraitaua.
Buraco—Quára.

C

Cá—Iké.
Caba—Caua.
Cabeça—Acanga, iacanga.
Caça—Embiára.
Cacete—Mirácanga.
Cachaça—Cãohim.
Cachaceiro—Cãohim-uára-rété.
Cachorro—Iauára.
Caçoar—Munhan-munhan.
Cada—Iaué-iaué.
Cahir—Uaari.
Cajú—Acaiú.
Calar-se—Kiriri.
Calado—Kiririnto.
Caldo—Iukicé.
Caminhada—Uatáçaua.
Caminhante—Uatáuêra.
Caminhar—Uatá.
Caminho—Pé, çapé.
Camiza—Camixá.
Camizão—Camixáuaçú.
Cançado—Marári.
Cançar—Marári.
Canella—Citiman, ritiman.
Canôa—Igára.

Cantar—Nhengari.
Canto—Nheenga.
Cantor—Nheengaçára.
Capella—Tupáuaco.
Careca—Acanga icima.
Carga—Çupiriçaua.
Carne—Requéra, suquéra.
Caroço—Çainha.
Carregador—Çupiriçara.
Carregamento—Çupiriçaua.
Carregar—Çupiri.
Carta—Papêra.
Carvão—Tatáponia.
Casa—Uca, ôca.
Casamento—Mendariçaua.
Casar—Mendari.
Caso—Marandúa.
Castigar—Nupá.
Castigo—Nupaçaua.
Cêdo—Coemaité.
Cego—Ceçá ïma.
Cem—Iepé papaçaua
Céo—Iuaca.
Chapeu—Chapeua.
Chaga—Pereua.
Chamar—Cenoi, ceruca, mucera, muceruca.
Chave—
Chegar—Cica.
Cheio—Terecemo, pau.
Chifre—Aca.
Chover—Amana uaari.
Chupar—Pitêra.
Chuva—Amana.
Cidade—Mairï—Tetama.
Cigarra—Daridari.
Cigarro—Xigarro.
Cinco—Pú.
Cinza—Tanimbuca.

Cobra—Buia.
Coitado—Teité.
Collar—Puira.
Com—Irumo.
Comadre—Çaan (Archaico).
Comer—Mbahú, ú.
Comida—Ximbiú.
Comixão—Iuçára.
Como—Mahiê—Maita? Mahiê tahá?
Compadre—Compaia—Çatuaçá (Arch.).
Comprar—Piripana.
Conhecer—Quau.
Confessar-se—Iu-mumbeú.
Conseguir—Picica, ricú.
Contar—Papari.
Corça—Cuaçú cunhan.
Corredor—Ianauêra.
Correr—Iana.
Corrida—Ianaçaua.
Cortar—Munuca.
Costa—Cupé, iarucanga.
Costella—Iarucanga.
Cozinhar—Memoim.
Creação—Munhançaua.
Crear—Munhan.
Creador—Munhangára.
Crer—Ruiari.
Crescer—Iumunhan.
Criar—
Criador—
Cunhado—Ruaiára.
Cunhada (do cunhado)—Cunhára.
Cunhada (da cunhada)—Ukii.

D

Dado—Iupuquau.
Dansar—Puracê.

Dar—Mehen.
De—Çui, Iára.
Defender—Catú munhan.
Deitar-se—Unhenum.
Deixar—Xari.
Dentada—Çúúçaua.
Dente—Ranha.
Dentro—Upé, ucapipe.
Depois—Ariré, riré, açuhi.
Depressa—Curutein.
Derramar—Iucena.
Derreter—Muticú.
Derrubar—Itica.
Desamolado—Çaimbéïma.
Desaparecer—Cahemo.
Desarmar—Iuraua.
Desatar—Iuraua.
Descançar—Pituhú.
Descanço—Pituhúçaua.
Descascação—Pirucaçaua.
Descascador—Pirucauêra.
Descascar—Piruca.
Descer—Uié.
Descoberta—Uacemoçaua.
Descobridor—Uacemoçára.
Descobrir—Pirari, uacemo, mahan.
Desdentado—Ranhaïma.
Desgraça—Puxiçaua—Çaciçaua.
Desgraçado—Puxi.
Desgrenhado—Apatuca.
Desinteria—Purucaçaua.
Desmamar—Anama.
Deus—Tupá, Tupan, Tupana.
Devagar—Meuerupi.
Dia—Ara.
Diabo—Iúrúpari.
Dificil—Iuaçú.
Diminuir—Mucihiaïma, iaruca.

Direito—Catú, catúçaua, çatambica.
Discursador—Nheengariçára, poronguitáuêra.
Discurso—Nheenga.
Disparar—Puca.
Distincto—Catú rété.
Dividir—Muhin.
Dizer—Nheen.
Dó—Çaci ce piá, muaciçaua.
Doar—Mehen.
Doação—Mehençaua.
Doador—Mehenuêra.
Dobrar—Cikindaua.
Doce—Cehen.
Doença—Maciçaua.
Doente—Maci (Sentir doença).
Doente—Maciuêra.
Doido—Iaquaima, acangaia.
Dois—Mucúim.
Dominar—Mundú.
Dono—Iára.
Dôr—Çaci, çaciçaua.
Dormir—Kire.
Doutrina—Umbuéçaua, imbuéçaua.
Doutrinador—Umbuéçára.
Durante—Pucuçaua, nhaanpucúçaua
Dureza—Çantaçaua.
Duro—Çantá.
Duvidar—Timaan ruiari rété.

E

Egual—Inungára, nungára.
Eis ali—Mixecui.
Eis aqui—Cucecui.
Elle, ella—Aé.
Em—Upé, recê.
Embalar—Iatimú.
Embalo—Iatimúçaua.

Embarcadiço—Ruariuêra.
Embarcador—Ruariçára.
Embarcar—Ruari.
Embarque—Ruariçaua.
Embeber—Irurú.
Emborcar—Muiauica.
Empachado—Apiponga.
Emperreação—Iumiruçaua.
Emperreado—U-iumirú.
Emperrear-se—Iumirú.
Emporcalhar—Mukiá.
Emprestar—Purú.
Emprestador—Puruêra, upuruêra.
Empurrar—Maiana.
Emquanto—Pucuçaua, nhaanpucuçaua
Enchedor—Puracariçára.
Enchente—Paraná uikéçaua.
Encher—Puracári.
Encontrar—Uacemo.
Eucontro—Uacemoçaua
Endireitar—Muçatambica.
Enfaceirar-se—Iumuarixi.
Enfermo—Maciuêra.
Enforcar—Iuica.
Enganador—Gananiuêra.
Enganar—Ganani.
Engasgar, enforcar—Iuica.
Engilhar—Piririca.
Engulir—Mucuna.
Enraivecer-se—Piáhïua.
Enredeiro—Maranduêra.
Enredo—Marandua.
Ensinamento—Umbueçaua.
Ensinar—Umbué.
Então—Aramé.
Entendedor—Uquauára.
Entender—Cendú, quau.
Enterrar—Iutima mira.

Entrada—Ikéçaua.
Entrar—Iké.
Entre—Pitêra, piterpe.
Entregar—Mehen.
Enxergar—Mahan.
Enxugar—Muticanga.
Enxutar—Mpú.
Enxuto—Ticanga.
Erguer—Çupiri.
Erigir—Munhan.
Errar—Iauhi.
Esburacar—Muquára.
Escada—Mitá-mitá.
Escapar—Iauhi.
Esconder—Iumimi, mucahemo.
Esconder-se—Iu-iumimi.
Escorregar—Ciririca.
Escravo—Rimiaçú.
Escrever—Coatiari.
Escurecer—Mupituna uaçú.
Escutar—Cendú.
Esfarrapado—Çururuca.
Esfriar—Muruçanga.
Espantado—Iacahemo.
Especie—Catú mahan.
Espelho—Uaruá.
Esperança—Çaaruçaua.
Esperar—Çaarú.
Espichar—Mupucú.
Espinho—Iú.
Espirito—Anga.
Esquerdo—Iaparaçaua.
Estabelecer—Muapica.
Estabelecimento—Muapicaçaua.
Esperto—Kerembaua.
Estar—Icú.
Este—Quá.
Estima—Çaiçuçaua.

Estimar—Çaiçú.
Estomago—Putiá, marica.
Estreito—Icaĥi.
Estrella—Iacitatá, uerá.
Estrondo—Tiapúçaua.
Eu--Ixé, xe, xa, a.
Existir—Ahiqué, icú.
Expirrar—Açamo.
Expremer—Iami.
Expulsar—Mpú.
Extravagancia—Iaquaïmaçaua.
Extravagante—Iaquaïma.
Extrebuchar—Iereiereu.

F

Fabrica—Munhançaua.
Fabricante—Munhangára, munhanuêra.
Faca—Kicé.
Faceiro—Uarixi.
Facho—Turï.
Facil—Tiuaçú.
Falador--Poronguitáuêra, maranduêra.
Falar—Poronguitá, nheen.
Falso—Gananiuêra.
Falta—Uatariçaua.
Faltar—Uatari.
Familia—Anama.
Faquista—Kicéuára.
Farinha—Uhi.
Farejar—Cituna.
Faro—Cituna.
Fartura—Cetá.
Favorecer—Pitimú.
Fazer—Munhan.
Fazer-se—Iu munhan.
Fé—Ruiariçaua.
Febre—Tacua.

Fechar—Cikindaua.
Fedor—Inema.
Feijão—Cumandá.
Feijoal—Cumandátïua.
Feio—Puxuêra, puxi.
Feiticeiro—Maracáimbáraiára.
Feitiço—Maracáimbára, peiúçaua.
Felicidade—Catuçaua.
Feliz—Catú.
Ferida—Pereua.
Ferir—Mupereua.
Feroz—Iahuité.
Ferver—Pupuri.
Festa—Muraciçaua.
Ficar—Pitá.
Figado—Piá, ipiá.
Filha (do pae) Tahiera—(da mãe) Membira.
Filho (do pae) Tahira—(da mãe) Membira.
Fim—Pauçaua.
Finado—Ambira.
Finalmente—Ipauçaua, pauçape.
Fincar—Cutuca, iatica.
Fino—Ipuhi.
Fio—Inimbú.
Flauta—Membi.
Flexa—Uïua.
Flexar—Uïumon.
Flor—Potyra.
Floreado—Potyra-pau.
Floresta—Cáá.
Fogo—Tatá.
Fogueira—Tatá-uaçú.
Fome—Iumaci.
Formiga—Tacïua.
Forno—Iapuna.
Forte—Kerembaua.
Foz—Rumaçaua.
Fraco—Pitúa.

Franzir—Muxirica.
Fresco—Iruçanga.
Frio—Iruçanga.
Fritar—Mupiririca.
Fronte—Ruá, çuá.
Fructa—Iuhá.
Fugir—Iauau.
Fugitivo—Iauauêra.
Fumaça—Tatátinga.
Fundação—Muapicaçaua.
Fundador—Muapicaçára.
Fundar—Muapica.
Furado—Muquára.
Furar—Cutuca, muquára.

G

Gaguejar—Iauhi-iauhi.
Gago—Iauhi-iauhiuêra.
Gaita—Membi.
Galanteador—Uarixi.
Galho—Mirá-raçanga.
Gallinha—Sapucaia cunhan.
Gallo—Sapucaia apgaua.
Ganhar—Picica, ricú.
Garantir—Mupitaçuca (aé rupi).
Garça—Uacará.
Garganta—Curucaua.
Gato—Pichano.
Gavião—Uirá uaçú.
Gemer—Çacemo.
Gemido—Çacemo.
General—Muruixaua.
Gengibre—Mangaratai.
Genro—Cunhambira.
Gente—Mira.
Geração—Miraçaua.
Gigante—Mira uaçú.

Goela—Curucaua.
Gordura—Caua, icaua, cauaçaua, icauaçaua.
Gorduroso—Caua, icaua.
Gordo—Ikirá, kirá.
Gostar—Iucé.
Gota—Tikira.
Gotejar—Pipica, tikiri.
Governar—Mundú.
Gracejar—Munhan-munhan.
Gracioso—Poranga.
Grande—Uaçú, turuçú.
Gratidão—Catuçaua.
Grato—Catú.
Graudo—Turuçú.
Gritar—Çacemo.
Grito—Çacemo.
Grosso—Turuçú, ianama.
Grôta—Itáquára.
Guarda—Manhanaçára.
Guardar—Manhana, mungatúru.
Guariba—Uarïua.
Guerra—Maramonia.
Guia—Çápéiára, raçuçára.
Guiar—Raçú.
Guloso—Tiára, teára.

H

Habitante—Pura.
Habitar—Morari.
Haver—Ahiqué.
Haver—subst.—(posse) Ricuçaua—*Xa munhan xa ricuçaua rupi*—Faço porque posso.
Herva—Rimitema.
Historia (conto)—Marandua.
Hoje—Uhi-hi.
Hombro—Iapa.

Homem—Apgaua.
Hontem—Quaicê.
Horizonte—Tumaçaua.
Horta—Remitematïua.
Humido—Irúrú.

I

Illudir—Ganani.
Imbecil—Acangahïua.
Impedimento—Muapatucaçaua.
Impedir—Apatuca, muapatuca.
Implorar—Iurureu.
Inchação—Ipungáçaua.
Inchar—Ipungá.
Indicar—Mucamehen.
Indigestão—Iapuçaua.
Infelicidade—Puxiçaua.
Infeliz—Ticatú.
Ingrato—Ticatú.
Inimizade—Ruianianaçaua.
Inimigo—Ruianiana.
Instruido—Uquauára.
Integridade—Çatambicaçaua.
Integro—Çatambica.
Intelligencia—Manduariçaua.
Intelligente—Uquauára.
Intruso—Mauêra.
Inveja—Muaciçaua.
Ir—Çu.
Ira—Piáhïuaçaua.
Irar-se—Piáhïua.
Irmã—(da irmã) Amú—(do irmão) Rendira.
Irmão—(do irmão) Mú—(da irmã) Ikiuhira.
Isca—(de fogo) Tatáputaua—(de pescar) Pinápuraua.
Isso—Nhaan.
Isto—Qua.

J

Já—Cuhiri, ana, uana.
Jaboty—Iaoti.
Jacamim—Iacami.
Jacaré—Iacaré.
Jacú—Iacú.
Jantar—Mbahú.
Jararaca—Iararaca.
Jejuador—Iuquacuêra.
Jejuar—Iuquacú.
Jejum—Iuquacuçaua.
Joelho—Rinepian.
Jogar—(No sentido de atirar) Iapi—(No sentido de brincar) Muçarai.
Julgar—Maité.
Juntamente—Iatiri.
Juntar—Muatiri.
Junto—Ruaki, iatiri.
Jurupary—Iurupari.
Justiça—Çatambicaçaua.
Justo—Çatambica.

L

Lá—Mimi.
Labio—Cembê, cemé.
Laçar—Muiuçana.
Laço—Iuçana.
Lado (costella)—Iarucanga.
Lado (logar)—Çuaxára, ruaxára, çuindape.
Ladrão—Mundáuaçú.
Ladrar—Çacemo.
Ladroeira—Mundáuaçúçaua.
Lagarto—Teiú.
Lagrima—Ceçá, iukicé.
Lama—Tuiuca.
Lamber—Cereu.

Lançar—(atirar) Iapi (vomitar) Uêuêna.
Lapidar—Mucimaitá.
Largar—Xari.
Largo—Turuçú.
Lastro—Igára-pura.
Lavar—Iaçuca, munhançuca
Lavar-se—Iu-iaçuca.
Leite—Cambi, iukicé.
Lembrança—Cuecatú.
Lenha—Iepéaua.
Levantar—Çupiri.
Levantar-se—Poamo.
Ler—Quau papêra.
Levar—Raçú.
Leve—Pucéïma.
Liberdade—Picirúçaua.
Libertador—Picirúçára.
Libertar—Picirú.
Limpar—Iuci.
Limpeza—Iuciçaua.
Limpo—Iuiuci.
Lingua (membro do corpo)—Apecú.
Lingua (idioma)—Nheenga.
Lingua Geral—Nheengatú.
Linha (de pescar)—Pináxama.
Linha—Inimbú.
Livrar—Picirú, çaiçú.
Livro—Papêra.
Lizo—Icima.
Logar—Renaua, rendaua, tendaua.
Logo—Nharecê.
Longe—Apecatú.
Lontra—Iauácáca.
Lua—Iaci.
Lua cheia—Iaciçuáuaçú.
Lua nova—Iacipiçaçú.
Luz—Candêa.
Luzeiro—Uerá.

M

Macaco—Macaca.
Machado—Dgi.
Macio—Icima.
Madeira—Mirá, muirá.
Madrinha—Manhangaua.
Maduro—Tinharú.
Mãe—Manha.
Maior—Turuçú piri.
Mais—Piri, xinga.
Mais cedo—Coemaité, uhi-hi xinga.
Mais tarde—Curumiri xinga.
Mamar—Cambi.
Mancha—
Mandamento—Munduçaua.
Mandar—Mundú.
Manhã—Uirandé.
Manso—Iupuquau.
Mão—Pú.
Mar—Paraná uaçú rété.
Maracujá—Maracuiá.
Marca—Çangaua, rangaua.
Marcar—Muçangaua.
Margem (do rio)—Cimbihïua, çuindape.
Marido—Mena.
Marreca—Ipecaï.
Matar—Iucá.
Matança—Iucáiucá.
Matrimonio—Mendariçaua.
Matto—Cáá.
Mau—Puxi.
Maxucar—Mucuruhi.
Me—Ixé, xe, xa, a, ce.
Medida—Çangaua, rangaua.
Medir—Muçangaua.
Medo—Çaiçaua, ucikiêçaua.
Meia (de calçar)—Pipupecaua (cobertor do pé).

Meio—Pitêra.
Mel—Ira.
Mel (d'abelha)—Ira caá pura.
Melhor—Catú piri.
Memoria—Manduariçaua.
Menina—Cunhantan.
Menino—Curumim.
Menos—Quahira xinga.
Menor—Quahira piri.
Mentir—Ganani.
Mentiroso—Gananiuêra, puitémanha.
Mentira—Puité.
Mergulhar—Iapomi.
Mesmo—Ten.
Mestre—Umbuéçára, Çapéiára.
Metter—Mundeo, mburi.
Meu—Ce.
Mexer—Puiri.
Mexirico—Marandua.
Mexiriqueiro—Maranduêra.
Mez—Iaci.
Milharal—Auati uaçú.
Milho—Auati uaçútïua.
Mingau—Mingahú.
Minhoca—Xibuhi.
Miolo—Iapétuhuma.
Miseria—Piraçuaçaua.
Miseravel—Piraçú, Piraçúa, Piraçúira.
Misgalhar—Mucuruhï.
Misturar—Munani.
Moça—Cunhanmucú.
Moço—Curumim uaçú.
Molhado—Iakima.
Molhar—Mururú.
Molle—Membeca.
Montanha—Iuhitêra, huitêra.
Montar—Iupiri.
Monstro—Mahïua.

Monstruoso—Mahïua uaçú.
Moqueado, moquem—Mucahen.
Moquear—Mucahen
Morar—Morari.
Morcego—Andirá.
Morder—Çúú.
Morrer—Manú.
Mortal—Manuêra.
Morte—Manuçaua.
Mosca—Merú.
Mosquiteiro—Urucari.
Mostrar—Mucamehen.
Muito—Cihia, rété.
Mulher—Cunhan.
Multidão—Mira-rihia.
Multiplicar—Mucihia.
Murmurador—Curúrúcamanha.
Murmurar—Curúrúca.
Muxinga—Nupáçaua.

N

Nação—Retama.
Nada—Manungára, nemanungára.
Nadar—Uitá.
Nadador—Uitáuêra.
Não—Ti, timaan, nembaá, tiana, intiana.
Nariz—Tiim.
Nascer—Cemo, embirari.
Nascimento—Embirariçaua.
Natação—Uitáçaua.
Necessidade—Piraçuaçaua,
Necessitar—Putari reté, uatari rété.
Nem—Nê.
Nenhum—Neiepé.
Nervo—Çahica.
Nesga—Piçãoera.

Neto—Rimiarirú.
Ninguem—Ti auá, neiepémira.
Nodoa—Ikiáçaua.
Nome—Rera.
Nora—Ce rahira rimiricú.
Nós—Iané, iandé, nhandé.
Nosso—Iané, iandé.
Nove—Pú irundi.
Novo—Piçaçú.
Nú—Camixáïma, xeruraïma.

O

Obedecer—Ruiari.
Obediencia—Ruiariçaua.
Observar—Mahan.
Ociosidade—Iatima.
Ocioso—Iatimamanha.
Occupação—Muraiki, muapatucaçaua.
Occupar—Apatuca,—muapatuca.
Oferecer—Mehen.
Olhar—Mahan.
Olho—Ceçá.
Onça—Iauaraté.
Onda—Capenú.
Onde—Mamé—(para interrogar) Mamé-tahá?
Operar—Munhan.
Operario—Munhangára.
Ordem—Munduçaua.
Ordenar—Mundú.
Orelha—Nambi, inambi.
Osso—Cãoera.
Ouro—Itá-tahuá.
Outro—Amú.
Outr'ora—Cuxihima.
Ouvido—Iapiçá.
Ouvir—Cendú.

P

Padecer--Purará.
Padre—Pahy.
Padrinho—Paiangaua.
Pae—Paia.
Pagão—Reraïma.
Pagé—Paié.
Palavra—Nheenga.
Palha—Pinaua.
Palpitar—Titica.
Panella—Panéra.
Pansa—Marica.
Pansudo—Marica uaçú.
Pão—Miapé.
Papagaio—Parauá.
Papel—Papêra.
Para—Arama, kiti, çupé.
Parar—Pitá.
Parecido—Nungára, inungára.
Parecer—Maité—Parece-me—*Xa maité.*
Parede--Uca rupitá.
Parente—Anama.
Parentesco—Anama.
Partir—(sahir) Cemo—(arrebentar) Puca.
Parteira—Membirariuêra.
Partilha--Putaua.
Parto—Membirariçaua.
Passada—Uatáçaua.
Passar—Çaçau.
Passaro—Uirá.
Passeador—Uatáuêra.
Passeio—Uatáçaua.
Passear—Uatá.
Pastor—Mimbauamanhanaçára.
Patife—Mira puxi, mirahïua.
Pata—Pi.
Pato—Ipéca.

Patria—Retama.
Pau—Mirá, muirá.
Pavulo—Uarixi.
Paz—Catúana, catúçaua.
Pé—Pi.
Peccado—Uatariçaua.
Peccador—Uatariuêra.
Peccar—Uatári.
Pedaço—Piçãoera.
Pedante—Uarixi.
Pedir—Iurureu.
Pedra—Itá.
Pedregulho—Itaï.
Pégada—Pipura.
Pegar—Picica.
Pegar-se—Iu-picica.
Peito—Putiá.
Peixe—Pirá.
Pelle—Pirêra.
Penna—Uiráraua.
Pensar—Manduari, maité.
Pente—Iúaua.
Pentear—Iacapica.
Pequeno—Quahira, miri.
Peregrino—Uatáuêra.
Perguntar—Purandú.
Perna—Citiman, ritiman.
Perseguição—Cohêrêçaua.
Perseguidor—Cohêrêçára.
Perseguir—Cohêrê.
Pescada—Uatucupá.
Pescar—Pinaitica.
Pescoço—Iaiura.
Pessoa—Mira.
Pezado—Pucé.
Pezar, dó—Muaciçaua.
Pezo—Pucé.
Picapau—Arapaço.

Pilão—Induá.
Pimenta—Kiinha.
Pingar—Pipica, tikiri.
Pintar—Pinima.
Pintura—Pinimaçaua.
Pirahyba—Piráhïua.
Pizada—Pipura.
Planta—Remitena.
Plantar—Iutima.
Pó—Curêra.
Poeira—Curêra.
Pois—Nharecê.
Polvora—Mucauacuhi.
Ponta—Çapekuma, rapekuma.
Ponta—(de um objecto) Çakapira, rakapira.
Ponte—
Por—
Pôr—Mburi.
Porcaria—Kiáçaua, iquiáçaua.
Porção—Putaua.
Porco—Taiaçú.
Porem—Mã, cuité.
Porque—(para interrogar) Marama-tahá? (para responder)—Maharecê.
Porta—Ukena.
Portanto—Nharecê.
Posse—Ricuçaua.
Possuir—Ricú.
Pote—
Prata—Itátinga.
Prato—Paratú.
Preço—
Prego—Tapua.
Preferivel—Catú, catú piri.
Preguiça (animal)—Iatima.
Preguiçoso—Iatimamanha.
Prender—Picica.
Pressa—Çanhen.

Preto—(pessoa) Tapaiuna—(objecto) Pixuna.
Primo—Tutira-rahira.
Primeiro—Iepéçaua.
Principal—(chefe superior) Muruixaua—(chefe inferior) Tuixaua.
Principiar—Iupirú.
Principio—Iupirungaua.
Proprietario—Iára.
Proximo—Rapixára mira.
Prudente—Uquauára.
Puchar—Ciki.
Pulga—Tumbira.
Pular—Puri.
Pulo—Upuri.

Q

Quando—Mairamé—(para perguntar) Mairamé-tahá?
Quando (condicional)—Ramé.
Quanto—Muiri.
Quarta-feira—Muraikiniucapiri.
Quarto (de casa)—Ucapi.
Quarto crescente—Iaci iumunhan.
Quarto mingoante—Iaci iaruca.
Quasi—Quagi.
Quatro—Irundi.
Que, qual—Uahá.
Que?—Mahá-tahá?
Quebrada—Penaçaua.
Quebrador—Penaçára.
Quebrar—Pena.
Queda—Uaari, uaariçaua.
Queimação—Çapiaua.
Queimar—Çapi.
Queimar-se—Cai.
Queixar—Mbeúceceuára.
Queixo—Çahïua.
Quem—Auá—(para perguntar) Auahá-tahá?

Quente—Çacú.
Querer—Putari.
Querido—Catú rété.
Questão—Maramonia.
Quinhão—Putaua.
Quinta-feira—Supapau.
Quintal—Quindára, ucára.

R

Racha—Mbuhiçaua.
Rachador—Mbuhiçara.
Rachar—Mbuhi.
Raciocinar—Manduari.
Raciocinio—Manduariçaua.
Raiva—Piáhïuaçaua.
Raiz—Çapupema.
Ralar—Kitica.
Ralo—Uicé, iucé.
Ralhador—Iacauêra.
Ramo—Çacanga, racanga.
Rapar—Carain.
Rapariga—Cunhanmucú.
Rapaz—Curumim-açú.
Raposa—Micura.
Rasgado—Çuruçuruca.
Rasgar—Çuruca.
Rato—Uauirú.
Rebentar—Puca.
Recto—Çatambica.
Rectidão—Çatambicaçaua.
Rede (de fio)—Kiçaua.
Rede (de maqueira)—Makira.
Redondo—Iapuan.
Regressar—Iuiri.
Rei—Muruixaua.
Relampago—Ueráuerá.
Remar—Apocui.

Remedio—Puçanga.
Remela—Ceçátuhuma.
Remo—Apoquitaua.
Repicar—Muapú tamaracá.
Reprehender, ralhar—Iacau.
Reprehensão—Iacauçaua.
Resmungador—Cururucamanha.
Resmungar—Cururuca.
Respeitar—Puçú.
Respeito—Puçúçaua.
Respirar—Ciki anga.
Restituição—Muiuïriçaua.
Restituir—Muiuïri.
Resto—Remirêra.
Reza—Imbuéçaua.
Rezar—Imbué.
Rico—Uricú uahá, uricúçaua.
Rio—Paraná.
Rir—Pucá.
Riso—Pucá.
Roça—Cupichaua.
Roçado—Cupiriçaua.
Roçador—Cupiriçára.
Roçar—Cupiri.
Roer—Çuúçuú.
Rogar—Iurureu.
Romper—Muçuruca.
Roncar—Tiapú.
Rosto—Ruá, çuá.
Roubar—Mundá.
Roubo—Mundáçaua.

S

Sabado—Çaurú.
Sabedor—Quauára.
Saber—Quau.
Sabio—Quauára.

Saborear—Iucé.
Saboroso—Cé.
Sacar—Iuuca.
Saco—Matirï.
Sahida —Cemoçaua.
Sahir—Cemo.
Sal—Iukira.
Saltar—Puri.
Salto—Upuri.
Salvação—Picirúçaua.
Salvador—Picirúçára.
Salvar—Picirú.
Sangue—Tuhi.
Santo—Santo, Tupana.
Sapo—Cururú.
Sarar—Icatú.
Satanaz—Iurupari.
Se—pron.—Iu (para os verbos reflexivos).
Se—prep.—Ramé.
Sedução—Munguitáçaua.
Seductor—Munguitáuêra.
Seduzir—Munguitá.
Segurar—Picica.
Seixaral—Itáïtïua.
Seixo—Itaï.
Sem—Tiramé.
Sempre—Upain ara.
Senhor—Iára.
Sensação—Muaciçaua.
Sentar—Muapica.
Sentar-se—Iuapica.
Sentir (ter dó)—Muaci.
Separar—Munuçuca.
Sepultar—Iutima mira.
Sepultura—Iuhiquára.
Serenar—Serena pipica.
Sermão—Tupana nheenga
Serpente—Buia.

Serra—Iubitêra, huitêra.
Servo—Rimiaçú.
Sete—Pú mucúim.
Seu—I.
Sexta-feira—Iuquacú.
Si—Ramé.
Signal—Çangaua, rangaua.
Sim—Eré, aé.
Similhante—Rapixára mira, nungára, inungára
Sincero—Çatambica, catú.
Sino—Tamaracá.
Sineiro—Tamaracá muapuêra.
Sitio—Rendaua, tendaua.
Só—Iunto.
Sob—Iuirpe.
Sobre—Arupi, iarupi.
Sobretudo—Upain çuhi.
Socegar—Pituhú.
Socego—Pituhúçaua.
Sociedade—Muatiriçaua.
Socio—Rumuára, camarára.
Sofrimento—Puraráçaua.
Sofrer—Purará.
Sogro—Ratïua.
Sol—Curaci.
Somente—Anhunten.
Somno—Tipucê.
Sonhar—Ikerpi.
Sonho—Ikerpiçaua.
Soprar—Peiú.
Sopro—Peiúçaua.
Sovina—Sacatima.
Sozinho—Anhun, indênhun, aênhun, Iandênhun, Peinhênhun, aîtânhun.
Suar—Ciai.
Suave—Cehen.
Subir—Iupiri.
Suor—Ciaiçaua.

Sujar—Mukiá.
Sujaria—Kiáçaua, ikiáçaua.
Sujo—Kiá, ikiá.
Sumir—Mucahemo.
Sumir-se—Cahemo.
Suplicar—Iurureu.
Surdo—Iapiçáïma.
Surra—Nupáçaua.
Surrar—Nupá.
Sustentar—Pitaçuca.
Sustentar-se—U-iupitáçuca.
Susto—Ucikiêçaua

T

Tabaco—Pitima.
Talvez—Aranehima.
Tambem—Iuïri.
Tambor—Tambura.
Tampar—Cikindaua.
Tanto—Muiri.
Tarde—Caruca.
Tartaruga—Iurará.
Te—Ne, indé.
Tear—Tiára.
Tecer—Iupé.
Tecido—Iupé uahá.
Tecto—Cikindauaçára.
Terçado—Kicé uaçú.
Terça-feira—Muraikimucúim.
Temer—Cikiê.
Temor—Ucikiêçaua.
Tempo—Ara.
Temporal—Iuitó uaçú.
Ter—Ricú.
Terminar—Mbáu.
Terminar-se—Pau.
Terra—Iuhi.

Terreiro—Ucára.
Teu—Ne, neiára.
Ti—Indé, çupé.
Tição—Tatácica.
Timido—Pitua.
Tio—Tutira.
Tirar—Iuuca.
Tocar—Tucá.
Todo—Upain, upainhen.
Tolda—Panácarica.
Tolice—Iaquaimaçaua.
Tôlo—Iaquaima.
Tomar—Picica, iuuca.
Tormento—Çacicaua.
Torre—Tamaracá uca.
Torrar—Mutinim.
Tôrto—Iapára.
Toucinho—Cauaçaua, icauaçaua
Trabalhar—Puraiki, Purauki.
Trabalho—Muraiki, murauki.
Trançar—Iupé.
Tratante—Puxi.
Trazer—Ruri.
Tremer—Uriri.
Trepar—Iupiri.
Triste—Çaci.
Tristeza—Çaciára.
Tu—Indé, ne, re.
Tucano—Tucana.
Tudo—Upain, upainhen.

U

Um—Iepé.
Unir—Muatiri.
Urina—Carucaua.
Urinar—Caruca.
Urtiga—Pinúpinú.

V

Vacca--Tapiira cunhan.
Vadiar—Uatá-uatá.
Vagabundo—Mirahïua.
Valente—Kerembaua.
Vara—Mirahi.
Varar—Iaçau.
Varredor—Piiriuêra.
Varrer—Piiri.
Varrição—Piiriçaua.
Vassoura—Tapixama.
Vazante—Tipau.
Vazar—Tipau.
Vazilha—Cirú.
Vazio—Tipau.
Vela (de embarcação)—Çutinga.
Velha—Uaimim.
Velho—Tuiué.
Veneno—Maracáimbára.
Ventania—Iuitó uaçú.
Ventar—Iuitó uicú.
Vento—Iuitó.
Ventre—Marica.
Ventura—Catuçaua.
Ver—Mahan.
Vergonha—Utimçaua, uiumutimçaua.
Verme—Xibuhi.
Verdade—Çupi.
Verdadeiro—Çupi rupiára.
Vestir—Muhamundeo.
Vestir-se—U-iumuhamundeo.
Vexame—Cohêrêçaua.
Vexar—Cohêrê.
Viagem—Uatáçaua.
Viajante—Uatáuera.
Viajar—Uatá.
Vicio—Puxiçaua.

Vicioso—Puxi.
Victima—Ambira.
Vida—Requeçaua.
Vigiar—Manhana.
Vingança—Iupicaçaua, cipicaua.
Vingar-se—Iupica.
Violencia—Çaiçaua.
Vir—Iuri.
Virar—Muiereu, Muiauica.
Virtude—Catuçaua.
Virtuoso—Catú.
Visita—Cepiriuára, cerucauára.
Viuvo—Xirimiricuïma.
Viuva—Menaïma.
Viver—Requé.
Vivo—Siqué.
Voador—Uêuêçara.
Voar—Uêuê.
Vociferar—Çacemo.
Voltar—Iuiri.
Vomitar—Uêuêna.
Vomitorio—Uenaçaua.
Vontade—Remutára.
Vós—Peinhé, pe.
Vossê—Indé.
Voz—Nheenga.

X

Xirimbabo—Mimbaua.

Z

Zanga—Piáhïuaçaua, maramonia.
Zangar-se—Piáhïua.

N. B.—Sae este trabalho necessariamente muito imperfeito, primeiramente pela exiguidade do tempo que tive para fazel-o, pois apenas foi-me possivel copiar as minhas notas de viagem sem procurar desenvolvel-as depois de confrontal-as com os autores competentes; e, em segundo logar, por ser impresso em logar distante onde era impossivel toda e qualquer correção. Estive hesitando muito em publical-o e só resolvi-me á vista da promessa que havia feito aos meus bons amigos do Rio Negro como lembrança da minha viagem e do bom tratamento que por toda parte recebi. Moveu-me tambem, e este é o motivo principal, o desejo de offerecer aos sacerdotes encarregados do Rio Negro, algumas noções da Lingua Geral, afim de facilitar-lhes as relações com os indios. Ahi está esse trabalho imperfeitissimo. Sei que o Rvm. Padre Constantino está preparando um trabalho muito mais longo e apurado, um verdadeiro estudo sobre a bella lingua. Muito satisfeito ficarei quando aparecer e desde já d'aqui o felicito pelas luzes que trouxer sobre o assumpto e d'antemão agradeço os bons serviços que ha de prestar em prol da Evangelização das nossas tribus indigenas do Rio Negro e Uaupés.

P. Constantino Pastevin, publique excelente trabalho

[illegible]

Btca

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura